

Física Quântica e Espiritualidade

DEUS E A CIÊNCIA

Estaremos estudando inicialmente uma série de diálogos realizados na Academia Francesa de Ciência entre **Jean Guitton**, doutor em Letras e professor de História da Filosofia na Faculdade de Letras de Paris, autor de dezenas de livros de filosofia e os irmãos **Igor e Grichka Bogdanov** diplomados pelo Institut de Sciences Politique de Paris, doutores em Semiologia e em Física Teórica, publicados no livro **DEUS E A CIÊNCIA – em direção ao metarrealismo** publicado no Brasil pela editora Nova Fronteira. Através do estudo desta obra chega-se a interessantes ilações a cerca de Deus e da Espiritualidade.

Nasci no primeiro ano do século XX. Chegando àquela idade em que as recordações se destacam do tempo pessoal para tomar seu lugar em grandes correntes históricas, sinto que atravessei um século sem equivalente na história da espécie pensante neste planeta; século de rupturas irreversíveis, de renovações imprevisíveis. Com os últimos anos do milênio, termina uma longa época: entramos, como cegos, num tempo metafísico. Ninguém ousa dizê-lo: sempre silenciamos sobre o essencial, que é insuportável.

Mas uma grande esperança ergue-se para aqueles que pensam. E desejamos fazer ver, em nossos diálogos, que se aproxima o momento de uma reconciliação fatal entre os cientistas e os filósofos, entre a ciência e a fé. Vários mestres do pensamento, animados de um espírito profético, haviam anunciado essa aurora: Bergson, Teilhard de Chardin, Einstein, Broglie e tantos outros.

Igor e Grichka Bogdanov escolheram esse caminho: pediram-me que dialogasse com eles sobre a nova relação entre o Espírito e a matéria, sobre a presença do Espírito no seio da matéria. O projeto deles é substituir o "materialismo" e o "determinismo" que inspiravam os mestres do século XIX pelo que ousam chamar de metarrealismo: uma nova visão do mundo, que para eles deve impor-se progressivamente aos homens do século XXI.

Não pude furtar-me ao pedido deles. Aceitei o diálogo. E me lembrei de um outro diálogo, mais secreto: meu encontro com o filósofo alemão Heidegger, que exerceu tão grande influência sobre o nosso tempo. Heidegger, que falava por símbolos, me havia mostrado sobre sua mesa de trabalho, ao lado da imagem da mãe, um vaso afilado, transparente, de onde emergia uma rosa. A seus olhos, aquela rosa exprimia o mistério do ente, o enigma do Ser.

Palavra alguma podia dizer o que aquela rosa dizia. Ela estava ali, simples, pura, serena, silenciosa, segura de si mesma, em uma palavra: natural, como uma coisa entre as coisas, exprimindo a presença do espírito invisível sob a matéria por demais visível.

Durante toda a minha vida, meu pensamento esteve ocupado pelo problema com o qual todos se defrontam: o sentido da vida e da morte. É, no fundo, a única questão contra a qual se choca desde a origem o animal pensante, o único que enterra seus mortos, o único que pensa na morte, que pensa sua morte. Para iluminar seu caminho nas trevas, para adaptar-se à morte, esse animal tão bem adaptado à vida só tem duas luzes: uma se chama religião, a outra se chama ciência.

No século passado - e no entender da maioria dos espíritos esclarecidos -, a ciência e a religião eram contrárias uma à outra; a ciência refutava a religião em cada uma de suas descobertas; quanto à religião, proibia a ciência de se ocupar da Causa Primeira, ou de interpretar a palavra bíblica.

Há pouco tempo começamos a viver - ainda sem saber - a imensa mudança imposta à nossa razão, nosso pensamento, nossa filosofia, pelo trabalho invisível dos físicos, os teóricos do mundo, aqueles que pensam o real.

O que desejo mostrar com os irmãos Bogdanov, buscando apoio na parte científica do saber deles, é que, neste fim de milênio, os novos progressos das ciências permitem entrever uma aliança possível, uma convergência ainda obscura entre os saberes físicos e o conhecimento teológico, entre a ciência e o mistério supremo.

O que é a realidade? De onde vem? Repousa sobre uma ordem, uma inteligência subjacente?

Guardo na memória o que os irmãos Bogdanov me mostraram: a imensa diferença entre a matéria antiga e a matéria nova.

Meus interlocutores cientistas me lembraram que, antes de 1900, a idéia que se tinha da matéria era simples: se eu quebrava uma pedrinha, obtinha uma poeira; nessa poeira havia moléculas formadas de átomos, algo como "bolinhas" de matéria, supostamente indivisíveis.

Nisso tudo, há um lugar para o espírito? Onde se encontra ele? Em parte alguma.

Nesse Universo, mistura de certezas e de idéias absolutas, a ciência só podia dirigir-se à matéria. Em seu caminho, ela conduzia mesmo a uma espécie de ateísmo virtual: uma fronteira "natural" elevava-se entre o espírito e a matéria, entre Deus e a ciência, sem que ninguém ousasse - ou mesmo imaginasse - questioná-la.

Eis-nos no início dos anos 1900. A teoria quântica nos diz que, para compreender o real, é preciso renunciar à noção tradicional de matéria: matéria tangível, concreta, sólida. Que o espaço e o tempo são ilusões. Que uma partícula pode ser detectada em dois lugares ao mesmo tempo. Que a realidade fundamental não é cognoscível.

Estamos ligados ao real dessas entidades quânticas que transcendem as categorias do tempo e do espaço ordinários. Existimos através de "alguma coisa" cuja natureza e espantosas propriedades temos bastante dificuldade de apreender, mas que se aproxima mais do espírito que da matéria tradicional.

Bergson pressentira, mais que ninguém, as grandes mudanças conceituais induzidas pela teoria quântica.

No seu entender - exatamente como na física quântica -, a realidade não é causal, nem local: nela, espaço e tempo são abstrações, puras ilusões.

As conseqüências dessa reformulação ultrapassam em muito tudo aquilo que hoje estamos em condições de acrescentar à nossa experiência, ou mesmo à nossa intuição. Pouco a pouco, começamos a compreender que o real está velado, inacessível, que dele percebemos apenas a sombra, sob a forma provisoriamente convincente de uma miragem. Mas o que há então sob o véu?

Diante desse enigma, só existem duas atitudes: uma nos conduz ao absurdo, a outra ao mistério. A escolha derradeira entre uma e outra é, no sentido filosófico, a mais elevada de minhas decisões.

Sempre dirigi o olhar para o mistério: o da própria realidade. Por que existe o Ser? Pela primeira vez emergem respostas no horizonte dos saberes. Não podemos ignorar mais esses novos clarões, nem permanecer indiferentes às aberturas de espírito que eles acarretam. Doravante existe, não uma prova - Deus não é da ordem da demonstração -, mas um ponto de apoio científico às concepções propostas pela religião.

E é agora, ao aproximar-se esse mundo desconhecido aberto, que um verdadeiro diálogo entre Deus e a ciência pode enfim começar.

O Big Bang

Por que existe alguma coisa ao invés de nada? Por que o Universo apareceu? Nenhuma lei física deduzida da observação permite responder a estas perguntas. No entanto, essas mesmas leis nos autorizam a descrever de maneira precisa o que se passou no início, 10^{-43} segundo após a miragem do tempo zero, um lapso de tempo inimaginavelmente pequeno, já que o algarismo 1 é precedido de 43 zeros. A título de comparação, 10^{-43} segundo representa, num único segundo, uma duração bem mais longa que um relâmpago nos quinze bilhões de anos que se passaram desde o aparecimento do Universo.

O que se passou, então, na origem, há quinze bilhões de anos? Para sabê-lo, vamos retroceder ao tempo zero, até esse muro original que os físicos chamam "limite de Planck". Nessa época longínqua, tudo o que o grande Universo contém - planetas, sóis e galáxias aos bilhões - estava reunido numa "singularidade" microcsmica inimaginavelmente pequena. Uma mera centelha no vácuo.

Sem esquecer, é óbvio, que falar da emergência do Universo nos levará à pergunta inevitável: de onde vem o primeiro "átomo de realidade"? Qual a origem da imensa tapeçaria cósmica que se estende hoje, num mistério quase total, em direção aos dois infinitos?

Jean Guilton - Antes de entrar neste livro, tenho vontade de fazer a primeira pergunta que me vem ao espírito: a mais obsedante, a mais vertiginosa de toda a pesquisa filosófica: por que existe alguma coisa ao invés de nada? Por que existe Ser, esse "não-sei-quê" que nos separa do nada? Que se passou, no início dos tempos, para dar origem a tudo o que existe hoje? A essas árvores, essas flores, esses transeuntes que caminham na rua, como se nada fosse? Que força dotou o Universo das formas que ele apresenta hoje?

Essas questões são a matéria-prima da minha vida de filósofo; elas guiam meu pensamento e fundamentam toda a minha pesquisa: onde quer que eu vá, elas estão ali, ao alcance do espírito, estranhas e familiares, bem conhecidas e contudo inseparáveis do mistério que as fez nascer. Nenhuma necessidade de grandes decisões: pensamos nessas coisas tão simplesmente quanto respiramos. Os objetos mais familiares podem conduzir-nos aos mais perturbadores enigmas, Por exemplo, esta chave de ferro, ali, diante de mim, pousada sobre a minha escrivaninha: se eu pudesse refazer a história dos átomos que a compõem, até onde precisaria retroceder? E o que encontraria, então?

Igor Bogdanov - Assim como qualquer objeto, esta chave tem uma história invisível, na qual nunca se pensa. Há uns cem anos ela estava escondida, sob a forma de minério bruto, no âmago de uma rocha. Antes de ser desenterrado, o bloco de ferro que deu origem à chave estava ali, prisioneiro da pedra cega, há bilhões de anos.

Jean Guilton - O metal da minha chave é mais antigo que a própria Terra, cuja idade é avaliada hoje em 4,5 bilhões de anos. Mas isso significa o fim da nossa pesquisa? Tenho a intuição de que não. E certamente possível retroceder ainda mais longe no passado para encontrar a origem desta chave.

Grichka Bogdanov - O ferro é o elemento mais estável do Universo. Podemos prosseguir nossa viagem ao passado até a época em que a Terra e o Sol ainda não existiam. O metal da sua chave já estava ali, flutuando no espaço interestelar, sob a forma de uma nuvem que continha quantidades de elementos pesados necessários à formação do nosso sistema solar.

Jean Guitton - Cedo aqui à curiosidade que fundamenta a verdadeira paixão do filósofo: admitamos que, oito ou dez bilhões de anos antes de estar em minhas mãos, esta chave existisse sob a forma de átomos de ferro perdidos numa nuvem de matéria nascente, De onde vinha então essa nuvem?

Igor Bogdanov - De uma estrela. Um sol que existia antes do nosso e que explodiu, há dez ou doze bilhões de anos. Nessa época, o Universo era essencialmente constituído de imensas nuvens de hidrogênio que se condensaram, se reaqueceram e acabaram por acender-se, formando as primeiras estrelas gigantes. Estas podem ser comparadas a gigantescos fornos destinados a fabricar os núcleos de elementos pesados necessários à ascensão da matéria em direção à complexidade. No fim de uma vida relativamente breve apenas algumas dezenas de milhões de anos -, essas estrelas gigantes explodem, projetando no espaço interestelar os materiais que servirão para fabricar outras estrelas menores, chamadas estrelas de segunda geração, assim como seus planetas e os metais que eles contêm. Sua chave, assim como tudo o que se encontra em nosso planeta, é apenas o "resíduo" gerado pela explosão dessa antiga estrela.

Jean Guitton - Chegamos ao ponto, Uma chave bem simples nos projeta no fogo das primeiras estrelas. Este pedacinho de metal contém toda a história do Universo, uma história que começou há bilhões de anos, antes da formação do sistema solar. Vejo agora estranhos clarões correrem sobre esse metal, cuja existência depende de uma longa cadeia de causas e efeitos, que se estende por uma duração impensável, do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, do átomo às estrelas. O serralheiro que fabricou esta chave não sabia que a matéria que martelava nasceu no turbilhão ardente de uma nuvem de hidrogênio primordial. De repente, amplia-se meu horizonte. E tenho vontade de ir mais longe. De retroceder a um passado ainda mais remoto, bem antes da formação das primeiras estrelas: pode-se ainda dizer alguma coisa sobre os átomos que formarão minha famosa chave?

Grichka Bogdanov - Desta vez precisamos retroceder, tanto quanto possível, até a origem do próprio Universo. Eis-nos num passado de quinze bilhões de anos. O que aconteceu nessa época? A física moderna diz que o Universo nasceu de uma gigantesca explosão que provocou a expansão da matéria, expansão ainda observável nos dias de hoje. Por exemplo, as galáxias: essas nuvens constituídas de centenas de bilhões de estrelas afastam-se umas das outras sob o impulso da explosão original.

Jean Guitton - Basta medir a velocidade de afastamento dessas galáxias para deduzir o momento primordial em que elas se encontravam reunidas num certo ponto, mais ou menos como se víssemos um filme ao contrário. Rebobinando o grande filme cósmico imagem por imagem, acabaremos por descobrir o momento preciso em que o Universo inteiro tinha o tamanho de uma cabeça de alfinete. É nesse instante, imagino, que devemos situar os primórdios de sua história.

Igor Bogdanov - Os astrofísicos tomam como ponto de partida os primeiros bilionésimos de segundo que se seguiram à criação. Eis-nos, portanto, 10^{-3} segundo depois da explosão original. Nessa idade fantasticamente diminuta, o Universo inteiro, com tudo o que irá conter mais tarde - as galáxias, os planetas, a Terra, suas árvores, suas flores e a famosa chave - tudo isso está contido numa esfera inimaginavelmente pequena: 10^{-33} centímetro, ou seja, bilhões de bilhões de bilhões de vezes menor que um núcleo atômico.

Grichka Bogdanov - A título de comparação, o diâmetro de um núcleo é de "apenas" 10^{-13} centímetro.

Igor Bogdanov - A densidade e o calor desse Universo original atingem grandezas que o espírito humano não pode apreender: uma temperatura absurda, de 10^{32} graus, ou seja, 1 seguido de 32 zeros. Estamos diante do "limite da temperatura", uma fronteira de calor extremo, além da qual nossa física desmorona. Nessa temperatura a

energia do Universo nascente é monstruosa; quanto à "matéria" - se é que se pode dar um sentido a esta palavra -, é constituída de uma "sopa" de partículas primitivas, antepassadas distantes dos quarks, partículas que interagem continuamente entre si. Não há ainda qualquer diferença entre essas partículas primárias, que interagem todas do mesmo modo: nesse estágio, as quatro interações fundamentais (gravitação, força eletromagnética, força forte e força fraca) ainda estão indiferenciadas, confundidas numa só força universal.

Grichka Bogdanov - Tudo isso num Universo que é bilhões de vezes menor que uma cabeça de alfinete! Essa época é talvez a mais insólita de toda a história cósmica. Os eventos se precipitam num ritmo alucinante, a tal ponto que nesses bilionésimos de segundo acontecem mais coisas que nos bilhões de anos que se seguirão.

Jean Guilton - Um pouco como se essa efervescência dos primórdios se assemelhasse a uma espécie de eternidade. Se seres conscientes tivessem podido viver esses primeiros tempos do cosmo, certamente teriam tido a impressão de que um tempo imensamente longo, quase eterno, separava cada evento.

Grichka Bogdanov - Por exemplo: um evento que percebemos hoje sob a forma de um flash fotográfico equivalia, nesse Universo nascente, à duração de bilhões de anos. Naquela época, a extrema densidade dos acontecimentos produz uma distorção da duração. Após o instante original da criação, bastaram alguns bilionésimos de segundo para que o Universo entrasse numa fase extraordinária, que os físicos chamam de "era inflacionária". Durante essa época fabulosamente breve, que se estende de 10^{-35} a 10^{-32} segundo, o Universo infla por um fator de 10^{50} . Seu comprimento característico passa do tamanho de um núcleo atômico ao de uma maçã de dez centímetros de diâmetro. Essa expansão vertiginosa é bem maior do que aquela que virá depois: da era inflacionária até hoje, o volume do Universo não aumentou mais que por um fator relativamente pequeno: 10^9 , ou seja, apenas um bilhão de vezes.

Igor Bogdanov - Precisamos aqui insistir neste ponto, difícil de apreender visualmente: o desvio de escala existente entre uma partícula elementar e uma maçã é bem maior, proporcionalmente, do que aquele que separa a dimensão de uma maçã e a dimensão do Universo observável.

Grichka Bogdanov - Eis-nos, portanto, diante de um Universo do tamanho de uma maçã. O relógio cósmico indica 10^{-32} segundo: a era inflacionária acaba de terminar. Ora, nesse instante existe apenas uma partícula, à qual os astrofísicos deram o nome poético de "partícula X". É a partícula original, aquela que precedeu todas as outras. Seu papel consiste em simplesmente veicular forças. Se alguém tivesse podido observar o Universo naquele momento, teria constatado que aquela maçã inicial era perfeitamente homogênea: não passava de um campo de forças que ainda não continha a mínima parcela de matéria.

A 10^{-31} segundo, alguma coisa acontece: as partículas X dão origem às primeiríssimas partículas de matéria: os quarks, os elétrons, os fótons, os neutrinos e suas antipartículas. Lancemos um novo olhar sobre esse Universo nascente: ele atinge agora o tamanho de uma grande bola. As partículas que existem nessa época dão origem a flutuações de densidade que desenham, aqui e ali, estrias, irregularidades de todos os tipos.

Ora, nós devemos nossa existência a essas irregularidades. Pois essas estrias microscópicas se desenvolvem para gerar, bem mais tarde, as galáxias, as estrelas e os planetas. Em suma, em alguns bilionésimos de segundo a "tapeçaria cósmica" das origens gera tudo o que conhecemos hoje.

Igor Bogdanov - Refaçamos juntos o percurso do Universo. A 10^{-32} segundo, primeira transição de fase: a força forte (que garante a coesão do núcleo atômico) destaca-se da força eletrofraca (resultante da fusão da força eletromagnética e da força de desintegração radioativa). Nessa época, o Universo já cresceu em proporções fenomenais: mede agora trezentos metros, de um extremo ao outro. Seu interior é o reino das trevas absolutas e das temperaturas inconcebíveis.

O tempo passa. A 10^{-11} segundo, a força eletrofraca divide-se em duas forças distintas: a eletromagnética e a fraca. Os fótons não podem mais ser confundidos com outras partículas como os quarks, os glúons e os léptons: as quatro forças fundamentais acabam de nascer.

Entre 10^{-11} e 10^{-5} segundo, a diferenciação continua. Todavia, nessa época intervém um acontecimento essencial: os quarks se associam, formando nêutrons e prótons, e a maioria das antipartículas desaparece para dar lugar às partículas do Universo atual.

Na décima milésima fração de segundo, num espaço que acaba de se ordenar, surgem as partículas elementares. O Universo continua a se dilatar e a esfriar. Mais ou menos duzentos segundos após o instante original, as partículas elementares reúnem-se para formar os isótopos dos núcleos de hidrogênio e de hélio: o mundo, tal como o conhecemos, organiza-se progressivamente.

Grichka Bogdanov - A história que percorremos durou cerca de três minutos. A partir daí as coisas caminham muito mais lentamente. Durante milhões de anos, todo o Universo fica embebido em radiações e num plasma de gás turbulento. Por volta dos cem milhões de anos, as primeiras estrelas se formam em imensos turbilhões de gás: é no núcleo delas, como vimos há pouco, que os átomos de hidrogênio e de hélio se fundem para dar origem aos elementos pesados que encontram seu caminho na Terra bem mais tarde, bilhões de anos depois.

Jean Guilton - Não podemos deixar de sentir uma vertigem de irrealidade diante de tais números, como se, ao nos aproximarmos dos primórdios do Universo, o tempo parecesse esticar, dilatar-se até se tornar infinito. Isso, aliás, me inspira uma primeira reflexão: não seria o caso de ver nesse fenômeno uma interpretação científica da eternidade divina? Um Deus que não teve começo e que não conhecerá fim não está necessariamente fora do tempo, tal como tem sido descrito com demasiada frequência: ele é o próprio tempo, simultaneamente quantificável e infinito, um tempo em que um único segundo contém a eternidade inteira. Creio que um ser transcendente chega a ter uma dimensão simultaneamente absoluta e relativa do tempo: esta é, na minha opinião, uma condição indispensável à criação.

A esse respeito, retornemos mais uma vez aos primeiros instantes do Universo: admitimos que é possível descrever muito precisamente o que se passou 10^{-43} segundo após a criação. Mas, afinal, o que aconteceu antes? A ciência parece impotente para descrever ou mesmo para imaginar o que quer que seja de razoável, no sentido mais profundo da palavra, a propósito do momento original, quando o tempo ainda estava no zero absoluto e nada ocorrera ainda.

Grichka Bogdanov - Efetivamente, os físicos não têm a menor idéia daquilo que poderia explicar o aparecimento do Universo. Podem retroceder até 10^{-3} segundo, mas não passam daí. Esbarram então no famoso "limite de Planck", assim chamado porque o célebre físico alemão foi o primeiro a assinalar que a ciência era incapaz de explicar o comportamento dos átomos em condições em que a força da gravidade se torna extrema. No minúsculo Universo inicial, a gravidade ainda não se exerce sobre nenhum planeta, nenhuma estrela ou galáxia; no entanto, essa força já está ali, interagindo com as partículas elementares submetidas às forças eletromagnética e nuclear. É precisamente isso que nos impede de saber o que se passou antes de 10^{-43}

segundo: a gravidade ergue uma barreira intransponível a toda investigação; além do "limite de Planck", é o mistério total.

Igor Bogdanov – 10^{-43} segundo. É o "tempo de Planck", conforme a bela expressão dos físicos. É também o limite extremo dos nossos conhecimentos, o fim da nossa viagem às origens. Além dessa barreira esconde-se uma realidade inimaginável. Alguma coisa que jamais poderemos compreender, um segredo que os físicos nem mesmo imaginam poder desvendar um dia. Alguns deles tentaram arriscar um olhar para o outro lado dessa barreira, mas não puderam dizer nada de verdadeiramente compreensível sobre o que pensaram ver. Um dia encontrei um desses físicos. Ele afirmava que seus trabalhos de juventude lhe haviam permitido lançar um olhar furtivo para o outro lado da barreira. Incentivado a falar, ele murmurava que divisara uma realidade vertiginosa: a própria estrutura do espaço mergulhava num cone gravitacional tão intenso, que o tempo recaía do futuro para o passado, para explodir, no fundo do cone, numa miríade de instantes iguais à eternidade. Eis o que esse homem pensara adivinhar atrás do limite de Planck; e tínhamos a estranha sensação de que o velho cientista falava daquilo como de uma espécie de alucinação metafísica que o marcara para sempre.

Jean Guitton - Posso imaginar um tal abalo: as teorias mais recentes acerca dos primórdios do Universo apelam, no sentido literal do termo, para noções de ordem metafísica. Um exemplo? A descrição feita pelo físico John Wheeler dessa "alguma coisa" que precedeu a criação do Universo: "Tudo o que conhecemos encontra sua origem num oceano infinito de energia que tem a aparência do nada."

Grichka Bogdanov - Segundo a teoria do campo quântico, o Universo físico observável é constituído de flutuações menores num imenso oceano de energia. As partículas elementares e o Universo teriam como origem esse "oceano de energia": o espaço-tempo e a matéria não só nascem nesse plano primordial de energia infinita e de fluxo quântico, como também são permanentemente animados por ele. O físico David Bohm considera que a matéria e a consciência, o tempo, o espaço e o Universo representam um "marulho" ínfimo, comparado à imensa atividade do plano subjacente que, por sua vez, provém de uma fonte eternamente criadora, situada além do espaço e do tempo.

Jean Guitton - Tentemos compreender melhor: qual é, de um ponto de vista físico, a natureza desse "plano subjacente"? Trata-se de alguma coisa fisicamente mensurável?

Grichka Bogdanov - Existe na física um conceito novo, que provou sua riqueza operatória: o do vácuo quântico. O vácuo absoluto, caracterizado por uma ausência total de matéria e de energia, não existe; mesmo o vácuo que separa as galáxias não é totalmente vazio: contém alguns átomos isolados e diversos tipos de radiação. Seja criado de forma natural ou artificial, o vácuo no estado puro não passa de uma abstração: na realidade, não se chegará a eliminar um campo eletromagnético residual, que constitui o "fundo" do vácuo. Nesse nível, é interessante introduzir a noção de equivalência matéria/energia: se supomos a existência de uma energia residual no seio do vácuo, ela pode, ao longo de suas "flutuações de estado", converter-se em matéria. Então, novas partículas surgirão do nada.

O vácuo quântico é, assim, o teatro de um incessante balé de partículas que aparecem e desaparecem num tempo extremamente breve, inconcebível na escala humana.

Jean Guitton - Se admitimos que a matéria pode emergir desse quase nada que é o vácuo, não dispomos aí de um elemento de resposta à pergunta feita acima, ou seja, de onde vem o big bang? O que se passou antes de 10^{-43} segundo?

Grichka Bogdanov - Tomemos um espaço vazio: a teoria quântica demonstra que se transferimos para ele uma quantidade suficiente de energia, pode emergir matéria desse vazio. Por extensão, pode-se supor, portanto, que na origem, imediatamente antes do big bang, um fluxo de energia incomensurável foi transferida para o vácuo inicial, acarretando uma flutuação quântica primordial, de onde nasceria o nosso Universo.

Jean Guilton - Mas então: de onde vem essa colossal quantidade de energia na origem do big bang? Tenho a intuição de que aquilo que se esconde por trás do "limite de Planck" é bem uma forma de energia primordial, de uma potência ilimitada. Creio que antes da Criação reina uma duração infinita. Um Tempo Total, inesgotável, que ainda não foi aberto, dividido em passado, presente e futuro. A esse tempo, esse tempo que ainda não foi separado numa ordem simétrica cujo duplo espelho é o presente, a esse tempo absoluto que não passa, corresponde a mesma energia, total, inesgotável. **O oceano de energia ilimitada é o Criador. Se não podemos compreender o que se encontra atrás do limite, é porque todas as leis da física perdem o pé diante do mistério absoluto de Deus e da Criação.**

Por que o Universo foi criado? O que levou o Criador a engendrar o Universo tal como o conhecemos? Tentemos compreender: antes do "tempo de Planck" nada existe. Ou melhor: é o reino da Totalidade intemporal, da integridade perfeita, da simetria absoluta; só princípio original está ali, força infinita, ilimitada, sem começo nem fim. Nesse "momento" primordial, essa força de poder e de solidão, de harmonia e de perfeição, talvez não tenha a intenção de criar o que quer que seja. Basta-se a si mesma.

Depois, "alguma coisa" vai acontecer. O quê? Não sei. Em um instante fantástico, o Criador, consciente de ser aquele que É na Totalidade, decide criar um espelho para sua própria existência. A matéria, o Universo: reflexos de sua consciência. Deus, de certo modo, acaba de criar uma imagem de si mesmo.

Foi assim que tudo começou? Talvez a ciência nunca vá dizê-lo diretamente; mas, em seu silêncio, ela pode servir de guia para as nossas intuições.

Grichka Bogdanov - O que acabamos de descrever, isto é, o big bang, baseia-se naquilo que os astrofísicos, em sua maioria, admitem hoje como o modelo padrão. Mas temos provas tangíveis de que as coisas realmente se passaram assim? O big bang ocorreu realmente? Existem pelo menos três indícios principais que nos permitem pensar que sim.

O primeiro é a idade das estrelas: as medidas que se referem às mais antigas indicam uma idade de doze a quinze bilhões de anos, o que é coerente com a duração do Universo, desde seu suposto aparecimento.

O segundo argumento baseia-se na análise da luz emitida pelas galáxias: ela indica, sem ambigüidade, que os objetos galácticos afastam-se uns dos outros com velocidades tanto mais elevadas quanto mais distantes eles estão; isso sugere que as galáxias estiveram outrora reunidas numa região única do espaço, no seio de uma nuvem primordial, há quinze bilhões de anos.

Resta o terceiro fenômeno, o mais decisivo: em 1965 foi evidenciada a existência, em todas as regiões do Universo, de uma radiação muito pouco intensa, análoga à de um corpo em temperatura muito baixa: três graus acima do zero absoluto. Essa radiação uniforme é uma espécie de registro fóssil, o eco fantasmático das torrentes de calor e de luz dos primeiros instantes do Universo.

Jean Guilton - Através dessa viagem ao fim da física, tive a certeza indefinível de ter aflorado o limite metafísico do real, como se algo de minha consciência fosse de repente sensível ao halo invisível que nos cerca, a uma espécie de ordem superior que é a origem de tudo.

Igor Bogdanov - Parece mais ou menos certo que a sopa primordial, a mistura inicial de matéria e radiação, continha, no primeiro centésimo de segundo, prótons e nêutrons em interação constante. Essas primeiras interações teriam criado a assimetria matéria-antimatéria do Universo, manifestada hoje pela estabilidade do próton.

Em compensação, se retrocedermos mais em direção à origem, por exemplo ao primeiro bilionésimo de bilionésimo de segundo, essas partículas ainda não existiam. Em suma, a matéria não é mais que o fóssil de uma época mais antiga, em que reinava uma simetria perfeita entre as formas de interação. Pois por volta do "tempo de Planck", quando a temperatura estava em seu máximo, a sopa primordial devia ser constituída de partículas mais fundamentais que os quarks: as partículas X. E o extraordinário é que, no primeiríssimo instante da Criação, nesse Universo de altíssimas energias, onde ainda não havia interações diferenciadas, o Universo tinha uma simetria perfeita. Em suma, o cosmo tal como o conhecemos hoje, com tudo o que contém, das estrelas até a sua chave aí sobre a mesa, não é senão o vestígio assimétrico de um Universo que era outrora perfeitamente simétrico. A energia da bola de fogo primordial era tão elevada, que as quatro interações (a gravidade, a força eletromagnética, a força nuclear forte e a força de desintegração) estavam nesse momento unificadas numa só interação perfeitamente simétrica. Depois, essa bola de fogo composta de quarks, de elétrons e de fótons conheceu a fase de expansão. O Universo resfriou-se e a simetria perfeita foi instantaneamente rompida.

Jean Guitton - Isso me lembra uma bela intuição de Bergson. Dizia ele que a Criação era "um gesto cadente" - em outras palavras, o traço de um evento que se desfaz. Creio que, bem antes dos físicos, Bergson apreendeu algo do mistério da Criação: compreendeu que o mundo que conhecemos hoje é a expressão de uma simetria quebrada. E se Bergson estivesse ainda entre nós, estou certo de que as últimas conquistas da física o fariam acrescentar que é dessa mesma imperfeição que a vida pode surgir.

A maior mensagem da física teórica dos últimos dez anos prende-se ao fato de que ela soube descobrir a perfeição na origem do Universo: um oceano de energia infinita. O que os físicos designam com o nome de simetria perfeita tem para mim outro nome: enigmático, infinitamente misterioso, todo-poderoso, original, criador e perfeito. Não ousou nomeá-lo, pois qualquer nome é imperfeito para designar o Ser sem semelhança.

O Mistério Dos Seres Vivos

Sobre a Terra dos primeiros tempos, o Sol brilha há um bilhão de anos. Só se distinguem, a perder de vista, imensos desertos de lava em fusão, que vomitam continuamente colunas de vapores e de gás, de vários quilômetros de altura. Pouco a pouco essas densas nuvens se acumulam para formar a primeira atmosfera da Terra. Gás carbônico, amoníaco, monóxido de carbono, nitrogênio e hidrogênio: essa mistura opaca, mortal, esmaga então o imenso horizonte ainda vazio.

Passam-se milhões de anos. O calor diminui lentamente. A lava forma agora uma pasta ainda tépida, mas sobre a qual já se poderia andar. O primeiríssimo continente acaba de nascer.

Um acontecimento importante rompe então a monotonia dessa era remota: as imensas nuvens que giram no céu se condensam e a primeira chuva do mundo começa a cair. Dura séculos. A água invade todo o planeta, rebentando nas depressões, até formar o primitivo oceano. Durante centenas de milhares de anos, ondas gigantescas batem na rocha negra.

A Terra, o céu e as águas ainda estão vazios. No entanto, as moléculas primitivas são constantemente agitadas pelas monstruosas tempestades que se desencadeiam, incansavelmente fracionadas pela formidável radiação ultravioleta do Sol. É nesse estágio que aparece aquilo que, retrospectivamente, parece um milagre: no cerne desse caos, moléculas se reúnem, se combinam, para formar progressivamente estruturas estáveis, reflexo de uma ordem. Uns vinte aminoácidos existem agora nos oceanos: são os primeiros tijolos da matéria viva.

Hoje, encontramos em cada um de nós os longínquos descendentes desses primeiros "habitantes" da Terra. Assim, após uma longuíssima e misteriosa ascensão para a complexidade, a primeiríssima célula viva enfim emerge: a história da consciência vai poder começar.

Mas quão perturbadora permanece esta pergunta feita um dia por um físico: "Como um fluxo de energia que se escoia sem objetivo pode espargir vida e consciência no mundo?"

Jean Guittou - Muitas vezes à noite, antes de dormir, retorno à aurora distante que iluminava minha juventude, por volta dos anos 1900. Na clareira da minha memória, reencontro imagens de um outro tempo: uma carruagem cujas grandes rodas cingidas de ferro esmagam os calçamentos; uma moça de vestido longo, que dorme tranqüilamente à sombra de um castanheiro; um velho senhor que recolhe a cartola levada pelo vento. Imagens da vida.

Mas a vida, o que é?

A questão que me preocupa aqui, aquela que não posso evitar, é a de saber por que "milagre" essa vida apareceu. Acabamos de ver que, por trás do nascimento do Universo, havia alguma coisa, uma força organizadora que parece ter calculado tudo, elaborado tudo, com uma minúcia inimaginável. Mas quero saber mais: o que há por trás da vida? Ela terá aparecido por força do acaso ou, muito ao contrário, será fruto de uma necessidade secreta

Grichka Bogdanov - Antes de retroceder às origens da vida, comecemos por compreendê-la melhor tal como existe hoje.

Diante de mim, no peitoril desta janela, há uma borboleta, pousada perto de uma pedrinha. Uma é viva, a outra não, mas qual é exatamente a diferença entre as duas? Se nos colocamos no nível nuclear, ou seja, na escala das partículas elementares, pedrinha e borboleta são rigorosamente idênticas. Um patamar acima, no nível atômico, algumas diferenças se manifestam, mas elas dizem respeito apenas à natureza dos átomos. Portanto, permanecem fracas.

Transponhamos mais um estágio. Chegamos ao reino das moléculas. Desta vez, as diferenças são muito mais importantes e dizem respeito às diferenças de matéria entre o mundo mineral e o mundo orgânico. Mas o salto decisivo é dado no nível das macromoléculas. Neste estágio a borboleta parece infinitamente mais estruturada, mais ordenada, que a pedrinha.

Este pequeno exemplo nos permite apreender a única diferença substancial entre o vivente e o inerte: pura e simplesmente, um é mais rico em informação do que o outro.

Jean Guittou - Admitamos que sim. Mas se a vida é matéria mais bem informada, de onde vem essa informação? Fico impressionado com o fato de que são numerosos os biólogos e os filósofos que, hoje em dia, ainda pensam que as primeiras criaturas vivas nasceram "por acaso" nas ondas e ressacas do oceano primitivo, quatro bilhões de anos atrás.

É verdade que as leis da evolução enunciadas por Darwin existem e atribuem um grande papel ao aleatório; mas quem fixou essas leis? Por que "acaso" certos

átomos se aproximaram para formar as primeiras moléculas de aminoácidos? E por que acaso, sempre, essas moléculas se reuniram para conduzir a esse edifício assustadoramente complexo que é o ácido desoxirribonucleico (ADN)? Como o biólogo François Jacob, faço esta pergunta simples: quem elaborou os planos da primeira molécula de ADN, portadora da mensagem inicial que permitiu que a primeira célula viva se reproduzisse?

Essas questões - e uma quantidade de outras permanecem sem resposta se nos prendemos unicamente às hipóteses que fazem o acaso intervir; é por isso que, há alguns anos, as idéias dos biólogos começaram a mudar. Os pesquisadores mais avançados não se contentam mais em recitar as leis de Darwin sem refletir. Constroem teorias novas, que com freqüência são muito surpreendentes. Hipóteses que se apóiam claramente na intervenção de **um princípio organizador, transcendente à matéria.**

Igor Bogdanov - Segundo essas novas abordagens, que abalam cada vez mais o dogma do "acaso criador", a vida é uma propriedade emergente da matéria, um fenômeno que obedece a uma espécie de necessidade inscrita no próprio âmago do inanimado...

Jean Guilton - Isso é tanto mais impressionante quanto, na escala cósmica, a vida precisa abrir um caminho difícil, semeado de mil obstáculos, antes de, enfim, emergir. Por exemplo, o espaço vazio é tão frio que toda criatura viva, mesmo a mais simples, seria nele instantaneamente congelada, porque a temperatura cai ali a quase menos 273°C. Na outra extremidade, a matéria das estrelas é tão ardente, que nenhum ser vivo poderia resistir ali. Há no Universo radiações e bombardeios cósmicos perpétuos, que impedem em quase toda parte a manifestação do vivente. Em suma, o Universo é a Sibéria, é o Saara, é Verdun. Quero dizer que é o infinito do frio, o infinito do quente, a multiplicidade dos bombardeios. Ora, a despeito de tudo isso, ainda assim a vida apareceu, ao menos em nosso planeta.

Em conseqüência, o problema que se põe aos cientistas e aos filósofos é saber se entre a matéria e a vida existe uma passagem contínua. Em nossos dias, a ciência trabalha nessa junção do inerte com o vivente; ela tende a mostrar que existe uma zona de continuidade - em outras palavras, o vivente resulta de uma promoção necessária da matéria.

Mais uma palavra: parece que a vida é irresistivelmente chamada a galgar uma escada ascendente; a partir das formas mais vizinhas da matéria (como os vírus) até as formas mais elevadas, há uma elevação na evolução: a aventura da vida é ordenada por um princípio organizador.

Igor Bogdanov - Vejamos com mais atenção em que pode consistir um tal princípio. Para tanto, vamos buscar apoio nos trabalhos de Ilya Prigogine, um dos maiores bioquímicos da atualidade e prêmio Nobel de Química.

Na origem de suas pesquisas encontra-se uma idéia muito simples: a desordem não é um estado "natural" da matéria, mas, ao contrário, um estado que precede a emergência de uma ordem mais elevada.

Jean Guilton - Essa concepção ia nitidamente de encontro às idéias estabelecidas e suscitou hostilidade nos meios científicos. Creio que chegaram a tentar impedir Prigogine de prosseguir seus trabalhos.

Igor Bogdanov - É verdade, mas ninguém conseguiu abalar sua convicção: leis desconhecidas deviam explicar como o Universo e a vida nasceram do caos primordial.

Grichka Bogdanov - Uma observação importante: essa convicção não era apenas teórica. Baseava-se no resultado de uma experiência extremamente perturbadora.

Jean Guitton - Qual?

Grichka Bogdanov - A experiência de Bénard. Ela é simples: tomemos um líquido, por exemplo, a água. Aqueçamo-la num recipiente. Que constatamos? Que as moléculas do líquido se organizam, reagrupam-se de um modo ordenado para formar células hexagonais, um pouco semelhantes aos elementos de um vitral. Esse fenômeno de certo modo inesperado, conhecido pelo nome de "instabilidade de Bénard", deixou Prigogine muito intrigado. Por que e como essas "células" apareciam na água? O que poderia provocar o nascimento de uma estrutura ordenada no seio do caos?

Jean Guitton - Sou tentado a estabelecer uma analogia entre a formação dessas estruturas minerais e a emergência das primeiras células vivas. Não haveria, na origem da vida, no seio do caldo primitivo, um fenômeno de auto-estruturação comparável àquele que se observa na água aquecida?

Grichka Bogdanov - É a conclusão à qual chegou Prigogine: o que é possível na dinâmica dos líquidos também deve sê-lo na química ou na biologia.

Para melhor compreender seu raciocínio, é preciso reconstituir suas principais etapas. Para começar, é inevitável constatar que as coisas que se encontram à nossa volta se comportam como sistemas abertos, o que quer dizer que trocam perpetuamente matéria, energia e - o que é mais importante - informação com seu meio. Em outras palavras, esses sistemas em movimento perpétuo variam regularmente no tempo e devem ser considerados como flutuantes. Ora, essas flutuações podem ser tão importantes, que a organização em que se baseiam torna-se incapaz de tolerá-las sem se transformar. A partir desse patamar crítico, há duas soluções possíveis, descritas em detalhe por Prigogine: ou o sistema é destruído pela amplitude das flutuações, ou chega a uma nova ordem interna, caracterizada por um nível superior de organização.

Estamos no âmago da descoberta de Prigogine: a vida repousa sobre estruturas dinâmicas, que ele chama de "estruturas dissipativas", cujo papel consiste precisamente em dissipar o influxo de energia, de matéria e de informação responsável por uma flutuação.

Jean Guitton - Um instante: essa nova abordagem da ordem contraria o segundo princípio da termodinâmica, que diz que, no decorrer do tempo, os sistemas fechados passam irresistivelmente da ordem à desordem. Por exemplo: se derramos algumas gotas de tinta num copo d'água, elas se dispersam ali e eu não posso mais separar os dois líquidos.

Igor Bogdanov - Esse famoso princípio da termodinâmica foi formalizado pelo físico francês Carnot, em 1824. Segundo ele e as gerações de cientistas que se seguiram, não há a menor dúvida: o Universo está em luta perpétua contra a irreversível ascensão da desordem.

Jean Guitton - Mas não é o contrário que se passa nos sistemas vivos? Se examinarmos a história dos fósseis, veremos que as organizações celulares transformaram-se constantemente, estruturadas por patamares de complexidade crescente. Em outras palavras, a vida é a história de uma ordem cada vez mais elevada e geral. Ou seja, na medida em que o Universo reflui para seu estado de equilíbrio, arranja-se, apesar de tudo, para criar estruturas cada vez mais complexas.

Grichka Bogdanov - É o que Prigogine demonstra. A seu ver, os fenômenos de auto-estruturação evidenciam uma propriedade radicalmente nova da matéria. Existe uma espécie de trama contínua que une o inerte, o pré-vivente e o vivente, tendendo a matéria, por construção, a estruturar-se para se tornar matéria viva. É no nível molecular que se opera tal estruturação, segundo leis que ainda permanecem grandemente enigmáticas. Constata-se um comportamento estranhamente

"*inteligente*" de tais moléculas, ou agregados moleculares, sem que se tenha condições de explicar esses fenômenos. Extremamente perturbado pela onipresença dessa ordem subjacente ao caos aparente da matéria, Prigogine declarou um dia: "O que é espantoso é que cada molécula sabe o que as outras moléculas farão ao mesmo tempo em que ela, e a distâncias macroscópicas. Nossas experiências mostram como as moléculas se comunicam. Todo o mundo aceita essa propriedade nos sistemas vivos, mas ela é no mínimo inesperada nos sistemas inertes."

Jean Guilton - Eis-nos convidados a dar esse passo decisivo: há continuidade entre a matéria dita "inanimada" e a matéria viva. De fato, a vida retira diretamente suas propriedades dessa misteriosa tendência da matéria para se organizar a si mesma, espontaneamente, para dirigir-se a estados incessantemente mais ordenados e complexos. Já o dissemos: o Universo é um vasto pensamento. Em cada partícula, átomo, molécula, célula de matéria, vive e atua, incógnita, uma onipresença.

Do ponto de vista do filósofo, esta última observação está carregada de conseqüências: ela quer dizer, efetivamente, que o Universo tem um eixo. Melhor ainda: um sentido. Esse sentido profundo encontra-se no interior dele mesmo, sob a forma de uma causa transcendente. Se, como acabamos de ver, o Universo tem uma "história", se eu vejo a improbabilidade aumentar à medida que retrocedo ao passado e a probabilidade estender-se à medida que me projeto para o futuro, se há no cosmo uma passagem do heterogêneo ao homogêneo, se há um progresso constante da matéria para estados mais ordenados, se há uma evolução das espécies para uma "superespécie" (a humanidade, talvez provisoriamente), então tudo me leva a pensar que há, no fundo do próprio Universo, uma causa da harmonia das causas, uma inteligência.

A presença manifesta dessa inteligência, até no cerne da matéria, afasta-me para sempre da concepção de um Universo que teria aparecido "por acaso", que teria produzido a vida e a inteligência "por acaso".

Grichka Bogdanov - Tomemos um caso conserto: uma célula viva é composta de uns vinte aminoácidos que formam uma cadeia compacta. A função desses aminoácidos depende, por sua vez, de cerca de duas mil enzimas específicas. Continuando o mesmo raciocínio, os biólogos foram levados a calcular que a probabilidade de que um milhão de enzimas diferentes se aproximem de um modo ordenado até formar uma célula viva (ao longo de uma evolução de muitos bilhões de anos) é da ordem de $10^{1.000}$ contra um.

Jean Guilton - O que equivale a dizer que essa chance é nula.

Igor Bogdanov - Foi o que levou Francis Crick, prêmio Nobel de Biologia graças à descoberta do ADN, a concluir, no mesmo sentido: "Um homem sensato, armado de todo o saber à nossa disposição hoje, teria a obrigação de afirmar que a origem da vida parece atualmente dever-se a um milagre, tantas são as condições a reunir para viabilizá-la."

Grichka Bogdanov - Precisamente. Retornemos um instante às origens, há quatro bilhões de anos. Nessa época distante, ainda não existe o que chamamos vida. Sobre a Terra dos primeiros tempos, varrida pelos ventos eternos, as moléculas nascentes são incessantemente agitadas, cortadas, reformadas e depois novamente dispersas pelo raio, pelo calor, pelas radiações e pelos ciclones.

Ora, desde esse estado primitivo, os primeiros corpos simples se reúnem segundo leis que já não devem nada ao acaso. Por exemplo, existe na química um princípio hoje conhecido pelo nome de "estabilização topológica de cargas". Essa "lei" implica que as moléculas que comportam, em sua estrutura, cadeias de átomos em alternância (especialmente o carbono, o nitrogênio e o oxigênio) formam, ao se reunir, sistemas estáveis.

De que sistemas se trata? Nada menos que peças fundamentais que compõem a mecânica do vivente: os aminoácidos.

Sempre segundo a mesma lei de afinidade atômica, eles vão reunir-se por sua vez para formar as primeiras cadeias desses preciosos materiais da vida que são os peptídios.

No cerne desse caldo primitivo, nas vagas negras dos primeiros oceanos do mundo, começam assim a emergir, segundo o mesmo processo, as primeiríssimas moléculas nitrogenadas (que são chamadas "purinas" e "pirimidinas"), das quais vai nascer, mais tarde, o código genético. A grande aventura começa, levando lentamente a matéria para cima, numa irresistível espiral ascendente: as primeiras moléculas nitrogenadas se reforçam, associando-se ao fosfato e a açúcares, até elaborarem os protótipos dos nucleotídeos, esses famosos elementos de base que, ao formarem por sua vez intermináveis cadeias, conduzem à etapa fundamental do vivente, que é a emergência do ácido ribonucléico (o célebre ARN, quase tão conhecido quanto o ADN).

Assim, em apenas algumas centenas de milhões de anos a evolução engendrou sistemas bioquímicos estáveis, autônomos, protegidos do exterior por membranas celulares e que já se assemelham a certas bactérias primitivas.

Jean Guilton - Afora o aprovisionamento de energia, abundante na época, o verdadeiro problema com o qual se defrontaram essas células arcaicas era o da reprodução. Como esses preciosos aglomerados poderiam manter-se? Como essas pequenas maravilhas da natureza poderiam garantir sua perenidade? Acabamos de ver que os aminoácidos, de que eram formadas, obedecem a uma ordem precisa. Era preciso, portanto, que essas primeiras células aprendessem a "recopiar" em algum lugar esse encadeamento de suas proteínas de base, a fim de que elas mesmas ficassem em condições de fabricar novas proteínas, conformes em todos os aspectos às precedentes.

A questão é, portanto, saber como as coisas se passaram nesse estágio: como essas primeiríssimas células inventaram os inúmeros estratagemas que conduziram a este prodígio, a reprodução?

Igor Bogdanov - Neste caso também foi uma "lei", inscrita no próprio cerne da matéria, que permitiu o milagre: os aminoácidos mais polares (isto é, os que comportam uma carga eletrostática elevada) são espontaneamente atraídos por moléculas nitrogenadas, enquanto os menos polares agregam-se antes a outras famílias, como a citosina.

Assim nasceu o primeiro esboço do código genético: ao se aproximar de certos nucleotídeos (e não de alguns outros), nossos famosos aminoácidos elaboraram lentamente os planos de sua própria construção, depois os instrumentos e materiais destinados a fabricá-los.

Grichka Bogdanov - É preciso insistir mais uma vez: nenhuma das operações evocadas acima pode ter sido efetuada ao acaso.

Tomemos um exemplo, entre outros: para que a agregação dos nucleotídeos conduzisse "por acaso" à elaboração de uma molécula de ARN utilizável, teria sido preciso que a natureza multiplicasse às apalpadelas as tentativas durante pelo menos 10^{15} anos, ou seja, durante cem mil vezes mais tempo que a idade total do nosso Universo.

Outro Exemplo: se o oceano primitivo tivesse engendrado todas as variantes (isto é, todos os isômeros) susceptíveis de serem elaborados "por acaso" a partir de uma só molécula que contivesse algumas centenas de átomos, isto nos teria

conduzido à construção de mais de 10^{80} isômeros possíveis. Ora, o Universo inteiro contém sem dúvida, menos 10^{80} átomos.

Jean Guilton - Em outras palavras, uma tentativa ao acaso sobre a Terra teria sido suficiente para esgotar o Universo inteiro. Um pouco como se todos os esquemas da evolução tivessem sido escritos antecipadamente, desde as origens.

Mas aqui volta uma pergunta. Se é verdade que a evolução da matéria para a vida contém em si uma ordem, de que ordem se trata?

Observo que se o acaso tende a destruir a ordem, a inteligência se manifesta no sentido contrário, pela organização das coisas, pela instalação de uma ordem a partir do caos. Concluo portanto, observando a estarrecedora complexidade da vida, que o próprio Universo é "inteligente": uma inteligência que transcende o que existe em nosso plano de realidade (no instante primordial daquilo a que chamamos Criação) ordenou a matéria que deu origem à vida.

Porém, uma vez mais: qual é a natureza profunda dessa "ordem", dessa *inteligência* perceptível em todas dimensões do real?

Igor Bogdanov – Para responder, precisamos refletir mais sobre aquilo a que chamamos *acaso*.

Acaso Ou Necessidade?

Vimos que a aventura da vida resulta de uma tendência universal da matéria a se organizar espontaneamente em sistemas cada vez mais heterogêneos. O movimento é orientado da unidade para a diversidade, criando ordem a partir da desordem, elaborando estruturas cuja organização é cada vez mais complexa.

Por que a natureza produz ordem? Não podemos responder sem lembrar o seguinte: o Universo parece ter sido minuciosamente regulado a fim de permitir a emergência de uma matéria primeiro ordenada, depois viva, e, enfim, da consciência. Como sublinha o astrofísico Hubert Reeves, se as leis físicas não tivessem sido rigorosamente como são, então "não estaríamos aqui para falar delas". Mais ainda: se uma das grandes constantes universais - por exemplo, a constante gravitacional, a velocidade da luz ou a constante de Planck - tivesse sido submetida, na origem, a uma alteração ínfima, o Universo não teria tido qualquer chance de abrigar seres vivos e inteligentes; talvez nem mesmo tivesse aparecido.

Essa regulação, de uma precisão vertiginosa, resulta do "acaso" ou de uma Causa Primeira, de uma inteligência organizadora que transcende nossa realidade?

Grichka Bogdanov - Depois de percorrer o longo caminho da vida, desde as primeiras moléculas orgânicas até o homem, eis-nos de novo diante de uma questão inevitável: a evolução cósmica que levou ao homem será, como pensava o biólogo Jacques Monod, o fruto puro do acaso, ou antes essa evolução inscreve-se em um grande projeto universal, do qual cada elemento teria sido minuciosamente calculado? Haverá uma ordem subjacente por trás daquilo que, sem compreender, chamamos de acaso?

Jean Guilton - Para responder a esta pergunta, precisamos ir até o acaso profundo, aquele do enigma e dos mistérios: qual é a significação daquilo a que se chama simplesmente a ordem das coisas?

Tome um floco de neve: esse pequeno objeto obedece a leis matemáticas e físicas de uma surpreendente sutileza, que dão lugar a figuras geométricas ordenadas, mas inteiramente diferentes umas das outras: cristais e policristais, agulhas e dendritos, plaquetas e colunas, etc. O mais espantoso é que cada floco de neve é único no mundo: ao flutuar durante uma hora ao vento, é submetido a escolhas de

todos os tipos (temperatura, umidade, presença de impurezas na atmosfera), que vão induzir uma figura específica: a forma final de um floco contém a história de todas as condições atmosféricas que ele atravessou. O que me fascina é que no próprio âmago do floco de neve encontro a essência de uma ordem: um delicado equilíbrio entre forças de estabilidade e forças de instabilidade, uma interação fecunda entre forças na escala humana e forças na escala atômica. De onde vem esse equilíbrio? Qual a origem dessa ordem, dessa simetria?

Igor Bogdanov - Para encontrar um elemento de resposta, vamos descer um pouco mais ao infinitamente pequeno. Vejamos o que se passa no nível do átomo. O comportamento das partículas elementares parece desordenado, aleatório, imprevisível. Na física quântica não existe, na verdade, nenhum meio de prever eventos individuais ou singulares. Imaginemos que encerramos um quilo de rádio num local hermeticamente fechado e que, 1.600 anos depois, voltamos ao local para ver o que aconteceu. Encontraremos nosso quilo de rádio intacto? De modo algum: a metade dos átomos de rádio terá desaparecido, segundo o processo bem conhecido de desintegração radioativa. Os físicos dizem que a "meia-vida", ou "período", do rádio é de 1.600 anos: o tempo necessário para que a metade dos átomos se desintegre.

Aqui, uma questão: podemos determinar quais átomos de rádio vão desintegrar-se? A despeito dos defensores do determinismo, não temos qualquer meio de saber por que um determinado átomo se desintegra, ao invés de outro. Podemos prever quantos átomos vão desintegrar-se, mas somos incapazes de dizer quais. Nenhuma lei física permite descrever o processo que origina essa seleção. A teoria quântica pode descrever com enorme precisão o comportamento de um grupo de partículas, mas quando se trata de uma partícula individual ela só pode adiantar probabilidades.

Jean Guilton - Este argumento tem peso, mas não abala minha convicção. Até que ponto aquilo que nos parece aleatório num certo nível não se revela ordenado num nível superior? Voltando ao que dizíamos a propósito do acaso, tenho a impressão de que este último não existe: o que chamamos acaso é apenas nossa incapacidade de compreender um grau de ordem superior.

Grichka Bogdanov - Aí encontramos as idéias do físico inglês David Bohm, segundo o qual os movimentos dos grãos de poeira num raio de sol só são aleatórios na aparência: sob a desordem visível dos fenômenos existe uma ordem profunda, de um grau infinitamente elevado, que permitiria explicar aquilo que interpretamos como sendo fruto do acaso. Lembremos, por exemplo, da experiência da "dupla fenda", célebre em física. O dispositivo é extremamente simples: entre uma chapa fotográfica e uma fonte luminosa interpõe-se um anteparo perfurado por duas fendas verticais paralelas; a fonte permite enviar fótons, isto é, grãos de luz, em direção ao anteparo. Quando projetamos as partículas luminosas uma a uma em direção às fendas, é impossível dizer que fenda a partícula vai atravessar ou onde exatamente ela vai situar-se na chapa fotográfica. Sob esse ponto de vista, os movimentos e a trajetória da partícula luminosa são aleatórios e imprevisíveis.

No entanto, após cerca de mil disparos, os fótons não deixam uma mancha aleatória sobre a chapa fotográfica. O conjunto das partículas enviadas separadamente forma agora uma figura perfeitamente ordenada, bem conhecida pelo nome de franjas de interferências. Essa figura, em seu conjunto, é perfeitamente previsível. Em outras palavras, o caráter aleatório do comportamento de cada partícula isolada continua, na verdade, um elevadíssimo grau de ordem, que não podíamos interpretar.

Jean Guilton - Essa experiência reforça minha intuição inicial: o Universo não contém acaso, mas diversos graus de ordem, cuja hierarquia cabe a nós decifrar. Com meus confrades da Academia de Ciências, trabalhei em um livro sobre a turbulência, sobre

certos fenômenos caóticos, como um redemoinho na água, ou as espirais de um fio de fumaça no ar calmo. Aparentemente esses movimentos são ao mesmo tempo indescritíveis e imprevisíveis. Mas, contra qualquer expectativa, por trás dos escoamentos turbulentos, ou nos movimentos aleatórios da fumaça, uma espécie de constrangimento se faz sentir: a desordem encontra-se, de certo modo, canalizada no interior de motivos construídos sobre um mesmo modelo subjacente, ao qual os especialistas do caos deram o belo nome de "atrator estranho".

Grichka Bogdanov - Um esclarecimento sobre o atrator estranho: ele existe no "espaço de fase", isto é, no espaço que contém todas as informações dinâmicas, todas as variações possíveis, de um sistema mecânico. Um exemplo de atrator elementar? Um ponto fixo, que mantém suspensa uma esfera de aço. Esta pode deslocar-se na ponta de seu fio, mas segundo uma órbita precisa, da qual terá dificuldade em afastar-se. No espaço de fase, todas as trajetórias vizinhas são como que atraídas pela órbita de rotação: esta última é o "atrator" do sistema. Ora, o que é verdadeiro para um sistema simples também o é para sistemas complexos: neles, existem "atratores estranhos" que ordenam em profundidade seu comportamento.

Igor Bogdanov - Na escala macroscópica, a presença de estruturas ordenadas que caracterizam o Universo permanece, a despeito de nossos conhecimentos, um mistério. Tomemos a questão da homogeneidade das galáxias: a uniformidade e a isotropia da distribuição da matéria são estupefacentes. O tamanho do Universo observável é da ordem de 10^{28} centímetros; nessa escala, a matéria tem uma densidade uniforme, que podemos medir com uma precisão da ordem de 10^{-5} . Todavia, em escalas inferiores, o Universo deixa de ser homogêneo: é constituído de aglomerados de galáxias que, por sua vez, são compostas de estrelas, etc. Ora, como a inhomogeneidade, que reina em pequena escala, pôde gerar uma ordem tão elevada em grande escala?

Jean Guitton - Se uma ordem subjacente governa a evolução do real, torna-se impossível sustentar, de um ponto de vista científico, que a vida e a inteligência apareceram no Universo em consequência de acidentes, de acontecimentos aleatórios, nos quais estaria ausente qualquer finalidade. Observando a natureza e as leis que dela emanam, parece-me, ao contrário, que o Universo inteiro **tende para a consciência**. Melhor ainda: em sua imensa complexidade, e apesar de suas aparências hostis, **o Universo é feito para gerar vida, consciência e inteligência. Por quê? Porque, parafraseando uma citação célebre, "matéria sem consciência não é senão ruína do Universo". Sem nós, sem uma consciência para legitimá-lo, o Universo não poderia existir: nós somos o próprio Universo, sua vida, sua consciência, sua inteligência.**

Grichka Bogdanov - Tocamos aí o grande mistério: lembremo-nos de que a realidade inteira repousa sobre um pequeno número de constantes cosmológicas: menos de quinze. Trata-se da constante de gravitação, da velocidade da luz, do zero absoluto, da constante de Planck, etc. Conhecemos o valor de cada uma dessas constantes com notável precisão.

Ora, se uma só dessas constantes tivesse sido minimamente modificada, então o Universo - ao menos, tal como o conhecemos - não poderia ter aparecido. Um exemplo impressionante nos é dado pela densidade inicial do Universo: se essa densidade se tivesse afastado minimamente do valor crítico que era o seu desde 10^{-35} segundo após o big bang, o Universo não poderia ter-se constituído.

Igor Bogdanov - Hoje, a relação entre a densidade do Universo e a densidade crítica original é da ordem de 0,1; ora, ela esteve incrivelmente perto da unidade na época remotíssima à qual retrocedemos, 10^{-35} segundo. O desvio em relação ao patamar crítico foi extraordinariamente fraco (da ordem de 10^{-40}) um instante após o big bang, de modo que o Universo esteve então "equilibrado" logo após seu nascimento.

Grichka Bogdanov - Isso permitiu o desencadeamento de todas as fases que se seguiram. Outro exemplo dessa fantástica regulação: se aumentássemos de apenas 1% a intensidade da força nuclear que garante a coesão dos núcleos atômicos, suprimiríamos qualquer possibilidade de que os núcleos de hidrogênio permanecessem livres; eles se combinariam com outros prótons e nêutrons para formar núcleos pesados. Não existindo mais o hidrogênio, este não poderia mais combinar-se com os átomos de oxigênio para produzir água, indispensável ao nascimento da vida. Ao contrário, se diminuíssemos ligeiramente essa força nuclear, então a fusão dos núcleos de hidrogênio se tornaria impossível. Sem fusão nuclear, não haveria mais qualquer possibilidade de existirem sóis, fontes de energia, ou vida.

Igor Bogdanov - O que é verdadeiro para a força nuclear vale também para outros parâmetros, como a força eletromagnética. Se a, aumentássemos muito ligeiramente, reforçaríamos a ligação entre o elétron e o núcleo; as reações químicas, que resultam da transferência de elétrons para outros átomos não seriam mais possíveis. Muitos elementos não poderiam formar-se, e num tal Universo as moléculas de ADN não teriam tido qualquer chance de aparecer.

Outras provas da regulação perfeita do nosso Universo? A força da gravidade: se esta tivesse sido ligeiramente mais fraca no momento da formação do Universo, as nuvens primitivas de hidrogênio jamais poderiam ter-se condensado para atingir o patamar crítico da fusão nuclear: as estrelas jamais se teriam acendido. Não estaríamos muito mais felizes no caso contrário: uma gravidade mais forte teria conduzido a um verdadeiro "disparo" das reações nucleares; as estrelas se teriam incendiado furiosamente, para morrer rapidamente; a vida não teria tido tempo de se desenvolver.

De fato, quaisquer que sejam os parâmetros considerados, a conclusão é sempre a mesma: se modificarmos minimamente o valor desses parâmetros, suprimimos qualquer chance de surgimento da vida. As constantes fundamentais da natureza e as condições iniciais que permitiram o aparecimento da vida parecem, portanto, reguladas com uma precisão vertiginosa. Mais um último número: se as taxas de expansão do Universo em seu início tivessem sofrido um desvio da ordem de 10^{-40} , a matéria inicial se teria dispersado no vácuo: o Universo não poderia ter dado origem às galáxias, às estrelas e à vida. Para dar uma idéia da inconcebível sutileza com a qual o Universo parece ter sido regulado, basta imaginar a proeza de um jogador de golfe que tivesse que acertar, da Terra, uma bola num buraco situado em algum lugar no planeta Marte!

Jean Guilton - Tais números só podem reforçar minha convicção: as galáxias e seus bilhões de estrelas, bem como os planetas e as formas de vida que contêm, não são um acidente ou uma simples "flutuação do acaso". Não aparecemos assim, um belo dia ao invés de outro, porque um par de dados cósmicos rolou para o lado bom. Deixemos isso para aqueles que não querem enfrentar a verdade dos números.

Igor Bogdanov - É verdade que o cálculo das probabilidades argumenta a favor de um Universo ordenado, minuciosamente regulado, cuja existência não pode ser engendrada pelo acaso. É verdade que os matemáticos ainda não nos contaram toda a história do acaso: eles ignoram mesmo o que é isso. Mas, graças a computadores geradores de números aleatórios, puderam proceder a certas experiências. A partir de uma regra derivada das soluções numéricas das equações algébricas, programaram-se máquinas para produzir acaso. Aqui, as leis de probabilidade indicam que esses computadores deveriam calcular durante bilhões de bilhões de bilhões de anos - isto é, durante um tempo quase infinito - até que pudesse aparecer uma combinação de números comparável àquela que permitiu a eclosão do Universo e da vida. Em outras palavras, a probabilidade matemática de que o Universo tenha sido engendrado pelo acaso é praticamente nula.

Jean Guitton - Estou convencido disso. Se o Universo existe tal como o conhecemos, é bem para permitir que a vida e a consciência se desenvolvam. Nossa existência estava, de certo modo, minuciosamente programada **desde o início**, no "tempo de Planck". Tudo o que me cerca hoje, desde o espetáculo das estrelas até as árvores que ornaram o Jardim de Luxemburgo, tudo isso existia já em germe no Universo minúsculo dos primórdios: o **Universo sabia** que, em sua hora, o homem viria.

Grichka Bogdanov - Reencontramos aqui o "princípio antrópico", proposto em 1974 pelo astrofísico inglês Brandon Carter. Segundo ele, efetivamente, "o Universo possui, muito exatamente, as propriedades requeridas para engendrar um ser capaz de consciência e inteligência". Portanto, as coisas são o que são, pura e simplesmente porque não poderiam ser diferentes não há lugar, na realidade, para um universo diferente daquele que nos gerou.

Igor Bogdanov - Salvo se aceitarmos a idéia segundo a qual existe, além do nosso Universo, uma infinidade de outros universos "paralelos", que apresentam todas as diferenças mais ou menos importantes em relação ao nosso. Voltaremos a isto adiante, mais minuciosamente.

Jean Guitton - Se efetivamente não há lugar para um outro Universo além daquele no qual vivemos, isto quer dizer; uma vez mais, que uma ordem implícita, muito profunda e invisível, atua por baixo da desordem explícita que se manifesta de forma tão evidente. A natureza elabora, diretamente no caos, as formas complicadas e altamente organizadas do vivente. Ao contrário do que ocorre com a matéria inanimada, o Universo do vivente é caracterizado por um grau de ordem crescente: enquanto o Universo físico caminha em direção a uma entropia cada vez mais elevada, o vivente percorre, de certo modo, a corrente contrária, para criar cada vez mais ordem.

Conseqüentemente, precisamos reavaliar o papel do que chamamos acaso. Jung sustentava que o aparecimento de "coincidências significativas" implicava necessariamente a existência de um princípio explicativo que devia juntar-se aos conceitos de espaço, tempo e causalidade. Esse grande princípio, chamado **princípio de sincronicidade**, é baseado numa ordem universal de compreensão, complementar da causalidade. Na origem da Criação não há acontecimento aleatório, **não há acaso**, mas um grau de ordem infinitamente superior a tudo aquilo que podemos imaginar: ordem suprema que regula as constantes físicas, as condições iniciais, o comportamento dos átomos e a vida das estrelas. Poderosa, livre, infinitamente existente, misteriosa, implícita, invisível, sensível, ela está ali, eterna e necessária por trás dos fenômenos, acima do Universo, mas presente em cada partícula.

Em Busca Da Matéria

Assim, a realidade - tal como a conhecemos - parece resultar de uma ordem transcendente, que subtende seu aparecimento e seu desenvolvimento.

Mas o que é o real? De que é constituído o mundo físico que nos cerca? A concepção mecanicista do Universo, proposta pela física de Newton, é baseada na idéia de que a realidade comporta duas coisas fundamentais: objetos sólidos e um espaço vazio. Na vida cotidiana, essa concepção funciona sem falha: os conceitos de espaço vazio e de corpos sólidos integram nossa maneira de pensar e de apreender o mundo físico. Assim, o âmbito cotidiano pode ser visto como uma "região de dimensões médias", onde as regras da física clássica continuam a ser aplicadas.

Ora, tudo vai mudar, se deixarmos o universo no qual vivemos nossa vida para mergulhar no infinitamente pequeno, em busca de seus constituintes últimos. Apenas no início deste século, graças à descoberta dos elementos radioativos, a

verdadeira natureza dos átomos foi entendida: ao invés de esferas indivisíveis de matéria, eles eram formados por partículas ainda menores. Na seqüência das experiências de Rutherford, as pesquisas de Heisenberg e dos outros físicos quânticos mostraram que os constituintes dos átomos - elétrons, prótons, nêutrons e as dezenas de outros elementos infranucleares que foram descobertos a seguir - não manifestam nenhuma propriedade associada aos objetos físicos. As partículas elementares não se comportam como partículas "sólidas": elas parecem conduzir-se como entidades abstratas.

De que se trata?

Para tentar sabê-lo, temos que abandonar nosso mundo, suas leis e suas certezas. E então, devemos admitir que o Universo é não só mais estranho do que o pensamos, mas bem mais estranho ainda do que podemos pensá-lo.

Jean Guitton - Há quase um século entramos na era quântica. Sob que aspecto esta nova concepção recoloca em questão nossa compreensão dos objetos que nos cercam na vida cotidiana? Retomemos o exemplo da nossa chave: aquilo que aprendemos nos obriga doravante a admitir que se trata de uma chave feita de entidades que pertencem a um outro mundo: o do infinitamente pequeno, do átomo e das partículas elementares. Mas como fazer coincidir a evolução de nossos conhecimentos teóricos e a experiência que adquirimos na realidade cotidiana? Tudo o que a física quântica me ensinou a propósito dessa chave não me impede, efetivamente, de senti-la como um "objeto" material, cujo peso e consistência posso sentir no côncavo de minha mão. Mas isso não passa de uma ilusão no teatro da realidade. O que há, então, além da substância sólida? Antes de dar a palavra à ciência de hoje, gostaria de retornar a dois grandes pensadores que responderam a essa pergunta, cada qual a seu modo: o primeiro chamava-se Bergson.

Num belo dia de maio de 1921, decidi ir à Academia de Ciências Morais e Políticas. Ali, pela primeira vez, encontrei (ou antes: contemplei de longe, no claro-escuro de uma sala que recendia a madeira antiga e cera) o grande Bergson. Desse primeiro encontro restam-me hoje duas coisas: um desenho de seu rosto, cujo perfil rabisquei às pressas; além da imagem, a marca profunda, indelével, de seu pensamento. Naquele dia percebi que ele tinha uma visão puramente espiritual da matéria. Para bem compreendê-la, é preciso lembrar-se do que se segue, escrito por ele em 1912 a um jesuíta, o padre de Tonquédec: "As considerações expostas em meu ensaio 'Matéria e memória' fazem tocar com o dedo, espero, a realidade do espírito. De tudo isso emana naturalmente a idéia de um Deus criador e livre gerador, ao mesmo tempo, da matéria e da vida."

Como ele chegou a uma tal certeza? Muito simplesmente apoiando-se na idéia de que na origem do Universo há um impulso de pura consciência, uma ascensão para o alto que, em determinado momento, interrompeu-se e "tombou". Foi esse tombo, essa repercussão da consciência divina, que engendrou a matéria tal como a conhecemos. Não é de espantar, portanto, que essa matéria tenha uma memória "espiritual", ligada às suas origens. Agora algumas palavras sobre um segundo personagem que, também ele, influenciou muito minha vida: o padre Teilhard de Chardin. Fora companheiro de meu tio Joseph, que sempre me falava dele. Acabei por encontrá-lo um dia em 1928, durante um retiro. Era ele inteiro nessa primeira aparição, marcado por aquela gravidade que jamais o deixou. Falou-se muito e se escreveu muito sobre esse grande pensador; mas o essencial de sua filosofia exprime-se menos (como erradamente se pensa) na visão que ele tinha da evolução biológica, do que na sua idéia inteiramente pessoal sobre a matéria. Essa idéia impôs-se a ele quando tinha sete anos. Um belo dia, roçou com sua mão de criança a relha de um arado. Num relâmpago, percebeu o que era o Ser: algo duro, puro e *palpável*. Mas

sobretudo, no momento em que seus dedinhos pousaram sobre o aço frio e liso da ferramenta, sua mãe começou a lhe falar de Jesus Cristo. Naquela criança, então, as duas extremidades do Ser a matéria e o espírito -, esses dois pólos que quase sempre se opõem, reuniram-se para sempre.

Hoje, tenho vontade de dar razão a Bergson e a Teilhard; assim como eles, tenho a tentação de acreditar que a matéria é feita de espírito e que, portanto, nos conduz diretamente à contemplação de Deus. Sessenta anos após as grandes descobertas da teoria quântica, minhas crenças na "espiritualidade" da matéria, ou na materialidade do espírito, são objetivamente fundadas?

Será que nossos conhecimentos mais atuais sobre a matéria nos conduzem, cientificamente, ao espírito? Começamos a compreender que pode haver respostas a essas questões: é no cerne da matéria, em sua intimidade mais profunda, que devemos buscá-las.

Grichka Bogdanov - Partamos de algo visível: uma gota d'água, por exemplo. Ela é composta de moléculas (cerca de mil bilhões de bilhões), cada uma delas medindo 10^{-9} metro. Penetremos nessas moléculas: vamos descobrir ali átomos muito menores, cuja dimensão é da ordem de 10^{-10} metro. Continuemos nossa viagem. Cada um desses átomos é composto de um núcleo ainda menor (10^{-14} metro) e de elétrons "gravitando" ao redor.

Mas nossa exploração não pára aí. Um novo salto, e eis-nos no cerne do núcleo: agora, encontramos uma quantidade de partículas novas (os núcleons, dos quais os mais importantes são os prótons e os nêutrons), extraordinariamente pequenos, já que atingem uma dimensão de 10^{-15} metro. Chegamos ao fim da nossa viagem? Trata-se da fronteira extrema, além da qual não há mais nada? De modo algum.

Há uns vinte anos, descobriram-se partículas ainda menores, os hádrons, por sua vez compostos de entidades infinitesimais, que atingem o "tamanho" inimaginável de 10^{-18} metro: os quarks. Veremos logo por que essas partículas representam uma espécie de "limite dimensional": não existe nenhuma grandeza física menor que 10^{-18} metro.

Igor Bogdanov - Voltemos à sua chave. A primeira coisa de que doravante estamos certos é que ela é feita de vácuo. Um exemplo nos permite compreender melhor que o Universo inteiro é essencialmente composto de vácuo. Imaginemos que nossa chave cresça até atingir o tamanho da Terra. Nesta escala, os átomos que compõem a chave gigante teriam apenas o tamanho de cerejas.

Mas eis algo ainda mais espantoso. Suponhamos que tomássemos na mão um desses átomos do tamanho de uma cereja. Por mais que o examinássemos, mesmo com a ajuda de um microscópio, seria absolutamente impossível que observássemos seu núcleo, demasiado pequeno mesmo numa tal escala. Para enxergá-lo, será preciso mudar de escala de novo. A cereja que representa nosso átomo vai então crescer de novo para tornar-se um enorme globo de duzentos metros de altura. Apesar desse tamanho impressionante, o núcleo de nosso átomo não será maior que um minúsculo grão de poeira. É isso o vácuo do átomo.

Grichka Bogdanov - Detenhamo-nos nesse tema desconcertante: o paradoxo de uma multidão de elementos que, finalmente, desembocam no vácuo, no inapreensível. Para compreender isso, suponhamos que eu queira contar todos os átomos de um grão de sal. E suponhamos ainda que eu seja rápido o bastante para enumerar um bilhão por segundo. A despeito deste notável desempenho, eu precisaria de mais de cinquenta séculos para efetuar o recenseamento completo da população de átomos contida

nesse minúsculo grão de sal. Outra imagem: se cada átomo de nosso grão de sal tivesse o tamanho de uma cabeça de alfinete, o conjunto dos átomos que compõem o grão recobriria a Europa inteira com uma camada uniforme de vinte centímetros de espessura.

Jean Guitton - O número de indivíduos que existem no interior de uma partícula de matéria está tão além daquilo que nossa imaginação tem o hábito de conceber, que produz um efeito comparável a uma espécie de terror...

Igor Bogdanov - No entanto, reina um vácuo imenso entre as partículas elementares. Se eu representasse o próton de um núcleo de oxigênio como uma cabeça de alfinete colocada sobre esta mesa que está diante de mim [em Paris], então o elétron, que gravita em torno dele, descreveria uma circunferência passando pela Holanda, a Alemanha e a Espanha. É por isso que, se todos os átomos que compõem meu corpo se juntassem até se tocar, vocês não me veriam mais. Nunca mais alguém poderia observar-me a olho nu: eu teria o tamanho de uma ínfima poeira, de alguns milésimos de milímetro.

Quando deram seu alucinante mergulho no cerne da matéria, os físicos perceberam que sua viagem, longe de parar na fronteira do núcleo, desembocava na verdade no imenso oceano dessas partículas nucleares que designamos acima pelo nome de "hádrons". Tudo se passa, como se, depois de deixar o rio no qual tínhamos o hábito de navegar, nos encontrássemos diante de um mar sem limite, cavado de ondas enigmáticas, que se perdem num horizonte negro e distante.

Jean Guitton - Isso poderia aplicar-se do mesmo modo ao infinitamente grande. Se voltarmos nosso olhar para as estrelas, o que encontramos? Ali também, o vácuo. Um vácuo enorme entre as estrelas e, cada vez mais longe, a milhões ou bilhões de anos-luz daqui, o vácuo intergaláctico: uma imensidade inconcebível, na qual não encontramos absolutamente nada, com exceção, talvez, de um átomo vagabundo, perdido para sempre no infinito negro, silencioso e glacial. Existe uma espécie de similitude entre o infinitamente grande e o infinitamente pequeno.

Grichka Bogdanov - Com a diferença de que, se as estrelas são objetos materiais, as partículas subatômicas não são grãos de poeira. São antes, como vimos, *tendências a existir*, ou ainda "correlações entre observáveis macroscópicos".

Por exemplo, quando um simples elétron passa através de uma chapa fotográfica, deixa um traço que se assemelha a uma sucessão de pequenos pontos que formam uma linha. Normalmente, tenderíamos a pensar que essa "pista" resulta da passagem de um único e mesmo elétron sobre a chapa fotográfica, um pouco como uma bola de tênis quicando sobre uma superfície de terra batida. Não é nada disso. A mecânica quântica afirma que a relação entre os pontos que representam um "objeto" em movimento é um puro produto de nossos espíritos: na realidade, o elétron que supostamente deixaria um traço pontual não existe. Em termos mais rigorosamente conformes à teoria quântica, o postulado de uma partícula dotada de existência independente é uma convenção, sem dúvida cômoda, mas infundada.

Jean Guitton - Mas o que é que deixa um traço sobre a chapa fotográfica?

Grichka Bogdanov - Para responder, precisamos abordar um novo âmbito da física. Doravante os físicos pensam que as partículas elementares, longe de serem objetos, são na realidade o resultado, sempre provisório, de interações incessantes entre "campos" imateriais.

Jean Guitton - Faz já uns trinta anos que, pela primeira vez, ouvi falar desse conceito de campo. Essa nova teoria me parece desembocar numa abordagem *verdadeira* do real: a textura das coisas, o substrato último, não é material, mas abstrato; uma *idéia pura*, cuja silhueta só é indiretamente captável por um ato matemático.

A esse **respeito**, observo que a ciência superior, aquela que nos faz penetrar no interior dos segredos do cosmo, é mais a matemática, ou a física matemática, do que a física. Isto é visível no destino de dois ilustres cientistas que, um e outro, cruzaram minha vida em várias oportunidades: os dois irmãos de Broglie. O mais velho, o duque Maurice, era antes de tudo físico; mas seu jovem irmão, Louis, matemático de formação, fez mais descobertas com quadro negro e giz do que Maurice em seu laboratório. Por quê? Provavelmente porque o Universo oculta um segredo de elegância abstrata, um segredo no qual a materialidade representa pouco.

Igor Bogdanov - Sua intuição aproxima-se das soluções propostas pela nova física. Mas será possível dizer mais sobre esse segredo que, na sua visão de filósofo, se esconde por trás do Universo?

Jean Guilton - Quando considero a **ordem matemática** que se revela no cerne do real, minha razão me obriga a dizer que esse desconhecido oculto por trás do cosmo é, pelo menos, uma inteligência hipermatemática, calculante e, ainda que a palavra não seja muito bonita, relacionante, ou seja, fabricante de relações, de modo que deve ser de tipo abstrato e espiritual.

Sob a face visível do real, há portanto o que os gregos chamavam de **logos**, um elemento inteligente, racional, que regula, dirige, anima o cosmo, e que faz com que esse cosmo não seja caos, mas ordem.

Grichka Bogdanov - A descrição que o senhor propõe desse elemento estruturante deve aproximar-se da maneira como são concebidos hoje os campos físicos fundamentais.

Jean Guilton - Qual é a natureza profunda desses campos físicos?

Grichka Bogdanov - Chegaremos lá, mais adiante. Antes, acho indispensável circunscrever melhor aquilo que a noção (afinal bastante vaga) de partícula elementar encerra hoje em dia.

Em primeiro lugar, é preciso saber que só há quatro partículas estáveis no mundo atômico: o próton, o elétron, o fóton e o nêutron. Existem centenas de outras, mas elas são infinitamente menos estáveis; desintegram-se, quase instantaneamente após seu aparecimento ou no fim de um tempo mais ou menos longo.

Jean Guilton - Um número acaba de me impressionar: o senhor diz que existem umas cem partículas, diferentes entre si...

Igor Bogdanov - Na medida em que as pesquisas avançam, encontram-se incessantemente mais partículas novas, sempre mais fundamentais. Efetivamente, quando mergulharam no cerne do núcleo, os físicos descobriram o imenso oceano dessas partículas nucleares que, desde então, são chamadas hádrons.

Grichka Bogdanov - Impõe-se um ponto: existem apenas três possibilidades que dizem respeito ao que se encontra mais além da fronteira do núcleo. A primeira: a corrida para o infinitamente pequeno pode não ter fim.

Há uns vinte anos, graças a aceleradores de partículas cada vez mais potentes, os físicos identificaram uma quantidade de partículas cada vez mais fundamentais, menores, mais instáveis, mais inapreensíveis, de modo que parece existir um número infinito de níveis sucessivos de realidade. Diante dessa proliferação vertiginosa, que se acelerou nos últimos anos, alguns pesquisadores estão assaltados por uma dúvida: e se, no fundo, não existir partícula realmente "elementar"? As partículas identificáveis seriam constituídas de partículas cada vez menores, ao longo de um processo de encaixe que jamais teria fim?

A segunda abordagem, desenvolvida por uma minoria de especialistas, baseia-se na idéia de que chegaremos um dia a encontrar o nível fundamental da

matéria, uma espécie de "fundo rochoso", constituído de partículas indivisíveis, além das quais será absolutamente impossível encontrar alguma coisa diferente.

Resta, enfim, a terceira hipótese: nesse nível extremo, as partículas identificadas como fundamentais serão ao mesmo tempo elementares e compósitas. Neste caso, estas partículas serão mesmo constituídas de elementos, mas estes elementos serão da mesma natureza que elas. Usando uma imagem, tudo se passaria como se uma torta de maçã cortada em dois desse duas novas tortas inteiras, absolutamente idênticas à original. Independentemente do procedimento adotado, seria impossível obter duas meias-tortas.

É essa terceira abordagem que parece hoje colher a adesão da maioria dos físicos nucleares: ela permitiu modelar particularmente a teoria dos quarks.

Jean Guitton - Qualquer que seja a abordagem adotada, o mergulho no cerne da matéria apresenta aspectos desconcertantes. É por isso que o filósofo deve fazer a si mesmo uma pergunta simples: qual é hoje a partícula mais elementar, mais fundamental, posta em evidência pelo físico?

Grichka Bogdanov - Parece que essa entidade última foi alcançada, ao menos pela teoria, com aquilo que os físicos, não sem malícia, batizaram de "quarks". Por quê? Porque essas partículas existem em grupos de três, exatamente como os famosos "quarks" inventados por James Joyce em seu romance *Finnegans Wake*. Para descobri-los, mergulhemos no cerne do núcleo: encontramos ali os hádrons, hoje bem identificados, que participam de interações conhecidas. Ora, essas partículas parecem, por sua vez, decompor-se em entidades menores: os quarks.

Com os quarks, começa o domínio da pura abstração, o reino dos seres matemáticos. Até aqui, nunca foi possível constatar a dimensão física desses quarks: por mais que fossem procurados por toda parte - nos raios cósmicos, em inúmeras experiências de laboratório -, eles jamais foram observados. Em suma, o modelo do quark repousa sobre uma espécie de ficção matemática que, estranhamente, apresenta a vantagem de funcionar.

Igor Bogdanov - A teoria dessa partícula hipotética foi proposta pela primeira vez, em 1964, pelo físico Murray Gell-Mann. Segundo essa abordagem, todas as partículas hoje conhecidas resultariam da combinação de alguns quarks fundamentais, diferentes uns dos outros. O mais surpreendente é que hoje a maioria dos físicos aceita a idéia de que os quarks serão para sempre inapreensíveis: permaneceriam irreversivelmente confinados "do outro lado" da realidade observável. Assim, se reconhece implicitamente que nosso próprio conhecimento da realidade está baseado numa dimensão não material, um conjunto de entidades sem modos e sem forma, transcendendo o espaço-tempo, cuja "substância" não é mais que uma nuvem de números.

Jean Guitton - Nisso está contida uma constatação puramente metarrealista. Essas entidades fundamentais não têm uma dupla face? Uma, abstrata, relaciona-se com o domínio das essências; mas existe outra, concreta, que estaria em contato com nosso mundo físico. Nessa ordem de idéias, o quark seria uma espécie de "mediador" entre os dois mundos.

Grichka Bogdanov - Em apoio à sua intuição, podemos propor um primeiro esboço que parece, por enquanto, corresponder melhor àquilo que são os quarks, se é que eles existem. Essa abordagem começa a ser conhecida entre os físicos com o nome um tanto misterioso de "matriz S". De que se trata?

Contrariamente às teorias clássicas, esta não se esforça por descrever o quark em si mesmo, mas permite apreender sua sombra através de suas interações. Sob este ponto de vista, as partículas elementares não existem enquanto objetos, enquanto entidades significantes por si mesmas, mas só são perceptíveis através dos

efeitos que geram. Assim, os quarks podem ser considerados como "estados intermediários" numa rede de interações.

Igor Bogdanov - Onde irá parar então nossa pesquisa dos materiais últimos? Talvez em três partículas que, sozinhas, parecem constituir o Universo inteiro: o elétron, e, ao lado dele, duas famílias de quarks. O quark "U" (de up), e o quark "D" (de down), U e D representando uma característica que os físicos chamam de "sabor". Por si sós, essas três famílias parecem garantir toda a prodigiosa variedade das forças, dos fenômenos e das formas encontradas na natureza.

Jean Guilton - Estamos no fim de nossa viagem ao infinitamente pequeno. O que encontramos em nosso périplo ao cerne da matéria? Quase nada. Mais uma vez a realidade dissolve-se, dissipa-se no evanescente, no impalpável: a "substância" do real não é mais que uma nuvem de probabilidades, uma fumaça matemática. A verdadeira questão é saber de que é feito esse impalpável: o que há sob esse "nada", em cuja superfície repousa o ser?

Os Campos Do Real

Alcançamos a borda do mundo material: diante de nós estão essas entidades tênues e estranhas, que encontramos em nosso caminho com o nome de "quarks". São os últimos testemunhos da existência de "alguma coisa" que ainda parece uma "partícula". Mas o que há além?

A observação nos mostra que o comportamento dos quarks é estruturado, ordenado. Mas ordenado por quê? Qual é essa marca invisível que intervém abaixo da matéria observável?

Para responder, precisaremos abandonar todas as nossas referências, todas as observações sobre as quais se apoiavam nossos sentidos e nossa razão. Acima de tudo, vamos precisar renunciar à crença ilusória em "algo sólido" de que seria feito o tecido do Universo.

O que vamos encontrar no caminho não é nem uma energia, nem uma força, mas algo imaterial, que a física designa hoje com o nome de "campo".

Na física clássica, a matéria é representada por partículas, enquanto as forças são descritas pelos campos. A teoria quântica, ao contrário, só vê, no real, interações, as quais são veiculadas por entidades mediadoras chamadas "bósons". Mais precisamente, esses bósons veiculam forças e asseguram as relações entre as partículas de matéria que a física designa pelo nome de "férmions", formando estes últimos os "campos de matéria".

Precisaremos então reter que a teoria quântica abole a distinção entre campo e partícula e, ao mesmo tempo, entre o que é material e o que não é; em outras palavras: entre a matéria e seu além.

Só se pode descrever um campo em termos de transformações das estruturas do espaço-tempo numa dada região; portanto, o que chamamos de realidade não é outra coisa senão uma sucessão de descontinuidades, flutuações, contrastes e acidentes de terreno que, em seu conjunto, constituem uma rede de informações.

Toda a questão é saber qual é a origem de uma tal informação...

Igor Bogdanov - Eis-nos diante da última fronteira: aquela que limita misteriosamente o que chamamos de realidade física. O que há do outro lado? Provavelmente nada mais. Ou antes: nada mais de tangível.

Jean Guilton - É aí que começa o domínio do espírito. O suporte físico não é mais necessário para portar essa inteligência, essa ordem profunda que constatamos à

nossa volta. Ora, esse "quase nada", como dizia o filósofo Jankelévitch, é precisamente isso, a substância do real. Mas de que se trata?

Grichka Bogdanov - Desçamos uma vez mais ao infinitamente pequeno, ao âmago dessa famosa matéria. Suponhamos que pudéssemos penetrar no núcleo do átomo: de que é composto o "panorama" que perceberíamos então? A física nuclear nos indica que nesse nível devemos encontrar partículas ditas "elementares", na medida em que não existe nada "menor" do que elas: os quarks, os léptons e os glúons. Porém, uma vez mais, de que textura são feitas tais partículas? Qual é a "substância" de um fóton ou de um elétron?

Até a metade do século, não se sabia responder a uma tal questão. Pudemos avaliar anteriormente o poder dessas duas grandes ferramentas de pensamento, que são a Relatividade e a Mecânica Quântica. Ora, uma descrição completa da matéria implicava uma fusão dessas duas teorias num novo conjunto. Foi precisamente o que uma nova geração de físicos compreendeu, por volta do fim da década de 1940. Após anos de tentativas e de esforços, apareceu aquilo a que chamamos a "teoria quântica relativista dos campos".

Jean Guitton - O que nos aproxima, parece, da concepção espiritualista da matéria...

Igor Bogdanov - Inteiramente. Nessa perspectiva, uma partícula não existe *por si mesma*, mas unicamente através dos **efeitos** que ela gera. Esse conjunto de efeitos se chama um "campo". Assim, os objetos que nos cercam não são outra coisa senão conjuntos de campos (campo eletromagnético, campo de gravitação, campo prótonico, campo eletrônico); a realidade essencial, fundamental, é um conjunto de campos que interagem permanentemente consigo mesmos.

Jean Guitton - Nesse caso, qual é a substância desse novo objeto físico?

Igor Bogdanov - No sentido estrito, um campo não tem substância que não seja vibratória; trata-se de um conjunto de vibrações potenciais, às quais estão associados quanta, isto é, partículas elementares, de diferentes naturezas. Essas partículas - que são as manifestações "materiais" do campo - podem deslocar-se no espaço e interagir umas com as outras. Num tal quadro, a realidade subjacente é o conjunto dos campos possíveis que caracterizam os fenômenos observáveis, sendo que estes só são observáveis por intermédio das partículas elementares.

Jean Guitton - Em suma, o que a teoria quântica relativista dos campos descreve não são as partículas enquanto tais, enquanto objetos, mas suas interações incessantes, incontáveis, consigo mesmas.

Igor Bogdanov - Isso equivale a dizer que é impossível encontrar o "fundo" da matéria, ao menos sob a forma de uma coisa, de uma última parcela de realidade. Podemos, quando muito, perceber os efeitos gerados pelo encontro desses seres fundamentais, através de eventos fugidios, fantasmáticos, a que chamamos "interações".

Jean Guitton - Acabamos de ultrapassar uma etapa importante nessa marcha que, através da ciência, nos conduz a Deus.

Com efeito, o conhecimento quântico que temos da matéria nos leva a compreender que não existe nada de estável no nível fundamental: tudo está em perpétuo movimento, tudo muda e se transforma sem cessar, no decorrer desse balé caótico, indescritível, que agita freneticamente as partículas elementares. O que acreditamos imóvel revela na verdade inúmeros vaivéns, ziguezagues, inflexões desordenadas, desintegrações ou, ao contrário, expansões. Finalmente, os objetos que nos cercam são apenas vácuo, frenesi atômico e multiplicidade.

Nas minhas mãos, esta simples flor. Algo assustadoramente complexo: a dança de bilhões e bilhões de átomos (cujo número ultrapassa todos os seres possíveis que

se podem contar em nosso planeta, os grãos de areia de todas as praias), átomos que vibram, oscilam em torno de equilíbrios instáveis. Ao olhar esta flor, penso o seguinte: existe, em nosso Universo, o análogo daquilo que os filósofos antigos chamavam de "formas", isto é, tipos de equilíbrio que explicam que os objetos são *aquilo* porque são *aquilo*, e não outra coisa. Ora, nenhum dos elementos que compõem um átomo, nada do que sabemos das partículas elementares pode explicar *por que* e *como* tais equilíbrios existem. Estes últimos repousam sobre uma causa que, no sentido estrito, não me parece pertencer ao nosso Universo físico. O que vocês chamam de "campo" não é outra coisa senão uma janela aberta para um segundo plano muito mais profundo, o Divino, talvez.

No fundo, nada do que podemos perceber é verdadeiramente "real", no sentido que damos habitualmente a esta palavra. De certa maneira, estamos mergulhados no âmago de uma ilusão, que estende à nossa volta um cortejo de aparências e engodos que identificamos com a realidade. Tudo aquilo em que acreditamos sobre o espaço e o tempo, tudo o que imaginamos a propósito da localidade dos objetos e da causalidade dos acontecimentos, o que podemos pensar sobre o caráter separável das coisas que existem no Universo, tudo isso não é mais que uma imensa e perpétua alucinação, que cobre a realidade com um véu opaco. Uma realidade estranha, profunda, existe sob esse véu; uma realidade que não seria feita de matéria, mas de espírito; um vasto pensamento que, após meio século de apalpadelas, a nova física começa a compreender, convidando os sonhadores que somos a iluminar com um fogo nascente a noite dos nossos sonhos.

Igor Bogdanov - Estamos aqui atingindo o nível fundamental do real, apreendendo sua substância última, sua textura. Ora, esta textura, *o que é?*

A realidade observável é um conjunto de campos. Ora, nesse nível, suas reflexões a propósito de uma ordem transcendente assumem uma amplitude estranha. Efetivamente, os físicos começam a perceber que o que caracteriza um campo é a simetria, ou mais exatamente a invariância global de simetria.

Jean Guitton - O que o senhor quer dizer?

Grichka Bogdanov - Essa "ordem subjacente" sobre a qual repousa a natureza, e da qual resulta tudo o que vemos, é, de fato, a manifestação de algo muito perturbador, totalmente inexplicável até aqui: a simetria primordial.

Suponha que fazemos um disco girar em torno de seu eixo de rotação. Qualquer que seja o número de voltas dadas, ou ainda sua velocidade, a simetria do disco em torno de seu eixo permanece inalterada. Em termos mais rigorosos, o disco foi submetido a uma "invariância de calibre". Por volta da década de 1960, alguns físicos particularmente audaciosos demonstraram que toda simetria requer a existência de um "campo de calibre", destinado a conservar a invariância global do disco, a despeito das transformações locais que sofre, ponto por ponto, no momento em que gira.

Jean Guitton - Em suma, o que o senhor chama de "campo de calibre" é o que impede o disco de se deformar e, por conseguinte, de perder sua simetria original...

Grichka Bogdanov - É mais ou menos isso, transportado de novo para nossa escala. Contudo, não nos esqueçamos de que estamos evocando fenômenos que ocorrem nesse mundo extraordinariamente estranho, o infinitamente pequeno.

Jean Guitton - Antes de ir mais longe, desejo fazer com que se partilhe o que sinto: uma impressão de felicidade intelectual diante do conceito de simetria, para mim novo. Desde sempre eu sei, ou antes sinto, que o Universo repousa sobre uma ordem subjacente, uma espécie de equilíbrio estrutural que tem qualquer coisa de admirável,

de belo, como pode sê-lo o caráter simétrico de um objeto. É por isso que espero da física moderna que me diga em que, em sua intimidade, a natureza é "simétrica".

Igor Bogdanov - Retornemos às origens do Universo. Em sintonia com a fórmula bíblica, poderíamos dizer que naquela época longínqua, compreendida entre quinze e vinte bilhões de anos, era a simetria. Lembremo-nos do big bang: no "tempo de Planck" reina a simetria absoluta. Ela se manifesta pela presença, no Universo nascente, de partículas elementares que evoluem quatro a quatro, e que são denominadas glúons. Ora, esses glúons são de massa nula e rigorosamente semelhantes - em outras palavras, simétricos.

A partir daí, podemos adiantar a seguinte hipótese: essa simetria primordial foi quebrada por uma súbita ruptura de equilíbrio entre as massas dos glúons: enquanto apenas um glúon conserva uma massa nula (tornando-se assim o mensageiro da força eletromagnética), os três outros, ao contrário, adquirem uma massa extremamente elevada, cem vezes superior à do próton. Assim aparece o que se chama de interação fraca, cuja existência já mencionamos anteriormente.

Jean Guitton - Se a simetria, isto é, o perfeito equilíbrio entre as entidades originais, caracterizava o Universo em seus primórdios, por que uma tal simetria se quebrou "espontaneamente"? O que se passou?

Grichka Bogdanov - Ninguém sabe, pelo menos por enquanto. Uma das explicações, proposta pelo físico Peter Higgs, é que existem partículas "fantasmas", ainda não detectáveis, cujo papel consistiu em quebrar a simetria que reinava entre os *quanta* originais.

Jean Guitton - Mais ou menos como uma bola rolando entre as peças arrumadas de um jogo de boliche...

Grichka Bogdanov - Exatamente. Um dos desafios da física do futuro será o de pôr em evidência essas partículas fantasmas, graças a aceleradores de partículas suficientemente potentes.

Jean Guitton - Em todo caso, agrada-me reter o essencial: o Universo-máquina, o Universo granular, composto de matéria inerte, não existe. O real é subtendido por campos, dos quais encontramos em primeiro lugar um campo primordial, caracterizado por um estado supersimétrico, um estado de ordem e de perfeição absolutas. Será que os espantarei se concluir que esse estado de perfeição, posto pela ciência nas origens do Universo, me parece pertencer a Deus?

Igor Bogdanov - Sua conclusão demanda uma evocação mais fina daquilo que, precisamente, põe fim ao determinismo mecanicista e a toda abordagem materialista do real.

Sabemos doravante que as partículas elementares não têm qualquer existência em sentido estrito, que não são mais que manifestações provisórias de campos imateriais. Isto nos obriga a responder à seguinte pergunta: os campos são a realidade última? São entidades estranhas, imersas na geometria? Ou bem, ao contrário, não são outra coisa senão a própria geometria?

De fato, de tudo o que foi dito antes, resulta que o espaço e o tempo são projeções ligadas aos campos fundamentais, e que eles não têm qualquer tipo de existência independente. Em outras palavras: a imagem de um espaço vazio, que serve de palco ao mundo material, não tem mais sentido que a de um tempo absoluto, no qual os fenômenos nascem e se desenvolvem ao longo de um encadeamento imutável de causas e efeitos.

Jean Guitton - Vejamos até onde chegamos: os campos são os verdadeiros suportes daquilo a que chamei espírito de realidade; entretanto, as reflexões que desenvolvemos deixam intacta esta questão: de que são constituídos esses campos?

Grichka Bogdanov - Para começar, como vimos, o vácuo não existe: não há região do espaço-tempo na qual não se encontre "nada"; em toda parte encontramos campos quânticos mais ou menos fundamentais. Mais ainda: esse vácuo é o teatro de acontecimentos permanentes, de flutuações incessantes, de violentas "tempestades quânticas", durante as quais novas entidades subatômicas são criadas e, quase imediatamente, destruídas.

Igor Bogdanov - É preciso sublinhar que essas partículas virtuais, geradas pelos campos quânticos, são mais do que abstrações; por mais fantasmáticas que sejam, seus efeitos existem no mundo físico ordinário e são, por conseguinte, mensuráveis.

Jean Guitton - Se os seres quânticos são gerados por campos fundamentais - em outras palavras, se eles provêm do vácuo -, o que é a realidade fundamental, senão "alguma coisa" cuja natureza não é mais que a pura informação?

Grichka Bogdanov - Em apoio à sua intuição, são cada vez mais numerosos os físicos que consideram o Universo como uma espécie de quadro informático, uma vasta matriz de informação. A realidade deveria então aparecer para nós como uma rede de interconexões infinitas, uma reserva ilimitada de planos e de modelos possíveis, que se cruzam e se combinam segundo leis que nos são inacessíveis e que talvez jamais compreendamos.

Jean Guitton - Sem dúvida é nisso que pensa o físico David Bohm, quando afirma que existe uma ordem implícita, oculta nas profundezas do real. Nesse sentido, precisaríamos admitir que o Universo inteiro está como que cheio de inteligência e de intenção: desde a menor partícula elementar até as galáxias. O extraordinário é que nos dois casos se trata da mesma ordem, da mesma inteligência.

Igor Bogdanov - Acredito ser útil esclarecer o que pensam os físicos quando afirmam que o Universo é uma imensa rede de informação. Um dos pesquisadores que formalizou essa hipótese com mais entusiasmo é um teórico chamado Edward Fredkin. A seu ver, sob a superfície dos fenômenos, o Universo funciona como se fosse composto de uma rede tridimensional de interruptores, mais ou menos como as unidades lógicas de um computador gigante. É por isso que, nesse Universo, as partículas subatômicas e os objetos que elas engendram com suas combinações não são mais que "esquemas de informação" em perpétuo movimento.

Jean Guitton - Se Fredkin estiver com a verdade, e se for possível formular as leis que permitem que a informação universal ordene o real, compreenderemos então por que as leis da física funcionam: a próxima etapa será a da física "semântica", a das significações. Essa revolução científica me parece abrir a terceira era da física. A primeira foi a de Galileu, de Kepler e de Newton, durante a qual o catálogo dos movimentos foi erigido, sem que se tenha explicado o que era o movimento; a segunda é a física quântica, que estabelece o catálogo das leis da mudança, sem explicar a lei; a terceira, que ainda está por vir, é a decifração da própria lei física.

Grichka Bogdanov - Não podemos deixar de reconhecer, entretanto, que a desvalorização dos conceitos de *matéria* e de *energia* em favor do "nada" da informação não se fará sem dificuldade: como abandonar o material físico que funda nossa existência, para substituí-lo por um "programa de significação"? Como os elementos de conhecimento, duramente adquiridos pela ciência, podem ser convertidos nesses novos fundamentos? Como e onde ir sondar os segredos desse Universo de significação? Os processos fundamentais que governam o Universo no nível da "rede de informação" estão, mais uma vez, situados além dos quanta; quando nossa tecnologia nos permitir penetrar em níveis de existência ainda mais ínfimos, talvez comecemos a garantir nosso domínio - precário - sobre o reino nebuloso da informação cósmica.

O Espírito Na Matéria

No fundo, tudo se passa como se o espírito, em suas tentativas para penetrar nos segredos do real, descobrisse que esses segredos têm algo em comum com ele próprio. O campo de consciência poderia pertencer ao mesmo continuum do campo quântico. Não esqueçamos este princípio essencial da teoria quântica: o próprio ato de observação, ou seja, a consciência do observador, intervém na definição e, mais profundamente ainda, na existência do objeto observado; observador e coisa observada formam um único e mesmo sistema.

Essa interpretação do real, oriunda dos trabalhos da Escola de Copenhague, abole toda distinção fundamental entre matéria, consciência e espírito. Permanece apenas uma interação misteriosa entre esses três elementos de uma mesma Totalidade. Lembremo-nos de uma das experiências mais fascinantes da física quântica: a das fendas de Young. Segundo a equação de Schrödinger, quando partículas de luz passam através da fenda de um anteparo para atingir o filme que se encontra atrás, 10% destas partículas se chocam contra uma zona A, enquanto as 90% restantes encontram uma zona B. Ora, o comportamento de uma partícula isolada é imprevisível: só o modelo de distribuição de um grande número de partículas obedece a leis estatísticas previsíveis. Se enviarmos as partículas uma a uma através da fenda, teremos a impressão, depois que 10% delas atingirem a zona A, de que as partículas seguintes "sabem" que a probabilidade está cumprida e que devem evitar essa zona.

Por quê? Que tipo de interação existe, então, entre cada partícula? Trocam entre si alguma coisa que possa ser chamada de sinal? Sorvem, diretamente na rede do campo quântico, a informação que lhes permite guiar seu comportamento?

É o que vamos tentar descobrir, decompondo passo a passo a célebre experiência das fendas de Young...

Igor Bogdanov - Para encontrar aquilo a que chamamos "espírito" no cerne da matéria, vamos penetrar no cerne da estranheza quântica, abordando uma experiência perturbadora, que há muitos anos desemboca num mistério. Essa experiência, sobre a qual já dissemos algumas palavras, é conhecida pelo nome de "experiência da dupla fenda": ela constitui o elemento fundamental da teoria quântica.

Jean Guitton - Por que motivo?

Grichka Bogdanov - Porque, como disse um dia o físico americano Richard Feynman, coloca em evidência "um fenômeno que é impossível explicar pela via clássica e que abriga o cerne da mecânica quântica. Na verdade ele encerra o único mistério..."

Igor Bogdanov - Se quisermos chegar, não a resolver tal mistério, mas simplesmente a fazer uma idéia - mesmo vaga - daquilo que ele encobre, vamos precisar abandonar, uma vez mais, nossas referências ao mundo cotidiano.

Jean Guitton - Niels Bohr tinha um modo particular de descrever essa estranheza à qual o senhor alude. Quando alguém lhe expunha uma idéia nova, susceptível de resolver um dos enigmas da teoria quântica, ele se divertia em responder: "Sua teoria é louca, mas não o bastante para ser verdadeira."

Grichka Bogdanov - Nesse sentido, o sucesso da teoria quântica é o de se ter edificado à margem da razão ordinária e quase sempre contra ela. É por isso que há algo "louco" nessa teoria, algo que doravante ultrapassa a ciência. Sem que o saibamos ainda claramente, é nossa representação do mundo que está em jogo e começa a balançar irreversivelmente.

Jean Guitton - Podemos retornar a um exemplo de tal abalo?

Grichka Bogdanov - Tomemos uma flor. Se resolvo colocá-la fora do alcance da minha vista, num outro cômodo, nem por isso ela deixa de existir. É isso, em todo caso, o que a experiência cotidiana me permite supor. Ora, a teoria quântica nos diz algo inteiramente diferente: sustenta que, se observarmos essa flor com bastante sutileza, ou seja, no nível do átomo, sua realidade profunda e sua existência estão intimamente ligadas ao modo pelo qual a observamos.

Jean Guitton - Estou pronto a admitir que o mundo atômico não tem qualquer existência definida enquanto não lhe aplicamos um instrumento de medida. O que conta é o jogo de consciência a consciência. Retomando uma expressão matemática: o papel de "quantificador existencial" que, doravante, cabe ao espírito e só a este, no cerne dessa realidade que erradamente persistimos em chamar de material.

Igor Bogdanov - Tentemos estabelecer claramente esse jogo de consciência a consciência, retornando minuciosamente à famosa experiência que o físico inglês Thomas Young realizou pela primeira vez em 1801.

Imaginemos novamente o dispositivo: uma superfície plana perfurada por duas fendas, com uma fonte luminosa na frente e uma tela atrás.

O que acontece quando os "grãos de luz", que são os fótons, atravessam as duas fendas e encontram a tela que está atrás?

A resposta, desde 1801, é clássica: observa-se na tela uma série de riscas verticais, alternadamente escuras e claras, cujo traçado geral evoca imediatamente o fenômeno das interferências.

Jean Guitton - Nesse caso deveríamos estar em condições de concluir, como aliás o fez Young, que a luz é comparável a um fluido, que se propaga por meio de ondas da mesma natureza das que se formam na água.

Ora, já sublinhamos que essa não é a conclusão de Einstein. Para ele, a luz é feita de pequenos grãos, os fótons. Como miríades de grãos em turbilhão, separados uns dos outros, podem constituir as figuras coerentes e precisas das tiras sucessivamente escuras e claras?

Grichka Bogdanov - Está aí, precisamente, o mistério. Para apreender sua amplitude, proponho acompanhar a experiência etapa por etapa.

Suponhamos, primeiro, que eu feche uma das duas fendas, a da esquerda, por exemplo. Neste caso, os fótons vão ter que passar só pela fenda da direita. Reduzamos a intensidade da fonte luminosa, de modo que ela emita os fótons um a um.

Agora, "atiremos" um fóton. Um instante depois, ele passa pela única fenda aberta e atinge a tela. Como conhecemos sua origem, sua velocidade e sua direção, deveríamos, com o auxílio das leis de Newton, predizer exatamente o ponto de impacto de nosso fóton sobre a tela.

Introduzamos agora um elemento novo na experiência: vamos abrir a fenda da esquerda. Depois, seguiremos a trajetória de um novo fóton em direção à mesma fenda anterior, a da direita. Lembremos que nosso segundo fóton parte do mesmo lugar que o primeiro, desloca-se com a mesma velocidade e na mesma direção.

Jean Guitton - Se entendi bem, a única diferença no decorrer desse segundo "tiro de fóton" é que, contrariamente ao primeiro caso, a fenda da esquerda está agora aberta...

Grichka Bogdanov - Exatamente. Pela lógica, o fóton número dois deveria bater na tela exatamente no mesmo lugar que o fóton número um.

Ora, não é isso, absolutamente, o que acontece. Com efeito, o fóton número dois atinge a tela num outro lugar, perfeitamente distinto do ponto de impacto anterior.

Em outras palavras, tudo se passa como se o comportamento do fóton número dois tivesse sido modificado pela abertura da fenda da esquerda. O mistério, portanto, é este: como o fóton "descobriu" que a fenda da esquerda estava aberta? Antes de tentar uma resposta vamos mais longe. Continuemos a atirar fótons um a um em direção ao anteparo, sem "visar" uma ou outra fenda. O que constatamos, ao cabo de certo tempo? Que, contra qualquer expectativa, a acumulação dos impactos de fótons sobre a tela forma progressivamente a mesma trama de interferências produzida instantaneamente no decorrer da experiência inicial.

Aqui ainda, coloca-se uma questão sem resposta: como cada fóton "sabe" em que parte da tela deve bater para formar, com seus vizinhos, uma imagem geométrica, representando uma seqüência de riscas verticais perfeitamente ordenadas? Foi precisamente esta a pergunta feita em 1977 pelo físico americano Henry Stapp, profundamente abalado com tais resultados: "Como a partícula sabe que há duas fendas? Como a informação sobre o que se passa em qualquer outro lugar é reunida para determinar o que provavelmente vai acontecer aqui?"

Jean Guitton - Tem-se quase a impressão de que os fótons são dotados de uma espécie de consciência rudimentar, o que me reconduz irresistivelmente ao ponto de vista de Teilhard de Chardin, para quem tudo no Universo, até a mais ínfima partícula, é portador de um certo grau de consciência...

Igor Bogdanov - No estado atual da ciência, a maioria dos cientistas não compartilha essa opinião. Entretanto, alguns queimam etapas e chegam a imaginar que as partículas elementares são dotadas de uma propriedade mais ou menos comparável ao livre arbítrio. É, por exemplo, o caso do físico americano Evan Walker, que expôs, em 1970, esta surpreendente tese: "A consciência pode ser associada a todos os fenômenos quânticos... Já que todo evento é, em última instância, o produto de um ou vários eventos quânticos, o Universo é habitado por um número quase ilimitado de entidades conscientes, discretas (no sentido matemático), geralmente não pensantes, que têm a responsabilidade de fazer o Universo funcionar."

Grichka Bogdanov - Sem chegar a falar de consciência, não deixa de ser perturbador constatar que a realidade observada está ligada ao ponto de vista adotado pelo observador. Vejamos outro exemplo. Suponhamos que eu consiga observar por qual fenda passa cada um dos fótons que participam da experiência.

Neste caso, por mais surpreendente que isso possa parecer, não constato na tela a formação de uma trama de interferências! Em outras palavras, se decido verificar experimentalmente que o fóton é mesmo uma partícula que atravessa uma fenda definida, então nosso fóton comporta-se exatamente como uma partícula que passa por um orifício.

Ao contrário, se não me esforço para seguir a trajetória de cada fóton durante a experiência, então a distribuição das partículas sobre a tela acaba por formar uma figura que mostra a interferência de ondas.

Jean Guitton - Em suma, tem-se aqui a impressão de que os fótons "sabem" que são observados e, mais exatamente ainda, de que maneira são observados.

Igor Bogdanov - É mais ou menos isso, embora seja ilusório pensar que o conceito de consciência possa ser aplicado às entidades que povoam o universo quântico. Em compensação, essa espantosa experiência confirma que não tem sentido falar da existência objetiva de uma partícula elementar num ponto definido do espaço. Uma vez mais, uma partícula só existe sob a forma de um objeto pontual, definido no espaço e no tempo, quando é diretamente observada.

Grichka Bogdanov - No fundo, a única maneira de compreender os resultados dessa experiência consiste em abandonar a idéia de que o fóton é um objeto determinado.

Na realidade, ele existe apenas sob a forma de uma onda de probabilidade, que atravessa simultaneamente as duas fendas e interfere consigo mesma na tela.

Jean Guitton - Concluo que não existe melhor exemplo de interpenetração de matéria e espírito: quando tentamos observar essa onda de probabilidade, ela se transforma numa partícula precisa; ao contrário, quando não a observamos, ela mantém abertas todas as suas opções. Isso leva a pensar que o fóton manifesta um conhecimento do dispositivo experimental, inclusive daquilo que o observador pensa e faz. **Num certo sentido, as partes estão, portanto, em relação com o todo...**

Igor Bogdanov - Em suma, o mundo se determina no último momento, no instante da observação. Antes, nada é real, no sentido estrito. Assim que o fóton deixa a fonte luminosa, cessa de existir enquanto tal, tornando-se uma cadeia ondulatória de probabilidade.

O fóton original é então substituído por uma série de "fótons fantasmas", uma infinidade de duplês que seguem itinerários diferentes até a tela.

Jean Guitton - Basta observarmos essa tela, para que todos os fantasmas, com exceção de um único, desapareçam. O fóton restante torna-se então real.

Grichka Bogdanov - Isso coloca a questão de saber o que ocorre com um objeto quântico quando cessamos de observá-lo: divide-se numa infinidade de partículas fantasmas, para simplesmente deixar de existir?

Igor Bogdanov - Essa noção de partículas fantasmas tem uma conseqüência interessante do ponto de vista filosófico, e essa constatação não escapou a Niels Bohr. Desde 1917 o grande teórico sugeriu que a idéia de um mundo único podia ser falsa. Voltemos à experiência da dupla fenda: segundo Bohr, nada nos impede de imaginar que os dois casos de figura (representados pelos dois itinerários possíveis do fóton que atravessa a fenda A ou a fenda B) correspondem, na verdade, a dois mundos totalmente diferentes um do outro.

Jean Guitton - Que quer dizer com isso?

Igor Bogdanov - Que neste mundo possível a partícula passa pelo orifício A, enquanto existe um segundo mundo no qual ela atravessa o orifício B.

Grichka Bogdanov - Para chegar ao fim do raciocínio, é preciso acrescentar que o nosso mundo real resulta de uma superposição dessas duas realidades alternativas que, por sua vez, correspondem aos dois itinerários possíveis do fóton. Assim que observamos a tela para saber por que fenda a partícula passou, a segunda realidade desaparece instantaneamente, o que suprime as interferências.

Jean Guitton - O que acaba de ser dito autoriza a arriscar duas conclusões extremas.

A primeira desemboca nesta idéia nova, que até hoje ainda não foi evocada na filosofia: ao lado da nossa realidade não existiriam apenas partículas fantasmas, mas universos completos, mundos "paralelos" ao nosso. Neste caso, caminharíamos num labirinto; uma infinidade de mundos possíveis comprimiriam nossa estreita vereda, todos igualmente reais e verdadeiros, mas inacessíveis. Evocarei mais adiante em quê esta tese me parece muito incerta.

O segundo ponto é que ninguém tem condições de explicar o que se passa no nível do fóton, no momento em que ele "escolhe" passar por A ou por B. O mistério é que, diante da fenda A, o fóton parece saber se a fenda B está aberta ou fechada. Em suma, ele parece conhecer o estado quântico do Universo. Ora, o que é que permite ao fóton escolher tal ou tal itinerário? O que devolve ao nada os mundos fantasmas? Simplesmente a consciência do observador. Fomos reconduzidos ao espírito: nas extremidades invisíveis do nosso mundo, abaixo e acima da nossa realidade, paira o espírito. Talvez ali, no cerne dessa estranheza quântica, nossos

espíritos humanos e o desse ser transcendente a quem chamamos Deus são levados a se encontrar.

Uma palavra mais: a experiência que descrevemos mostra que não vivemos num mundo determinado. Ao contrário. Somos livres e temos o poder de mudar tudo a cada instante. É por isso que as partículas elementares não são fragmentos de matéria, mas simplesmente os dados de Deus.

Igor Bogdanov - Temos aqui uma oportunidade de reconciliar Einstein com os defensores da teoria quântica. Efetivamente, como afirma a teoria em questão, os dados existem mesmo; todavia, de acordo com o ponto de vista de Einstein, não é Deus que joga seus dados, mas o próprio homem.

Jean Guitton - E cabe a nós saber, a cada momento, fazê-los rolar na boa direção .

Os Universos Divergentes

Vimos que a existência e a evolução do Universo dependem da precisão rigorosa com a qual foram estabelecidas as condições iniciais e as grandes constantes que delas decorrem. Parece, portanto, que estamos no melhor dos mundos.

E se o nosso Universo não fosse o único Universo possível? Em outras palavras: existem, ao lado do nosso, outros universos "paralelos", para sempre inacessíveis a nós? Se o nosso Universo é apenas uma versão, entre outras, de uma quantidade infinita de universos possíveis, a fabulosa precisão da regulagem das condições iniciais e das constantes físicas deixa de ser surpreendente.

No entanto, é inevitável reconhecer que a noção de universos múltiplos não repousa sobre qualquer fundamento científico verificável. Uma vez mais, eis-nos confrontados com um Universo singular: o único Universo possível, cujas condições iniciais de aparecimento e cujas constantes físicas foram fixadas com uma precisão vertiginosa.

Pois desde o primeiro instante a matéria contém uma centelha que, no grande afresco cósmico, permite o aparecimento da vida, da consciência e, enfim, de nós mesmos.

Grichka Bogdanov - Acontece às vezes que as idéias mais loucas, aquelas que não parecem ter a menor possibilidade de se realizar um dia, acabam por desembocar numa formulação científica. É o que está acontecendo com uma interrogação que parece tão irracional, que a maioria de nós nem sequer pensa em fazer. Nascida da observação do mundo tal como é, essa questão diz respeito ao mundo tal como ele poderia ser ou poderia ter sido.

Começemos pelo exemplo mais simples. Depois de realizarmos uma determinada ação, nos perguntamos com freqüência o que teria acontecido se não a tivéssemos realizado: em que medida nossa vida cotidiana teria sido modificada? Inversamente, é ainda mais freqüente que tentemos imaginar o que poderia ter acontecido se tivéssemos realizado tal ou tal projeto: em que aspectos o mundo que nos cerca teria mudado? Pouco a pouco, por vezes sem que o percebamos, começamos a imaginar outros mundos possíveis, a elaborar trechos inteiros de uma outra trama histórica, oriunda de um universo paralelo ao nosso.

Jean Guitton - O problema que o senhor coloca é singularmente árduo. Muitas vezes me perguntei, por exemplo, o que teria acontecido se Luís XVI não tivesse sido reconhecido "por acaso" em Varennes? Se Napoleão tivesse vencido em Waterloo?

A primeira coisa que me impressiona é o caráter muitas vezes "gratuito", contingente, de que se reveste esse ou aquele desenvolvimento da História. Toda vez que estudamos minuciosamente a gênese de um evento, assim que tentamos

compreender por que determinada coisa ocorreu, vemos aparecer uma quantidade de fatores até então invisíveis, ligados de forma arbitrária no seio de uma cadeia que parece depender mais do "acaso" do que de um destino explícito. Temos, portanto, o direito de dizer a nós mesmos, quando nos debruçamos sobre nossa vida cotidiana, que teria bastado um nada para que determinado evento não tivesse ocorrido, ou, ao contrário, qualquer coisinha para que outro se tivesse realizado. Nos dois casos, a realidade que conhecemos teria sido diferente.

Igor Bogdanov - Detenhamo-nos um instante neste ponto: parece-lhe, com o recuo, que sua vida poderia ter tomado um caminho diferente? O senhor tem a lembrança precisa de um momento de sua existência em que tudo poderia ter balançado?

Jean Guitton - Sem sombra de dúvida. Para mim, esse momento da escolha entre os mundos possíveis, esse instante tão perturbador durante o qual é preciso dar vida a um universo e, simultaneamente, devolver outro ao nada, ocorreu em 1921, quando completei vinte anos. Fazia dois anos que estava matriculado na Escola Normal Superior, no Departamento de Letras. Ora, estou quase certo de que teria permanecido um "literato", se um evento preciso não me tivesse feito bifurcar. Um dia, o diretor da escola, o Sr. Lanson, teve a boa idéia de pedir ao grande filósofo Émile Boutroux que fizesse uma conferência para os jovens alunos que nós éramos. Boutroux era um monumento vivo de pensamento. Cunhado do mais ilustre matemático de seu tempo, Henri Poincaré, ele representava para mim a própria essência da filosofia. Hoje, setenta anos depois, revejo sua silhueta encurvada, entrando lentamente na chamada Sala das Atas, onde estávamos reunidos. Depois sua voz, como que meio abafada, elevou-se no vazio, acima de nossas cabeças, e ele começou a nos falar da ciência, e, mais tarde, de Deus. As horas passaram suavemente. Um grande silêncio, semelhante ao silêncio do grande Todo na minúcia dos seres, nos envolvera. Sentindo talvez que a palavra que se elevava na noite, como uma lenta mudança do tempo, poderia ser seu último ato filosófico, o ancião levantou a cabeça e concluiu, num murmúrio:

"Tudo é um, mas um está no outro, como as três pessoas". Um sopro, semelhante a uma lufada de vento, percorreu o ar absolutamente silencioso, e eu sabia que naquele instante único, tão belo mas tão trágico, alguma coisa findava para sempre.

"Senhores", disse ele, levantando-se, "agradeço-lhes."

Três meses depois, num frio dia de novembro, aconteceram os funerais de Émile Boutroux. Ao passar diante do Liceu Montaigne, divisei então a silhueta negra do Sr. Lanson, nosso diretor, que avançava penosamente contra o vento. Fiz-lhe um sinal e, impelido pela lembrança do filósofo que acabava de desaparecer, disse-lhe: "

Senhor diretor, resolvi... deixar... o Departamento de Letras... para entrar no de Filosofia.

O sr. Lanson lançou-me um olhar que me pareceu vir de muito longe:

"O Departamento de Letras estava mesmo um pouco sobrecarregado. Agradeço-lhe por ter restabelecido o equilíbrio."

A partir desse dia, mudei definitivamente de universo: tornei-me, desde então, um "filósofo". No entanto, tenho a convicção de que, se o grande Boutroux não tivesse vindo três meses antes para nos falar, eu me teria tornado talvez professor de literatura, ou então romancista. De qualquer modo, Jean Guitton, aquele que considero o verdadeiro, o único Jean Guitton, não teria existido.

Grichka Bogdanov - Essa hipótese dos universos paralelos foi proposta a fim de resolver certos paradoxos oriundos da física quântica que, como se sabe, descreve a realidade em termos de probabilidades. É preciso lembrar que essa interpretação de um mundo onde muitos eventos não se podem predizer com

exatidão, mas podem ser simplesmente descritos como prováveis, desagradava a um grande número de físicos, entre os quais o próprio Albert Einstein. E foi para mostrar os limites das idéias probabilistas que o físico austríaco Erwin Schrödinger propôs a pequena história que se segue.

Imaginemos que um gato seja encerrado numa caixa que contém um frasco de cianeto. Acima do frasco há um martelo cuja queda é provocada pela desintegração de um material radioativo. Quando o primeiro átomo se desintegra, o martelo cai, quebra o frasco e libera o veneno: o gato morre. Por enquanto, a experiência não revela nada de espantoso.

Mas tudo se complica no momento em que, sem abrir a caixa, tentamos prever o que ocorreu dentro dela. Segundo as leis da física quântica, não há qualquer meio de saber em que momento irá ocorrer a desintegração radioativa que desencadeará o dispositivo mortal. No máximo pode-se dizer, em termos de probabilidades, que há, por exemplo, 50% de chances de que uma desintegração ocorra ao cabo de uma hora. Por conseguinte, se não olharmos para dentro da famosa caixa, nosso poder de predição será pequeno: teremos uma chance em duas de nos enganar, afirmando, por exemplo, que o gato está vivo. Na verdade, no interior da caixa reina uma estranha mistura de realidades quânticas, composta de 50% de gato vivo e 50% de gato morto, situação que Schrödinger julgava inadmissível.

Para remediar esse paradoxo, o físico americano Hugh Everett apelou então para a teoria dos "universos paralelos", segundo a qual, no momento da desintegração, o Universo se dividiria em dois, para dar origem a duas realidades distintas: no primeiro universo, o gato estaria vivo, e no segundo, estaria morto. Tão reais um quanto o outro, esses dois universos se teriam de certo modo desdobrado para nunca mais se encontrar. E podemos assim postular a existência de uma infinidade de universos que nos seriam para sempre interditados.

Igor Bogdanov - Do ponto de vista quântico, todos esses universos possíveis, de certo modo adjacentes uns aos outros, coexistem. Voltemos ao exemplo do gato de Schrödinger: antes da observação, há na caixa dois gatos sobrepostos; um está morto, enquanto o outro vive. Estes dois gatos pertencem a dois mundos possíveis, totalmente diferentes um do outro. Todavia, se eu aplico ao pé da letra a interpretação de Copenhague, a função de onda que porta simultaneamente os dois gatos desmorona no momento da observação, arrastando em sua queda um dos dois felinos. O desaparecimento deste último provoca instantaneamente a anulação do segundo mundo possível.

Grichka Bogdanov - Mais precisamente ainda, a interpretação de Copenhague enuncia que os dois estados do gato - que correspondem aos dois aspectos possíveis da função de onda - são, um e outro, irrealis: simplesmente, quando olhamos para o interior da caixa, um dos dois se materializa.

Jean Guitton - Nesse sentido, o próprio ato de observação e a tomada de consciência que este acarreta não só modificam a realidade, mas a determinam! A mecânica quântica evidencia uma ligação íntima entre espírito e matéria. Como então eu não ficaria agitado por uma imensa felicidade de pensador? Eis a confirmação daquilo em que acredito desde sempre: **a soberania do espírito sobre a matéria.**

A Imagem De Deus

Se aceitarmos a idéia de que a realidade resulta das interações de campos entre entidades fundamentais das quais ignoramos tudo, ou quase, precisamos admitir que o mundo é de certo modo comparável a um espelho deformante. Nele, apreendemos, mais ou menos, os reflexos de algo que permanecerá para sempre incompreensível.

A física quântica nos forçou a ultrapassar nossas noções habituais de espaço e de tempo. O Universo repousa sobre uma ordem global e indivisível, tanto na escala do átomo quanto na das estrelas. Não se trata, como diz Hubert Reeves, de uma "influência imanente e onipresente", que se exerce entre todos os objetos aparentemente separados do Universo? Cada uma das partes contém a Totalidade: tudo reflete todo o resto. A xícara de café sobre esta mesa, as roupas que usamos, todos esses objetos que identificamos como "partes", trazem em si, oculta, a Totalidade.

Todos nós seguramos o infinito no côncavo de nossa mão.

Jean Guitton - Estamos no fim do nosso diálogo. No decorrer de todos os nossos encontros, abrimos uma fissura nas altas muralhas edificadas pela ciência clássica. Por trás deste muro, divisamos agora um cenário envolvido em brumas, uma paisagem resplandecente, infinitamente sutil, cujo horizonte é imensamente distante. À luz da teoria quântica, muitos mistérios se iluminam com uma interpretação nova, encontram uma espécie de coerência, sem nada perder, entretanto, de sua verdade original. A física moderna deixa entrever especialmente o seguinte: o espírito do homem emerge de profundezas que se situam bem além da consciência pessoal: quanto mais nos aprofundamos, mais nos aproximamos de um fundamento universal que une a matéria, a vida e a consciência.

Igor Bogdanov - Em apoio ao que o senhor enuncia, basta lembrar aqui uma experiência insólita, conduzida pelo físico francês Léon Foucault em 1851. Lembre-se: nessa época ainda não se tinha a prova experimental de que a Terra girava em torno de si mesma. Para fazer sua demonstração, Foucault pendurou uma pedra muito pesada numa longa corda, cuja extremidade estava presa às abóbadas do Panthéon. Assim, nosso experimentador passou a dispor de um pêndulo enorme, lançado numa bela manhã de primavera. Começou aí o enigma. Para seu grande espanto, Foucault constatou que o plano de oscilação do seu pêndulo - isto é, a direção de suas idas e vindas - não era fixo. Ele girava em torno de um eixo vertical. O pêndulo começara por oscilar na direção leste-oeste, mas algumas horas mais tarde se deslocou para a direção norte-sul. Por que motivo? A resposta de Foucault foi simples: essa mudança de direção não passava de uma ilusão. Na verdade, era a Terra que girava, enquanto o plano de oscilação do pêndulo era rigorosamente fixo.

Jean Guitton - Certamente. Mas fixo em relação a quê? Já que no Universo tudo está em movimento, onde se pode encontrar um ponto de referência imóvel? A Terra gira em torno do Sol, que por sua vez movimenta-se em torno do centro da Via Láctea... Onde pára este balé fantástico?

Igor Bogdanov - Eis a verdadeira questão, revelada pelo pêndulo de Foucault. Pois a Via Láctea está em movimento em direção ao centro do Grupo Local das galáxias vizinhas, que por sua vez são arrastadas para o Superaglomerado Local, isto é, um grupo de galáxias ainda mais vasto. Ora, este gigantesco conjunto de galáxias dirige-se, por sua vez, para o que se chama de "grande atrator", um imenso complexo de galáxias maciças, situado a uma enorme distância.

A conclusão a tirar da experiência de Foucault é estarrecedora: indiferente às massas - no entanto, consideráveis - que representam sóis e galáxias próximas, o plano de oscilação do pêndulo está alinhado por objetos celestes que se encontram a distâncias vertiginosas da Terra, no horizonte do Universo. Na medida em que a totalidade da massa visível do Universo se encontra nos bilhões de galáxias longínquas, isso significa que o comportamento do pêndulo é determinado pelo Universo em seu conjunto, e não apenas pelos objetos celestes que estão próximos da Terra.

Em outras palavras, se levanto este simples copo que está sobre a mesa, coloco em jogo forças que implicam o Universo inteiro: tudo o que se passa em nosso

minúsculo planeta está em relação com a imensidão cósmica, como se cada parte contivesse em si a totalidade do Universo. Com o pêndulo de Foucault, somos forçados a reconhecer que existe uma interação misteriosa entre todos os átomos do Universo. Essa interação não faz intervir qualquer troca de energia, nem qualquer força, mas, mesmo assim, une o Universo numa única totalidade.

Jean Guitton - Tudo se passa, ao que parece, como se uma espécie de "consciência" estabelecesse uma conexão entre cada átomo do Universo. Como escrevia Teilhard de Chardin: "Em cada partícula, cada átomo, cada molécula, cada célula de matéria, vivem escondidas e atuam, incógnitas, a consciência do eterno e a onipotência do infinito."

Grichka Bogdanov - O físico Harris Walker faz eco aos pensamentos de Teilhard, quando sugere que o comportamento das partículas elementares parece ser governado por uma força organizadora.

Jean Guitton - A física quântica nos revela que a natureza é um conjunto indivisível no qual tudo está contido: a totalidade do Universo está presente em toda parte e em todos os tempos. Logo, a noção de espaço que separa dois objetos por uma distância mais ou menos grande não parece mais ter grande sentido. Por exemplo, estes dois livros sobre a mesa: nossos olhos e nosso bom senso nos dizem, evidentemente, que estão separados um do outro por uma certa distância. O que diz o físico? A partir do momento em que dois objetos físicos foram levados a interagir, deve-se considerar que formam um sistema único e que, por conseguinte, são inseparáveis.

Grichka Bogdanov - A noção de inseparabilidade apareceu na década de 1920, com as primeiras teorias, quânticas. Nessa época, suscitou terríveis controvérsias inclusive entre os mais importantes, como Einstein, que, em 1935, publicou um artigo retumbante, destinado a mostrar que a teoria quântica era incompleta. Com dois colegas seus, Podolsky e Rosen, Einstein propôs uma experiência imaginária, célebre hoje com o nome de "experiência EPR", segundo as iniciais dos três autores.

Suponhamos que fizéssemos colidir dois elétrons A e B, um contra o outro e que esperássemos que se afastassem o suficiente para que um não pudesse influenciar o outro de modo algum. Efetuando medidas sobre A, podemos tirar conclusões válidas sobre B, e ninguém poderá pretender que, medindo a velocidade de A, influenciemos a de B. Ora, se nos pautarmos pela mecânica quântica - criticava Einstein -, será impossível saber que direção tomará a partícula A, antes que sua trajetória seja registrada por um instrumento de medida, já que, sempre segundo a teoria quântica, a realidade de um evento depende do ato de observação. Ora, se A "ignora" que direção tomar antes de ser registrado por um instrumento de medida, como poderia B "conhecer" antecipadamente a direção de A e orientar sua trajetória de maneira a ser captado exatamente no mesmo instante na direção oposta?

Segundo Einstein, tudo isso era absurdo: a mecânica quântica era uma teoria incompleta, e aqueles que a aplicavam ao pé da letra tomavam o bonde errado. Na verdade, Einstein estava persuadido de que as duas partículas representavam duas entidades distintas, dois "grãos de realidade", separados no espaço, que não podiam influenciar-se mutuamente.

Ora, a física quântica diz exatamente o contrário. Afirma que essas duas partículas aparentemente separadas no espaço constituem um único e mesmo sistema físico. Em 1982, o físico francês Alain Aspect constatou definitivamente o erro de Einstein, mostrando que existe uma inexplicável correlação entre dois fótons, isto é, dois grãos de luz, que se afastam um do outro em direções opostas. Toda vez que se modifica a polaridade de um dos dois fótons (graças a um filtro), o outro parece imediatamente "saber" o que aconteceu com seu companheiro e sofre instantaneamente a mesma alteração de polaridade. Que explicação se pode dar para

um tal fenômeno? Bem embaraçados para resolver essa questão, os físicos propuseram duas interpretações .

A primeira é que o fóton A "informa" o que se passa ao fóton B, graças a um sinal que vai de um a outro numa velocidade superior à da luz. Depois de obter uma adesão um tanto prudente, essa interpretação é hoje cada vez mais rejeitada pelos físicos, que a ela preferem o que Niels Bohr chamava de "indivisibilidade do quantum de ação", ou ainda "inseparabilidade da experiência quântica".

De acordo com essa segunda interpretação, devemos aceitar a idéia de que os dois grãos de luz, mesmo separados por bilhões de quilômetros, fazem parte de uma mesma totalidade: existe entre eles uma espécie de interação misteriosa que os mantém em contato permanente. Para dar um exemplo muito aproximativo, digamos que, se queimo minha mão esquerda, minha mão direita será imediatamente informada e fará um movimento de recuo semelhante ao da esquerda, porque minhas duas mãos fazem parte da totalidade do meu organismo.

Jean Guilton - Esses resultados acabam colocando em questão as próprias noções de espaço e de tempo, no sentido em que entendemos estas palavras.

Isso me lembra uma discussão que tive, faz já meio século, com Louis de Broglie. Estávamos diante do Panthéon e ele me dizia que a física e a metafísica, os fatos e as idéias, a matéria e a consciência não eram se não uma única e mesma coisa. Para ilustrar seu pensamento, apelou para uma imagem da qual me lembrarei sempre: a do redemoinho num rio. "A uma certa distância", disse-me ele, "distingue-se nitidamente a água agitada do redemoinho em relação à corrente mais calma do rio. São percebidos como duas `coisas' separadas. Mas, ao nos aproximarmos, torna-se impossível dizer onde termina o redemoinho e onde começa o rio; a análise em partes distintas e separadas não tem mais qualquer sentido; o redemoinho não é realmente algo separado, mas um aspecto do todo."

Grichka Bogdanov - Podemos ir mais longe ainda para tentar compreender os físicos, quando afirmam que o todo e a parte são uma única e mesma coisa. Eis um exemplo impressionante: o do holograma. A maioria das pessoas que viram uma imagem holográfica (que se obtém projetando um feixe de raios laser através do filme sobre o qual uma cena foi registrada) tiveram a estranha impressão de contemplar um objeto real em três dimensões. Podemos nos deslocar em torno da projeção holográfica e observá-la sob ângulos diferentes, exatamente como um objeto real. Só ao passar a mão pelo objeto constatamos que não há nada.

Ora, se tomarmos um microscópio suficientemente potente para observar a imagem holográfica de uma gota d'água, por exemplo, veremos os microrganismos que se encontravam na gota original.

Isso não é tudo. A imagem holográfica possui uma característica ainda mais curiosa. Admitamos que eu tire uma fotografia da torre Eiffel. Se rasgar o negativo da minha foto em dois e mandar revelar uma dessas duas metades, obterei, é claro, apenas uma metade da imagem original da torre.

Tudo muda com a imagem holográfica. Por mais estranho que possa parecer, se rasgarmos um pedaço de um negativo holográfico e o colocarmos num projetor laser, não obteremos uma "parte" da imagem, mas a imagem inteira. Mesmo que eu rasgue o negativo umas dez vezes, para só conservar uma parte minúscula, esta última conterá toda a imagem.

Isso mostra de maneira espetacular que não existe correspondência unívoca entre as regiões (ou partes) da cena original e as regiões da chapa holográfica, como acontece com o negativo de uma foto comum. A cena inteira foi registrada em todo o filme holográfico, de modo que cada uma das "partes" do filme reflete sua totalidade.

Para David Bohm, o holograma apresenta uma analogia impressionante com a ordem global e indivisível do Universo.

Jean Guitton - Mas o que acontece no filme holográfico para produzir esse efeito, que faz com que cada "parte" contenha a totalidade?

Igor Bogdanov - Segundo Bohm, trata-se apenas de uma versão instantânea, petrificada, daquilo que ocorre numa escala infinitamente mais vasta em cada região do espaço, através de todo o Universo, do átomo às estrelas, das estrelas às galáxias.

Jean Guitton - Ao ouvi-lo, tive a resposta intuitiva a uma pergunta que me fiz, lendo a Bíblia: por que está escrito que Deus criou o homem à sua imagem? Não creio que tenhamos sido criados à imagem de Deus: nós somos a própria imagem de Deus... Um pouco como a chapa holográfica, que contém o todo em cada parte, cada ser humano é a imagem da totalidade divina.

Grichka Bogdanov - Posso ajudá-lo, talvez, a esclarecer seu pensamento, indo mais longe nos caminhos dessa metáfora aberta por nossos famosos hologramas. Para isso, é preciso primeiro lembrar que a matéria é também ondas, como mostrou Louis de Broglie. A matéria dos objetos é portanto, ela mesma, composta de configurações ondulatórias, que interferem com as configurações de energia. A imagem que disso decorre é a de uma configuração de matéria e energia dotada de um código - isto é, similar ao holograma -, propagando-se incessantemente através de todo o Universo. Assim como cada região da chapa holográfica, cada região do espaço, por menor que seja - descendo até o simples fóton, que é também uma onda ou um "pacote de ondas" -, contém a configuração do conjunto. O que acontece em nosso pequeno planeta é ditado por todas as hierarquias das estruturas do Universo.

Jean Guitton - Devo confessar que é uma visão de tirar o fôlego: um Universo holográfico infinito, onde cada região, embora distinta, contém o todo. Eis-nos então reconduzidos, uma vez mais, à imagem da totalidade divina, tanto no espaço quanto no tempo.

É bem assim que desembocamos no princípio de um Universo sem descontinuidade, holisticamente ordenado: tudo reflete todo o resto. É preciso ver aí uma das mais importantes conquistas da teoria quântica. Mesmo que nosso espírito ainda não tenha assimilado todas as suas conseqüências, essa revolução representa algo bem mais importante do que a passagem da idéia de uma Terra plana à de uma Terra esférica, no fim da Idade Média. A xícara de café sobre esta mesa, as roupas que usamos, este quadro que acabo de pintar, todos esses objetos que identificamos como partes contêm em si a totalidade oculta: poeiras cósmicas e átomos de Deus, ***todos nós seguramos o infinito no côncavo de nossa mão.***

Em Direção Ao Metarrealismo

Ao longo de todo este diálogo, tentamos mostrar que o antigo materialismo – aquele que rechaçava o espírito para o universo fluido da metafísica – doravante não tem mais vigência. De certo modo “tranquilizador e completo”, o materialismo exercia sobre nós irresistível sedução de antiga lógica; os elementos do Universo eram firmes e estáveis, e os mistérios do cosmo, suas incertezas aparentes, não eram mais que a confissão da nossa próprias incompetência, dos nossos limites interiores: em suma, problemas que, num tempo mais ou menos distante, seriam por sua vez resolvidos.

Mas a nova física e a nova lógica subverteram essa concepção. O princípio da complementaridade enuncia que os constituintes elementares da matéria, como os elétrons, são entidades de dupla face; eles nos aparecem ora como grãos de matéria sólida, ora como onda imateriais. Essas duas descrições se contradizem, e no entanto

o físico precisa das duas ao mesmo tempo. É então forçado a trata-las como se fossem simultaneamente exatas e coexistentes. A partir disso, Heisenberg foi o primeiro a compreender que a complementaridade entre o estado de grão e o de onda põe fim, para sempre, ao dualismo cartesiano entre matéria e espírito: um e outro são os elementos complementares de uma única e mesma realidade.

Assim se encontra modificada, de maneira profunda e irreversível, a distinção fundamental entre matéria e espírito. Daí uma nova concepção filosófica, à qual demos o nome de metarrealismo.

Essa via natural, oferecida pela física quântica, transforma a imagem que o homem faz do Universo de maneira bem mais radical do que o fez a revolução de Copérnico. Ainda que a maioria ainda não tenha tomado consciência de uma tal mudança, ainda que os dogmas e os tabus da ciência do século XIX sobre os conceitos de espaço, tempo, matéria e energia, prisioneiros da causalidade e do determinismo, dominem o pensamento do "homem sensato", não está longe o tempo em que essas noções do passado só serão consideradas como anacronismos na história das idéias.

Ao desmaterializarem o próprio conceito de matéria, os físicos nos ofereceram, ao mesmo tempo, a esperança de uma nova via filosófica: a do metarrealismo, via de um certo além, aberta à última fusão entre matéria, espírito e realidade.

Jean Guitton - Chegou o momento, no que se refere a esta última etapa do nosso diálogo, de procurar uma saída para esse velho debate que opôs durante tanto tempo as duas doutrinas fundamentais sobre a natureza do Ser: o materialismo e o espiritualismo. Do mesmo modo, precisaremos buscar uma terceira via entre essas duas filosofias do conhecimento, que são o realismo e o idealismo. Aí, ao termo de uma síntese entre o espírito e a matéria, vamos encontrar esta nova visão do mundo, ao mesmo tempo doutrina ontológica e teoria do conhecimento: o **metarrealismo**.

Igor Bogdanov - Parece-me importante, neste ponto, precisar as diferenças entre espiritualismo e idealismo, de um lado, e entre materialismo e realismo, do outro.

Jean Guitton - Embora complementares, estes dois pares dizem respeito a dois problemas diferentes um do outro: enquanto o espiritualismo (que se opõe ao materialismo) é uma doutrina sobre o Ser, o idealismo (oposto ao realismo) é uma teoria do conhecimento. Aos olhos de um espiritualista, a realidade tem uma dimensão puramente espiritual; ao contrário, o materialismo reduz o real a uma dimensão estritamente mecânica; o espírito não desempenha aí qualquer papel e, aliás, não tem existência independente.

Vejamos agora o idealismo, para o qual o real não é acessível. Ele existe na condição de realidade independente? É impossível afirmá-lo: existem apenas as percepções que temos do real. Para o realismo, ao contrário, o mundo tem uma realidade objetiva independente do observador; nós o percebemos tal como ele é.

Nenhuma dessas atitudes me parece hoje coincidir com o real e as representações que este suscita: o único modelo do mundo doravante admissível repousa sobre a física moderna.

No decorrer de minhas reflexões, isolei este pensamento de Heisenberg, que me parece muito importante reter, na tese que desejamos defender: "Conservando no espírito a estabilidade intrínseca dos conceitos da linguagem normal no decorrer da evolução científica, vemos que - depois da experiência da física moderna - nossa atitude com relação a conceitos como o espírito humano, a alma, a vida ou Deus será diferente da que tinha o século XIX."

Igor Bogdanov - Considerações análogas levaram o físico Eddington a fazer a seguinte observação: "Podemos dizer, talvez, que a conclusão a tirar desses argumentos da ciência moderna é que a religião se tornou possível, para um cientista razoável, por volta de 1927."

Jean Guitton - O ano de 1927 é um dos mais importantes na história do pensamento contemporâneo. Ele marca a arrancada da filosofia metarrealista. É o ano em que Heisenberg expõe seu "princípio da incerteza", em que o cômico Lemaître anuncia sua teoria sobre a expansão do Universo, em que Einstein propõe sua teoria unificada dos campos, em que Teilhard de Chardin publica os primeiros elementos de sua obra. E é o ano do Congresso de Copenhague, que marca a formalização da teoria quântica. Não é significativo que essas revoluções epistemológicas tenham sido provocadas por homens de ciência?

Os próprios filósofos devem interrogar-se sobre a significação profunda dessas revoluções, respondendo especialmente a esta pergunta: o que é que a ciência busca nos transmitir? Quais são os novos valores que ela propõe e em que contribui para forjar uma nova visão do mundo?

Para responder, precisaremos adotar um ponto de vista metarrealista: as repercussões da ciência no campo filosófico nos dão pela primeira vez os meios de fazer a síntese entre o materialismo e o espiritualismo, de conciliar o realismo e o idealismo: a realidade imanente que percebemos une-se então ao princípio transcendente que se supõe ter-lhe dado origem.

Lembremos que os filósofos espiritualistas são unânimes em negar uma origem material ao espírito humano, afirmando que o pensamento é um dado do Universo anterior à matéria. Alguns deles, mais extremistas ainda, chegam a negar a existência autônoma da matéria. É o caso de Berkeley, para quem o Universo é apenas uma imagem de Deus.

Igor Bogdanov - As "mônadas" de Leibniz não são igualmente uma forma de espiritualismo?

Jean Guitton - Sim, mas levado ao extremo. O sistema filosófico de Leibniz conduz a uma espécie de espiritualismo objetivo, na medida em que postula, como ocorre em Platão ou em Hegel, a existência de uma base espiritual "objetiva", distinta da consciência humana e independente dela. Essa base espiritual objetiva nada mais era senão a idéia absoluta, de Hegel, ou, mais simplesmente, Deus. Nesse caso, Deus é transcendente ao Universo e não se confunde com ele.

Grichka Bogdanov - Neste ponto põe-se a questão: se o Universo repousa sobre a existência de um Ser transcendente, como ter acesso a este Ser? Não estamos, de fato, apartados da essência profunda desse Universo?

Igor Bogdanov - É esse ponto de vista que as correntes idealistas desenvolvem. Sob o nome de idealismo reagrupam-se as filosofias para as quais a realidade "em si" não é cognoscível: a única evidência de um mundo exterior reside em nossas percepções, em nossas sensações de cor, de dimensão, de gosto, de forma, etc. Desde o dia em que nascemos, nos ensinam que devemos ter uma percepção comum do mundo. O que uma pessoa percebe como uma árvore, uma flor, um rio, todas as outras pessoas devem perceber como árvore, flor e rio. Isto é a consequência direta de nossas crenças comuns num mundo "em si".

Ora, o cibernético Heinz von Foerster enuncia que o espírito humano não percebe o que está ali, mas o que crê estar ali. Nossa faculdade de ver depende da retina, que absorve a luz do mundo exterior e depois transmite sinais ao cérebro. Esse mesmo esquema se aplica, aliás, a todas as nossas percepções sensoriais. No entanto, a retina não percebe a cor, explica Foerster; ela é cega à qualidade do estímulo e só é sensível à sua quantidade. "Isso não deveria constituir uma surpresa",

acrescenta ele, "pois na verdade não há nem luz nem cor em si: há apenas ondas eletromagnéticas".

Do mesmo modo, não há nem sons nem músicas, apenas variações momentâneas da pressão do ar sobre nossos tímpanos. Não há calor nem frio, apenas moléculas com mais ou menos energia cinética; e assim por diante.

Segundo os idealistas, em suma, não nascemos fazendo parte do mundo: ***nascemos fazendo parte de alguma coisa que construímos no interior do mundo.*** O idealismo impõe a idéia de que cada um de nós vive numa espécie de "esfera de consciência" que interfere ao mesmo tempo com o real desconhecido e com outras esferas de consciência. Uma vez mais, a concepção de uma realidade objetiva evapora-se: interrogar-se sobre a realidade que nos cerca, sem levar em conta aqueles que a observam, não tem então qualquer sentido.

No fundo, minha própria "esfera de consciência" não me informa em nada sobre a própria realidade: meu conhecimento do mundo reduz-se às idéias que faço dele; quanto ao real além dos meus sentidos, permanece, segundo a expressão de Bernard d'Espagnat, obscuro, "velado", misterioso e, provavelmente, incognoscível.

Grichka Bogdanov - Reencontramos aí o idealismo na física: o real não é apreensível, mensurável; em última análise, só existe através de um ato de observação.

Jean Guitton - O que podemos dizer desse real enigmático? Gostaria de voltar a uma idéia sobre a qual já falamos neste livro: tenho a intuição de que estamos mergulhados nesse famoso campo de informação feito de consciência e de matéria, que descrevemos acima.

Grichka Bogdanov - E somos de novo levados à teoria do campo quântico. Nela, as partículas elementares são consideradas como a manifestação de um campo quântico no qual a matéria e todos os seus movimentos são produzidos por uma espécie de campo de informação subjacente. O físico Hamilton vai ainda mais longe quando enuncia que a matéria é talvez o resultado de uma série de interações entre "campos de informação": uma partícula só se dispersa no "mundo real" através de um movimento de onda, oriundo de um oceano de informações, como uma grande vaga de água que é produzida pelo movimento geral do oceano. Esse fluxo constante, essa espécie de "maré", é que dá origem a um objeto, o qual tem todas as propriedades de uma partícula material.

Analogamente, segundo a interpretação de David Bohm, as partículas elementares são oriundas de um campo quântico global. A informação desempenha aí um papel determinante, dando origem não só aos processos quânticos, mas também às próprias partículas. Ela é responsável pela maneira como os processos quânticos se desdobram a partir do campo quântico do Universo.

Jean Guitton - Tudo isso confirma que a ordem do espírito e a da matéria não são irreduzíveis, mas se alinham num espectro de ordem geral que se estende da ordem mecânica à ordem "espiritual". Se o espírito e a matéria têm como origem um espectro comum, torna-se claro que sua dualidade é uma ilusão, devida ao fato de que só se consideram os aspectos mecânicos da matéria e a qualidade intangível do espírito.

Igor Bogdanov - Atingimos aqui uma idéia análoga ao "princípio da incerteza", de Heisenberg. Nele, está implícito que nós não observamos o mundo físico: participamos dele. Nossos sentidos não estão separados do que existe "em si", mas estão intimamente implicados num processo complexo de feedback cujo resultado final é, efetivamente, criar o que é "em si".

Segundo a nova física, sonhamos o mundo. Nós o sonhamos como algo durável, misterioso, visível, onipresente no espaço e estável no tempo. Além dessa

ilusão, todas as categorias do real e do irreal se esvaem. Assim como não podemos mais considerar que o gato de Schrödinger está vivo ou morto, também não podemos perceber o mundo objetivo como existente ou não existente. O espírito e o mundo formam uma única e mesma realidade.

Jean Guilton - Como diz Pearce: "O espírito humano reflete um Universo que reflete o espírito humano.". Por conseguinte, não podemos dizer simplesmente que o espírito e a matéria coexistem: eles existem um através do outro. De certo modo, através de nós, o Universo está então sonhando consigo mesmo: o metarrealismo começa no próprio momento em que o sonhador toma consciência de si mesmo e de seu sonho.

Igor Bogdanov - Acho interessante comparar seu ponto de vista com o de um grande físico americano, Heinz Pagels: "O que é o Universo? É um grande filme em relevo, do qual somos os atores involuntários? É uma farsa cósmica, um computador gigante, a obra de arte de um Ser supremo, ou pura e simplesmente uma experiência? Nossas dificuldades em compreender o Universo dizem respeito ao fato de não sabermos a que compará-lo."

Entretanto, o mesmo Heinz Pagels continua, exprimindo o ponto de vista da maioria dos físicos: "Creio que o Universo é uma mensagem redigida num código secreto, um código cósmico, e que a tarefa do cientista consiste em decifrar este código."

Jean Guilton - Para admitir a existência desse código cósmico e para compreendê-lo, é preciso situar o pensamento numa perspectiva metarrealista. Convido nossos leitores a meditar sobre as três características que me parecem definir esta perspectiva:

- ***o espírito e a matéria formam uma única e mesma realidade;***
- ***o Criador desse Universo matéria/espírito é transcendente;***
- ***a realidade em si desse Universo não é cognoscível.***

Nosso procedimento é legítimo? Em todo caso, ele encontra um eco perturbador na filosofia de um pensador que, em plena Idade Média, teve contudo a intuição daquilo que anunciava o metarrealismo: São Tomás de Aquino. Ao mesmo tempo metafísico, lógico e teólogo, São Tomás propôs-se a conciliar a fé cristã e a filosofia racional de Aristóteles.

Enfim, para iluminar este fim de diálogo, para dissipar uma certa tristeza de vê-lo terminar, esta última observação: se São Tomás de Aquino exerce uma influência tão profunda sobre o pensamento contemporâneo, é talvez porque ele foi o primeiro que pretendeu postular uma harmonia entre o que se **crê** e o que se **sabe**, entre o ato de fé e o ato de saber - em uma palavra: entre Deus e a ciência.

Por Que Existe Alguma Coisa Ao Invés De Nada?

Que certeza? Que esperança? Que saber? O que devemos reter deste ensaio de filosofia em voz alta?

Em primeiro lugar, um modo de buscar sentido no insignificante; "projeto", no menor dos acasos; evento, na tenuidade das coisas: a folha de uma árvore, o canto de um pássaro, a queda de uma gota d'água, o vento no vazio. Todas essas pequenas coisas conspiram no invisível para formar o real, convergem ao âmago de nós mesmos até fazer nascer ali uma necessidade irreprimível: o desejo de realidade.

Foi esse mesmo desejo que nos impeliu, ao longo de nossos diálogos, a buscar o Ser.

Mas o que vimos desse Ser? Antes de tudo, sua espessura, sua opacidade, ao mesmo tempo em que sua tenuidade e a multiplicidade de suas formas. Na sua

fronteira natural mais elevada, nosso diálogo terminou então com esta idéia: a realidade independente nos é inacessível, o real está velado, incognoscível para sempre.

Talvez, também, pela primeira vez, tomemos consciência de que a felicidade de um pensamento "moderno", na encruzilhada da nova física e da filosofia, é ter descrito o enigma do Universo, à custa de sua substituição por um enigma mais profundo e mais difícil: o do, próprio espírito.

Resta, portanto, esta questão, a última, a mais temível. Abriu o diálogo e deverá fechá-lo: qual é a significação do Universo? Aonde nos leva tudo isso? Por que existe alguma coisa ao invés de nada?

Aqueles que, através do pensamento profundo, entram nessa interrogação conhecem de chofre a mais intensa vertigem filosófica. Teilhard de Chardin tinha apenas sete anos quando, de repente, viu-se diante do mistério. Sua mãe lhe mostrou uma mecha de cabelo; à aproximação de um fósforo, a mecha desapareceu. Assim que a chama se apagou, o pequeno Teilhard sentiu o absurdo do nada. Como as experiências de negação, de morte, de angústia e de pecado são mais fortes do que seus contrários, Teilhard se pergunta: por que existem coisas? Por que elas têm um fim? De onde surgiu esse Ser que está em mim - que é eu - e que não sabe a razão profunda de sua existência?

O Universo: centenas de bilhões de estrelas, dispersas em bilhões de galáxias, por sua vez perdidas numa imensidão silenciosa, vazia e gelada. O pensamento entra em pânico diante desse Universo tão diferente dele e que lhe parece monstruoso, tirânico e hostil: por que ele existe? Por que existimos através dele?

Vinte bilhões de anos após seu aparecimento, a matéria continua sua corrida no espaço-tempo. Para onde ela nos leva?

A cosmologia responde que o Universo não é eterno. Que ele terá um fim, ainda que esse fim esteja imensamente distante. Não poderá escapar a uma dessas duas mortes possíveis: a morte pelo frio ou a morte pelo fogo.

No primeiro caso, o Universo é considerado "aberto": sua expansão continua indefinidamente, as galáxias perdendo-se no infinito, enquanto as estrelas se apagam uma a uma, depois de irradiar suas últimas reservas. Para além da duração de vida do próton, a própria matéria se desagrega. Vem o último instante, aquele em que as últimas poeiras cósmicas são por sua vez tragadas no seio do imenso buraco negro em que se transformou o Universo agonizante. Enfim, o próprio espaço-tempo se desfaz: tudo volta ao nada.

De um ponto de vista metafísico, nada é mais pungente do que esse incêndio, essa ascensão de uma neve de matéria, essa lenta desconcentração, essa irradiação ilimitada, que se reveste de todas as cores do arco-íris antes de se esvair.

De que será feito esse nada? O que restará da informação acumulada durante centenas de bilhões de anos, por toda parte no Universo?

Uma resposta passa, talvez, pela colocação em evidência de uma relação entre a informação de um sistema (sua organização) e a entropia (degradação da ordem desse sistema).

Pode-se admitir, com a maioria dos físicos, que a aquisição de informação (isto é, de conhecimento) consome energia e provoca portanto o aumento da entropia global de um sistema. Ou seja, se a entropia mede a desordem física de um sistema, é ao mesmo tempo um indicador indireto de uma quantidade de informação detida, localmente, por esse mesmo sistema. A teoria da informação desemboca, portanto,

nesta afirmação surpreendente: o caos é um índice da presença, no seio de um sistema, de uma certa quantidade de informação.

Em última análise, o estado de desordem máxima que caracteriza o Universo no momento de seu desaparecimento pode ser interpretado como o sinal da presença, além do Universo material, de uma quantidade de informação igualmente máxima.

A finalidade do Universo confunde-se aqui com seu fim: produzir e liberar conhecimento. Nesse último estágio, toda a história do cosmo, sua evolução durante centenas de bilhões de anos vêm-se convertidas numa Totalidade de conhecimento puro.

Que entidade deterá esse conhecimento, senão um Ser infinito, que transcende o próprio Universo? E que uso fará ele desse saber infinito que o constitui e do qual ele é, ao mesmo tempo, a origem?

O destino do Universo não é previsível a longo prazo. Ao menos, não ainda. Se a massa total do Universo for superior a um certo valor crítico, então, ao cabo de um tempo mais ou menos longo, a fase de expansão terminará. Neste caso, é possível que uma nova contração reconduza o cosmo ao seu ponto de origem. A matéria que forma as galáxias, as estrelas, os planetas, tudo isso seria comprimido até se tornar de novo um ponto matemático que anularia o espaço e o tempo.

Por mais que esse roteiro se oponha ao precedente, aqui também tudo retorna ao nada. Ao cabo de um lento processo de desmaterialização, a informação separa-se da matéria como para se libertar dela para sempre.

Haverá uma conclusão a tirar dessa observação do destino cósmico? O que podemos pensar de um Universo situado entre dois nada? Essencialmente isto: este Universo não é um Ser em si. Supõe a existência de um Ser diferente dele, situado fora dele. Se nossa realidade é temporal, a causa desta realidade é ultratemporal, transcendente tanto ao tempo quanto ao espaço.

Eis-nos pertíssimo desse Ser, a quem a religião chama Deus. Mas aproximemo-nos mais: entre as diferentes constatações científicas feitas sobre o real, existem três que sugerem fortemente a existência de uma entidade que transcende a nossa realidade.

Primeira constatação: o Universo nos aparece como finito, fechado sobre si mesmo. Se o compararmos a uma bolha de sabão que enche tudo, o que há "em torno" desta bolha? De que é feito o "exterior" desta bolha? É impossível imaginar um espaço no exterior do espaço para contê-lo: de um ponto de vista físico, um tal exterior não pode existir. Somos, portanto, levados a supor, além de nosso Universo, a existência de "alguma coisa" bem mais complexa: uma totalidade no seio da qual nossa realidade está afinal imersa, um pouco como uma vaga num vasto oceano.

A segunda questão é esta: o Universo é necessário ou, ao contrário, contingente? Existe um determinismo superior à indeterminação quântica? Se a teoria quântica demonstrou que a interpretação probabilista é a única que nos permite descrever o real, devemos concluir que, diante de uma natureza hesitante, deve existir, fora do Universo, uma Causa da harmonia das causas, uma Inteligência discriminante, distinta, desse Universo.

Terminemos com o terceiro argumento, o mais importante: o princípio antrópico. O Universo parece construído e regulado - com uma precisão inimaginável - a partir de algumas grandes constantes. Trata-se de normas invariáveis, calculáveis, sem que se possa determinar por que a natureza escolheu um valor ao invés de outro. Devemos assumir a idéia de que, em todos os casos diferentes do "milagre matemático" sobre o qual repousa a nossa realidade, o Universo teria apresentado as características do caos absoluto: dança desordenada de átomos que iriam aclopar-se e

desaclopar-se no momento seguinte para recair incessantemente em turbilhões insanos. E já que o cosmo remete à imagem de uma ordem, esta ordem nos conduz, por sua vez, à existência de uma causa e de um fim que lhe são exteriores.

No rastro de tudo o que foi dito antes, podemos apreender o Universo como uma mensagem expressa num código secreto, uma espécie de hieróglifo cósmico que começamos a decifrar. Mas o que há nessa mensagem? Cada átomo, cada fragmento, cada grão de poeira existe na medida em que participa de uma significação universal. Assim se decompõe o código cósmico: primeiro matéria, em seguida energia, enfim informação. Existe alguma coisa além? Se aceitarmos a idéia de que o Universo é uma mensagem secreta, quem compôs esta mensagem? Se o enigma desse código cósmico nos foi imposto por seu autor, nossas tentativas de decifração não formam uma espécie de trama, de espelho cada vez mais nítido, no qual o autor da mensagem renova o conhecimento que tem de si mesmo?

Faz meio século que Henri Bergson expirou. Perseguido, como todos os filósofos, pela última interrogação, murmurou esta coisa estranha: "O Universo é uma máquina de fazer deuses..."

Foi seu último suspiro filosófico.

Jean Guilton
Grichka Bogdanov
Igor Bogdanov

ESTUDOS CIENTÍFICOS A CERCA DA EXISTÊNCIA DO ESPÍRITO

Estaremos estudando a seguir numerosas pesquisas realizadas por inúmeros cientistas que pelo mundo afora têm atestado a realidade imortal do espírito. Como vimos anteriormente a física quântica tem comprovado que a realidade espiritual é pujante.

Os experimentos que estaremos estudando são todos muito objetivos, nada tendo de sobrenatural ou superstição e são perfeitamente explicáveis à luz da física quântica moderna.

AS EXPERIÊNCIAS DE QUASE MORTE

Experiências de quase morte (EQM), nas quais o paciente sai do próprio corpo e observa a si mesmo deitado na mesa de operações; ou estados alterados de consciência, em que realidades “coletivas” são alcançadas, vêm ocorrendo com uma seqüência cada vez maior. São experiências que apontam para a idéia de uma mente não-localizada.

Dossey inicia seu livro *Reencontro com a Alma* relatando um caso ocorrido com uma paciente chamada Sarah, que durante uma cirurgia havia percebido, com incrível profusão de detalhes, toda a ação ocorrida na sala de operações. Depois de recobrar os sentidos, ela pôde assinalar o fato, normalmente imperceptível, de que o anestesista estava usando meias de cor diferente. Eis agora o detalhe mais estarrecedor: Sarah era cega de nascimento.

Estatísticas dão conta de que, somente nos EUA, cerca de oito milhões de pessoas já passaram por experiências semelhantes. Um número significativo, que refuta o argumento segundo o qual esses fenômenos não passam de frutos das "relações complexas dos neurônios dentro do sistema nervoso central superior", como explica o jargão médico. Dossey vai, então, acumulando argumentos como esses para concluir que a mente humana seria não-localizada, e estaria fora do corpo. Ele pondera ainda que, mesmo se insistirmos, como fazem alguns, na localização da mente na parte superior do crânio humano, incorreremos em erro.

Um dos maiores pesquisadores das experiências de quase morte na atualidade é o médico psiquiatra norte-americano Dr. Raymond A. Moody Jr. de cujas obras **LUZ DO ALÉM E VIDA DEPOIS DA VIDA** retiramos o seguinte relato.

Os Elementos Da Eqm

...Estabeleci um conjunto de nove elementos que definem uma tal experiência. Consegui isso entrevistando centenas de pessoas e examinando cada um desses episódios singulares, em busca de traços comuns.

Em *Vida Depois da Vida*, disse eu que jamais encontrei alguém que tivesse experimentado todos esses elementos, durante uma EQM. Mas, depois que escrevi aquele livro, já entrevistei mais de mil pessoas que passaram por uma EQM e encontrei várias cujos relatos eram "completos" pois continham todos os nove elementos.

É importante observar que nem todas as pessoas que passaram por uma EQM exibem todos os sintomas que se seguem. Algumas podem ter um ou dois;

outras, cinco ou seis. É a presença de um ou mais desses elementos que define uma experiência de quase-morte.

Muitas pessoas não se dão conta de que a experiência de quase-morte que estão tendo nada tem a ver com a morte. Elas descobri-se-ão flutuando acima de seus próprios corpos, olhando para ele, de uma certa distância, sentindo um súbito medo e/ou confusão. Espantadiças, indagar-se-ão: "Mas como é que posso estar aqui em cima, olhando para mim mesmo lá em baixo? Isso não faz nenhum sentido para elas e, em conseqüência, tornam-se bastante confusas.

Neste ponto, podem até mesmo, não reconhecer o corpo físico para o qual estão olhando como sendo o seu.

Uma pessoa contou-me que, enquanto permanecia fora do seu corpo, passou pela enfermaria de um hospital militar e ficou espantado ao ver que ali havia muitos jovens de sua idade, que se pareciam muito com ele. Ficou olhando para aqueles diferentes corpos, tentando adivinhar qual era o seu.

Outra pessoa que sofreu um horrível acidente, no qual perdeu dois dos seus membros, lembra-se de ter-se inclinado sobre a mesa de operação de haver sentido pena do corpo mutilado, ali estendido. Então, percebeu que era ele!

Neste ponto da experiência as pessoas geralmente sentem medo; mas, depois disso dá lugar a uma perfeita compreensão do que está acontecendo. Elas podem compreender o que os médicos e as enfermeiras estão dizendo um para o outro (mesmo quando não possuem nenhum treinamento médico formal, o que é mais freqüente), mas, quando procuram falar com eles, ou com outros ,presentes, ninguém é capaz de vê-las ou ouvi-las.

Paz e Ausência de Dor

Enquanto o paciente ainda está no seu corpo, ele pode, com freqüência sentir uma intensa dor. Quando, porém, as "amarras", são cortadas, predomina uma verdadeira sensação de paz e, tranqüilidade.

A Experiência de Estar Fora do Corpo

Freqüentemente, no momento em que o médico diz "Nós o perdemos", o paciente experimenta uma completa mudança de perspectiva. Ele tem a sensação de estar flutuando, vendo o seu próprio corpo, lá embaixo.

A Experiência do Túnel

A experiência do túnel ocorre, geralmente após a separação corporal. Até escrever Vida Depois da Vida, eu não havia percebido que é apenas depois que as pessoas passam pela experiência da libertação das "amarras" e da saída do corpo que elas, realmente, começam a dar-se conta de que sua experiência tem alguma coisa a ver com a morte.

Neste ponto, um portal ou túnel abre-se diante delas e elas são propelidas para a escuridão. Começam a percorrer essa região sombria e, no final, deparam-se com uma luz brilhante.

As descrições são muitas, mas a sensação do que está acontecendo é sempre a mesma: a pessoa está atravessando uma passagem em direção de uma luz intensa.

Seres de Luz

Uma vez atravessando o túnel, a pessoa geralmente se encontra com seres de luz. Estes seres não são formados por uma luz comum. Eles brilham com uma bela

e intensa luminescência, que parece permear tudo e fazer a pessoa transbordar de amor. De fato, alguém que passou por esta experiência disse: "Eu poderia descrever isto como 'luz' ou amor - não importa; continuaria significando a mesma coisa. Outros disseram que era quase como ser encharcado por uma tempestade de luz.

As pessoas também descreveram essa luz sendo muito mais brilhante do que qualquer outra que conhecemos na terra. Mas que, mesmo assim, apesar de seu intenso brilho, ela não fere os olhos. Pelo contrário, é uma luz quente, vibrante e viva.

Nesta situação, é freqüente as pessoas que se acham numa EQM encontrarem-se com amigos e parentes que já faleceram. Geralmente, dizem que esses seres possuem corpos semelhantes e tão indescritíveis quanto os delas.

O Ser de Luz

Depois de encontrar vários seres de luz, aqueles que estão passando por uma EQM geralmente se deparam com um supremo Ser de Luz. Com freqüência, as pessoas que possuem formação cristã descrevem-no como sendo Deus, ou Jesus. Aqueles com outras orientações religiosas podem chamá-lo de Buda, ou Alá. Mas outros disseram que não se trata nem de Deus, nem de Jesus, mas, de qualquer forma, de alguém com um ar extremamente santo.

Seja ele quem for, este Ser irradia amor e compreensão absolutos. Tanto que a maioria das pessoas sente o desejo de ficar junto dele para sempre.

Mas elas não podem. Neste ponto são informadas, geralmente pelo Ser de Luz, que têm de retornar para os seus corpos terrestres. Antes, porém, é tarefa dele conduzi-las por uma recapitulação de suas vidas.

A Recapitulação

Quando ocorre essa recapitulação da vida da pessoa, o cenário físico em torno desaparece por completo. Em seu lugar, emerge uma recapitulação panorâmica, colorida e tridimensional, de todos os atos que a pessoa cometeu na sua vida.

Isto normalmente acontece na perspectiva de uma terceira pessoa e num tempo completamente diferente daquele que conhecemos. A melhor descrição que ouvi deste episódio foi a de que toda a vida pessoal ressurgiu instantaneamente.

Nesta situação, a pessoa não apenas vê todas as ações por ela perpetradas, mas, também e de imediato, percebe os efeitos de cada uma delas sobre a vida dos demais.

Assim, por exemplo, se eu me vejo cometendo um ato odioso, então, na mesma hora, estou na consciência da pessoa por ele atingida, de modo que posso sentir sua tristeza, sua dor e seu pesar.

Por outro lado, se pratico um ato generoso, então fico, imediatamente, no lugar daquele que o recebeu, podendo sentir a mesma alegria e felicidade.

Durante todo esse evento, o Ser permanece ao lado das pessoas, indagando-lhes sobre o bem que fizeram em suas vidas. Ele ajuda-as a realizar essa recapitulação e a colocar em perspectivas todos os acontecimentos de suas vidas.

Todos aqueles que passaram por esta experiência retornaram acreditando que a coisa mais importante de suas vidas é o amor. E, para a maioria delas, a segunda coisa em grau de importância na vida é o conhecimento. Enquanto aprendem, revendo cenas de suas próprias vidas, o Ser observa que uma das coisas que se pode levar depois da morte é o conhecimento. A outra é o amor.

A Rápida Ascensão Para o Céu

Devo assinalar que nem todos aqueles que têm uma EQM conhecem a experiência do túnel. Alguns relatam uma "experiência flutuante", durante a qual ascendem rapidamente para o céu, vendo o universo de uma perspectiva até aqui reservada aos astronautas e satélites.

Relutância em Retornar

Para muitas pessoas, uma EQM constitui um evento de tal modo prazeroso que elas não mais desejam retornar. Por isso, é freqüente ficarem zangadas com seus médicos, por trazê-las de volta.

Diferenças de Tempo e Espaço

Além desses nove elementos, as pessoas que passam por uma EQM dizem que a noção de tempo é enormemente comprimida, nada tendo a ver com a dos nossos relógios. A descrição que geralmente dão é a de "estarem na eternidade. Uma mulher, quando lhe perguntei quanto tempo durara a sua experiência, respondeu-me: "Você poderia dizer que durou um segundo ou que foram dez mil anos. Isto não faria a menor diferença".

Os limites impostos pelo espaço na nossa vida cotidiana são, freqüentemente, rompidos durante uma EQM. No curso da experiência, caso a pessoa deseje ir para algum lugar, geralmente basta que ela pense que está lá. Algumas pessoas contaram que, enquanto estavam fora de seus corpos, observando os médicos trabalharem na sala de operações, podiam ir ver seus parentes na sala de espera, e que, para isso tudo o de que precisavam não passava de querer.

Reuni diversos exemplos de indivíduos que tiveram experiências de separação do corpo, durante o ressuscitamento, e que foram capazes de sair da sala de operações, para observar seus parentes, em outras dependências do hospital.

Uma mulher abandonou o corpo e foi até à sala de espera, onde viu que sua filha pequena estava usando peças de um conjunto xadrez, que não combinavam.

Casos De Experiências De Quase-Morte

Uma criança que falou nostalgicamente de sua EQM foi um garoto, a quem chamarei de Jason. Ele teve sua experiência após ter sido atropelado por um carro, enquanto andava de bicicleta. Seu episódio é uma interessante EQM "completa" pois exhibe a maioria dos elementos que a constituem, e é muito forte. Conversei com ele quando tinha quatorze anos, três após o evento. Embora seu acidente tenha sido muito sério, os testes revelaram que não houve nenhum dano cerebral. E, como podem ver, suas respostas são agudas e inteligentes:

Jason:

Isto aconteceu quando eu tinha onze anos. Ganhei uma bicicleta nova, no meu aniversário. No dia seguinte, enquanto passeava com ela, não vi um carro que se aproximava, e ele me atropelou.

Não me lembro de ter sido atingido, mas, subitamente, estava olhando para mim mesmo. Vi o meu corpo sob a bicicleta, e minha perna estava quebrada e sangrando. Lembro-me de olhar e de ver os meus olhos fechados. Eu estava em cima.

Flutuava, cerca de um metro e meio acima do meu corpo, e havia pessoas em volta. Um homem tentou me ajudar. Uma ambulância chegou. Estranhei que as pessoas ficassem preocupadas comigo, já que estava me sentindo muito bem. Vi meu

corpo sendo colocado na ambulância e tentei dizer-lhes que estava bem, mas ninguém me ouviu. Mas eu ouvi o que elas diziam.

Uma delas disse: "Ajude-o". E outra: "Acho que ele está morto, mas vamos tentar salvá-lo".

A ambulância foi embora e eu tentei segui-la. Fiquei flutuando acima dela. Pensei que estava morto. Depois, olhei em volta e vi que estava dentro de um túnel com uma luz brilhante no fim. Ele parecia subir e subir. Mas cheguei do outro lado.

Havia muita gente sob a luz, porém não reconheci ninguém. Contei-lhes sobre o acidente, e me disseram que eu teria de voltar. Disseram que ainda não era chegada a minha hora de morrer e que eu tinha de voltar para junto do meu pai, da minha mãe e da minha irmã.

Fiquei sob aquela luz, por muito tempo. Pareceu-me muito tempo. Senti que todos ali me amavam. Que todos eram felizes. Senti que a luz era Deus. O túnel girava na direção da luz, como um redemoinho. Eu não sabia porque estava naquele túnel, nem para onde estava indo. Desejava alcançar aquela luz. E, quando cheguei lá, não queria mais voltar. Quase que esqueci do meu corpo.

Enquanto subia pelo túnel, duas pessoas me ajudaram. Via-as, assim que saímos para a luz. Elas estiveram comigo o tempo todo.

Então, disseram-me que eu teria de voltar. Atravessei novamente, o túnel e fui parar no hospital, onde dois Médicos me socorriam. Eles gritavam: "Jason, Jason". Vi o meu corpo sobre a mesa e ele parecia azul. Sabia que ia voltar, porque foi isso que as pessoas sob a luz me disseram.

Os médicos estavam preocupados, mas eu tentava dizer-lhes que estava tudo bem. Vi um deles colocar um aparelho sobre o meu peito e o meu corpo estremeceu.

Mais tarde, depois que acordei, disse ao médico que o vira fazer aquilo. Contei também para a minha mãe, mas nenhum deles quis me ouvir. Um dia, contei também para minha professora na escola e ela contou para você.

Moody: Jason, que você fez com tudo isso? Quero dizer, isso aconteceu com você há três anos. A experiência modificou-o de alguma forma? Que acha que ela significa?

Jason: Bem, eu pensei um bocado sobre isso. Para mim, eu quase morri. Vi o lugar para onde vamos, quando morremos. Não tenho medo de morrer. O que aprendi lá é que a coisa mais importante enquanto se está vivo é o amor.

No ano passado, um garoto da minha turma morreu. Ele teve leucemia. Ninguém queria falar sobre o assunto, mas eu disse que Don está bem onde está, que a morte não é uma coisa definitiva. Foi então que contei a eles sobre quando eu "morri", e minha professora ficou sabendo.

Moody: Jason, você notou alguma coisa nas pessoas que estavam com você, no túnel?

Jason: As duas pessoas que estavam comigo no túnel me ajudaram, assim que entrei nele. Eu não sabia exatamente onde estava, mas desejava chegar até aquela luz, no fim. Elas me disseram que eu estaria bem e que me levariam para a luz. Podia sentir o amor emanando delas. Não vi os seus rostos, apenas os seus traços, no interior do túnel. Assim que alcançamos a luz, pude ver os seus rostos. Isto é muito difícil de explicar, porque é muito diferente da vida aqui na terra. Não tenho palavras. Parecia que elas vestiam mantas muito brancas. E tudo estava iluminado.

Moody: Você disse que eles conversaram com você. Que foi que disseram?

Jason: Não. Eu podia dizer o que eles estavam pensando e eles podiam dizer o que eu estava pensando.

Moody: Em algum ponto, você disse que “morreu”. Poderia me falar sobre isto?

Jason: Você quer dizer quando eu estava flutuando sobre a ambulância? Bem, eu a via de cima. Sabia que meu corpo estava lá dentro, mas eu pairava acima dela. Um dos homens disse que achava que eu morreria, e, quando falei com eles e ninguém me ouviu, então julguei que estava morto. Assim que soube que morreria, o túnel abriu-se na minha frente e vi a luz no final. Enquanto eu o atravessava,, havia aquele "zumbido". Era divertido estar lá.

“Esta experiência ocorreu durante o parto do meu primeiro filho. Lá pelo oitavo mês de gravidez começou a aparecer o que o medico diagnosticou como uma condição tóxica, e ele me aconselhou a me internar no hospital, onde poderia fazer um parto prematuro. Foi imediatamente depois do parto que tive uma forte hemorragia, e o medico teve muita dificuldade em detê-la. Eu sabia o que estava acontecendo, pois, tendo sido enfermeira, compreendia o perigo. Nesse momento, perdi a consciência, e ouvi um zumbido desagradável, um som ressoante. Quando dei por mim outra vez parecia que eu estava em um navio ou em um pequeno barco navegando para o outro lado de uma grande extensão de água.

“Na margem distante eu via todos os meus entes queridos que já tinham morrido minha mãe, meu pai, minha irmã e os outros. Podia vê-los, podia ver os seus rostos, assim como eram quando os conheci na Terra. Pareciam estar me chamando para ir ate lá, e o tempo todo eu estava dizendo: ‘Não, não, ainda não estou pronta para me reunir a vocês. Não quero morrer. Não estou pronta para ir’. "Bem, foi a mais estranha das experiências, porque todo esse tempo eu podia ver também os médicos e as enfermeiras trabalhando no meu corpo, mas era como se eu fosse espectadora, e não aquela pessoa aquele corpo - na qual eles estavam trabalhando. Eu estava tentando com todas as minhas forças comunicar ao meu medico: ‘Eu não vou morrer’, mas ninguém podia me ouvir. Tudo - os médicos, as enfermeiras, a sala de parto, o barco, a água, e a margem distante - era uma espécie de conglomerado só. Misturava tudo, como se uma cena estivesse superposta à outra.”

"Foi há dois anos, logo que eu completei dezenove anos. Eu estava levando de carro um amigo meu para casa e, assim que cheguei a um determinado cruzamento na cidade, parei e olhei dos dois lados, mas não vi nada vindo. Comecei a atravessar o cruzamento e ouvi meu amigo gritar com toda a força. Olhei e vi uma luz ofuscante, os faróis de um carro que vinha voando em cima de nós. Ouvi um barulho tremendo - o lado do carro sendo amassado - e houve um só instante em que eu parecia estar indo através de um espaço fechado e escuro. Foi muito rápido. Em seguida, eu estava flutuando a uns dois metros da rua, a um metro do carro, digamos, e ouvia o eco da batida zunindo. Via gente correndo e se aglomerando em volta do carro, e vi meu amigo sair dele obviamente em estado de choque. Podia ver meu próprio corpo entre os destroços rodeado de gente e podia vê-los tentando me tirar de lá. Minhas pernas estavam todas retorcidas e havia sangue por toda parte".

“Há cerca de um ano, fui internada no hospital com um problema no coração, e na manhã seguinte, deitada na cama do hospital, comecei a sentir uma dor aguda no peito. Toquei a campainha ao lado da cama para chamar as enfermeiras, e elas vieram e começaram a cuidar de mim. Eu estava me sentindo muito sem conforto deitada de costas e por isso me virei de bruços, e assim que virei parei de respirar e meu coração parou de bater. Aí ouvi as enfermeiras gritarem código rosa, código rosa! Enquanto elas estavam dizendo isso, eu me senti movendo para fora do meu corpo,

escorregando por entre o colchão e a borda da cama - na verdade parecia que eu estava escorregando através da borda - escorregando até o chão. Depois comecei a ir para cima, bem devagar. Enquanto ia subindo vi mais enfermeiras entrarem correndo no quarto - devia haver uma dúzia delas. Meu médico estava no hospital fazendo sua ronda de visitas, e elas o chamaram e vi-o entrar também. Pensei: 'Não posso imaginar o que ele está'. fazendo aqui'. Continuei flutuando para cima até passar o lustre - via o lustre de lado e com toda a nitidez -, e aí parei, flutuando logo sob o teto e olhando para baixo. Sentia-me como se fosse um pedacinho de papel que alguém tivesse soprado até o teto.

"Assisti-os me ressuscitarem lá de cima! Meu corpo estava deitado lá em baixo, esticado na cama, bem à vista, e todos eles estavam em volta. Ouvei uma enfermeira dizer: 'Meu Deus! Ela se foi!', enquanto outra se abaixou para me fazer ressuscitar respirando boca a boca. Eu estava olhando para a sua nuca, enquanto ela fazia isso. Nunca me esquecerei de como era o cabelo dela, cortado curto, meio rente. Bem, aí os vi rolares para o quarto aquela máquina e colocarem eletrodos no meu peito. Quando deram o choque, vi todo o meu corpo pular na cama e ouve todos os ossos do meu corpo estalarem. Foi a coisa mais terrível!".

"Enquanto eu os via bater no meu peito e esfregar meus braços e pernas lá embaixo, pensava: 'Por que estão tendo tanto trabalho? Estou tão bem agora!'"

A Ciência Sofreria Alguma Alteração Com A Prova Da Existência Das Eqm?

O mundo é governado, dizem os cientistas, por um conjunto de leis naturais. Por exemplo, a noção de que a gravidade mantém nossos pés presos ao planeta é uma simplificação das leis da gravidade. Uma outra lei afirma que todas as formas de vida na terra têm como base o carbono. O mundo da ciência assenta-se nestas e em muitas outras suposições. E, porque conhecemos e vivemos de acordo com essas leis, muito progresso tem sido alcançado.

Se a existência da vida depois da morte ficar comprovada, isto vai revolucionar a ciência, pois implicará na possibilidade de se estudar, cientificamente, novas e outras dimensões, além daquelas que já conhecemos.

Por exemplo, se ficasse provado que uma pessoa pode deixar o próprio corpo e atravessar paredes, valendo-se apenas do pensamento, isto iria modificar o modo como a ciência concebe as comunicações e os transportes, sem mencionar outros aspectos da vida.

Se soubéssemos que existe um mundo espiritual, no qual o amor e o conhecimento são os únicos atributos de importância, e que as coisas pelas quais guerreamos - dinheiro, terra, poder político - são importantes apenas aqui na terra, isto de certo modificaria nossas atitudes e crenças acerca dos povos e pessoas que consideramos nossos inimigos.

Faria com que olhássemos para eles sob uma nova luz. Afinal, a existência de um mundo espiritual implicaria em estarmos destinados a conviver, na eternidade, com esses povos e pessoas. Significaria, também, que, em nossa vida depois da vida, seríamos capazes de saber exatamente como eles se sentiram em relação à vida aqui na terra e a nós mesmos. O simples fato de saber que tal domínio existe seguramente nos tornaria mais tolerantes em relação aos outros.

Outro grande pesquisador a trabalhar com as experiências de quase-morte é o Dr. Kenneth Ring. Estudemos agora as suas conclusões:

O que realmente acontece com a pessoa que diz ter sobrevivido a uma experiência de quase-morte (EQM)? Talvez a melhor forma de compreender isso (por meio da palavra escrita) seja imaginar que seja algo que está acontecendo a você mesmo neste exato momento. Existem, contudo, dois requisitos importantes que devemos mencionar antes de prosseguir. Primeiro: embora em geral essas experiências se enquadrem num padrão comum, elas variam imensamente em termos do número de elementos experienciais que se prestam à definição do padrão prototípico. Em resumo, algumas são mais completas que outras. Segundo: na medida em que a experiência é mais profunda surgem diversos "ramos" diferentes que podem ser seguidos depois da experiência do "tronco" básico da EQM. Para a finalidade que pretendemos, é necessário que você imagine uma EQM relativamente completa, a qual progredirá ao longo de um dos ramos mais comuns.

Provavelmente, a primeira sensação seria de extrema paz e grande bem-estar. Você não sentiria nenhuma dor nem, aliás, nenhuma sensação física. É possível que tivesse consciência de uma espécie de silêncio cristalino, puro, diferente de qualquer coisa que jamais tivesse vivido antes. É provável, inclusive, que você tivesse total consciência de que, o que quer que ocorresse, você estaria absolutamente são e salvo nessa atmosfera de paz inebriante.

Então você começaria a ter uma espécie de percepção visual do ambiente em que está. A primeira coisa que notaria é que enquanto você - sua verdadeira pessoa - parece observar tudo de cima, seu corpo está "lá embaixo", rodeado por um amontoado de gente preocupada. Na verdade, você jamais se sentiu tão bem antes - sua percepção é extremamente nítida e clara, sua mente parece funcionar de forma hiperlúcida e você se sente mais cheio de vida do que em qualquer outro momento de sua vida.

De repente, sua atenção se volta para uma escuridão suave e convidativa, e você se vê movimentando-se em meio a ela - sem corpo, mas com uma inequívoca sensação de mobilidade. À medida que se move, você percebe que essa escuridão tem configuração semelhante à de um túnel.

Quando vai se aproximando do fim do túnel, você se apercebe de um minúsculo ponto de luz. Esse ponto rapidamente se torna cada vez maior e a luz, cada vez mais forte e radiante. Embora seja extremamente branca e brilhante, a luz absolutamente não fere seus olhos. Você nunca viu luminosidade igual - parece não ter fim, cobrindo todo o seu campo de visão. À medida que você se aproxima da luz, começa a sentir-se invadido por ondas tremendas de algo que só pode ser descrito como puro amor e que penetra até o mais íntimo do seu ser. Agora já não há pensamentos só a imersão total nessa luz. Todo o tempo cessa: isso é eternidade, é perfeição. Na luz, você se sente de volta à sua verdadeira morada.

Entretanto, em meio a essa perfeição atemporal, você se apercebe de uma presença definida que de algum modo se associa a essa luz. Não se trata de uma pessoa, mas de uma espécie de ser, uma forma que você não consegue ver, mas a cuja consciência a sua mente parece estar ligada. Essa presença informa-o de que é necessário que você decida se vai continuar ali ou se vai voltar. No mesmo instante em que esse pensamento lhe é comunicado, você vê de repente tudo o que lhe aconteceu na vida como se fosse um milhão de imagens que, apesar disso, são as mais precisas e nítidas. Não há sentimento algum de julgamento, mas, quando o véu que cobria a sua vida se descerra à sua frente, você capta o sentido essencial da sua vida e vê, com a mais absoluta clareza, que precisa voltar, que sua família e, principalmente, seus filhos precisam de você.

Esse é o último fragmento de percepção transcendental que você tem. O que consegue perceber em seguida é que está com dores terríveis, internado numa unidade de tratamento intensivo. Apesar de impedido de falar, você é capaz de lembrar de cada detalhe do que lhe aconteceu.

O que é claro para você é que isso não foi sonho nem alucinação. Tampouco foi algo que você simplesmente imaginou. Tudo foi constrangedoramente real e absolutamente objetivo: mais verdadeiro que a própria vida. Você gostaria de poder falar com alguém a respeito do que viveu, mas quem poderia entender, mesmo que você encontrasse palavras adequadas para descrevê-lo? Tudo o que você sabe é que isso constitui a coisa mais profunda que já lhe aconteceu e que a sua vida e a sua compreensão da vida jamais voltarão a ser as mesmas.

Assim costumam ser as mais comuns dentre as experiências profundas de quase-morte e seus resultados imediatos. De qualquer modo, isso é o que para muita gente é "como morrer". Obviamente, a mera descrição de uma experiência como essa suscita uma infinidade de questões empíricas e interpretativas; não fornece nenhuma resposta inequívoca a respeito do que ocorre na morte (exceto, talvez, para os que tiveram a experiência), muito menos para o que acontece depois da morte biológica. Contudo, nos últimos anos, têm-se feito diversas pesquisas acerca dessas experiências.

Parâmetros E Interpretações Para A Eqm

Com que frequência essas experiências costumam realmente ocorrer? Caso se tomassem cem casos consecutivos de pacientes com diagnóstico de morte clínica, quantos dos sobreviventes relatariam EQMs?

As primeiras pesquisas (Ring, 1980; Sabom, 1982) indicam que a resposta estaria em torno de 40%, e essa estimativa foi confirmada pelos resultados de um levantamento feito pelo Gallup (Gallup, 1982). A maioria das pessoas não consegue lembrar de nada após uma crise em que ficaram à beira da morte, mas existe uma percentagem muito alta entre os que alegam ter lembranças conscientes e relatam experiências que, ao menos em parte, estão em conformidade com a EQM prototípica que descrevemos acima. Alguns pacientes esparsos relatam experiências idiossincráticas que geralmente aparentam ter um caráter alucinatório. Existe uma fração igualmente pequena dos casos que parece ser de experiências negativas.

Outra pergunta muito repetida é: "A maneira pela qual o paciente chega à beira da morte afeta a experiência?" Em geral, o padrão é muito nítido: qualquer que seja a sua causa, uma vez que a EQM começa a desenrolar-se, ela é essencialmente invariável e assume a forma anteriormente descrita. Além disso, as pesquisas relativas às EQMs decorrentes de tentativas de suicídio demonstraram que o padrão prototípico está igualmente presente nelas.

Se as variáveis contingências não têm influência significativa sobre a experiência, que dizer das características pessoais? Pode-se dizer que certas pessoas têm mais probabilidade de viver uma experiência como essa de acordo com sua educação, personalidade, crenças ou até informações prévias acerca das EQMs? Mais uma vez, as pesquisas demonstram que os fatores individuais e sociais exercem um papel irrelevante. As variáveis demográficas - sexo, raça, classe social ou educação, por exemplo - provaram não ter relação nem com a incidência nem com a forma da EQM. Da mesma maneira, é evidente que não há um tipo especial de pessoa definível por atributos psicológicos - que tenha particular probabilidade de viver uma experiência de quase-morte. Os ateus e agnósticos não são menos sujeitos a relatar experiências prototípicas do que as pessoas religiosas, embora provavelmente a interpretação que lhes dão seja diferente. Por último, o conhecimento prévio não parece aumentar a probabilidade de se ter uma EQM.

Quando chegamos à questão - que é da máxima importância - da universalidade, temos de admitir que esta é uma área de pesquisa que lamentavelmente ainda deixa a desejar. Entretanto, tudo indica que, apesar de um certo grau de variação cultural, é possível que haja certas constantes universais, como a sensação de estar fora do corpo, a passagem através da escuridão rumo a uma luz brilhante e o encontro com seres "celestiais".

Finalmente, tomemos a questão da interpretação geral da EQM. Há uma plethora de teorias e um mínimo de consenso a respeito. Essas teorias normalmente se encaixam em três grandes categorias: biológicas, psicológicas e transcendentais, embora muitas das interpretações não se restrinjam a uma única perspectiva. As teorias biológicas tendem a ressentir-se do materialismo e do tom contrário à sobrevivência da alma, ao passo que nas transcendentais a ênfase, apesar de não ser empiricamente comprovável, é compatível com a interpretação sobrevivencialista. Naturalmente as teorias psicológicas ocupam, em muitos aspectos, uma posição intermediária entre as precedentes.

Bem'ora já contam uma década, as pesquisas sobre a experiência de quase-morte infelizmente não apresentaram nenhum tipo de interpretação totalmente aceitável. Além disso, recentemente tentei demonstrar (Ring, 1984) que as questões secundárias relativas à interpretação são muito mais complexas do que alguns teóricos inicialmente estimaram.

A importância maior da experiência de quase-morte não recai tanto na fenomenologia nem nos parâmetros que a experiência possa ter, mas em seus efeitos transformadores. São justamente esses efeitos que nos fornecem uma maneira de inserir a EQM em certas linhas evolucionárias mais amplas - linhas que aparentemente impelem a humanidade em direção ao próximo estágio de seu desenvolvimento coletivo. A fim de compreender a base dessa relação, devemos analisar primeiro as formas como uma EQM altera a vida, a conduta e o caráter dos que a ela sobrevivem.

Efeitos Transformadores Da Eqm

Os trabalhos mais recentes sobre as experiências de quase-morte se voltam cada vez mais para o estudo de seus efeitos subseqüentes, e suas conclusões são unânimes em revelar descobertas bastante estimulantes. Em primeiro lugar, esses trabalhos indicam que, além de as EQMs apresentarem um padrão comum de elementos transcendentais, o caráter transformador de seus efeitos subseqüentes também apresenta um padrão coerente. Em segundo lugar, esse padrão de mudanças tende a ser tão positivo e específico em seus efeitos que pode ser visto como indicativo de um despertar geral para os mais elevados potenciais humanos. A fim de verificar como isso se processa e estabelecer as premissas para sua possível importância evolucionária, vejamos agora mais uma vez as descobertas levantadas pelo estudo que fizemos (Ring, 1984).

Essa pesquisa considerou três amplas categorias de efeitos subseqüentes: (1) mudanças em valores pessoais e no conceito que o indivíduo tem de si mesmo; (2) mudanças na orientação religiosa ou espiritual; e (3) mudanças na percepção psíquica. Qual, então, é o perfil psicológico que se poderia deduzir desse estudo?

Primeiramente, no que se refere aos valores pessoais, as pessoas saem dessas experiências com um aumento em sua apreciação da vida. Isso em geral se traduz numa reação mais completa à beleza natural da vida e numa marcada tendência à concentração no momento presente. A preocupação com as mazelas do passado e com os problemas do futuro tende a diminuir. Em decorrência disso, as pessoas conseguem viver mais completamente o presente, o momento, de forma que a maior atenção ao ambiente e o frescor da percepção são como conseqüências

naturais. Além disso, essas pessoas têm mais apreço por si mesmas no sentido de nutrir mais auto-estima. Na maioria dos casos, não se trata de inflação do ego, mas antes de uma espécie de aceitação de si próprias como realmente são - algo que por vezes elas atribuem ao tremendo senso de afirmação que receberam "da Luz".

Entre as mudanças que acompanham uma experiência de quase-morte, talvez uma das mais evidentes seja o redobrado interesse pelo bem-estar do próximo. Isso constitui algo muito genérico e importante, que tem diferentes aspectos. Para efeito desta análise, descreverei brevemente as principais formas através das quais isso se expressa: aumento da paciência, tolerância e compaixão pelos outros e, particularmente, uma redobrada capacidade de expressar amor. Com efeito, após uma EQM as pessoas costumam enfatizar a importância de dar amor como valor primordial da vida. Além disso, elas aparentemente passam a ter mais vontade de ajudar os outros, afirmando ter adquirido uma percepção maior dos problemas humanos e maior compreensão de seus semelhantes. Finalmente, elas aparentam demonstrar uma incondicional aceitação de todos os seres humanos, talvez pelo fato de terem conseguido aceitar-se dessa forma. De certa maneira, todas essas mudanças poderiam ser caracterizadas como exemplos de uma maior apreciação do ser humano que, como tal pode representar ainda outra faceta do que parece ser um fator de apreciação geral, o qual a EQM se presta a intensificar.

Verifica-se um claro e coerente declínio de outros valores. A importância dada às coisas materiais, ao sucesso pelo sucesso e à necessidade de impressionar os outros, por exemplo, diminui. Em geral, a cotação dos valores voltados para o ser humano sobe, ao passo que o interesse pelo sucesso material despenca.

Essas pessoas costumam buscar uma compreensão mais profunda da vida, principalmente em seus aspectos religiosos ou espirituais. Além disso, elas tendem a envolver-se na busca de um maior grau de autoconhecimento, dispendo-se a entrar em organizações e a fazer leituras ou outras atividades que promovam esse fim.

Normalmente, as mudanças de comportamento que essas pessoas alegam ter sofrido são ratificadas pela família e pelos amigos mais íntimos.

No que se refere à área das mudanças religiosas e espirituais, não é de surpreender que também aqui haja efeitos subseqüentes de amplo alcance. Em geral, todavia, tais mudanças costumam assumir uma forma que encontra sua melhor descrição na palavra universalismo. Para caracterizar essa orientação universalista, faz-se necessário distinguir alguns dos componentes que contribuem para a espiritualização do modelo de visão de mundo adotado por aqueles que tiveram uma experiência de quase-morte.

Em primeiro lugar, apesar de se dizerem mais espiritualizadas, essas pessoas não se dizem necessariamente mais religiosas. Com isso, talvez queiram indicar que sofreram uma profunda mudança em sua percepção espiritual íntima, mas que seu comportamento não se tornou por isso mais ou menos religioso. Elas afirmam, por exemplo, sentir-se muito mais perto de Deus que antes, embora dêem menos importância aos aspectos formais e exteriores do culto religioso. Além disso, a EQM as torna mais capazes de professar uma fé incondicional na "vida após a morte", fazendo-as ter certeza de que "a Luz" - ou alguma forma de existência *post-mortem*.

- brilhará para todos, quaisquer que sejam suas convicções (ou até mesmo a falta de convicções) acerca do que ocorre na morte.

Muitas vezes se delineia uma maior abertura diante da idéia da reencarnação. Finalmente, a EQM leva as pessoas a crer em algo conhecido pelos estudantes de religião comparada como "unidade transcendental das religiões": a noção de que existe uma só visão transcendental do Divino por trás das grandes tradições religiosas do mundo.

A hipótese de que a EQM deflagra o desenvolvimento e uma maior sensibilidade psíquica encontra reforço não só em minhas descobertas, mas também nas de diversos outros estudiosos (Greyson, 1983; Kohr, 1983). As pessoas que sobrevivem a este tipo de experiência alegam maior número de episódios de telepatia e clarividência, mais experiências precognitivas (principalmente através de sonhos), maior consciência das sincronicidades, mais experiências fora do corpo e maior suscetibilidade aquilo que os parapsicólogos chamam de "estados psi-condutivos de consciência", ou seja, estados psicológicos que aparentemente facilitam a ocorrência de fenômenos físicos.

Após havermos revisto as conclusões acerca de alguns dos principais efeitos subseqüentes às EQMs, devemos estabelecer uma estrutura teórica que se preste à sua conceitualização. Acredito que não só é possível como plausível atribuir à experiência de quase-morte um papel crucial na catálise do desenvolvimento pessoal. Falando mais especificamente, essa experiência parece funcionar como catalisadora na promoção do **despertar espiritual** e do **crescimento** do indivíduo, graças a seu poder de lançá-lo num estado transcendental de consciência cujo impacto é o de provocar a liberação de uma "programação interna" universal dos potenciais humanos mais elevados. É possível que cada um de nós tenha um centro espiritual latente que esteja programado para manifestar-se de determinada forma se for ativado por um estímulo forte o suficiente. Uma experiência de quase-morte sem dúvida tende a estimular uma transformação espiritual radical na vida do sobrevivente, afetando seu conceito sobre si mesmo, suas relações com os outros, sua visão de mundo e também seu modo de funcionamento psicológico. Porém, não obstante a profundidade que essas mudanças possam atingir, qual a relação que tudo isso tem com as questões mais vitais da evolução humana e da transformação do planeta?

Implicações Da Eqm Para A Evolução Humana E A Transformação Do Planeta

Acredito que apenas muito parcialmente se possa compreender a importância da experiência de quase-morte partindo-se de uma perspectiva estritamente psicológica, isto é, uma que se concentre na experiência do indivíduo e seus efeitos sobre ele. Todavia, é possível chegar a uma compreensão mais completa se transferirmos o plano da análise do individual para o sociológico.

Antes de qualquer coisa, lembre-se que há estimativas que dão conta de que cerca de oito milhões de adultos norte-americanos já passaram por esse fenômeno. Sabemos também que as crianças relatam o mesmo tipo de experiência. Embora não possamos chegar nem à mais grosseira estimativa do número de pessoas que já passaram por essa experiência no mundo inteiro, não parece fora de propósito presumir que diversos outros milhões de pessoas fora dos Estados Unidos tenham tido uma EQM. Entretanto, o mais importante não é o número de pessoas que conhecem essa experiência, mas como a EQM as afeta posteriormente.

A radical transformação espiritual que normalmente acompanha a experiência em questão não é de forma alguma exclusiva dela. Ao contrário, conforme disse Grof recentemente, as experiências transcendentais tendem a induzir padrões semelhantes de mudança espiritual nos indivíduos que as sofrem, independentemente da forma em que ocorrem. Para resumir, a EQM é apenas um meio de catalisar uma transformação espiritual.

Com a probabilidade de melhoria e disseminação da tecnologia de ressuscitação em todo o mundo; parece inevitável que muitos milhões mais venham a sobreviver a experiências de quase-morte e, com isso, sofrerão transformações que obedecem a esse padrão arquetípico.

Será possível que a alta incidência de experiências transcendentais represente um impulso coletivo em direção a uma maior conscientização da humanidade em geral? Será possível que a EQM seja em si mesma um mecanismo evolutivo com o efeito de catapultar as pessoas para a próxima etapa do desenvolvimento humano através da ativação de potenciais anteriormente adormecidos? Na verdade, será que não podemos ver em tais pessoas - à medida que elas abandonam sua antiga personalidade e se tornam mais tolerantes e compassivas - o protótipo de uma linhagem nova e espiritualmente mais avançada da espécie humana? Não representam elas porventura as pioneiras de uma nova estirpe que nasce entre nós - uma ponte evolutiva para o próximo degrau da nossa progressão enquanto espécie; o "elo" que nos faltava? Embora altamente polêmicas e instigantes, essas perguntas não são de todo especulativas.

A meu ver, o surgimento de uma nova cultura cooperativa planetária não é uma consequência necessária do tipo de mudança evolutiva de consciência que eu detecto neste momento. Antes, vejo essa mudança como um potencial da espécie humana que começa a se manifestar. Se ele vai crescer a ponto de transformar a Terra é uma questão que depende de diversos fatores, entre eles a nossa tentativa consciente de harmonizar nos com essas tendências e a busca do despertar. Para mim, é muito claro que nenhum potencial coletivo que provenha das prolíficas experiências transcendentais exclui a possibilidade de destruição de nosso planeta.

Ao mesmo tempo, esse recente e curioso fenômeno - a experiência de quase-morte - parece ser o porta-voz de uma poderosa mensagem de fé para toda a humanidade: o homem deve ter a certeza de que mesmo em seus mais negros momentos (ou talvez principalmente neles) a Luz virá para mostrar-lhe o caminho para diante. Cabe a nós reunir a coragem e a sabedoria para segui-la.

EXPERIÊNCIAS FORA DO CORPO

*Por ser às vezes tão inacreditável,
a verdade escapa ao conhecimento.*
HERÁCLITO
(aproximadamente 500 a.C.)

*A experiência foi absolutamente real.
Possuía uma característica de objetividade absoluta.*
CARL JUNG, ao descrever sua experiência fora do corpo

Foi um dia longo e cansativo para você. Após deitar-se entre os lençóis aconchegantes, você fecha os olhos e permite que sua mente seja levada àquele universo de imagens suaves e macias, flutuando em direção às fronteiras do sono. A respiração compassada a seu lado diz que sua esposa já está dormindo. De repente, você tem a sensação de estar caindo na escuridão, seguida de um suave balanço. Parece que você está flutuando lentamente para cima. Embora seus olhos estivessem fechados momentos antes, agora parecem bem abertos e, para seu assombro, a parede do quarto está se movendo lentamente para baixo à medida que você se eleva ao teto. Incrédulo, você olha para baixo e vê sua esposa dormindo tranquilamente na cama. Ao lado dela, há mais alguém. Não pode ser você, pois você está aqui em cima - mas, sim, é você! No travesseiro, calmamente adormecido, está o rosto que você viu no espelho durante todos os anos de sua vida. Meu Deus, é você! Uma onda de pânico o percorre, e sua visão obscurece, enquanto - com a velocidade da luz - você é puxado para o seu corpo, entrando nele impetuosamente com um impacto. Isto é o que geralmente acontece quando você sente medo. Caso não sinta, você pode continuar sua viagem, como o fez um amigo meu corajoso que atravessou o teto do quarto, deixou-se levar à escuridão do sótão, avançou através do telhado e flutuou na

rua sob a luz da lua. Esta é uma experiência, fora do corpo (EFC); essas experiências não são raras, como você pode supor, e servem para nos oferecer dados importantes a respeito do mundo além da morte.

Com efeito, tais alegações demonstram que somos todos - essencialmente - 'espectros' e que, através de experiências pessoais com nosso próprio corpo, muitos já nos conscientizamos desta verdade, de que existem realmente 'dois de nós - o carnal e o outro. Esta conscientização é um dos segredos mais bem documentados dos tempos modernos.

Parece urna suposição suficientemente razoável, especialmente na era da ciência, que a consciência dependa de um corpo e de um cérebro. Como, então, alguém pode passar por uma experiência em que a consciência e o corpo se separam? Veremos agora quatro exemplos de EFC que farão mais do que tornar esta alegação crível.

O seguinte relato foi extraído do livro **EXPERIÊNCIAS FORA DO CORPO** da pesquisadora inglesa Susan J. Blackmore na **Society for Psychical Research**.

Experiência Fora do Corpo é uma *experiência* em que alguém tem a impressão de perceber o mundo de um ponto fora do corpo físico. Conseqüentemente, se não ocorrer essa experiência, então o fenômeno não é uma EFC

Para tentar responder a algumas dessas questões vamos dar uma olhada nos fenômenos narrados. Grande parte deles envolve vários tipos de duplos. A idéia de que nós todos temos um duplo, aparentemente se origina de uma EFC. Se você tem a impressão de estar saindo de seu corpo físico e observando coisas do lado de fora dele, então é natural supor que, pelo menos temporariamente, você possui um duplo. Também parece óbvio que esse duplo possa ver, ouvir, pensar e se mover.

A noção de um duplo humano tem uma longa e pitoresca história. Platão nos dá uma versão dessa idéia. Assim como muitos, antes e depois dele, Platão acreditava que o que vemos nesta vida é apenas um vago reflexo daquilo que o espírito poderia ver se fosse libertado do suporte físico. Aprisionado dentro de um grosseiro corpo físico, o espírito é limitado; separado desse corpo, seria capaz de se comunicar diretamente com os espíritos dos mortos e ver as coisas com mais clareza. Na verdadeira Terra, antes no *aither* do que no ar, tudo é mais claro e transparente, mais saudável e feliz. Neste meio mais puro, aqueles que se libertaram de seus corpos vivem em estado de graça e vêem com a verdadeira visão.

Outra idéia que pode derivar dos gregos é a de que temos um segundo corpo. Mead, um estudioso dos clássicos, reconstituiu, em seu texto de 1919, "a doutrina do corpo sutil" que percorre a tradição ocidental. Outros corpos manifestam-se sob muitas formas diferentes e há versões que falam da existência de até sete ou mais corpos diferentes. Se não é o corpo físico, mas o espírito ou algum corpo sutil que vê, conclui-se, então, que o espírito seria capaz de ver melhor sem seu corpo. Aristóteles ensinava que o espírito podia abandonar o corpo e era capaz de se comunicar com outros espíritos, enquanto Plotino sustentava a idéia de que todas as almas eram separáveis de seus corpos físicos.

Talvez a idéia mais difundida a respeito de outros corpos seja a de que na morte deixamos nosso corpo físico e assumimos uma forma mais sutil ou mais elevada. Este conceito está enraizado não só no pensamento grego e em grande parte da filosofia posterior, mas também em muitos ensinamentos religiosos. Os antigos egípcios descreviam vários outros corpos, entre eles o *ba*, ou alma, e o *Ka*, que se assemelhava ao corpo físico e ficava perto dele na morte.

Algumas religiões orientais incluem uma doutrina específica sobre as formas e habilidades dos outros corpos e sobre a natureza dos outros mundos, ao passo que no cristianismo há referências a um corpo espiritual. Algumas obras religiosas podem

ser vistas como uma preparação da alma para a sua transição na morte, como por exemplo o Bardo Thodol, O *livro tibetano dos mortos*, ou o *Ars Moriendi*, sobre a arte ou técnica de morrer.

A idéia de que temos um duplo também aparece na mitologia popular. Os contos noruegueses falam do *vardoger*, a reprodução de uma pessoa que pode chegar ao seu destino antes dela. O *tàslach* escocês é também uma espécie de aviso da aproximação do viajante e pode chegar a uma casa, bater à porta e entrar muito antes que a versão real tenha chegado lá. Em Cumberland, tais aparições de pessoas vivas eram chamadas de *swarths* e representavam um outro eu que acompanha cada pessoa, mas só pode ser visto por aqueles que possuem uma "segunda visão". Nesse caso estão os antigos *fetch* ingleses e os *Doppelgänger* alemães, ambos duplos ou aparições de pessoas vivas. É freqüente terem esses duplos implicações malélicas ou estarem associados ao lado sombrio do homem, lado este retratado tão brilhantemente nas histórias do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde, ou de Dorian Gray. Costumase, porém, crer que sejam totalmente inofensivos.

Conta-se que, na quinta-feira santa do ano de 1226 Santo Antônio de Pádua ajoelhou-se para rezar na igreja de St. Pierre du Queyrrix, em Limoges, cobriu a cabeça com o capuz e, no mesmo instante, ele apareceu do outro lado da cidade, em outra cerimônia religiosa. Outra célebre lenda é a de Alfonso Liguori, que perdeu a consciência quando se preparava para celebrar uma missa em 1774. Ao recobrar os sentidos, disse aos presentes que estivera no leito de morte do papa Clemente XIV, em Roma, que ficava a quatro dias de viagem. Posteriormente, chegaram notícias não só de que o papa havia morrido, como também de que os que o assistiam em seu leito de morte tinham visto e conversado com o santo e participado das orações que ele conduzia.

Existem, também, histórias mais modernas de bilocação. Na década 1840, uma professora chamada Mlle. Emile Sagée, de 32 anos de idade, foi demitida de seu décimo nono emprego. As alunas na escola viram duas Mlle Sagée lado a lado, no quadro-negro, duas na hora do jantar e outras duas realizando atividades totalmente distintas em volta da escola. Quando os pais começaram a retirar suas filhas da escola, a diretoria decidiu despedir Mlle. Sagée.

Também relacionados com EFCs estão os fenômenos de clarividência à distância, de projeção de Percepção Extra Sensorial (PES) e o de "visão remota", mais recente. O termo "clarividência à distância", mais antigo, era usado para descrever uma forma de clarividência na qual um sensitivo parecia perceber um lugar distante. Vários videntes famosos foram testados nesta habilidade durante o século passado, coletando-se uma considerável quantidade de provas a respeito da exatidão do que viram. A nosso ver, o problema aí é que a "clarividência à distância" incluía tanto EFCs como experiências em que o vidente "percebia" a cena distante (ou mesmo uma cena que se passava num outro tempo), mas sem abandonar o corpo. Na "clarividência à distância" e na "projeção de PES", pressupõe-se a ocorrência de PES, mas não a experiência de deixar o corpo.

...Entre os casos mais interessantes descritos por Muldoon e Carrington na seqüência, figuram aqueles provocados por desejos reprimidos e muitos outros em que supostos "espíritos" tomam parte. Lady Doyle, viúva do famoso criador de Sherlock Holmes, após a morte do marido, teve uma experiência de divisão dos corpos físico e etérico, quando se encontrava gravemente enferma. Achou que viajava para uma região de "luz e calma, portais de um outro mundo maravilhoso", onde viu seu querido esposo ao lado de uma segunda pessoa. Ambos pareciam felizes e, cheios de ternura, mostraram-lhe a vida maravilhosa que estava reservada a ela ali,

mas Lady Doyle pensou em seus três filhos e, em vez de permanecer naquele paraíso, resolveu voltar para cuidar deles.

Em outros casos de EFCs, experimentadores encontraram pessoas que não conheciam, foram ajudados nas suas exteriorizações por auxiliares invisíveis, instruídos por seres amáveis sobre a vida pós-morte ou sobre assuntos mediúnicos, ou ouviram vozes que falavam com eles. Muldoon e Carrington interpretam esses casos como encontros particulares com espíritos, tornados possíveis pelo fato de que a pessoa que os vê se encontra, temporariamente, num plano evoluído. Não é raro que a própria pessoa interprete a experiência como uma oportunidade propícia para confortá-la e aliviar suas angústias ou para receber alguma lição necessária.

Muldoon e Carrington também incluem vários casos de EFCs não espontâneas, provocadas quer pelo desejo de visitar uma pessoa ou lugar em particular, quer por uma tentativa deliberada de vivenciar a projeção astral. Por ter Muldoon fornecido muitas instruções sobre a forma de induzir a experiência, em seu primeiro livro alguns leitores fizeram a tentativa e escreveram contando-lhe seus sucessos. Ele não estranha que os relatos manifestem referência a serem expressos nos mesmos termos do livro, e é impossível saber em que medida a perspectiva de "projeção astral" contribuiu para amoldar as experiências.

Boa parte dos relatos de Muldoon e Carrington descrevia experiências cujo ponto de partida foi o sono ou o estado hipnogógico ou hipnopómpico (antes ou depois do sono, respectivamente). Em algumas experiências, a projeção foi precedida por um sonho de queda ou vôo; noutras, pela sensação desagradável de acordar e descobrir que se está aparentemente paralisado. Como Fox já havia comprovado, diziam que a partir deste estado cataléptico a projeção ficava muito fácil. Bastava apenas que a pessoa tentasse se mover, que já estava "fora".

Outras pessoas sentiam como se estivessem sendo arrancadas de seus corpos ou puxadas para fora da cama. A Sra. Haldey, por exemplo, contou que certa vez se levantou da cama para verificar se havia alguém debaixo dela tentando empurrá-la. Não achou nada, mas a sensação estranha logo recomeçou, só que desta vez a Sra. Haldey flutuava fora do corpo. Partindo para Londres, ela acabou entrando num quarto estranho dentro de uma casa também desconhecida. Meses depois, ela foi a Londres, em carne e osso, e "[...] Imaginem meu espanto quando abri a porta e entrei naquele mesmo quarto onde estivera em espírito naquela noite. Tudo era igualzinho como eu tinha visto enquanto estive fora do meu corpo!" .

Este caso não envolvia necessariamente precognição, ou visão do futuro, pois é de se presumir que a casa já existia na época da experiência da Sra. Haldey, mas há uma infinidade de casos em que parecem ter sido "vistos" acontecimentos futuros durante uma EFC.

Muldoon e Carrington não efetuaram análises complementares dos casos reunidos, mas puderam chegar a algumas conclusões e fizeram a escolha dos seguintes pontos de semelhança entre os casos. As pessoas têm a sensação de estar flutuando ou voando bem alto, de olhar com pouco caso para o corpo físico de uma posição superior, de verem um fio prateado unindo os dois corpos, de sentirem um estalo ou pressão na cabeça; um estado de catalepsia física e uma perda momentânea de consciência ao entrarem ou saírem do corpo. Às vezes, sentem um estado de depressão antes da projeção e uma espécie de "reverberação" no retorno, sendo que é comum que a pessoa que fez a exteriorização achar que deve estar morta. Muldoon e Carrington concluíram que estas características se repetem constantemente, o que, sem dúvida, exige alguma explicação. E a explicação que dão é que existe um mundo astral e que todos nós temos corpos astrais e podemos viajar dentro deles.

Robert Croockall, geólogo britânico que dedicou os últimos anos de sua vida ao estudo da projeção astral e de experiências místicas, reuniu o maior repertório de casos de projeção astral. Em seus inúmeros livros, apresentou centenas de casos que mostram os mesmos tipos de regularidade que Muldoon e Carrington constataram. Crookall também dividiu os casos de acordo com o seu modo de ocorrência. Em primeiro lugar vinham os casos "naturais" tanto de pessoas que quase morre ou estavam muito doentes, quanto de pessoas que gozavam de perfeita saúde. Contrastando com estes, havia os casos "forçados", que eram provocados por anestesia, asfixia e queda, ou por sugestão hipnótica intencional. Crookall argumentava que existiam diferenças essenciais entre os tipos natural e forçado.

Além disso, argumentava que as descrições de EFCs temporárias de pessoas vivas eram, basicamente, semelhantes às descrições obtidas dos mortos, através de mediunidade ou de outros meios. Isto o levou a concluir que ambos os conjuntos de relatos são "basicamente verdadeiros". Pedia ao leitor "para comparar os relatos fornecidos neste livro, observar os comentários feitos e considerar que só é possível explicar as congruências e ligações que ocorrem, se aceitar a hipótese de que as narrativas descrevem, de fato, experiências genuínas". Seu argumento, formulado mais claramente em livros mais recentes, implica que a interpretação é verdadeira também, que há um corpo astral, um veículo de força vital e um cordão prateado, e que sobrevivemos à morte e continuamos existindo num plano superior.

Antes de criticar este raciocínio, permitam-me seguir o exemplo de Crookall citando alguns casos a título de ilustração, pois, sem dúvida alguma, sua meticulosa coleção tem contribuído muito para a nossa compreensão da variedade e regularidade dos tipos de EFC.

Entre os casos "naturais" de Croockall, há um narrado anteriormente, com mais detalhes, por Ralph Shirley em *The Mystery of the Human Double [O mistério do duplo humano]*. Certa noite, um gravador voltou para casa e, apesar de se sentir extremamente cansado, resolveu não ir dormir; em vez disso, acendeu um candeeiro e deitou-se no sofá para fumar um cigarro. Recostando a cabeça no travesseiro, sentiu vertigem e a única coisa que sabe é que depois estava no meio do quarto e podia ver seu corpo, ainda respirando, ali deitado. Ficou preocupado com o candeeiro, achando que podia atear fogo nas cortinas, mas, por mais que tentasse, não conseguiu apagá-lo. Observou que conseguia enxergar, através das paredes, a moldura dos quadros no quarto pegado ao dele. Assim que pensou nisso, já estava atravessando a parede e entrando no outro quarto; examinou quadros, mobília e até títulos de livros, coisas que não tinha visto antes. Embora o quarto estivesse às escuras, ele parecia ser iluminado por uma luz emitida de seu próprio "corpo físico", que estava vestido de branco. Descobriu que poderia ir aonde quisesse, viajou até a Itália, mas a lembrança dessa parte da viagem não era muito nítida. Finalmente, acordou as cinco da manhã, com o corpo duro e gelado, e percebeu que a luz do candeeiro já se extinguiu. Posteriormente, revelou seu segredo ao zelador do prédio e teve permissão para entrar no apartamento vizinho onde constatou que tudo, inclusive os títulos dos livros, era como ele tinha visto.

A luz misteriosa iluminando a escuridão, o duplo vestido de branco, a capacidade de viajar à vontade e a impossibilidade de afetar objetos materiais são traços específicos deste relato. Outras características que Crookall considerava típicas da projeção natural era o fio, ou cordão, que ligava os dois corpos, a sensação extraordinária de paz e felicidade que acompanha muitas experiências, a clareza mental e a "realidade" de tudo o que se vê. Aqui, no entanto, ele incluía casos "naturais" em que a pessoa se achava, com efeito muito cansada, sob tensão insuportável ou até no limiar da morte.

Em contrapartida, quando a experiência é causada por anestesia, asfixia ou queda - Crookall argumentava - é comum que a pessoa se encontre não num ambiente feliz e calmo, mas num estado de "Hades" ou sonho. Ou é possível que a vítima de uma projeção forçada se encontre ainda na Terra. Cite-se o exemplo de um soldado que foi atingido por uma explosão e se viu lançado no ar; olhando para baixo, percebeu que seu corpo jazia no chão, a uma certa distância dele, e que parecia ligado a ele por um fio delgado, de aspecto nitidamente prateado. Notou quando dois cirurgiões se aproximaram e comentaram que ele estava morto. Depois, vieram os padioleiros e o levaram para as trincheiras; em seguida, "aquele fio prateado foi baixando e regressei ao meu velho corpo". Crookall conclui daí que se trata de uma "clara indicação" de um "duplo objetivo".

Crookall também descreveu muitos detalhes do processo de separação. Às vezes ouvem-se estalidos e outros sons e, quando o duplo sai, em geral através da cabeça, há um esvaziamento ou perda momentânea de consciência. Em outros casos ocorre o fenômeno do túnel. Uma mulher quase morreu "teve a impressão de flutuar dentro de um túnel comprido" e uma outra descreveu "uma abertura semelhante a um túnel, o fundo do qual brilhava uma luz". Existem aqui muitas semelhanças com o túnel de folhas que vi. Em casos mais complexos, os dois veículos podem se desmembrar em duas "mortes", voltando, então, a se reunir na ordem inversa.

Uma vez exteriorizado, o duplo assume, por algum tempo uma posição horizontal, antes de endireitar-se e ser capaz de mover-se. Este movimento se efetua pelo poder mental ou por força da vontade apenas. O movimento inicial ocorre, freqüentemente, em forma de espiral, especialmente em casos de EFC forçada e, às vezes, ao se mover, o duplo deixa atrás de si um rasto de luz.

Um dos mais importantes detalhes da EFC é o fio prateado. É luminoso e elástico, estendendo-se a grandes distâncias à medida que o duplo se distancia do físico. Nem sempre é visto, mas pode-se senti-lo puxando o corpo. Na morte o fio é rompido e o corpo astral é liberado para começar uma nova vida.

Crookall esforçou-se para impor sua opinião de que todos estes fatos, e muitos outros, apontam para um duplo objetivo, e não para uma imagem mental. Rebateu teorias psicológicas que insinuavam que o duplo poderia ser um fenômeno puramente subjetivo, criado pela imaginação, sustentando que isto não explicava todas as semelhanças encontradas entre experiências de pessoas que de antemão nada sabiam a respeito do assunto. Ele acreditava que até onde fosse possível ser provado, os inúmeros casos de projeção astral que compilara provavam a existência de nossos outros corpos.

O psiquiatra de Virgínia

O dr. George C. Ritchie mora atualmente em Charlottesville, Virgínia, mas em 1943, aos 19 anos, estava servindo o Exército americano como soldado raso. Em dezembro daquele ano, foi internado no hospital de base em Camp Barkley, Texas, sofrendo de 'rinofaringite aguda', segundo os laudos médicos. Suas condições foram piorando e um segundo diagnóstico foi emitido como 'pneumonia lobular grave'. Na madrugada do dia 20 de dezembro, o soldado George Ritchie morreu. O médico assistente, dr. Donald Francy, disse depois, em declaração por escrito, que Ritchie não apresentava nenhum sinal de respiração ou batimento cardíaco. Concluindo que Ritchie estava morto, o dr. Francy deu instruções para que o atendente da enfermaria encaminhasse o corpo ao necrotério. Entretanto, nove minutos mais tarde, o atendente pensou ter constatado ligeiros movimentos peitorais no morto e imediatamente chamou o dr. Francy. "Administrei-lhe adrenalina no coração", disse, "e o soldado Ritchie começou a manifestar um aumento da respiração e sua pulsação começou a ficar perceptível".

O que aconteceu a Ritchie enquanto esteve quase-morto? Ao comentar a experiência, Ritchie diz:

Não consigo compreender mais do que vocês. Tudo o que posso fazer é descrever os fatos tal como ocorreram. Foram as experiências mais contundentes e claras de toda a minha vida. Esta experiência reacendeu minha fé - que estava adormecida - e permanentemente apagou de mim qualquer medo da morte.

Durante o ápice de sua crise, Ritchie subitamente se deu conta de que já não se sentia mais doente. Ao contrário, sentia-se alegre, animado, leve como uma pena. Então percebeu que estava em pé ao lado de sua cama, no hospital, olhando para alguém de fisionomia acinzentada.

[Percebi que] alguém ainda estava deitado na cama que eu acabara de deixar. Aproximei-me no escuro, recuei. O homem estava morto. A mandíbula solta, a pele acinzentada, era horrível. Depois vi o anel [que ele estava usando] . Em sua mão esquerda estava o anel da fraternidade Phi Gamma Delta que eu usara por cinco anos. [O homem deitado naquela cama] era eu!

Estarrecido, Ritchie percebeu que havia dois dele - um, obviamente morto, deitado na cama; o outro, um observador completamente consciente. Pensou, "Isto é a morte - isto é o que nós, seres humanos, chamamos de morte".

Ritchie estava transtornado, era compreensível - na verdade, estava completamente aterrorizado. Afastou-se do quarto, e um enfermeiro carregando uma bandeja de instrumentos, que pareceu não o ver, não só não o viu como passou através dele. Em pânico naquele momento, decidiu fazer o que muitas pessoas assustadas já tentaram fazer: ir para casa! Ao alcançar uma porta, tentou em vão abri-la, apenas para descobrir que sua mão atravessava a porta! Passou pela porta fechada e viu-se deslocando-se no ar a uma velocidade incrível. Chegou a uma cidade desconhecida. Confuso e alarmado, avistou um pedestre solitário e aproximou-se para perguntar-lhe onde estava, mas o pedestre tampouco o viu. Ritchie relata que tentou tocar naquele homem para chamar sua atenção, mas se espantou ainda mais quando suas mãos pareceram atravessar o homem. Aquilo o deixou muito abalado, e ele percebeu que se não conseguia ser visto por ninguém, então não havia muito sentido em ir para casa. (Após algum tempo, depois de ter ressuscitado, ele teve a oportunidade de visitar aquela cidade, onde jamais tinha estado em vida, e reconheceu o local como a cidade em que estivera durante sua experiência. É interessante notar que aquela cidade fica geograficamente em linha reta de Camp Barkley até a casa de Ritchie. Isto prova que, afinal de contas, ele estava indo para casa!) Ele decidiu tentar voltar para o seu corpo. No mesmo instante em que esse pensamento lhe passou pela mente, viu-se voando pela noite outra vez. Chegando ao hospital, teve dificuldades em encontrar a sala onde seu corpo estava, seu rosto estava coberto por um lençol. Desconsolado, sentou-se na beira da cama. Ritchie diz que naquele momento sentiu uma presença ao seu lado.

O quarto do hospital começou a se encher de luz até ficar inundado... iluminado, de uma compaixão jamais sentida em toda a minha vida.

Daquela luminosidade ofuscante, Ritchie sentiu emergir aquela presença como uma figura luminosa, majestosa, cheia de amor e irresistível.

[A presença Dele] era de tanto conforto, de tanta alegria e de satisfação tão grande que eu queria me perder para sempre na maravilha que era aquilo.

As paredes da sala do hospital pareceram diminuir gradualmente e Ritchie sentiu que estava sendo transportado para um outro mundo. Diz:

Vi uma cidade - mas uma cidade, se é que tal coisa é compreensível, construída apenas de luz. Incidentalmente eu nunca tinha lido nada a respeito da vida

após a morte. Mas ali havia uma cidade em que os muros, paredes, casas, ruas, pareciam emitir luz, enquanto movimentando-se entre eles havia seres de pura luz. Esta visão não durou mais que um instante. No momento seguinte, envolveram-me as paredes do hospital.

Contudo, aquele ser brilhante, de cuja presença amorosa Ritchie diz ter desejado nunca se separar, ainda estava ali com ele. A seguir, a luz ofuscante desapareceu gradualmente, e ele pareceu adormecer, acordando em seu corpo.

Tempos depois, comentando a respeito da experiência, disse que não tinha idéia de por que ter quase morrido e depois retornado a seu corpo. "Tudo o que sei é que quando acordei naquela cama de hospital não estava feliz, não estava contente por ter voltado, eu ansiava estar onde havia estado quando morto." A enfermeira que esteve ao lado da cama de Ritchie durante o evento, Retta Irvine., contou que quando ele abriu seus olhos "disse-me ter certeza de que havia morrido e de que havia tido uma experiência que mudaria sua vida".

O cavalheiro francês

Os dois incidentes descritos abaixo aconteceram a um francês, Hymans, e foram investigados e publicados pelo prof. Charles Richet, titular da cadeira de fisiologia da Universidade de Paris e ganhador de um prêmio Nobel de Medicina em colaboração com um colega, dr. Eugene Osty. Num relatório que forneceu a Richet em junho de 1928, Hymans escreve:

A primeira vez... foi quando eu estava] na cadeira do dentista. Tinha tomado anestesia e passei pela [experiência] de acordar e me ver flutuando no teto da sala de onde, com enorme espanto, olhava o dentista trabalhando na minha boca... o anestesista a seu lado. Vi meu corpo inanimado tão perfeitamente quanto os outros objetos daquela sala... A segunda vez eu estava num hotel em Londres. Acordei de manhã não me sentindo muito bem (tenho problemas cardíacos) e, logo depois, desmaiei.

Abri os olhos e, muito assustado, percebi que estava no teto do quarto, de onde, apavorado, vi meu corpo inanimado, como um objeto separado: eu podia olhar para meu rosto, mas não conseguia sair do quarto; senti-me... preso, imobilizado naquele canto em que me encontrava. Depois de uma hora ou duas, ouvi, várias vezes, batidas na porta de meu quarto, que estava trancada, sem conseguir responder. Logo depois, o porteiro do hotel apareceu na saída de incêndio. Vi quando entrou no quarto, olhou ansiosamente para mim e abriu a porta. A seguir, entraram no quarto o gerente do hotel e mais algumas pessoas, entre elas um médico. Vi ele menear a cabeça após escutar meu coração e, depois, colocar uma colher entre meus lábios. Então, perdi a consciência e acordei na cama.

Todos estes eventos foram mais tarde confirmados pelos outros participantes.

A viajante inglesa

A sra. M. estava fora de casa, viajando, e hospedada num hotel. Enquanto dormia, quase foi asfixiada pelo aquecedor a gás defeituoso que estava vazando. Pasma, sentiu-se sair do próprio corpo completamente desorientada, pensou em sua casa e imediatamente viu-se ali, no quarto do marido. Viu outro homem, um vizinho amigo, dormindo no mesmo quarto do marido, o que a deixou bastante intrigada. O que mais a surpreendeu foi observar que, encostado à cabeceira da cama, havia um grosso porrete de madeira, ainda com algumas cascas presas a ele, e também a bagunça reinante no quarto. Ela bateu no rosto do marido para tentar acordá-lo, mas era incapaz de causar qualquer efeito sobre ele. Pensou então: "Preciso voltar para o meu corpo!" No mesmo instante, viu-se novamente no quarto de hotel onde seu corpo

estava. Naquele momento, perdeu a consciência e reentrou em seu corpo, acordando com um médico ao seu lado. Ele disse-lhe que a tinha dado como morta. Quando descreveu-lhe sua experiência, o médico ficou interessado o bastante para verificar sua história. Todos os detalhes foram checados. Descobriu-se que o amigo do marido havia passado a noite na casa deles. Ocorreu que durante a visita um rato começou a correr pelos quartos e os dois tentaram caçá-lo com um porrete, ainda com casca, que pegaram do monte de lenha. Eles desarranjaram os móveis, na perseguição ao rato, causando muita desordem no quarto. O amigo passou a noite lá e, no caso de o rato voltar, o porrete foi deixado próximo da cama.

A "Alma" Em Ação

Embora as experiências descritas acima pareçam extraordinárias, por trás delas existe uma longa tradição histórica e elas vêm sendo relatadas por toda a história e por todo o mundo. Recentemente, centenas de casos têm sido estudados a fundo e essa pesquisa revela que a EFC possui algumas características básicas. Então, nos perguntamos, com o que estamos lidando?

Muitas vezes as pessoas que passam por essas experiências enxergam-se como estando em outro corpo e tipicamente este outro corpo se assemelha ao corpo físico tanto em forma, tamanho e aparência geral, exceto por ser geralmente percebido como transparente e, na maioria das vezes, vivenciado como sendo muito mais leve e menos substancial que a forma física. Embora seja incapaz de manipular a matéria, consegue atravessá-la. Desde que a maioria dessas pessoas fica realmente consciente de emergir de seu corpo físico e de, posteriormente, retornar a ele, conclui-se que aquele 'outro' corpo fica localizado normalmente dentro do corpo físico, tendo, por vezes, a capacidade de deixá-lo e de viajar enormes distâncias. **É evidente que tais experiências constituem a base para a tese tradicional e universalmente aceita de que os seres humanos possuem alma.** Tais experiências convencem os que passam por elas de que todo mundo possui um tipo de corpo secundário, que pode separar-se temporariamente do corpo físico, durante a vida, e permanentemente, após a morte. Na realidade, as pessoas que morreram e ressuscitaram sempre relatam esta experiência. Às vezes, as EFCs envolvem um estado de consciência tão altamente agradável e vividamente claro, aparentemente tão superiores à consciência dentro do corpo, que constata-se uma falta de interesse em retornar ao corpo. Alguns 'retornados' expressam raiva e frustração ao se depararem de volta a sua forma física. Uma consequência típica de retorno de uma EFC é a perda do medo da morte.

As pessoas que nunca passaram por experiências desse tipo geralmente supõem que elas sejam sonhos vívidos, porém a explicação para o 'sonho' apresenta alguns pontos falhos embaraçosos:

1. As pessoas que tiveram EFCs sonham como qualquer outra pessoa e recusam-se a aceitar o fato de que a experiência foi um sonho - para elas foi muito diferente de um sonho.
 - a) Durante o sonho, não enxergamos objetivamente nosso próprio corpo do lado de fora, o que é característico da EFC.
 - b) Durante a EFC, o ambiente é visto normalmente, como se a pessoa estivesse consciente.
 - c) Todas as pessoas que sonham, ao acordar, sabem que estiveram sonhando. Contudo, essa sensação não ocorre ao final de uma EFC. A certeza de uma experiência real - e não de um sonho - permanece com a pessoa não apenas durante a experiência, mas muito tempo após a mesma. Por exemplo, William Gerhardt, que passou pela experiência e escreveu a

respeito, afirmou que mesmo que o mundo todo lhe dissesse que sua EFC tinha sido um sonho, nada conseguiria convencê-lo disso.

2. O que se vê e o que ocorre durante uma EFC, em muitos casos, é testemunhado por pessoas presentes que estão ao lado do corpo aparentemente adormecido, inconsciente ou quase-morto.
3. Muitos relatam que a própria percepção do ambiente fica mais vívida, mais real e mais inquestionavelmente convincente do que a percepção ligada à consciência normal. Conforme disse o famoso psiquiatra Jung ao descrever uma de suas EFCs: "A experiência foi contundentemente real. Possuía uma característica de objetividade absoluta".

Por Que Ocorrem Experiências Fora Do Corpo?

Uma pesquisa entre centenas de casos publicados mostra um padrão bem nítido, ou seja, as EFCs estão divididas em três categorias distintas: espontânea, voluntária ou induzida.

Experiências espontâneas

Ocorrem quase sempre quando o indivíduo está adormecendo, acordando, ou até mesmo dormindo. (É interessante observar aqui que os ocultistas há muito acreditam que o Eu deixa o corpo regularmente durante o sono, embora a maioria das pessoas não perceba isso.) O indivíduo pode despertar completamente e encontrar-se fora do próprio corpo. Na verdade, este é o tipo mais comum de EFC. Embora não compreendamos o porquê, o Eu pode separar-se do corpo físico durante o sono. Curiosamente, um estudo de centenas dessas experiências revela que uma vez ocorrida a separação, existem três possibilidades: a consciência pode ser total, parcial ou inexistente. Se houver consciência total então o indivíduo passa por uma EFC vívida. Em casos de consciência parcial, a pessoa tem uma vaga lembrança do que ocorreu, como se fosse um sonho, com o aumento e a diminuição graduais da consciência, e só se convence de que passou pela experiência caso alguém tenha testemunhado o fato. Se não há consciência, então, o indivíduo não terá nenhuma lembrança de sua experiência, e somente o fato de testemunhas virem-no 'fora' demonstra que a experiência ocorreu. Está claro que a consciência pode variar durante a experiência, pois Sylvan Muldoon e muitos outros projetores habituais tornaram-se conscientes, ou intermitentemente conscientes, enquanto estavam a alguma distância do próprio corpo, mas não conseguem lembrar-se do restante da viagem.

Experiências voluntárias

Nesses casos, o indivíduo pode ser um projetor habitual cuja primeira experiência tenha sido espontânea. O desejo de passar por EFCs segundo a própria vontade levou esses indivíduos a desenvolverem procedimentos para 'sair' do corpo, geralmente por meio de técnicas de relaxamento quando estão prestes a dormir. Estes métodos são descritos nos livros de Sylvan Muldoon, Oliver Fox, Yram e Robert Monroe.

Normalmente, o projetor voluntário passa por uma ou algumas poucas EFCs, quase sempre durante o sono e aparentemente em resposta a um desejo muito forte de ver alguém que o preocupa muito; quando acorda, percebe que está 'viajando' até aquela pessoa. As experiências voluntárias parecem ser as mais raras.

Experiências induzidas

Em frequência, estas parecem ser intermediárias entre as experiências espontâneas - comuns - e as voluntárias - mais raras; ocorrem em associação com traumas do corpo físico que parecem forçar o Eu temporariamente para 'fora'. A maioria delas ocorreu por asfixia, anestesia, doenças, perda de consciência em decorrência de algum ferimento no corpo e pelo uso de drogas alucinógenas.

A Ciência Moderna Em Busca Da Alma

A existência das EFCs está fundamentada numa longa tradição histórica e, na verdade, a evidência sugere fortemente que provavelmente as únicas pessoas que não acreditam nessas experiências são exatamente as que têm o privilégio de uma educação moderna. Atualmente, um pequeno grupo de cientistas, intrigados pelo valor dessa evidência histórica e pela profusão de relatos contemporâneos de tais experiências, deu a largada para a pesquisa sistemática junto a indivíduos que afirmam poder deixar o corpo segundo a própria vontade.

Este trabalho vem sendo patrocinado pela ASPR, American Society for Psychical Research (Sociedade Americana de Pesquisa Psíquica) em Nova York, pela Psychical Research Foundation (Fundação para a Pesquisa Psíquica) de Durham, da Carolina do Norte, pelo departamento de parapsicologia da Universidade de Virginia e pelo Stanford Research Institute (Instituto de Pesquisa de Stanford) em Menlo Park, Califórnia. Esses pesquisadores, cujo trabalho poderá vir a ser um dia reconhecido como um dos mais importantes da comunidade científica, já iniciaram sua busca pela alma. Como era de esperar - sempre que se tenta ultrapassar uma nova fronteira - alguns dos experimentos conduzidos por esses pesquisadores produziram resultados negativos ou inconclusivos. Entretanto, eles também apresentaram algumas descobertas que só podem ser descritas como fascinantes.

O eletrencefalógrafo

O primeiro experimento de EFC com um eletrencefalógrafo, ou EEG (aparelho usado para registrar a atividade elétrica cerebral), foi conduzido pelo dr. Charles Tart, psicólogo da Universidade da Califórnia, após ter ouvido de uma amiga - uma jovem de vinte e poucos anos - que desde a infância tinha passado por EFCs de duas a quatro vezes por semana durante o sono. Contou-lhe que acordava flutuando perto do teto, vendo seu corpo adormecido na cama. Tart pediu-lhe para reproduzir a façanha no laboratório, ligada ao EEG para verificar o que seu cérebro fazia enquanto estivesse 'fora'. Construiu uma estante quase até o teto da sala em que ela ia dormir. Colocou um relógio digital no topo da estante com cinco números escolhidos ao acaso. Na quarta noite do experimento, a jovem despertou, identificou o número corretamente (25132) e indicou a hora exata em que havia flutuado até o teto para ver o número. Após leitura do EEG, os padrões encontrados foram considerados excepcionais. O dr. William Dement, um dos maiores especialistas em pesquisa sobre o sono, não conseguiu identificar aquele resultado como nenhum padrão conhecido de sono ou despertar.

Outro projetor habitual, Robert Monroe, apresentou resultados inusitados nas leituras de EEG realizadas durante suas EFCs. Descobriu-se uma diminuição da voltagem na leitura do exame do indivíduo enquanto ele disse ter estado 'fora'. Aparentemente, algo estava ocorrendo naquele período.

Mostradores enlouquecidos!

O dr. Karlis Osis, diretor de pesquisas da ASPR, construiu uma caixa contendo um campo elétrico e instrumentação projetada para detectar qualquer alteração na mesma. Pediu a Pat Price, um projetor habitual, para tentar 'voar para dentro' da caixa. Nas diversas ocasiões em que Price afirma tê-lo feito, o dr. Osis diz que "os mostradores enlouqueceram como se algo tivesse interrompido o campo elétrico dentro da caixa".

Flashes de luz

Alex Tanous, outro projetor habitual que está sendo estudado pela ASPR, sente-se emitindo luz quando em EFC. Esta impressão poderia ser mensurada

objetivamente? Os cientistas responsáveis por este trabalho montaram uma sala totalmente escura com vários dispositivos sensíveis à luz, conhecidos como fotomultiplicadores. De um quarto localizado em outra parte do edifício, Tanous foi solicitado a projetar-se no quarto escuro. Diz ele: "Simultaneamente a minha entrada no quarto escuro, os fotomultiplicadores registraram cinco ou seis explosões de [luz]". É extraordinária a coincidência entre as impressões subjetivas e objetivas.

Movimentação de penas

Em outro experimento conduzido pela ASPR, utilizou-se um recinto com uma pena suspensa por um fio. O projetor é solicitado a sentar-se em outra sala, sair do corpo e dar um 'mergulho' astral no recinto, numa tentativa de movimentar a pena; qualquer movimento naquele recinto é medido eletronicamente e registrado num papel quadriculado. Alex Tanous, Pat Price e muitos outros indivíduos aparentemente realizaram significativa movimentação da pena, quando projetados. Assim, não seria excessivamente otimista dizer que começamos a acumular resultados positivos com experimentos de instrumentação.

Detectores animais

A sensibilidade aparente dos animais aos fenômenos paranormais sempre foi observada. Atualmente, esta sensibilidade vem sendo estudada pela ciência em busca da alma. O dr. Robert Morris, psicólogo da Fundação para a Pesquisa Psíquica em Durham, Carolina do Norte, conduziu alguns experimentos com Stuart 'Blue' Harary, utilizando um gerbo (pequeno roedor), um hamster, uma cobra e um gato. Os animais, mantidos em gaiolas, foram observados para determinar seu padrão normal de comportamento nesse tipo de cativeiro. Enquanto isso, num outro aposento, Blue tentou se projetar para dentro da gaiola do animal. O gerbo e o hamster não esboçaram qualquer reação, mas a cobra e o gato sim. Segundo Morris, a cobra... ficou bastante agitada no momento em que Blue tentava visitá-la. Sua respiração acelerou-se. Houve, definitivamente, uma reação.

Scott Rogo, pesquisador de fenômenos psíquicos da Califórnia, presente durante a experiência, coloca o fato de maneira ainda mais dramática:

Quando Blue visitou a cobra, em seu estado fora do corpo, ela parou seus movimentos normais em volta da gaiola e começou literalmente a atacar. Deu vários botes contra o ar durante cerca de vinte segundos - exatamente na metade do tempo em que Blue, sem saber o que ocorria no laboratório, afirmou ter estado fora do próprio corpo e dentro da gaiola com a cobra.

O gato, que pertencia ao próprio Blue e que lhe havia sido presenteado pelo dr. Morris, corria normalmente de um lado para outro dentro da gaiola, mas, súbito, ficou completamente parado durante o período em que Blue afirma ter se projetado na gaiola do animal. O dr. Morris repetiu o experimento mais quatro vezes com resultados idênticos; todas as vezes o gato acalmava-se dramaticamente sempre que Blue dizia ter estado na gaiola. Segundo o dr. Morris, os resultados, foram - estatisticamente - "dramaticamente além... das possibilidades reais". No período em que o gato esteve 'sozinho', correu de um lado para outro da gaiola constantemente e miou 37 vezes. Em contrapartida, durante o tempo em que Blue afirma tê-lo visitado, o animal parou de andar de um lado para outro, não miou sequer uma vez e parecia notar uma presença no recinto que nenhum ser humano dentro da sala pôde perceber.

Características Da EFC

É importante lembrar que a maioria dos que tiveram EFCs não possuía anteriormente nenhum conhecimento de que tal experiência fosse possível. Isto torna

ainda mais fascinante descobrir as mesmas características recorrentes nas centenas de casos de EFCs já coletados.

Realidade

A primeira característica mencionada repetidas vezes é a incrível realidade da experiência. Talvez a melhor evidência desta realidade seja a afirmação de muitos projetores de que não tinham idéia de que lhes ocorria algo diferente até verem os próprios corpos inconscientes. E tais experiências são tão vívidas que até mesmo a visão do próprio corpo inconsciente talvez não seja suficiente para convencer o projetor de que a situação é realmente 'anormal'. O caso seguinte, que envolve um fazendeiro de Wisconsin, serve de ilustração:

Num certo dia de inverno, ele atrelou sua parelha e foi para o campo em busca de lenha. Na volta, estava sentado no alto do trenó carregado. Caía uma neve fina. De repente, um caçador (que por acaso estava perto da estrada) atirou num coelho. Os cavalos pinotearam, dando um solavanco no trenó e jogando-o ao chão de cabeça... assim que caiu no chão teve consciência de ter se levantado e visto a 'si próprio' imóvel, deitado perto da estrada com o rosto enterrado na neve. Viu a neve cair por toda parte, viu o vapor produzido pela respiração dos cavalos, viu o caçador correndo em sua direção. Tudo isto era muito real; porém, estava muito confuso porque havia dois dele, o que o fez acreditar, naquele momento, que estava observando tudo o que acontecia de um outro corpo físico.

Quando o caçador se aproximou sua visão começou a ficar turva. A próxima impressão consciente que teve foi de se ver no chão com o caçador tentando reanimá-lo. O que vira do corpo astral foi tão real que ele não conseguia acreditar não existirem dois corpos físicos e chegou mesmo a procurar suas pegadas na neve, no local onde sabia ter estado.

Marcel Louis Forhan, um projetor habitual que escreveu um livro a respeito de suas experiências sob o pseudônimo de Yram, descreveu a experiência de se levantar pela manhã sem notar que seu corpo físico ainda continuava na cama e, assim, fez tudo o que costumava fazer todos os dias até o momento de perceber que tinha se projetado inconscientemente. Estes casos são tão conhecidos dos estudiosos de EFC que já o rotularam de caso de "falta de insight", significando que o indivíduo não percebe, a princípio, que está em estado anormal.

Os dois exemplos seguintes foram extraídos do livro *Out of the-body experiences* {Experiências fora do corpo}, de Celia Green, pesquisadora da Universidade de Oxford. A autora escreve que: "Em casos típicos dessa categoria, o indivíduo poderá... continuar dessa maneira sem perceber que seu corpo físico sofreu um acidente ou um trauma e que está inerte e inconsciente".

Levantei-me do chão - surpreso por não estar ferido nem sentindo dor - e saí andando. Vi pessoas correndo e olhei ao redor para saber o porquê. Foi quando vi meu corpo ainda deitado [sic] no asfalto e as pessoas correndo na direção dele... algumas me atravessavam enquanto eu estava ali de pé... [aparentemente as pessoas não o viam] . Eu me movia de um lado para outro, achando que estava no meu corpo... Tudo parecia normal.

Numa tarde de outono, por volta das cinco da tarde, minha família e eu estávamos à mesa tomando chá. Subitamente, minha mãe, ou meu pai, lembrou-me... de que eu tinha aula de música, então peguei apressadamente meu material e saí correndo pela porta da frente e pelo portão até chegar à calçada molhada e coberta de folhas.

Meu pensamento: Preciso correr. Preciso ter cuidado. Seria horrível se eu escorregasse em uma dessas folhas e caísse. Vi nitidamente a imagem de meu corpo prostrado na calçada, enquanto 'eu' corria pela rua, quase alcançando a esquina.

O que na verdade ocorreu e que me foi contado posteriormente: Meus pais me observaram sair de casa... Viram quando caí e, então, minha mãe disse: "Ela não está se levantando". Meu pai correu para mim e ouvi quando ele disse a outra pessoa que havia atravessado a rua para me ajudar: "Eu cuidarei dela, sou seu pai".

A visão do próprio corpo geralmente leva o indivíduo a uma consciência de que algo de anormal está ocorrendo e a uma rápida conclusão disso provocada por fortes emoções de medo e assombro produzidas pela experiência.

Depois disso, vi a minha esquerda um grupo de pessoas de branco [ela havia sido hospitalizada] debruçadas sobre 'alguma coisa' no chão. Subitamente percebi que aquela 'coisa' era eu. Imediatamente retornei a meu corpo na velocidade da luz.

Na realidade, na pesquisa que Celia Green conduziu com 400 pessoas que afirmaram terem tido EFCs, muitas comentaram a respeito da absoluta realidade da experiência e da sensação de totalidade pessoal contida nela. Nenhum dos indivíduos afirmou que havia se sentido pessoalmente incompleto, sem substância ou irreal durante a experiência; todos se sentiram completamente identificados com seu Eu natural.

À parte de mim que estava fora do meu corpo era o meu eu verdadeiro, assim como eu o conhecia, a parte que vê, pensa e sente...

Minha identidade e consciência estavam exatamente como de costume...

Senti-me completamente eu.

O corpo astral

Quando fora do corpo, de que forma, se existir alguma, o indivíduo se percebe? Será a forma do Eu uma réplica do corpo físico? Será uma forma diferente da reconhecidamente humana? Ou será que a consciência fundamental humana não tem forma alguma, ou nem mesmo ocupa espaço? Ao examinarmos os inúmeros relatos de EFCs, vemos que temos respostas claras para estas perguntas. E ocorre que todas essas coisas podem acontecer uma vez que o eu humano é multiforme e pode aparecer de diversas formas uma vez liberto do corpo físico – inclusive, conforme veremos adiante, completamente vestido!

Muitos projetores possuem uma forma completamente humana, exatamente a duplicata de seu corpo físico, inclusive com as roupas que usavam no momento da EFC, ou, em alguns casos, com as roupas que costumam usar regularmente. A seguir, a experiências:

Olhei para baixo em direção de meu segundo eu e dei-me conta de que eu era uma cópia exata de meu eu material. Toquei minhas roupas e olhei para mim e fiquei pasma ao ver que estava usando a mesma saia preta [e] blusa branca de bolinhas vermelhas [e os] mesmos sapatos etc... Lembro-me de ter me tocado e sentido a textura de minhas roupas. Tudo isso pareceu bem concreto.

Acordei de repente, estava amanhecendo, e a luz matutina penetrava pelas cortinas do quarto, oferecendo claridade suficiente para que eu pudesse ler... [lá] estava... Eileen, olhando para o noroeste, de frente para a janela. Estava de camisola, [seu] rosto muito pálido, quase translúcido. Movia-se lentamente - de costas - na direção da porta, mas... estava, por outro lado, imóvel, [ela] não estava... caminhando... Saí da cama e a segui. Pude ver perfeitamente [sua] figura se movendo, uma figura muito opaca e que parecia uma pessoa viva... e ao mesmo tempo a cabeça da Eileen [física], dormindo em sua cama, a roupa de cama se movendo à medida que ela respirava.

Outros duplos, embora réplicas exatas da forma física em todos os outros aspectos, são transparentes. O sr. F. Thompson descreve sua experiência:

Percebi que estava em meu quarto, completamente consciente e... flutuando horizontalmente sobre meu corpo! Este 'corpo' flutuante parecia [consistir de] uma substância diáfana e sua forma parecia ser um contraponto do meu eu físico e correspondentemente alinhado sobre ele.

Em outras EFCs, a consciência do indivíduo e a percepção sensorial ficam contidas não numa duplicata, mas numa forma inteiramente diferente da humana! Algumas dessas possibilidades não-humanas estão ilustradas nos exemplos a seguir:

Eu não tinha substância ou qualquer tipo de forma, mas tinha consciência de uma área de controle de forma vagamente oval, cerca de 80 centímetros de largura por 30 de profundidade.

Era como se eu, ou seja, a parte de mim que pensa, estivesse contida num pequeno círculo.

Sinto-me como um único olho iluminado de mais ou menos 6 cm de diâmetro.

Estou sem corpo, mas num pequeno espaço que possui tamanho e local definidos.

Não era um outro corpo; [era] mais parecido com um campo magnético ou elétrico.

A prova de que alguns projetores podem ocupar formas não-humanas enquanto estão 'fora' não fica restrita a seu próprio testemunho. Robert Monroe, da Virgínia, é um homem de negócios que escreveu um livro a respeito de suas inúmeras EFCs. Após deixar bem claro que ele quase sempre ocupa uma forma que parece humana para ele, mas que normalmente é invisível às pessoas encarnadas, ele descreve a seguinte experiência:

Por volta de 19h30, decidi tentar visitar R.W. em sua casa, a uns 13 quilômetros de distância... Não tive nenhuma dificuldade [em me projetar] e imediatamente me vi numa sala de estar. Lá estava... R.W. sentada perto de uma luz reluzente. Fui em sua direção... A seguir, tive certeza de que ela me viu, mas parecia assustada. Recuei... mas alguma coisa me puxou de volta a [meu corpo] e encontrei-me novamente em meu quarto.

Houve uma conseqüência muito estranha. No dia seguinte, R.W. me perguntou o que tinha feito na noite anterior. Perguntei-lhe por que desejava saber e ela me disse: "Estava lendo o jornal na sala de estar, logo depois do jantar. Alguma coisa fez com que eu olhasse para cima e, do outro lado da sala, havia algo suspenso, balançando no ar". Perguntei-lhe com o que aquilo se parecia e ela respondeu: "Algo como uma fina tira de chiffon cinza. Atrás daquilo eu conseguia ver a cadeira e a parede e aquilo começou a vir em minha direção. Fiquei assustada e pensei que talvez pudesse ser você... aquilo ficou apenas suspenso no ar, balançando suavemente... Depois, a coisa recuou e desapareceu rapidamente". Ela perguntou se aquilo era eu e respondi que talvez fosse.

"Bem, da próxima vez diga alguma coisa para eu ter certeza de que é você. Assim não ficarei tão assustada."

Garanti-lhe que o faria. [Parece que] não sou um fantasma muito luminoso e não tenho [uma] forma humana - às vezes.

Raymond Bayless, estudioso de assuntos mediúnicos, nos dá outro exemplo:

No dia 5 de fevereiro de 1955, estava sentado num sofá em casa, quando vi uma sombra estranha em forma de trapézio e aproximadamente da altura de um homem. Ela estava inclinada para o lado direito e parecia não ter contato com o solo. Ao encará-la, surpreso, ela precipitou-se - esta é a única palavra que posso realmente utilizar para descrever seu estranho movimento - através de duas portas de vidro, que estavam abertas e davam para a sala de visitas, de onde sumiu de repente. Automaticamente olhei para o relógio e vi que eram 18h15.

Saí de casa e andei aproximadamente 18 quilômetros até o estúdio do sr. Attila von Szalay [médium, cujos poderes paranormais o sr. Bayless estava estudando]. Ao abrir a porta, eu disse: "Adivinhe o que me aconteceu?"

Ele respondeu que eu o tinha visto e durante a conversa que tivemos ele afirmou que tinha tentado deliberadamente projetar-se dentro de minha casa para que eu pudesse provar a mim mesmo que a projeção astral era uma realidade.

Contudo, outros indivíduos não vêem a si mesmos sob qualquer forma, humana ou não. Por exemplo, às vezes, podem descrever-se como "uma consciência desencarnada", "um átimo de presença" ou como "olhando para [mim mesmo] do nada". A seguir, a experiência de uma jovem:

A princípio, achei tudo muito engraçado; não podia ser verdade. Estou aqui em cima e ao mesmo tempo estou lá embaixo, deitada na cama. Perguntei a mim mesma se conseguiria acordar meu marido para contar-lhe o que estava acontecendo, mas aparentemente eu não tinha mãos para sacudi-lo ou tocá-lo; não havia nada de mim – o máximo que eu conseguia fazer era enxergar.

Sólido, transparente, translúcido, oval, um círculo pequeno, um campo, magnético, uma fina tira de chiffon, uma sombra em forma de trapézio, uma consciência desencarnada, um átimo de presença? Como tais variações são possíveis? Por que uma pessoa possui forma, enquanto outra não? As corajosas explorações de Robert Monroe fora de seu corpo oferecem informações capazes de fornecer uma resposta a estas questões. Numa tarde de setembro de 1960, Monroe deixou o corpo.

Novamente, percebi aquela estranha elasticidade semelhante à borracha deste outro corpo. Conseguia ficar em pé no meio da sala até esticar o braço e tocar uma parede a mais ou menos 3 metros de distância. No começo, nem de longe meu braço chegava à parede. Então, continuei esticando meu braço e subitamente a... parede estava contra minha mão. Apenas pelo fato de ter esticado meu braço, ele chegou a ficar o dobro de seu comprimento normal... Quando parei de esticar, o braço voltou ao normal. Isto confirma a outra evidência de que você pode dar quase todas as formas que desejar ao novo corpo, consciente ou inconscientemente.

Depois de muitas experiências como esta, Monroe concluiu que este 'segundo corpo' fica totalmente receptivo ao pensamento e pode tomar qualquer forma transmitida pela mente em qualquer momento. Uma vez que os seres humanos estão muito acostumados à aparência de seu corpo, Monroe especula, então, que talvez esta seja a razão de tantos projetores se parecerem exatamente com sua forma física.

A evidência mencionada não prova, mas certamente sugere, que o Eu humano é uma forma de energia que pode assumir qualquer formato, desde um minúsculo ponto no espaço até a réplica idêntica do corpo físico. Porque nossa familiaridade com a forma humana nem sempre a produz na forma astral, ainda está por ser descoberto. Por razões desconhecidas, a mente nem sempre, talvez, dá a 'ordem'. Por exemplo, Monroe - após centenas de projeções percebeu que às vezes sua forma astral começou a focar sem os membros e a ir assumindo uma forma meio ovalada e incompletamente humana.

Como vimos, a forma astral pode parecer totalmente sólida, transparente ou completamente invisível. Sua visibilidade para o ocupante varia da mesma forma. Um projetor habitual, Oliver Fox, que afirma ver normalmente seu corpo astral, acrescenta que "ocasionalmente, não consigo ver o corpo astral quando o procuro, ou seja, não vejo meus braços, nem minhas pernas, nem meu corpo! - é uma sensação extraordinária -, sou apenas uma consciência, uma pessoa invisível até para mim mesma".

Roupas astrais

Muitos céticos se divertem ao saber que os mortos e os corpos astrais dos vivos aparecem, quando visíveis aos encarnados, completamente vestidos, inclusive com seus acessórios fantasmagóricos como bengalas, jóias etc. Porém, tal como o

braço de Monroe, a substância do corpo astral pode ser deslocada e manipulada de acordo com os pensamentos e desejos do projetor. E como ele afirma: "se o indivíduo foi condicionado a ter uma conscientização extrema de nudez, provavelmente ele pensará que está vestido, e de fato estará". Conforme o dr. Wiltse, quando próximo da morte, descreveu o novo corpo no qual se encontrava:

Eu parecia ser translúcido, de um tom azulado, e completamente nu. Sentindo-me penosamente constrangido, fugi em direção a uma porta parcialmente aberta para me livrar dos olhares de duas senhoras que eu estava encarando, assim como os outros que... me cercavam, mas ao chegar até a porta *descobri-me vestido*.

A pesquisa de Celia Green entre 400 pessoas que tiveram EFCs revela que, sempre que o corpo astral se parece com o físico "[ele] tem a propensão de estar vestido normalmente, ou seja, com as roupas que o indivíduo está, ou estaria, usando naquele momento. Que as roupas são, na realidade, feitas da substância sutil do corpo astral, está provado por aqueles casos em que os projetores têm testemunhado sua criação! Dois projetores habituais, Sylvan Muldoon e Caroline Larsen, afirmam terem testemunhado esse processo. Segundo os dois, a forma astral é cercada de uma emanção de luz, que ela própria gera e que normalmente é denominada de 'aura'. As 'roupas' astrais são compostas pelo efeito da mente - tanto consciente como inconsciente - sobre essa 'aura'. Muldoon diz que ninguém deve se preocupar ao se ver nu durante uma EFC, pois sua aura o envolve e tão logo o indivíduo comece a pensar em suas roupas ele descobrirá que seus pensamentos já formaram ou materializaram suas vestimentas.

Certa ocasião, percebi a roupa se formando da emanção que envolvia meu corpo astral... e a roupa era exatamente como a que cobria meu corpo físico.

O indivíduo pode acordar, de um estado de inconsciência, no astral [ou seja, acordar e perceber que está tendo uma EFC], e perceber que já está vestido! Assim sendo, fica evidente que... a mente subconsciente... [pode] produzir as roupas... a mente consciente não cria necessariamente a... vestimenta.

Da mesma maneira, durante uma EFC, Caroline Larsen entrou na casa de um vizinho muito doente, na verdade, moribundo. Durante várias vezes, ela observou a forma astral dele saindo do corpo físico e depois voltando a ele, antes de deixá-lo pela última vez. Larsen diz: "toda vez que ele saía de seu corpo físico., sua aura cobria-o imediatamente com um mantô que ele sempre usava.

Invisibilidade

A afirmação de que o corpo astral é invisível às pessoas encarnadas merece alguma elaboração. Na realidade, para alguém que está tendo uma EFC, este é um dos traços mais surpreendentes da experiência. O dr. George Ritchie, o psiquiatra cuja experiência foi relatada no início deste capítulo, ficou tão invisível em seu estado fora do corpo que um atendente carregando uma bandeja de instrumentos no corredor do hospital atravessou o corpo dele! Oliver Fox declarou que durante suas EFCs geralmente ficava invisível por completo para as pessoas encarnadas. Durante uma de suas EFCs ele se viu numa rua de casas de tijolos aparentes. Decidiu entrar numa delas, pois estava curioso para saber se os moradores teriam noção de sua presença. Subiu as escadas, entrou num dos quartos e viu uma jovem penteando-se defronte ao espelho.

Já sabia, pelas minhas experiências anteriores, que havia uma pequena possibilidade de ser visto por ela. Ocorreu-me que eu poderia ficar atrás da moça e olhar, sobre seu ombro, no espelho. Queria saber se meu rosto iria se refletir no espelho. Fiquei tão próximo dela que sentia até o perfume suave emanando de seu cabelo. A única coisa que vi foi o rosto da moça - era bonita, acho que seus olhos eram acinzentados , contudo não havia o menor sinal de que meu rosto era visível.

Após três semanas de enfermidade, o dr. George W. Kelly foi declarado morto pelo médico, embora tenha se recuperado posteriormente. Ao se ver fora do próprio corpo, em vão tentou chamar a atenção da esposa:

Vi que a comunicação era impossível. Cheguei a tocá-la mas ela parecia estar inconsciente da minha presença.

Estas não são experiências singulares em nossa sociedade, como está claro numa passagem do Bardo Thödol, o Livro Tibetano dos Mortos. Esta obra budista tibetana sobre a natureza da morte foi publicada pela primeira vez no século VIII, embora seus ensinamentos sejam muito mais antigos. Conforme esse livro, após ocorrer a morte física a pessoa vai se ver fora do próprio corpo e totalmente consciente em seu corpo 'astral' ou 'bardo', do qual poderá ver seus entes queridos chorando por ela, sem poder chamar a atenção deles:

A todos aqueles que te pranteiam (dirás): "Eis-me aqui, não choreis mais". Porém eles não te escutarão e tu pensarás, "Estou morto".

Permeabilidade

Outro traço assombroso e no entanto repetitivo dessas experiências é aquele em que o corpo astral fica em geral completamente permeável à matéria - ou seja, tem a capacidade de atravessá-la sem a menor dificuldade, sem até mesmo qualquer sensação! O efeito dessa experiência sobre uma pessoa condicionada ao contato com objetos físicos pode ser extremamente perturbador. Sylvan Muldoon passou por isto pela primeira vez durante sua primeira EFC, quando tinha 12 anos. Ao se ver fora do corpo, assustado e surpreso, tentou sair de seu quarto para acordar os outros ocupantes da casa:

Tentei abrir a porta, mas me vi passando através dela. Outro milagre para minha mente já admirada! Indo de um aposento para outro, tentei muito acordar todos os que estavam dormindo. Tentei agarrá-los, chamei-os, tentei sacudi-los, mas minhas mãos passavam através deles como se eles fossem fumaça.

Um dos pesquisados de Celia Green disse que durante sua EFC tentou acender a luz do quarto:

Apertei [o] interruptor, mas meu dedo atravessou o botão. Tentei isso várias vezes. Pensei que poderia fazer um teste. Pressionei minha mão espalmada não apenas uma, mas várias vezes sobre a caixa... onde os fios elétricos estão ligados ao interruptor... mas minha mão atravessou a caixa...

Conforme Celia Green, isto geralmente ocorre quando um indivíduo, durante uma EFC, tenta fazer contato tátil com seu meio. A seguir, outro exemplo:

Foi quando aconteceu algo que me intrigou e continua me intrigando desde então. Saí do meu corpo em direção à porta, pensando em abri-la e em sair, mas para minha surpresa vi que a porta não me impedia de maneira nenhuma. Simplesmente passei através dela como os raios de sol atravessam uma vidraça.

Durante o sono em uma EFC, um dos projetores diz:

Encontrei-me indo de encontro à parede e imaginei que ela pudesse me deter, porém [eu] passei através dela até chegar ao ar livre. Lá fora havia uma árvore e eu passei através dela [também] sem qualquer resistência.

Talvez ainda mais extraordinária seja a sensação de atravessar sem resistência um corpo físico de outro ser humano, uma experiência que Sylvan Muldoon afirma ter lhe acontecido reiteradas vezes:

Às vezes, desviamos-nos das pessoas. Podemos estar caminhando pela rua e, ao encontrarmos alguém em carne e osso, desviamos-nos dela instintivamente. Por outro lado, existem momentos em que atravessamos as pessoas - sem nos preocuparmos

em colidirmos... esta é uma sensação incrível quando temos a experiência pela primeira vez!

E, talvez, a mais extraordinária de todas seja a sensação de atravessar estruturas materiais durante uma EFC! Robert Monroe comenta a respeito de suas viagens:

É meio desconcertante quando você corre precipitadamente em direção a uma casa ou árvore e passa através dela... você nunca supera completamente o condicionamento do corpo físico e pensa que tudo é sólido.

Entretanto, em raras ocasiões os projetores habituais declararam que não conseguiram atravessar a matéria ou que o fizeram, mas com uma dificuldade que não estavam acostumados a ter:

Ao me defrontar com a parede, parecia não conseguir penetrá-la... estiquei os braços... Houve um instante de resistência, depois, atravessei-a. Mas havia algo diferente. À medida que a atravessava, senti e identifiquei cada camada de material da parede - a tinta, o reboco, as ripas, o revestimento e finalmente o acabamento do lado de fora.

Assim, vemos que existem três possibilidades diferentes, cada uma delas relatada várias vezes: mais comumente, o corpo astral atravessa a matéria instantaneamente e sem a menor resistência; mais raramente, atravessa-a com alguma resistência ou então nem consegue atravessá-la. A explicação mais plausível para estas variações está na quantidade de material ectoplásmico levado pelo corpo astral - que pode torná-lo invisível, transparente ou sólido na aparência e, correspondentemente, permeável, semipermeável ou impermeável à matéria.

A Similaridade Essencial Dos Vivos E Dos Mortos

As EFCs. Oferecem dados decisivos para quem deseja desenvolver uma teoria razoável sobre vida e morte, pois elas unem as duas intimamente. É muito comum a crença de que os vivos e os mortos são completamente diferentes, daí nosso medo e horror perante a morte. Porém as EFCs nos conduzem a uma conclusão surpreendente os vivos e os mortos são a mesma coisa. A única diferença é que os vivos possuem temporariamente um corpo físico que os impede de se conscientizarem de que já estão tão 'mortos' como sempre irão estar, pois a individualidade essencial habita a forma astral e é apenas um inquilino temporário da forma física.

Provavelmente, a melhor maneira de se estabelecer uma similaridade entre os vivos e os mortos seja mostrar que ambos são capazes de fazer as mesmas coisas. Na realidade podem mesmo, pois o corpo astral de uma pessoa viva é o mesmo corpo habitado por aquela pessoa depois da morte. Uma EFC realizada por uma pessoa viva deve ser, portanto, muito parecida com o estado pós-morte e permite um grama de experiências similares.

OS MORIBUNDOS: VISÕES NO LEITO DE MORTE

A medicina moderna oferece técnicas de ressurreição que freqüentemente têm trazido de volta à vida pessoas que quase morreram súbita e inesperadamente, por exemplo, de ataque do coração, afogamento ou em acidentes automobilísticos. Posteriormente essas pessoas descreveram estranhas experiências ocorridas durante suas viagens temporárias para o reino dos mortos: muitas dizem terem sido 'recebidas' por amigos e parentes falecidos, por 'auxiliares espirituais' ou por um ser de luz.

Tais experiências indicam o quão distante de nós o mundo além da morte pode estar - se só chegamos lá morrendo. Mas, na verdade, muitos conseguiram entrar naquele reino ainda vivos enquanto padeciam. Aqueles que entram

gradualmente no reino dos mortos em decorrência de câncer, de uma doença séria, da degeneração do corpo relatam terem chegado lá antes da hora! E, antes da morte propriamente dita, descrevem uma alegria intensa, serenidade e um mundo de beleza estonteante, tal como aqueles que ressuscitaram de uma morte súbita.

Esses vislumbres visionários de um mundo após a morte conseguem na verdade envolver tamanha beleza inarrável e são tão intensamente gratificantes que o paciente abre mão da vontade de viver, preferindo 'morrer' naquela visão a continuar a viver sem ela.

Uma reação típica a essa experiência é uma sensação inesperada de exaltação e bem-estar. Mas, estranhamente, médicos e enfermeiros que presenciaram pacientes à beira da morte também descreveram essa melhora de humor em pacientes totalmente incapazes de explicá-la. Por exemplo, abaixo uma enfermeira relata as últimas horas de vida de uma mulher de 59 anos que tinha pneumonia e sofria do coração:

A expressão em seu rosto era linda; seu comportamento pareceu ter mudado radicalmente. Era algo mais do que [simplesmente] uma alteração do estado [depressivo] em que eu a vi em diversas ocasiões anteriores... Ela estava sempre mal-humorada, mas no último ano estivera realmente depressiva. Parecia que havia alguma coisa... um pouco além do nosso entendimento... [aquilo] não era natural... Havia alguma coisa que nos fazia sentir que... ela [estava] em contato com o além e que isso deixou-a muito feliz.

Sem dúvida, uma reação muito estranha. Os moribundos geralmente sofrem. Os pacientes terminais suportam dores atrozes e sentem-se indignados diante da impotência do próprio corpo debilitado. E no entanto, inexplicavelmente, alguns pacientes - mergulhados neste sofrimento profundo 'iluminam-se' com a proximidade da morte, subitamente sentem-se felizes e animados!

Estamos, assim, diante de três tipos de experiências incomuns com indivíduos no leito de morte: aparições de outros mortos, visões de uma vida paradisíaca após a morte e inexplicáveis mudanças de estados depressivos para alegria, felicidade e serenidade, tudo ocorrendo pouco tempo antes da morte. Estas experiências indicam tão fortemente a existência de alguma coisa 'além' da morte que uma série de estudos sobre elas foi publicada ao longo dos últimos cem anos. Frequentemente as mesmas características surpreendentes reaparecem em centenas de casos relatados: o paciente está lúcido e bem consciente do que o cerca, sem o menor indício de delírio; a experiência é muitas vezes de uma intensidade fora do normal, produzindo uma reação muito forte no paciente e até mesmo, muitas vezes, na equipe médica que o assiste; a experiência é totalmente inesperada (os pacientes sempre se assustam com o que lhes está acontecendo) e frequentemente ela não consegue ser explicada clinicamente pelos médicos ou enfermeiros.

A lucidez dos moribundos que passaram por essas experiências desafia os médicos e indica que elas não podem ser rotuladas de alucinações comuns. Consideremos, por exemplo, o seguinte caso, ocorrido na época vitoriana, de uma senhora de meia-idade que estava morrendo do coração. Segundo seu médico, presente em seu leito de morte:

Sua atividade mental era perfeita. Conversou poucos minutos antes de morrer, de maneira inteligente e agradável, como de costume. Não havia nenhum tipo de estupor, delírio... ou... qualquer outro sintoma que indicasse distúrbio cerebral... Após proferir algumas palavras, encostou a cabeça no travesseiro como se fosse dormir e a seguir, inesperadamente, virando novamente a cabeça, um rubor brilhante e bonito... surgiu em seu semblante; seus olhos, abertos e brilhantes... no mesmo momento, num tom de surpresa e prazer, pronunciou o nome de alguém muito querido [já falecido]; e recostando novamente a cabeça no travesseiro... [morreu].

Essa lucidez é tão pronunciada em alguns casos que o moribundo consegue conversar simultaneamente com a aparição - invisível para os demais - e com as pessoas que o cercam em seu leito de morte. Em 1918, o dr. E.H. Pratt, de Chicago, descreveu a morte de sua irmã, Hattie. Enquanto estava na escola a garota contraiu difteria e foi trazida para casa para ser tratada. Sua cama estava na sala, onde a família e os parentes permaneceram durante sua última hora de vida. O dr. Pratt descreve o seguinte:

Ela sabia que estava morrendo e dizia a mamãe como distribuir suas coisas pessoais entre seus... amigos... quando de repente ergueu os olhos como se olhasse fixamente para o teto no lado oposto da sala e, após ficar por pouco tempo naquele estado, aparentemente ouvindo alguém, curvou levemente a cabeça e disse: "Está bem, vovó, eu já vou indo, espere só mais um pouquinho, por favor". Papai perguntou-lhe: "Hattie, você está vendo a vovó?" Demonstrando surpresa, respondeu prontamente: "Estou sim, papai, você não consegue vê-la? Ela está bem ali, esperando por mim"... Apontou para o teto na direção em que estivera olhando momentos antes. Novamente dirigindo-se para a visão que evidentemente tinha de vovó, franziu o cenho um pouco impaciente e disse: "Sim, vovó, já estou indo, mas espere um minuto, por favor". A seguir, voltou-se para mamãe mais uma vez e terminou de dizer quais pertences deveriam ser entregues para seus diferentes... [amigos]. Finalmente, olhando mais uma vez para vovó, que aparentemente exigia que ela partisse de uma vez, despediu-se de cada um de nós. Sua voz estava muito fraca, mas seu olhar - quando olhou de relance para cada um de nós - estava tão natural e inteligente quanto possível. Depois, fixou o olhar na visão e disse "sim, vovó, estou indo agora" com uma voz tão fraca que quase não a ouvimos.

A seguir, morreu. A menina e a avó, que morrera alguns anos antes, sempre foram muito ligadas uma à outra. Sobre essa experiência, tempos depois, disse o dr. Pratt:

Ela estava tão lúcida, tão certa... da presença da avó, com quem conversou tão naturalmente, tão surpresa por não podermos vê-la e alternava a atenção e as conversas entre a avó, seu pai e sua mãe e tão distintamente ... que isto parece-nos impossível de explicar sob qualquer teoria, a não ser que sua avó estivesse viva e totalmente semelhante ao que era em vida que Hattie a reconheceu imediatamente.

Casos Coletivos

É compreensível que os céticos rejeitem estas visões como se fossem alucinações. Mas o que dizer dos casos em que a aparição do visitante morto é testemunhada por mais de uma pessoa? Embora tais casos sejam raros, são importantes justamente porque não podem ser alucinações.

Em 1949, a enfermeira Margaret Moser, de Long Island, viu - diversas vezes - a mesma aparição que sua paciente terminal também via. Esta aparição foi tão clara que algum tempo depois Margaret conseguiu reconhecer o filho da mulher que lhe aparecia, devido à forte semelhança entre o rapaz e a mãe já falecida. Ao relatar este estranho incidente, a sra. Moser escreve:

No inverno de 1948/1949, estava cuidando de uma senhora idosa e gravemente enferma, a sra. Rosa B. Ela era uma mulher muito inteligente, culta e educada... tendo morado por muitos anos na cidade de Nova York. Naquela ocasião, estava morando no Savoy Plaza Hotel, na Quinta Avenida, e até seu último instante de vida esteve no domínio de suas faculdades mentais.

Numa tarde, logo após o almoço, coloquei-a para dormir e sentei-me à mesinha ao lado da janela para registrar seu estado clínico. Eu estava de frente para ela e de costas para a porta. A sra. B. estava dormindo tranquilamente quando, de repente, sentou-se na cama e acenou alegremente. Olhei para a porta, pensando que uma de suas filhas tinha vindo visitá-la, mas para minha surpresa lá estava uma senhora ainda mais idosa a quem eu nunca vira antes. Aquela velhinha era muito parecida

com minha paciente - tinha os mesmos olhos azul-claros, porém o nariz e a queixo eram mais acentuados. Eu a via muito claramente, pois as cortinas não estavam totalmente fechadas e entrava muita luz natural no quarto. A visitante caminhou na direção de minha paciente, debruçou-se e, que eu me lembre, as duas se beijaram. Entretanto, assim que me levantei e caminhei na direção da cama, a figura desapareceu. A sra. B. parecia muito satisfeita. Pegou minha mão e disse: "É a minha irmã!" A seguir, dormiu tranqüilamente. Vi a mesma mulher mais duas vezes, porém não tão claramente e sempre de uma outra sala. Contudo, toda vez que ela aparecia, minha paciente ficava muito feliz.

Algumas semanas depois, a Sra.B. faleceu e durante seu enterro Margaret Moser assustou-se quando viu um homem parecido demais com a velhinha que aparecia para sua paciente. Perguntou a uma das filhas da sra. B. quem era aquele rapaz. Ele era filho da irmã falecida da sra. B.

Cem Mil Mortes

O parapsicólogo dr. Karlis Osis é o maior conhecedor de visões no leito de morte do mundo. Desde 1960 ele investigou mais de cem mil mortes humanas e publicou os resultados em dois livros: *Deathbed observations by physicians and nurses* (Observações no leito de morte feitas por médicos e enfermeiros), em 1961, e *At the hour of death* (Na hora da morte), em 1977. Conforme o título do primeiro livro sugere, toda a informação foi colhida de médicos e enfermeiros fonte ideal devido ao elevado número de mortes que eles testemunham, além do fato de a sua profissão exigir que observem e registrem as reações de seus pacientes.

O que acontece com as pessoas pouco antes de morrerem? De acordo com a informação obtida dos médicos, apenas cerca de dez por cento dos moribundos estão conscientes pouco antes da morte, portanto, aptos a relatar o que acontece no leito de morte. Desse grupo, quantos passam pelas experiências analisadas acima? Infelizmente, a pesquisa de Osis não responde diretamente a nossa questão. Contudo, um exame cuidadoso de suas estatísticas sugere que de metade a dois terços dos pacientes moribundos conscientes passam por aquelas experiências! Tais incidências são peculiares àquele que está morrendo, pois apenas de 10 a 17 por cento das pessoas em condições normais de saúde já tiveram algum tipo de alucinação! Então, o que acontece exatamente com aquele que está, para morrer? Três coisas: **aparição de entes queridos já falecidos, vislumbres do 'próximo mundo' e inexplicáveis elevações do estado de espírito do paciente.**

MAS ISTO NÃO É APENAS ALUCINAÇÃO?

É tentador rotular estas experiências de meras alucinações. Afinal, é bastante razoável que pessoas próximas da morte vejam coisas que não existem, pois seus corpos, e provavelmente suas mentes, estão sucumbindo, se desintegrando, morrendo. O dr. Osis, cientista teimoso e obstinado, tentou explicar estas estranhas ocorrências como meras alucinações. Como veremos, ele não obteve êxito em sua tentativa.

A primeira coisa que o dr. Osis percebeu foi que as alucinações eram de um tipo incomum, com freqüências e características exclusivas das pessoas à beira da morte. Além disso, a maioria dos médicos e enfermeiros que relataram as experiências ao dr. Osis concordou que elas foram singulares: dois terços dessas pessoas não acreditavam que essas experiências pudessem ser explicadas tanto pelas condições físicas dos pacientes como pela medicação que estavam tomando.

COMO EXPLICAR TAIS EXPERIÊNCIAS?

O que, na verdade, desejamos saber a respeito das experiências no leito de morte é o seguinte: as aparições e as paisagens vistas tantas vezes pelos moribundos

e a exaltação de seus ânimos são genuínos ou são apenas alucinações? Uma vez que essas coisas só são vistas por pessoas que estão à beira da morte, o que mais elas seriam se não alucinações? A resposta é que tudo isto pode ser interpretado como experiências psíquicas. A proximidade da morte pode aumentar a percepção do moribundo de modo a torná-lo temporariamente um médium, através de uma ampliação do seu estado de consciência. E, de fato, existem casos que corroboram esta teoria, casos em que médiuns presentes no momento da morte de um moribundo viram as mesmas coisas visíveis a ele, contudo invisíveis às outras pessoas presentes. Uma enfermeira e médium, Joy Snell, escreveu um livro a respeito das observações que fez no leito de morte de seus pacientes e no qual relata experiências como a seguinte:

Cerca de seis meses após ter começado a trabalhar no hospital, fiquei sabendo que os moribundos muitas vezes vêem realmente aqueles que surgem do reino da vida espiritual para recebê-los num outro estado de existência.

A primeira vez que tive esta prova foi na morte de Laura Stirman, uma... garota de 17 anos, que era... minha amiga e estava com tuberculose. Pouco tempo antes de ela morrer, notei a presença de duas formas espirituais ao lado de sua cama - uma de cada lado. Eu não as vi entrar no quarto; quando as vi pela primeira vez, elas já estavam em pé ao lado da cama. Podia vê-las tão distintamente como qualquer outro ser humano presente no quarto. Reconheci suas feições como sendo de duas garotas - amigas íntimas da jovem que estava morrendo. Elas haviam[morrido um ano antes...

A menina reconheceu-as imediatamente e seu rosto iluminou-se com... um sorriso. Estendeu as mãos na direção delas e, alegre, exclamou: "Oh, vocês vieram me buscar!"...

Quando ela estendeu os braços, as duas garotas esticaram... a mão, uma segurando a mão direita e a outra a esquerda da garota agonizante... O semblante delas estava iluminado por um sorriso... radiantemente belo...

Ela não falou mais, mas por quase um minuto permaneceu com as mãos esticadas apoiadas nas mãos de suas amigas, continuando a olhar para elas... com um sorriso no rosto.

A mãe, o pai e o irmão, que haviam sido chamados para estarem presentes no momento de sua morte, começaram a chorar... pois sabiam que ela os estava deixando. Do fundo do meu coração... desejei que eles vissem o que eu via, mas eles não podiam.

Em outras palavras, numa típica experiência no leito de morte o moribundo pode se tornar temporariamente um médium por uma consciência superior criada pela morte iminente e é capaz de enxergar aquilo que normalmente só os médiuns conseguem ver. Esta teoria explica também por que as visões de paisagens paradisíacas podem ser diferentes de um moribundo para outro e por que algumas pessoas que morrem sem terem visões no leito de morte experimentam uma misteriosa alegria pouco antes da morte.

CAUSAS PARA ALUCINAÇÃO

Estas experiências podem ser meras alucinações? Efetivamente, esta parece uma conclusão razoável, e o dr. Osis fez tudo o que pôde para provar que era isto o que acontecia. Pensou em cada uma das possíveis causas de alucinação entre os moribundos e checkou cuidadosamente cada uma delas com as informações que dispunha. E o que ele descobriu?

Anóxia

Se alguém sofre de 'anoxia cerebral', seu cérebro não está recebendo oxigênio o bastante para funcionar normalmente. Para a maioria dos médicos e enfermeiros, a razão mais plausível para as visões no leito de morte é a anoxia

cerebral. Para certificar-se de que esta poderia ser uma causa real, o dr. Osis separou todos os moribundos que tinham tido visões em dois grupos: aqueles que, na opinião dos médicos, sofriam de anoxia cerebral e aqueles que não. Concluiu-se que a anoxia cerebral não fazia a menor diferença, pois as visões dos pacientes à beira da morte que sofriam de anoxia cerebral não se distinguiram das dos outros pacientes.

Portanto, a anoxia cerebral não poderia promover aquelas experiências visionárias.

Drogas

Muitas vezes, as pessoas que estão morrendo recebem doses muito elevadas de drogas que, em alguns casos, sabe-se provocarem alucinações. Assim, estaria nas drogas a explicação para as visões no leito de morte? O dr. Osis considerou esta possibilidade e obteve resultados interessantes. Apenas uma pequena parcela daqueles que tiveram visões na hora da morte tinham recebido quantidade suficiente de medicação para provocar alucinações. Além disso, esta minoria teve as visões com a mesma frequência que os outros pacientes moribundos. Portanto, as drogas não causam as visões.

Febre

Geralmente, quando as pessoas têm febre muito alta começam a delirar e a alucinar. Esta poderia ser uma explicação razoável? Osis descobriu que a maioria dos pacientes que tiveram visões no leito de morte estava com a temperatura normal e apenas uma minoria apresentava febre suficiente para provocar delírios. Assim, a febre também não explica as visões.

Um cérebro doente?

Doenças ou ferimentos que afetam o cérebro podem provocar alucinações. Seria esta a explicação para as visões na hora da morte? A resposta foi negativa, pois apenas um pequeno número daqueles que tiveram visões na hora da morte - de 10 a 13 por cento - teve doenças ou sofreu ferimentos que pudessem afetar o cérebro. E esse pequeno grupo era, no geral, o menos propício a passar pelas experiências de que estamos tratando aqui. Portanto, as visões não podem, definitivamente, ser ocasionadas por cérebros doentes.

Índice alucinogênico

Com toda a cautela, o dr. Osis decidiu fazer uma última e decisiva investigação antes de chegar a alguma conclusão. Do grupo de pacientes moribundos que tinha tido visões, selecionou todos os que tinham alguma condição clínica propícia a alucinações e comparou-os com o restante dos pacientes. (Este grupo abrangia pacientes afetados por drogas, febre, alcoolismo, senilidade, doença mental, renal, doenças ou ferimentos cerebrais, uma batida, problemas circulatórios, hemorragias, ferimentos corporais, cirurgias, enfim, qualquer coisa que reduzisse o suprimento de oxigênio e de sangue no cérebro.) Tais pacientes não tiveram mais visões 'da vida após a morte' que os outros. Na realidade, Osis encontrou evidências que estes tiveram menos visões: as condições clínicas que reduziam a lucidez promoviam alucinações costumeiras que nada tinham a ver com morte, como visões de fatos passados. As condições clínicas, então, não promovem as visões da vida após a morte.

Estresse

Pessoas muito estressadas por vezes alucinam. Como os pacientes moribundos podem estar muito estafados, pois lutam contra a morte iminente e suportam muita dor, não será o estresse - em vez da percepção psíquica de uma outra existência - a causa real dessas visões? O dr. Osis coletou informação entre médicos e enfermeiros a respeito do estado de espírito do paciente no dia anterior à visão. Ele percebeu que os pacientes bem-humorados provavelmente não estavam muito estressados, enquanto os que estavam preocupados, irritados ou depressivos, provavelmente estavam. Os resultados foram muito interessantes: os pacientes estressados tiveram o mesmo número de visão que os outros pacientes. Portanto, o estresse não pode ser a causa dessas visões.

Desejo

Talvez o desejo daquele que está morrendo seja responsável por suas visões, e os pacientes vêem o que desejam ver, da mesma maneira que alguém que está morrendo de sede no deserto pode 'ver' água onde ela não existe de fato. Para investigar isto, o dr. Osis perguntou aos médicos e equipes de enfermagem a identidade das pessoas que os moribundos desejavam ver no dia anterior à alucinação. Em alguns casos, registrou-se um desejo muito forte de ver uma determinada pessoa. Porém, apenas três por cento dos casos de aparição estavam ligados àquela pessoa específica. Em outras palavras, o desejo não criou a maioria das visões.

Medo

Outro forte motivo para uma alucinação pode ser o medo de morrer. Pacientes que esperavam morrer tentavam aliviar seu medo da morte criando fantasias de além-túmulo, ao passo que os pacientes que tinham esperanças de continuar vivendo não as criavam. Contudo, os fatos não corroboram esta teoria. Os moribundos que esperavam morrer e aqueles que tinham esperanças de se recuperar tiveram as mesmas visões paisagísticas do próximo mundo. Os fatos provaram a veracidade das aparições: os dois tipos de pacientes estavam propícios igualmente a ver aparições de pessoas que vinham para conduzi-los à morte. E geralmente essas aparições eram contrárias às expectativas tanto dos pacientes como dos médicos, pois aqueles que esperavam viver - cujos médicos também acreditavam na recuperação deles - acabaram morrendo logo após terem visto aqueles que os chamavam para a outra existência. O sentido disso tudo é claro: o medo não pode ter sido a causa daquelas visões.

Crenças religiosas

Parece razoável supor que as crenças religiosas podem ser responsáveis pelas visões da vida após a morte, e o dr. Osis considerou esta possibilidade cuidadosamente, comparando as experiências no leito de morte de protestantes, católicos, judeus, hindus, muçulmanos e também de pessoas que não tinham nenhuma crença. Todos eles tiveram visões da vida após a morte. Ou seja, a religião não influi na incidência dessas visões. É interessante notar que as religiões têm visões diferentes a respeito da natureza da vida após a morte. Assim sendo, se as idéias religiosas sobre o 'céu' forem a causa real para as visões da 'próxima vida', tais experiências deveriam imitar essas idéias. Porém, isto não ocorreu. Apenas uma minoria das visões paisagísticas mostrou alguma influência religiosa. A grande maioria - 5 de cada 6 - não apresentou nenhuma influência.

As pessoas religiosas estão mais propensas a terem visões no leito de morte? De acordo com Osis, não. E a crença em uma vida após a morte? Os crentes

são mais suscetíveis a estas experiências? Novamente, a resposta é negativa. A conclusão é inevitável. Nenhuma crença religiosa é responsável pelas visões no leito de morte.

O dr. Osis viu-se sem 'explicações', porém não deixou escapar de sua análise algumas outras possibilidades.

Educação

E o que dizer da formação? Talvez as experiências sejam causadas pelas diversas crenças supersticiosas a respeito da morte. Caso sejam, então, as pessoas menos informadas estariam mais propensas a tais visões. O que não ocorreu. Tanto os pacientes instruídos como os incultos tiveram experiências visionárias na hora da morte.

Influências dos observadores

Então, não será possível que médicos e enfermeiros que relataram as experiências tenham sido influenciados por suas próprias convicções? Se, por exemplo, todos acreditassem na vida após a morte, ou fossem religiosos, então isto não provocaria uma interpretação errônea do que ocorreu com o paciente de forma a ser corroborado pelas próprias crenças deles? Após cuidadosa verificação, nada foi revelado. O dr. Osis descobriu que as convicções dos médicos e dos enfermeiros não exerceram qualquer influência na ocorrência das experiências relatadas por eles.

Formação cultural

A formação cultural pode exercer influência muito significativa no comportamento humano. Assim sendo, se as visões no leito de morte forem apenas ilusões criadas pela mente, elas devem ser muito influenciadas pela formação cultural do indivíduo. Se, por outro lado, as visões no leito de morte forem genuínas, a formação cultural do paciente não poderá exercer nenhuma influência nas visões. Tendo esta teoria em mente, o dr. Osis coletou dados a respeito das visões no leito de morte de duas culturas radicalmente diferentes: a americana e a hindu. Suas descobertas oferecem aos céticos um resultado bem desagradável. Embora houvesse algumas diferenças - relativamente insignificantes - entre as visões no leito de morte dos americanos e dos hindus, o fenômeno em si era o mesmo. Tanto na Índia como nos Estados Unidos:

- ❖ a maioria das aparições vistas pelos moribundos eram do "outro mundo" - parentes próximos já falecidos ou figuras religiosas;
- ❖ a maioria estava ali para "conduzir o moribundo para uma outra existência"
- ❖ a maioria dos moribundos estava ansiosa para aceitar o convite e "ir embora" - morrendo;
- ❖ a maioria das visões paisagísticas mostrava um cenário de "um outro mundo", cuja beleza era tão extraordinária que os moribundos não desejavam mais permanecer neste mundo;
- ❖ os médicos registraram uma inexplicável elevação no estado de espírito dos moribundos minutos antes da morte.

Nossos esforços para 'explicar' as experiências no leito de morte por meio da descoberta de causas comuns, normais, foram em vão. Elas não podem ser explicadas pelas condições clínicas do moribundo, nem pelo estado de sua mente, nem por suas crenças religiosas ou por sua formação cultural. Como poderemos, então, explicá-las?

A única possibilidade remanescente é que estas são experiências psíquicas genuínas. Estar próximo da morte pode criar um estado alterado de consciência, o que pode transformar o moribundo, temporariamente, num médium e capacitá-lo a ver aquilo que normalmente apenas os médiuns, psíquicos e clarividentes conseguem ver. Os médiuns sempre afirmaram serem capazes de 'ver' os mortos, que lhes pareceram tão vividamente reais como qualquer outra pessoa. Alguns deles 'viram' os mortos no leito de morte, esperando o moribundo para conduzi-lo ao mundo no qual agora vivem. Além disso, alguns médiuns afirmam ter visto pessoas mortas em suas visões paisagísticas da próxima existência. Os moribundos costumam descrever seus visitantes aparicionais e suas visões da paisagem do outro mundo exatamente nos mesmos termos.

Se pudermos aceitar tais experiências como vislumbres da vida além da morte – e o estudo do dr. Osis indica fortemente que não temos outra alternativa -, então estaremos prontos para nos aventurar mais neste assombroso mundo.

REENCARNAÇÃO

O fenômeno da Reencarnação tem sido estudado por pesquisadores do mundo inteiro. As pesquisas sobre reencarnação acontecem em duas áreas distintas; uma na qual se pesquisam casos de lembranças de vidas anteriores, geralmente em crianças e outra na qual se busca pesquisar com objetivos terapêuticos, através da técnica de regressão de memória a vidas passadas.

No primeiro grupo destacamos o Dr. Ian Stevenson, médico psiquiatra da Virginia University, o Dr. H. N. Banerjee também médico psiquiatra indiano e a Dra. Helen Wambach, psicóloga americana. No segundo grupo temos inúmeros psicoterapeutas dentre os quais podemos destacar Morris Netherton, Edith Fiore, Brian Weiss nos Estados Unidos, Roger Woolger na Inglaterra, Patrick Druout na França, Thorwald Dethlefsen, na Alemanha, Hans Ten Dan na Holanda, dentre outros. E a partir de todo este trabalho de pesquisa surge uma única conclusão: a reencarnação não é apenas uma teoria, é um fato, atestando de uma outra forma a existência do Espírito imortal.

O dr. Ian Stevenson, professor de psiquiatria da Universidade de Virgínia altamente respeitado, é um grande estudioso de lembranças conscientes a respeito de vidas passadas. Ele já coletou 1700 casos de pessoas que afirmam ter lembranças claras de uma vida anterior à presente. Essas lembranças, geralmente muito nítidas, são absolutamente convincentes àqueles que as têm. E, embora alguns não consigam recordar detalhes suficientes para a identificação completa de suas vidas anteriores, muitos outros o fazem!

A investigação meticulosa feita pelo Dr. Stevenson sobre os 30 casos mais convincentes já demonstrou, acima de qualquer dúvida, que eles são verdadeiros. A pessoa em questão realmente viveu, morreu e reencarnou. Porém, essas lembranças tão claras e conscientes de vidas passadas, embora certamente não sejam raras, não são a regra geral. Evidentemente, a maioria das pessoas não as têm. Isto nos coloca diante de uma questão óbvia: por que apenas alguns de nós se lembram de suas vidas passadas? Se a reencarnação é, como afirmei anteriormente, um fato, então por que teria acontecido simplesmente com 30 ou mesmo 1700 pessoas num mundo de bilhões de habitantes? A resposta é que isso não ocorreu apenas com elas. Índícios concluídos a partir do relato de milhares de pessoas hipnotizadas mostram, sem qualquer sombra de dúvida, que isso aconteceu a todos nós.

O dr. Ian Stevenson pesquisou pessoalmente inúmeros casos como esses e já publicou 30 em detalhes. Seus estudos são escrupulosos, esmerados e exaustivos. Cada explicação alternativa para a reencarnação, tal como fraude deliberada ou

equivocos de memória, foi cuidadosamente analisada, avaliada e, finalmente, rejeitada.

Vejamos dois exemplos tirados da pesquisa do Dr. Banergee, publicados em seu livro ***VIDA PRETÉRITA E FUTURA – um impressionante estudo sobre a reencarnação.***

CASO DE REENCARNAÇÃO NA TURQUIA

Dentre os muitos casos de reencarnação que tenho estudado, merece ser mencionado aqui o de um menino turco, de quatro anos de idade, que, de repente, começou a falar sobre sua vida anterior e descreveu-a com impressionantes detalhes. Quando levado ao local do seu nascimento anterior, não apenas localizou a casa em que morara a pessoa, com quem ele se associava, como reconheceu os parentes e amigos daquela pessoa.

"- Estou cansado de morar aqui. Quero voltar para minha casa e meus filhos." Não se trata aqui do lamento de um velho, distante do lar, mas de uma criança - Ismail Altinklish.

Ismail nasceu em 1956. Seu pai trabalhava como comerciante de secos e molhados na cidade de Adana, Turquia. Já na idade de um ano e oito meses, ele balbuciava a respeito de sua vida anterior. Ismail afirmava que, numa outra vida, ele tinha sido Abeit Suzulmus, homem que fora assassinado. O menino tinha uma cicatriz de nascimento na cabeça, a qual, segundo afirmação da mãe, persistiu até 1962. Abeit Suzulmus fora morto por uma pancada na cabeça.

Abeit Suzulmus foi um próspero jardineiro que viveu em Bahchehe, distrito da cidade de Adana. Visto que sua primeira esposa, Hatice, não podia ser mãe, ele separou-se dela e casou-se outra vez. Teve muitos filhos com a segunda esposa, Sahida. Entretanto, Abeit continuou a dar assistência a Hatice, que vivia numa casa, na propriedade dele, perto daquela em que vivia com Sahida e seus filhos.

Abeit Suzulmus empregara muitos trabalhadores de uma outra cidade em seu jardim. Certo dia, por razões ainda não esclarecidas, os trabalhadores levaram-no a um estábulo, onde o assassinaram, espancando-o com uma barra de ferro. Ouvindo os gritos, Sahida e duas de suas crianças se precipitaram para o local da cena. Os assassinos também os mataram, e fugiram. Uma semana depois os criminosos foram capturados, julgados e condenados.

Ismail repetidamente pedia a seus pais que o deixassem visitar a casa de Abeit. A princípio recusaram, na esperança de que isso fizesse com que o menino esquecesse seus pedidos. Mais tarde, entretanto, a conselho de um amigo, Erol Erk, os pais acederam às solicitações do menino. Ismail, que na época tinha apenas três anos de idade, indicou o caminho para a casa de Abeit, que se situava aproximadamente mil e duzentos metros do local em que ele residia. Ao chegar, reconheceu, para espanto de seus pais, que o acompanhavam, todas as pessoas e objetos que foram familiares a Abeit. Subseqüentemente, uma das filhas de Abeit visitou Ismail. Após conversarem durante horas, ela ficou firmemente convencida de que ele era seu pai renascido.

Ismail pensava constantemente em sua antiga família. Isso tornou-se problema para os pais. Em certa ocasião, quando Mehemet Altiriklish, pai de Ismail, comprou algumas melancias, o menino quis a maior delas para dar à "sua" filha, Gulsarin. A recusa do pai levou Ismail a profundo choro. Na verdade, Mehemet não era homem rico e, naturalmente, não podia dar-se ao luxo de presentear a família anterior de seu filho.

Às vezes, Ismail comportava-se como um adulto, e seus pais acreditavam ser ele dotado de uma inteligência superior à das outras crianças. Também diziam que

ele, escondido, tomava raki, bebida turca de forte conteúdo alcoólico. Abeit também era conhecido como grande apreciador de raki.

Um vendedor de sorvetes, de nome Mehmet, passou pela casa de Ismail. Quando este o viu, aproximou-se dele e perguntou-lhe se o reconhecia. O vendedor de sorvetes respondeu que não, então Ismail disse-lhe: "Você se esqueceu de mim. Sou Abeit. Antigamente, você vendia melancias e verduras." O homem concordou que ele estava certo e, depois de um longo papo com o menino, se convenceu de que estava diante de Abeit renascido. Quando Ismail percebeu que seu pai ia pagar alguns sorvetes que comprara, interferiu dizendo: "Não pague os sorvetes, pai. Ele ainda me deve dinheiro pelas melancias que lhe entreguei." Mehmet, então, confirmou que ele ainda estava em débito com Abeit.

O caso de Ismail será uma fraude? Ou não? Várias considerações vêm-nos à mente. Primeiro, temos que considerar que o caso ocorreu numa família muçulmana e os muçulmanos não acreditam na reencarnação. Segundo, a família de Ismail nunca quis dar publicidade ao caso. Ao contrário, eles sempre a evitaram. Na verdade, Mehmet Altinklish sempre considerou todas as investigações como uma intrusão descabida em sua vida particular. Além disso, ele e sua família estão sempre preocupados com a possibilidade de o menino retornar à sua família anterior.

Será possível que Mehmet Altinklish tenha feito uma trama com o menino para realizar uma fraude, visto que uma vez ele trabalhou para Abeit Suzulmus e conhecia muito a respeito da família dele? Esta hipótese pode ser descartada, porque, segundo informantes independentes, Mehmet não tinha conhecimento algum sobre os fatos mencionados por Ismail a respeito de Abeit. Nem tampouco a criptomnésia pode ser sugerida como uma explicação, porque ela não justifica as intensas emoções de Ismail ao reconhecer os membros da família Abeit.

JENNIFER E GILLIAN

Um outro caso fascinante que estudei é o das gêmeas de cabelos louros e olhos azuis, Jennifer e Gillian Pollock que, segundo seus pais, são a reencarnação de suas irmãs que morreram: Joanna, de onze anos, e Jacqueline, de sete, que, de mãos dadas, foram atropeladas por um carro, quando se dirigiam a uma igreja, na localidade de Hexam, Northumberland, Inglaterra, onde a família residia naquele tempo.

Quando a Sra. Pollock engravidou outra vez, após a morte das filhas, o esposo alimentava um desejo, o de que as filhas retornassem. Ele mesmo não queria admiti-lo. À medida, porém, que se aproximava o dia do parto, o sentimento da volta das filhas tornou-se tão forte que ele mandou que a esposa fosse examinada. Os médicos informaram que não havia absolutamente a possibilidade de que ela desse à luz mais que uma criança, pois eles detectaram apenas um bater de coração e membros relativos a um único feto.

Uma semana mais tarde, nasceram as gêmeas.

A primeira coisa que os Pollock notaram foi que Jennifer era dotada de uma cicatriz muito branca, de cerca de três centímetros, a qual descia da testa até o nariz e envolvendo o olho direito, Jacqueline, a mais jovem das duas meninas mortas, tinha uma cicatriz idêntica, resultante de uma queda aos três anos de idade. As cicatrizes de Jennifer e de Jacqueline, que, normalmente, eram difíceis de serem percebidas, tornavam-se mais pronunciadas quando estava frio.

Jennifer também tem uma marca de nascença, de cor vermelha-marrom, do tamanho aproximado duma moeda pequena, situada no quadril esquerdo. Esta é idêntica em forma tamanho, cor e localização à que Jacqueline tinha. Outras similitudes, aparentemente inexplicáveis, começaram a aparecer à medida que Jennifer crescia. Demonstrou um interesse instintivo para rabiscar. Tinha o hábito

peculiar de segurar uma caneta ou um lápis entre os dedos médios da mão direita fazendo com que escrevessem.

No caso de Gillian que se assemelha à Joanna, as similitudes não são claramente pronunciadas. São aspectos que, talvez, somente os pais sejam capazes de perceber e avaliar. Ela, por exemplo, tem idêntica inclinação e afeição por crianças, Tem também o mesmo corpo magro e as mesmas maneiras e atitudes.

Gillian, certa vez, segurou na palma da mão o rosto de Jennifer e descreveu com detalhes os ferimentos que Jacqueline sofreu no acidente do carro. Suas descrições foram surpreendentemente exatas. Noutra ocasião, quando o sr. Pollock, acidentalmente, encontrou um velho pacote de brinquedos, que ele tinha guardado após o falecimento de Joanna e Jacqueline, Gillian pegou um esfregão que tinha sido usado para retirar água das roupas lavadas das bonecas, e gritou em grande estado de excitação: "Olhe, paizinho! Aqui está a meu esfregão!" Na verdade, o objeto pertencera a Joanna.

Igualmente, quando Jennifer viu uma boneca que pertencera a Jacqueline, gritou: "Aqui está minha Mary!" Era exatamente assim que Jacqueline a chamava. Entretanto, Jennifer nunca a tinha visto antes.

Ainda numa outra ocasião, o sr. Pollock vestiu um velho casaco de sua esposa, a fim de proteger sua roupa, enquanto pintava uma parede. A peça de indumentária nunca mais fora usada pela Sra. Pollock desde a manhã em que as duas meninas foram mortas. O sr. Pollock informou: "Quando Jennifer viu-me usando o casaco, ela falou: 'Por que o senhor está com o casaco de mamãe que ela usava quando ia a escola'". O sr. Pollock sentiu-se confuso com a pergunta de Jennifer, pois tratava-se do casaco que a esposa usava, quando ia buscar Jacqueline na escola.

A transferência de marcas físicas de um corpo para outro no processo da reencarnação não é fato incomum nesses casos. Tenho uma relação de bastantes casos em que as pessoas renasceram com o que se pode chamar de "marcas de identificação"

Meus estudos mostram a possibilidade da reencarnação. Mas antes também vários cientistas aceitaram a teoria de que a repetição da vida na terra, para muitas pessoas, é uma possibilidade. Entre eles estão o cientista Thomas Huxley e o inventor Thomas Edison.

Huxley foi biólogo e bom amigo de Charles Darwin, responsável pela teoria da evolução. Huxley, que morreu em 1895, escreveu que "nenhum dos pensadores, exceto os apressados, rejeitam (a concepção da reencarnação), pois não a consideram um absurdo. Tanto a teoria da evolução como a da transmigração têm suas raízes na realidade."

Edison, quando indagado se acreditava que o homem fosse portador de uma alma, respondeu que o homem, como uma "unidade de vida, é composto de enxames de bilhões de entidades altamente carregadas, as quais vivem nas células. Creio que, quando uma pessoa morre, esse enxame deixa o corpo e se espalha no espaço, mas continua existindo e penetra em outro ciclo de vida, e é imortal. Edison, nestas palavras, resumiu sua crença na reencarnação: "A única sobrevivência que posso conceber é começar outra vez um novo ciclo na terra."

Como Edison e Huxley, aceito a possibilidade da reencarnação, porém me preocupo em encontrar uma base científica para ela. Devido a isto, como expliquei no prefácio, prefiro usar, em meus estudos e relatórios, o termo "memória extracerebral" em vez da palavra reencarnação.

Nesta época, em que os valores pragmáticos dominam a mente humana, podemos levantar a questão: "Qual é a finalidade desta pesquisa?" A resposta para

esta pergunta pode ser encontrada nos pensamentos de Sir Alister Hardy, renomado cientista, que acha que a pesquisa psíquica é essencial para o futuro da humanidade. Porque ela compensa a tendência da ciência moderna de excluir a possibilidade de um universo não-físico. Sem exploração disciplinada no reino espiritual, qualquer religião perde sua validade perante a visão científica, e a civilização passa a repousar unicamente no materialismo.

O conceito da reencarnação pressupõe a existência de alguma coisa na personalidade do homem, a qual sobrevive à morte. Os estudos sobre casos de reencarnação tiveram seu início, em parte, como uma conseqüência do embate entre as tendências materialistas da ciência e as desilusões do modo materialista de pensar, geradas no pensamento religioso. Como resultado desse conflito conceptual, um número de mulheres e homens pensadores voltaram-se para aquelas partes do comportamento religioso, que poderiam ser provadas empiricamente. O estudo da reencarnação não aceita esta possibilidade.

O modo materialista de pensar considera que tudo no universo se acha dentro dos princípios físicos de tempo, espaço, massa e causalidade, os quais não deixam qualquer margem para o elemento espiritual no universo. Os estudos dos casos de reencarnação têm mostrado que o fenômeno é independente dos principais critérios de operação física de tempo, espaço, massa e causalidade. Têm mostrado também que as afirmações de alguns dos sujeitos, de terem participado de uma vida anterior, transcendem a jurisdição da física newtoniana, estando em consonância com a física quântica. Os casos indicam que há alguma coisa em mulheres e homens que ultrapassa a lei física e, portanto, por definição, representa lei espiritual. Estudei casos de reencarnação em colaboração com testemunhas e organizações independentes, tais como o Departamento de Psicologia da Universidade de Delhi, que goza de excelente reputação em todo o mundo, como organização de pesquisa no campo da psicologia.

Um dos argumentos contrários à reencarnação preferidos pelos cétricos é o da 'memória genética' - a noção de que as experiências da personalidade anterior são, de alguma forma, registradas geneticamente e transmitidas à segunda personalidade, que as vivencia falsamente como recordações conscientes de sua própria vida passada. Entretanto, na maioria dos casos do dr. Stevenson, não há nenhum tipo de relação genética entre as duas personalidades.

Podemos fazer algumas generalizações a respeito do início e da duração de tais recordações. Uma criança começará tipicamente a fazer referências às experiências da vida passada tão logo aprenda a falar - entre dois e três anos de idade. A duração média de identificação intensa com a antiga personalidade é de sete anos, embora as lembranças comecem a desaparecer provavelmente entre os cinco e os dez anos de idade. À medida que o tempo passa, as lembranças podem ser completamente esquecidas, persistir de maneira nebulosa ou ainda ser conservadas com extrema clareza. A experiência do dr. Stevenson mostra que estas três possibilidades são igualmente comuns. Porém a conclusão mais importante a ser extraída de seu trabalho é mais dramática. Ele conseguiu provar, acima de qualquer dúvida razoável, que existem pessoas vivas, atualmente que já morreram.

Lembranças Inconscientes De Uma Vida Passada

Não sabemos realmente se as lembranças conscientes de uma vida passada são comuns, uma vez que as famílias têm motivos de sobra para reprimi-las e ocultá-las. No Oriente, os pais costumam considerar este tipo de recordação algo embaraçoso e problemático; eles temem que seus filhos os abandonem (como

freqüentemente declaram desejar) e acham que é um indício de morte prematura. Por todos estes motivos, usualmente são feitos esforços para impedir que as crianças falem a respeito de suas lembranças. Já no Ocidente, por outro lado, tais afirmações são consideradas, na melhor das hipóteses, altamente fantásticas ou, na pior, um indício de distúrbio mental. Entretanto, a despeito da grande probabilidade de que tais lembranças sejam reprimidas por parte dos pais, parece óbvio que aqueles que declaram tê-las representam indiscutivelmente uma minoria. Isso, no entanto, não justifica uma retomada complacente do conceito de que quase todos nós "só vivemos uma vez" evidências obtidas por meio de regressão pela hipnose indicam, flagrantemente que as lembranças subconscientes de vidas passadas ficam retidas em todos nós!

Os psicólogos têm feito experiências que indicam que a hipnose consegue levar os indivíduos de volta ao passado. Estas pessoas necessitam simplesmente que lhe digam 'voltar'. 'Voltar' significa reviver lembranças do passado com clareza de detalhes, por vezes tão minuciosos que a personalidade atual parece literalmente ter ficado mais jovem. Por exemplo, sob hipnose, uma pessoa aos 'seis anos' pode escrever o próprio nome como fazia quando estava na pré-escola. Aos 'quatro anos', pode produzir rabiscos infantis próprios de não-alfabetizados. E, sempre que checadas, estas recordações mostram-se assombrosamente precisas, como a descrição do motivo do papel de parede ao lado do berço de um bebê de duas semanas de vida. Ao serem levados de volta ao útero, os indivíduos sob hipnose relatam uma sensação de calor e de escuridão; alguns chegam a assumir posição fetal. A progressão para o nascimento evoca algumas lembranças dolorosas; há pessoas que gemem, se contorcem, arfam, sentem-se estranguladas e esmagadas, emergem à luz ofuscante transpirando muito e sentindo muito frio, reclamam de que estão penduradas pelos pés e lamentam que a mãe esteja inconsciente e não tenha condições de afagá-las. Ao serem conduzidas para além do útero, começam a relatar com detalhes suas vidas passadas.

Nove entre dez pessoas podem ser hipnotizadas e estas descreverão em detalhes suas existências anteriores. Este tipo de relato não pode ser tomado como pura fantasia, pois os indivíduos demonstram ter, de um modo geral, um conhecimento altamente preciso até dos mais obscuros detalhes de tempos e lugares remotos onde afirmam terem vivido. A verificação dessas lembranças exige o auxílio de estudiosos especializados na história da sociedade em questão, bem como a análise de publicações pouco conhecidas em outras línguas. Quase sempre, verifica-se que as memórias são exatas. O hipnotizador que tenta persuadir o indivíduo a 'alterar sua história' geralmente não é bem-sucedido. Tudo indica que os indivíduos em regressão dizem a verdade.

E quando aquela pessoa entre as dez que 'não consegue' ser hipnotizada passa por uma terapia adequada, geralmente descobre-se que seu subconsciente respondia "não" por razões muito compreensíveis. Se o hipnotizador conseguir assegurar a seu paciente de que ele está salvo, livre de qualquer desconforto, dor ou perigo durante a regressão, esta pessoa poderá, em alguns casos; ser finalmente hipnotizada. E quando isto ocorre, freqüentemente descobre-se que este indivíduo teve uma morte muito dolorosa e traumática recentemente.

Até 1965, a dra. Helen Wambach trabalhou como uma psicóloga convencional, exercendo suas funções no Monmouth Medical Center, em Long Branch, Nova Jersey, e lecionou na faculdade local. Sua vida fora completamente normal - sua atividade cerebral consciente permanecera firmemente dentro dos padrões normais, ao longo dos anos, sem nunca ter tido qualquer tipo de "experiência psíquica". Entretanto, em 1966, o pouco tempo que passou numa residência memorial quaker em Mount Holly, Nova Jersey, foi suficiente para mudar tudo.

Ao entrar na casa, eu era apenas uma turista domingueira a visitar aquele desconhecido memorial. Quando subi as escadas para o pavimento superior, comecei a sentir que estava em outro lugar, num outro tempo. Ao entrar na pequena biblioteca, fui automaticamente na direção de uma estante e peguei um livro. Parecia que eu 'sabia' que aquele livro pertencera a mim e, ao folhear suas páginas, uma cena surgiu em minha mente. Estava cavalgando num campo de grama alta, e aquele livro estava preso sobre a sela diante dos meus olhos. O sol quente batia em minhas costas, e minha roupa me incomodava. Pude sentir o movimento do animal enquanto eu estava sobre a sela, completamente absorvida pela leitura. O livro que eu estava lendo era um relato da experiência de um pastor no estado entre a vida e a morte, enquanto esteve em coma. Parecia que eu sabia tudo o que o livro continha antes de folheá-lo.

Momentos depois, a dra. Wambach voltou ao 'normal'. Ficou irritada porque não conseguiu entender o que lhe acontecera. Por quê, de repente, sentiu que aquele livro era 'seu'? E o que é mais estranho: por que sentira estar dentro de um outro corpo, num outro momento? Embora perplexa com a nitidez da experiência, isso lhe abriu uma nova e fascinante possibilidade. Talvez fosse apenas fantasia. Mas, por outro lado, talvez tivesse sido real - *a lembrança de uma vida passada enterrada em seu subconsciente!* E, talvez, todas as pessoas carreguem dentro de si essas lembranças que, de algum modo, podem ser ativadas.

A experiência pessoal da dra. Wambach, além de outros casos igualmente intrigantes com que se deparou em seu trabalho como terapeuta, fez com que ela tomasse uma decisão. Precisava descobrir se tudo aquilo não passava de fantasia ou tratava-se de uma realidade contundente jamais imaginada. Precisou de dez anos de regressão por hipnose com mais de mil pessoas e de aproximadamente 1100 relatos de vidas passadas para encontrar a resposta. A análise dos detalhes intrincadamente consistentes deste enorme volume de informações conduziu-a a uma única conclusão: a de que, gostando ou não da idéia, conseguindo ou não lidar com suas implicações perturbadoras, a reencarnação é um fato, e todos nós já vivemos anteriormente.

A Pesquisa Com Base na Teoria da Reencarnação

O dr. Ian Stevenson conseguiu provar que a reencarnação **realmente ocorre - que existem pessoas vivas atualmente que já morreram antes**. As regressões conduzidas pelos hipnotizadores Arnall Bloxham e Loring Williams indicam que os casos do dr. Stevenson são mais do que simples excentricidades e que muitas pessoas - talvez a maioria - já reencarnaram de fato e conseguem lembrar-se de suas existências anteriores. Porém, o que vem provar, acima de qualquer dúvida razoável, que todos nós já vivemos anteriormente são os dados coletados pela dra. Helen Wambach em seu trabalho de regressão realizado com mais de 1 000 pessoas que relataram mais de 1100 vidas passadas, publicadas em seu livro **RECORDANDO VIDAS PASSADAS** publicado no Brasil pela editora Pensamento.

Uma descoberta extremamente consistente e muito impressionante surge do enorme volume de dados coletados pela dra. Wambach. Em todos os aspectos, obtém-se exatamente o apropriado se as pessoas estivessem realmente se recordando do que viveram de fato no passado, em vez de estarem fantasiando com base nas fontes normais de conhecimento, como livros e filmes. E, como veremos logo a seguir, o detalhe que corrobora esta afirmação é tão intrincado e tão consistente que não pode ser simplesmente explicado como mera fantasia.

A dra. Wambach concluiu que, por mais convincente que uma regressão individual possa ser, não poderia produzir a prova mais válida da reencarnação. Não se pode deixar de considerar a possibilidade de que aquilo que a pessoa apresentou foi uma vida fantasiada baseada no conhecimento normalmente adquirido sobre determinado período e lugar. Mas se, por outro lado, a dra. Wambach tivesse que

conduzir centenas de pessoas de volta ao passado e elas afirmassem, durante a regressão, que viveram num determinado período e num lugar específico, tendo todas elas reportado consistentemente os mesmos detalhes pouco conhecidos de uma vida cotidiana, então este resultado seria realmente difícil de ser explicado como fantasia. Como seria possível que cem pessoas tivessem a mesma fantasia?

A dra. Wambach, portanto, começou seus experimentos com grupos de pessoas, hipnotizando-os simultaneamente; uma vez hipnotizados, fazia com que voltassem a determinados períodos e lugares. Utilizou duas técnicas básicas: a temporal e a geográfica. Ela oferecia a seus pacientes hipnotizados datas no passado, pedindo-lhes para optar por aquela que lhes oferecesse as imagens mais nítidas e claras. Ou, então, pedia-lhes para visualizarem um mapa-múndi e lhes dizia que se sentiriam especialmente atraídos por determinado local. A partir daí, formulava uma série de perguntas a respeito do que viveram.

Elaborei uma série de questões que ajudaria meus pacientes a se localizarem e que serviria também para verificar a autenticidade de suas recordações. Perguntava-lhes a cor de sua pele, se o cabelo era crespo ou liso e qual era a cor e também lhes questionava quanto ao clima e à paisagem que os rodeava. Meu objetivo era verificar se a raça descrita era apropriada para o local que haviam determinado e se o clima e a geografia correspondiam ao que conhecemos da região.

Quería obter o tipo de informação que eu pudesse verificar em textos de arqueologia e registros históricos. Pedi a meus pacientes para visualizarem o alimento que estavam comendo... porque existem inúmeros registros de gêneros alimentícios para cada período e local. Também pedi a eles que descrevessem os talheres e os utensílios domésticos que utilizavam, pois isso poderia também ser verificado.

Decidi pedir aos pacientes para irem até o mercado e comprar suprimentos, descrevendo tanto o local como os suprimentos propriamente ditos. A moeda também representa um fator importante para identificação de períodos e lugares no passado e, portanto, pedi também que visualizassem o dinheiro que utilizaram em suas transações.

Outros pontos passíveis de verificação foram a arquitetura e o vestuário, incluindo calçados. Não apenas pude verificar se as roupas descritas se encaixavam com os dados históricos, como também pude checar se outras pessoas naquele mesmo período e no mesmo lugar usavam o mesmo tipo de vestuário.

E este método foi muito mais bem-sucedido do que ela imaginou.

Nenhum César E Nenhuma Cleópatra

A maior parte dos que viveram e morreram no passado foram pessoas desconhecidas que levaram vidas extremamente simples. Os críticos da reencarnação geralmente afirmam que as pessoas que supostamente se lembram de suas vidas passadas estão apenas fantasiando terem vivido como algum personagem histórico proeminente. Na verdade, nada poderia estar mais distante da verdade. Nas 1100 vidas passadas coligidas pela dra. Wambach, nunca encontramos César, Cleópatra, Henrique VIII ou George Washington, ou, de fato, alguém de relevância histórica. Na verdade, esta declaração deve ser ligeiramente alterada: houve alguém. Uma mulher afirmou ter sido James Buchanan, 15º presidente dos Estados Unidos, no período de 1857-61. Realmente, esta pessoa ofereceu detalhes tão peculiares a respeito da vida dele que proporcionou muita autenticidade a suas afirmações. E algumas pessoas afirmam terem sido monarcas ou governantes, não totalmente desconhecidos na História, contudo governantes desconhecidos em civilizações um tanto remotas; não exatamente o tipo de pessoas a respeito das quais são escritos romances históricos.

Entretanto, com exceção desses pouquíssimos indivíduos, a grande maioria das vidas reportadas do passado era de camponeses simples, que viveram com muita dificuldade, trabalhando árdua e incessantemente, numa extrema monotonia. E, na

realidade, muitas pessoas comentaram posteriormente como tinham sido limitadas e difíceis suas vidas; o contraste com o relativo luxo e liberdade de suas vidas atuais era dramático. Aqueles que se deliciam com hambúrguer e batatas fritas, ou com um filé mal passado, ou mesmo com as saborosas costeletas de porco ao molho de cogumelos, ficaram assustados ao constatarem que viviam em cabanas miseráveis, alimentando-se de frutos silvestres e de um mingau de cereais e água. Esta dieta extremamente rudimentar, segundo os relatos, era muito apreciada pelos roedores da época.

Os pacientes da dra. Wambach descreveram vidas muito precárias, próximas ao solo e focalizadas dentro de pequenos grupos locais. Tais pessoas quase nunca, ou excepcionalmente, possuíam alguma informação sobre algo fora do âmbito de suas próprias comunidades, e os maiores acontecimentos de suas vidas estavam ligados à chegada de pessoas estranhas. Muitos também relataram terem morrido ainda quando crianças, o que na realidade ocorreu; este não seria o tipo de vida que uma pessoa gostaria de fantasiar. Conforme colocou a dra. Wambach:

Descobri, entre meus pacientes, que quase todos foram pessoas insignificantes! Descobri também que a grande maioria foi em suas vidas passadas pessoas tão iletradas e tão distantes de tudo o que está registrado nos livros de História que não conseguia definir em que época viveram, a menos que lhes sugerisse um período determinado. Se os levasse até o ano de 1600, por exemplo, determinando que estavam na Inglaterra e lhes perguntando quem era o rei naquele momento, descobriria que essas pessoas não tinham a menor noção disso e não davam a mínima importância ao fato. De um modo geral percebi que, se tentasse descobrir quem era o papa ou que grandes batalhas haviam ocorrido - grandes fatos históricos e coisas assim -, nada encontraria; esses assuntos não tinham a menor relevância para eles. Viviam em seus pequenos círculos e eram indiferentes às pessoas e aos eventos que estavam além de seu alcance.

Essas experiências guardam ainda outras surpresas. Dois aspectos básicos da identidade são sexo e raça do indivíduo. Uma pesquisa realizada com norte-americanos mostra que a maioria das pessoas, se pudesse escolher, preferia ser branca e do sexo masculino. Desta forma, se as 'vidas passadas' reportadas são o produto de fantasias, então era de esperar a predominância de relatos masculinos. Mas isso não ocorre. Embora a maior parte dos pacientes da dra. Wambach fosse branca, a grande maioria relatou vidas passadas como pessoas de raça e sexo diferentes daqueles da vida atual. É um dado biológico que, através da história da humanidade, aproximadamente metade da população tenha sido masculina e a outra metade, feminina. Portanto, se a regressão reflete de fato a realidade histórica, deveríamos esperar obter uma divisão igualitária no número das vidas de homens e mulheres, em virtude do tamanho da amostragem obtida através da regressão. E, na verdade, isto pode ser comprovado! Das 1100 vidas passadas relatadas, 49,4 por cento foram de mulheres e 50,6 por cento foram de homens.

O primeiro grupo de amostragem de regressão a vidas passadas realizada pela dra. Wambach mostrou uma incidência de 78 por cento de mulheres:

A despeito do sexo na vida atual, sempre que voltavam ao passado, meus pacientes se dividiam exatamente em 50,3 por cento de vidas como homens e 49,7 por cento de vidas como mulheres. Quando surgiu este dado em meu primeiro grupo de amostragem, eu queria muito verificar se conseguiria comprová-lo num outro grupo. Poderia se que 28 por cento de minhas pacientes preferissem pensar em si mesmas como homens, e por isso eu teria obtido a relação de 50 por cento cada um. Assim, no segundo grupo de 300 casos, obtive uma relação de homens e mulheres muito próxima da realidade de suas vidas presentes; 45 por cento de meus pacientes foram homens no segundo grupo de amostragem e 55 por cento foram mulheres. Porém, ao enviá-los novamente para uma vida passada pela regressão, descobri outra vez a divisão aproximada de 50 por cento cada, agora com a percentagem de 50,9 de homens e 49,1 de mulheres. ***Considero este resultado a***

prova mais objetiva que consegui descobrir de que sempre que as pessoas são hipnotizadas e levadas às vidas passadas, extraem algumas informações reais sobre o passado.

Quando voltam ao passado, por meio da hipnose, as pessoas simplesmente não descreve um tipo de vida coerente com qualquer possibilidade de realização de fantasias. Por exemplo, ao iniciar sua pesquisa com regressão, a dra. Wambach fez seus primeiros 12 pacientes voltarem a várias existências passadas. 'Betty' foi uma paciente típica. Tendo regressado ao século XV, afirmou ter sido um pobre nativo paquistanês.

Enquanto caçava, certa vez ele foi atacado por um javali que mordeu sua perna, deixando-o aleijado. Uma vez que a família era pobre demais para sustentar um deficiente, o rapaz acabou por se tornar um indigente, morrendo de fome anos mais tarde. Durante essa vida, as expressões faciais... e os movimentos do corpo de Betty eram impressionantes. Ao voltar ao momento em o javali o atacou, contorceu-se e segurou a perna incomodamente. Durante toda a regressão, ficou segurando a perna contorcida, como se estivesse sentindo muita dor.

Numa vida posterior, Betty era uma menina de 15 anos na Inglaterra do século XVII.

Estava desanimada pois acabara de escapar de um incêndio que destruíra sua casa e as de muitas outras... Como todas as pessoas de sua família morreram no incêndio, a garota foi parar numa taverna, como aprendiz de zeladora, e posteriormente levou uma vida muito dura como garçone. Embora tivesse personalidade forte, a menina foi muito maltratada e acabou morrendo depois de ser estuprada e surrada por vários homens bêbados.

Betty estava muito abalada... quando voltou a si após a sessão de hipnose. Disse: "Sabe, sentia um cheiro forte de álcool naqueles homens. Tive uma sensação semelhante à que sempre tenho nesta vida... Sempre tive um medo fora do comum de gente que bebe. Agora, acho que sei a razão. É por ter morrido nas mãos de homens bêbados".

Ao regressar a 1902, Betty disse que "via árvores".

Verificou-se que ela era um bebê dentro de uma cesta de couro, colocada junto a uma árvore. Entretanto, quando a fiz progredir até 1903, já não estava mais viva. Percebendo que morreria, levei-a à experiência de morte. Pedi-lhe que olhasse um mapa e apontasse o local onde vivera. Era na Flórida, e ela percebeu que nascera numa tribo indígena seminola.

Em nenhuma das três vidas reportadas existe qualquer indício do desejo de ver uma fantasia realizada - um aleijado que morre de fome, uma garçone que é vítima de estupro e espancamento e morre de forma muito sofrida e um bebê que morre com pouquíssimo tempo de vida. Estas vidas têm mais um timbre de autenticidade histórica do que de fantasia.

Se existe algo que surge de forma clara nas regressões conduzidas pela dra. Wambach é a simplicidade absoluta daquelas vidas e suas respectivas mortes. Uma jovem de nome Frances voltou ao século XVIII. Para sua enorme surpresa, viu-se usando botas masculinas.

Logo depois, quando olhei para minhas roupas e mãos, percebi que era um homem. Acho que era uma espécie de trabalhador do campo, pois havia lama em minhas botas e minhas roupas eram grosseiras. Minhas mãos, cheias de calos como as de alguém que trabalha pesado. Estava no meio de um campo arado, e a distância consegui enxergar uma pequena choupana. Aparentemente, era ali que eu morava, porque logo depois me vi comendo, à noite, dentro dessa cabana pequena e escura. Tinha nas mãos uma colher de madeira, e à minha frente uma vasilha também de madeira... Minha morte... foi por algum acidente com cavalos... aconteceu muito depressa, e saí de meu corpo antes mesmo de perceber o que acontecera comigo...

Fiquei feliz por aquela vida ter se acabado. Foi uma vida... muito dura. A data de minha morte parece ter sido 1721, e o lugar onde vivi era próximo a Arles, na França.

Um rapaz chamado Peter, ao voltar até o século IX, viu-se na Itália.

Era o norte da Itália... À distância, vi algumas montanhas altas. Estava trabalhando com um forcado no campo. Eu era baixo e robusto, com mãos pequenas. Morri jovem... de alguma doença. Ao morrer... parecia que estava deixando meu corpo.. e... flutuava sobre a pequena cabana escura onde meu corpo jazia.

Dois pacientes, Janet e Lynn, regressaram até o ano 1000 a.C. Janet era mulher e pertencia a uma tribo primitiva da Ásia.

Ela morava numa espécie de abrigo escavado na encosta de uma colina. Quando adulta, viu-se trabalhando penosamente, raspando peles. Morreu ao dar à luz. "Com certeza, fiquei muito feliz de sair daquela vida", disse. "Até agora sinto o cheiro das peles... Pensava que a vida primitiva era divertida, mas era muito difícil. Fiquei feliz... de morrer e deixá-la."

Lynn também foi mulher na mesma época. Ela morava numa planície próxima ao mar:

Havia muitas construções onde eu vivia. Eram baixas e feitas de uma espécie de lama, como tijolos. Na vida adulta, parece que estava sempre cozinhando alguma espécie de cereal para alimentar minha família. Morri de velhice.

Estas vidas não parecem fantasiosas. Elas se assemelham à realidade.

As regressões da Dra. Wambach estão repletas de assombrosas coincidências entre pacientes que regressaram ao mesmo período e local. Uma jovem chegou ao ano 25 d.C. como um homem no norte da Itália, próximo ao mar Adriático. Era uma espécie de carpinteiro, trabalhando com madeira e ferramentas. Viu-se comprando suprimentos utilizando uma moeda muito estranha:

Paciente: A moeda era cinza-escuro e tinha um furo no centro. Parecia ter sido feita na forma de um quadrado, com as bordas batidas, de maneira a parecer arredondada. Nunca vi nada como aquilo!

Dra. Wambach: Parecia áspera nas bordas?

Paciente: Sim, como se tivesse sido martelada, em vez de moldada.

Dra. Wambach: Esta moeda já me foi descrita pelo menos 20 vezes anteriormente. Foi utilizada na região do Mediterrâneo no período compreendido entre 500 a.C. e 25 d.C.

Isto é, sem dúvida, extraordinário. Vinte e uma pessoas, em diferentes períodos e em grupos diferentes, estiveram no mesmo lugar e momento e todas reportaram terem utilizado esta mesma moeda.

Cinco pacientes, que regressaram em grupos diferentes e períodos diferentes, relataram terem vivido entre os anos 2000 e 1000 a.C., numa região próxima às montanhas do Cáucaso, ao norte do Irã, na direção do Paquistão, onde atualmente fica a Rússia. Todos descrevem a região como um local montanhoso e árido.

Eles eram aparentemente nômades e descreveram suas moradias como tendas, ou alpendres em vez de construções propriamente ditas... os cinco expressaram surpresa ao olhar para as próprias mãos e constataram que eram brancas. Três deles descreveram seus cabelos como castanho-claros e dois deles eram loiros. Três... escreveram em suas folhas de anotações: "Isto não me parece correto. Fiquei surpreso quando o mapa mostrou a Ásia central... Achava que deveria ter pele e cabelos escuros".

Os cinco... se viram usando calças aparentemente feitas de couro. As calças eram incomuns em regressões aos períodos mais remotos; apenas naquela região meus pacientes se viram usando calças. Pesquisei as roupas usadas na época e encontrei

uma ilustração de trajes típicos dos partos e citas, com calças feitas de couro. Além disso, a população da região era composta de caucasianos originais, que tinham, com efeito, a pele e os cabelos claros. Portanto, nas ocasiões em que meus pacientes pensaram que seus dados estavam errados, conforme sua visão da história, a pesquisa demonstrou que seu inconsciente lhes apresentara uma imagem mais precisa da vida nas montanhas caucasianas por volta do ano 2000 a.C. do que tinham consciência.

Isto ocorreu várias vezes à medida que eu verificava os dados apresentados em cada caso individual e, para mim, esta foi a maior prova em todo o material que compilei em minhas pesquisas. Se a lembrança de vidas passadas é fantasia, poderíamos esperar que nosso conhecimento consciente da história oferecesse as imagens. Quando as imagens se contrapõem àquilo que acreditamos ser verdadeiro e demonstram, após minucioso exame, serem precisas, então devemos reconsiderar o conceito de que as lembranças de vidas passadas são pura fantasia.

Seria, realmente, muito difícil imaginar uma prova mais contundente da autenticidade das lembranças de vidas passadas sob hipnose. Vamos considerar o exemplo de uma mulher que voltou ao ano de 1200 e descobriu ter sido um cavaleiro.

"Pensei comigo mesma que aquilo era realmente absurdo e que deveria ser apenas imaginação... Olhei para baixo e vi que meus pés estavam dentro de uma espécie de calçado metálico, triangular. Achei que deveria ser arredondado, como nas armaduras que já vi nos Museus".

Naquela vida, a paciente viu-se na Itália e vivenciou a própria morte em 1254. Uma pesquisa a respeito da história das armaduras revelou algo muito interessante: calçados metálicos com biqueiras triangulares realmente existiram, porém apenas na Itália e somente até o ano de 1280!

Alguns pacientes da dra. Wambach acabaram descobrindo que já tinham vivido no século XX, e que haviam morrido durante bombardeios na Segunda Guerra Mundial. Muitos disseram ter morrido não exatamente por causa da explosão da bomba, mas asfixiados pela fumaça tóxica que inalaram após o incêndio provocado pela bomba. A verdade é que esta afirmação corresponde exatamente aos fatos conhecidos relativos aos desastres causados pelos bombardeios na Segunda Guerra Mundial. E este é um dos detalhes mais significativos para que pareça muito improvável que esses relatos sejam fruto de fantasia.

A assombrosa concordância entre os pacientes que afirmaram terem vivido no mesmo período e lugar caracterizam os dados coletados pela dra. Wambach ao longo de todo o período de 4000 anos que ela investigou desde o ano 2000 a.C. até o século XX. Ela teve o cuidado de fazer a cada um dos pacientes uma série de perguntas padronizadas a respeito de seu modo de vida. Estes dados lhe possibilitaram posteriormente a classificação das vidas passadas reportadas em três classes sociais - alta, média e baixa por período. As vidas da classe alta incidiram numa pequena minoria em todos os períodos, nunca ultrapassando dez por cento do total. As de classe média variavam em frequência, dependendo do nível geral da civilização, e as de classe baixa, como escravos ou pessoas do campo, estavam sempre em maioria, ocupando no mínimo 60 por cento para um máximo de 77 por cento do total. A estabilidade desses níveis de classes sociais era assustadora. Esta estatística deixa dramaticamente claro que se trata de uma realidade objetiva, e não de fantasia subjetiva.

A Experiência Da Morte Durante Uma Vida Anterior

Pessoas que conheceram a "morte clínica" e em seguida reviveram relataram experiências que tiveram fora do corpo durante esse tempo. O dr. Raymond Moody e outros pesquisadores coligiram dados sobre a "experiência de quase-morte" em centenas de casos dessa natureza. Os estudos mostram que, entre as pessoas que

experimentam a morte clínica, 10 a 25% delas se lembram mais tarde de haver-se surpreendido fora dos próprios corpos, experimentando uma profunda sensação de paz e libertação da dor. Durante a experiência, olham para baixo e vêem outras pessoas ao redor do seu corpo. Depois de pairar por breve espaço de tempo sobre os próprios corpos, tais pessoas contam que se moveram, através de um túnel, na direção da luz. Parecem estar-se alando no rumo dessa luz e, quando a alcançam, são saudados pelos entes queridos e, não raro, por alguma espécie de figura religiosa, que pode ser um anjo, um parente morto, ou mesmo Jesus. Alguns sujeitos clinicamente mortos, e que mais tarde revivem, são informados de que terão de regressar aos seus corpos.

Pedi a todos os meus sujeitos que experimentassem a morte numa vida passada, a fim de verificar se os seus relatos correspondiam às descrições encontradas por outros pesquisadores. Se bem seja possível, com efeito, que pelo menos alguns dos meus sujeitos tivessem conhecimento das histórias acerca da experiência da morte, é pouquíssimo provável que todos tenham lido o livro do Dr. Moody, *Life After Life*, ou lido histórias a respeito da experiência da morte. Não posso excluir a possibilidade de que, em estado hipnótico, meus sujeitos descrevam o que já leram, mas a universalidade das suas experiências dá a entender por certo que o simples conhecimento do passado não pode ter produzido tal unanimidade.

Pedi a meus sujeitos que escrevessem em seus questionários o que experimentaram por ocasião da morte - ou mais especificamente, a natureza da morte e a emoção que os senhoreou logo após o transe final. Não lhes disse que eles veriam uma luz, nem que se encontrariam com alguma pessoa que tinham conhecido em vida, e tampouco que passariam pelo interior de um túnel.

Uma média de 49% conheceu sensações de calma e paz profundas e não encontrou dificuldades para aceitar a própria morte. Outros 30% experimentaram sentimentos muito positivos de alegria e libertação. 20%, em média, viram seu corpo depois de haver morrido e flutuaram acima dele enquanto observavam a atividade que lhe ocorria em torno. A crermos no relato dos meus sujeitos depois que despertaram da hipnose não há dúvida de que a morte foi a melhor parte da viagem. Reiteradas vezes contaram que era agradabilíssimo morrer, e descreveram a sensação de libertação que experimentaram depois de haver deixado seus corpos. Até sujeitos que sentiam um medo terrível de morrer antes do seminário me contaram que, depois de experimentar a morte numa vida passada, tinham perdido o medo em sua existência atual.

- Morrer era como ser libertado, voltar novamente para casa. Como se um grande fardo tivesse sido erguido dos meus ombros quando deixei o corpo e flutuei na direção da luz. Eu sentia afeição pelo corpo em que vivera naquela existência, mas era tão bom ser livre!

Eis aí uma resposta muito comum à experiência da morte em minha amostra. As emoções que meus sujeitos experimentavam por ocasião da morte eram tão fortes que se refletiam em seus corpos atuais.

Meus olhos se encheram de lágrimas de alegria quando você levou à experiência da morte, - disse um sujeito. - As lágrimas me deslizavam pelas faces no presente, mas todo o meu corpo sentiu levíssimo logo depois que morri.

Cerca de 10% dos meus sujeitos afirmaram ter-se sentido transtornados ou ter experimentado emoções de tristeza por ocasião da morte. Experimentavam tais emoções em virtude do tipo de morte ou das pessoas que deixavam para trás. Surpreenderam-se ao ver-se fora de seus corpos e mesmo assim tentaram manter contato com seus entes amados.

- Sinto-me tão triste porque estou deixando aqui meus dois filhos, - disse um sujeito do sexo feminino, que morreu de parto. - Estou preocupada por não saber quem tomará conta deles e fico perto do meu corpo, tentando consolar meu marido.

Outro tipo de experiência perturbadora por ocasião da morte é o de ser morto acidental ou violentamente, quase sempre em plena juventude.

- Fui atropelado por um automóvel ao atravessar uma rua correndo, - disse um sujeito. - Eu parecia continuar correndo pela rua e não me dava conta de que morrera. Aí, então, me senti frustrado e perdido, porque não compreendia o que me estava acontecendo. Finalmente, me vi num lugar escuro e depois avistei uma luz brilhante. Em seguida, remontei-me através da escuridão na direção da luz.

Alguns dos sujeitos que expressaram sentimentos negativos no tocante à morte estavam lutando numa guerra.

- Eu estava lutando, quando meu corpo entrou em colapso. Continuei lutando, mas me pareceu haver perdido toda e qualquer capacidade de influir no que acontecia ao meu redor. Eu continuava no campo de batalha mas, logo, tive a impressão de que outros que tinham morrido vinham juntar-se a mim. Era como se eu não conseguisse deixar aquela cena.

Alguns sujeitos se entristeciam ao ver a aflição dos outros provocada pela sua morte. Não se entristeciam por si, mas pelos que continua, na terra.

Cerca de 25% descreveram um breve período de escuridão seguido de luz. Um número maior, cerca de dois terços, alçou-se bem acima dos respectivos corpos e penetrou num mundo inundado de luz, onde foi saudado por terceiros e teve uma sensação imediata de companheirismo. Um sujeito relatou:

- Eu me librei bem alto no céu depois que deixei meu corpo. Não queria olhar para trás. Parecia, então, estar cercado por outros, que me davam os parabéns pela vida que acabara de viver. Experimentei uma sensação de regresso ao lar e uma grande alegria. Havia vida em toda a minha volta.

As Estatísticas Demográficas Não Invalidam A Teoria Da Reencarnação?

O pré-requisito para a reencarnação é o corpo humano. Se ele não existir, então obviamente a reencarnação não poderá ocorrer. E a população do mundo não vem crescendo assustadoramente a cada século? Certamente. Os estudiosos de tendências demográficas estimam que a população mundial dobrou entre o primeiro século da era cristã e o ano de 1500; dobrou novamente por volta do século XIX e, desde então, quadruplicou. Assim sendo, não seria impossível a reencarnação?

Este é certamente um argumento muito poderoso contra a reencarnação. A partir do momento que a dra. Wambach pediu a seus 1100 pacientes que especificassem o período a que estavam regressando, havia alguma tendência demográfica evidente em suas opções? Na verdade sim. Estas tendências mostram precisamente aquilo que esperaríamos descobrir se a reencarnação for realmente um fato: os pacientes da dra. Wambach escolheram nascer em diferentes períodos com uma frequência idêntica às estimativas dos peritos quanto à densidade demográfica naquelas épocas. Suas opções de vidas passadas dobram do primeiro século até 1500, dobram novamente por volta do século XIX e se quadruplicam dali até o século XX. Em outras palavras, a reencarnação depende totalmente da disponibilidade de corpos humanos, e se fôssemos conduzir regressões individuais de pessoas para o passado, geração por geração, até chegarmos ao primeiro século, teríamos o relato de muitas vidas no momento em que a população era maior e de poucas quando a população era menor.

Assim sendo, não existe nenhum tipo de contradição entre os dados das regressões e as estatísticas a respeito da população mundial.

QUEM É VOCÊ?

Os dados de regressão oferecem algumas possibilidades extraordinárias, possibilidades essas que são profundamente chocantes para a maioria de nós, absolutamente convencidos por nossa experiência nesta vida de que somos de um sexo, de uma raça, de uma nacionalidade, que pertencemos a uma classe social e a um grupo étnico. Os resultados da pesquisa de regressão mostram claramente que muitos de nós já fomos, em períodos diferentes, tanto homens como mulheres, tanto negros como brancos, amarelos ou índios, ricos e pobres, e de diversas nacionalidades e etnias. Sempre que os indivíduos regressam através de uma sucessão de vidas (e isto foi feito apenas com uma amostragem pequena), estas vidas variam muito quanto ao sexo, à raça, ao nível social e ao grupo étnico. Como exemplo, a dra. Wambach diz:

Algumas pessoas foram muito abastadas em sua vida passada, mas quem foi rico não o era na existência seguinte. Geralmente os ricos tornam-se muito pobres. Se foram pessoas importantes em uma vida, na próxima não o serão.

Uma de suas pacientes, por exemplo, foi no século XV um atleta na América Central, tendo morrido aos 40 anos; depois, no século XVI, foi um negro da Nova Guiné que morreu jovem; a seguir, uma dona de casa de Veneza, nascida em 1540 e que morreu na velhice; depois viveu na Normandia como mulher no início do século XVIII, tendo trabalhado como empregada numa taverna ou hospedaria. No começo do século XIX, foi um garoto ruivo que viveu no leste dos Estados Unidos e morreu de varíola aos oito anos e, entre 1888 e 1916, foi um marinheiro norueguês que morreu de uma doença desconhecida aos 28 anos de idade. Estas são apenas algumas de suas vidas, pois não foi realizado um inventário completo de todas elas.

Outro paciente, um empresário da cidade de San Francisco, regressou espontaneamente a 14 vidas passadas. No ano 2000 a.C. foi um sacerdote egípcio cujas atribuições eram de ordem comercial e não religiosa - administrava o comércio com os povos vizinhos. A vida seguinte que reportou foi em 1300 a.C., novamente como homem, um humilde condutor de carroça no Egito. Pulando para a próxima existência, em 400 a.C., estava novamente no Egito, desta vez como mulher de uma família de mercadores, comprometida com intrigas da corte. Foi muito materialista e infeliz em suas tentativas de obter fortuna e poder, e cometeu suicídio. Depois disso, foi queijeiro e comerciante no oeste do Líbano e depois, na Grécia do ano 100 a.C., foi um órfão que mantinha um relacionamento homossexual com um governante, tendo morrido jovem por causa de uma doença. Este paciente não regressou espontaneamente para nenhuma vida entre aquela e sua próxima encarnação em 1300 d.C., como uma mulher vivendo numa aldeia primitiva da América Central que morreu de febre aos 28 anos. Em 1450 foi novamente mulher, tendo vivido modestamente numa cidade portuguesa; também morreu jovem. Nos idos de 1500, o paciente relatou uma vida desinteressante e insatisfatória como um nobre italiano. De 1590 a 1618, foi uma jovem do país de Gales que morreu no parto. Depois, foi um camponês francês cujo objeto mais valioso era uma colher de pau. No século XVIII, foi um mercador inglês que prosperou comercializando lã; no século XIX, foi um egípcio que trabalhava como supervisor num cotonifício e que morreu de ataque cardíaco em 1870 aos 60 anos de idade. Renasceu outra vez após quatro meses, e foi um garoto esperto que vivia nas docas de Londres graças a sua perspicácia. Fez amizade com um capitão e, aos 11 anos, tornou-se marinheiro em seu navio. Sua próxima existência foi como menina nascida na cidade de Baltimore, em Maryland, em 1900 e morta em 1902. Quando questionada por que morrera tão jovem, disse algo muito interessante que a dra. Wambach posteriormente incorporou a sua pesquisa sistemática:

"Eu parecia saber, logo após ter nascido, que havia escolhido a família errada", ele disse. "Aparentemente, sabia que não iria dar certo e, assim, parti".

Em sua vida atual, este homem nasceu na Califórnia em 1930.

Afinal, quem somos nós para termos experiências de vida tão desconcertantes? Existe algum processo de desenvolvimento ligando estas vidas? Como veremos logo adiante, encontraremos uma espécie de processo. E, no mínimo, poderemos ter fortes evidências da afirmação feita, algumas vezes, por seres desencarnados: a de que o propósito da vida é 'aprender' por meio das mais variadas experiências, em todos os períodos da história, dentro das mais diferentes sociedades ou civilizações e corpos. A partir daí, surge uma revelação clara que, se encarada seriamente, introduzirá dimensões mais profundas aos relacionamentos humanos. A identidade humana e suas animosidades têm como base distinções fundamentais - de sexo, classe, religião, nacionalidade e etnia. Porém, as regressões revelam que todos nós já fomos, ou seremos, tudo aquilo que não somos atualmente, até mesmo o que agora, desprezamos e detestamos. O que poderia ser mais profundamente educativo do que manifestar ódio e desprezo por pessoas diferentes de si e depois retornar, numa existência posterior, como integrante daquele grupo de pessoas desprezadas e ter que vivenciar o mesmo desprezo e ódio na própria pele? Estas considerações nos remetem à antiga doutrina do carma.

As Pesquisas Sobre Vidas Passadas E O Princípio Do Carma

O princípio do carma é simples. Ele sustenta que, através da reencarnação, todos os seres humanos um dia aprenderão o 'preceito áureo do Evangelho' por si mesmos: qualquer mal e injúria que façamos aos outros será compensado nas vidas subseqüentes com sofrimento pessoal, enquanto que o amor e a compaixão pelo próximo nos serão 'devolvidos' na forma de realização pessoal.

A ênfase deste livro é empírica: concentra-se em experiências humanas verdadeiras que parecem esclarecer o profundo mistério da vida e da morte. Existem, então, experiências humanas relevantes para uma avaliação do princípio cármico? Há, de fato, algumas pesquisas a respeito, e isso é suficiente para corroborar o início de tal análise, especialmente as realizadas pela dra. Helen Wambach.

No início de sua pesquisa, Helen Wambach conduziu a regressão de um rapaz para uma vida em que morrera com dois anos de idade. Enquanto estava ainda hipnotizado, ela perguntou-lhe por quê. Sua resposta lhe proporcionou uma noção para um aspecto inteiramente novo da pesquisa de regressão. O rapaz disse ter percebido que escolhera os pais errados e, portanto, simplesmente os "abandonara", morrendo.

Este comentário abriu algumas possibilidades fascinantes: seria possível que as pessoas realmente 'escolhessem' a vida que desejavam levar e que, nos níveis mais profundos do subconsciente, retinham a informação de como esta escolha fora feita? Seria possível que as pessoas, na realidade, trouxessem consigo a informação do porquê de estarem aqui na terra e que esta informação viesse à tona através da hipnose? Wambach decidiu descobrir. Começou hipnotizando indivíduos e perguntando-lhes de que maneira haviam entrado naquele corpo específico em que se encontravam. Para seu espanto, todos lhe responderam!

Se questionadas, em seu estado normal de consciência, sobre o motivo de terem nascido e de estarem na terra em um corpo, a maioria das pessoas não terá idéia da resposta e muitas consideram a pergunta absurda. Porém, se hipnotizadas, irão responder à pergunta de maneira drasticamente diferente. Elas oferecem respostas. Elas parecem "saber"!

- Você optou por nascer?
- Sim, optei.
- Alguém ajudou você em sua opção?

- Sim, muitos seres me auxiliaram... mas eu tive que tomar a decisão.
- Como você se sente diante da perspectiva de nascer novamente numa outra existência?
- Sinto-me... meio resignado.

Esta é a fala de um indivíduo que, por meio da regressão hipnótica, foi levado a um período intermediário entre sua última morte e sua vida atual. Pediram-lhe para explicar como entrou em seu corpo atual. Num estudo preliminar, a dra. Wambach verificou que 38 por cento de seus pacientes não conseguiram responder este tipo de pergunta. Eles a 'perdiam' durante a hipnose e entravam num estado de sonolência, ou então simplesmente não respondiam quando questionados. A psicóloga imagina que estes indivíduos são como aqueles que têm 'brancos' e não captam nada de suas vidas passadas por terem passado recentemente por uma morte traumática. Não respondem, pensa ela, porque seus subscientes acham que ainda não estão 'prontos' para isso. Para os que estão prontos, entretanto, os fatores cármicos desempenham papel muito relevante em suas vidas atuais.

A dra. Wambach conversou com 402 indivíduos em regressão hipnótica a respeito dos processos que os conduziram às suas vidas atuais. E, como cientista extremamente disciplinada, condensou os resultados dessas conversações em estatísticas. Porém, estas são diferentes das estatísticas convencionais de uma pesquisa científica. São dados atordoantes.

Você decidiu nascer?

Cinco por cento disseram que não, que simplesmente se deram conta de que eram fetos e que estavam nascendo. Os outros 95 por cento afirmaram terem "escolhido" a vida atual.

A grande maioria... disse que havia tomado a decisão de nascer com base no aconselhamento feito por outras entidades durante o período entre vidas. Estas entidades foram descritas às vezes como mestres, guias ou gurus, porém mais freqüentemente como amigos e um grupo de espíritos aparentados. Um deles... reportou: "É um grupo muito grande... Estamos todos trabalhando juntos... Alguns irão experienciar a vida na incorporação física - cerca de um terço de todos nós -, enquanto os outros não irão nascer desta vez.

Você queria nascer?

Enquanto a maioria - 81 por cento - sentiu que precisava nascer para poder avançar em seu aprimoramento pessoal por meio das experiências dentro da vida física, apenas 34 por cento usufruíram a vida física o suficiente para realmente desejá-la! Um indivíduo comparou a decisão de nascer outra vez com caminhar sobre um trampolim bem alto e tentar se encorajar o suficiente para mergulhar:

Nascer é como caminhar sobre um trampolim bem alto. Você sabe que quer mergulhar para se aperfeiçoar, mas ao chegar à beira do trampolim, você deseja voltar e tentar num outro dia. Mas, nesse momento, parece que existem pessoas ali para instruí-lo e finalmente você é empurrado - e lá está você. Novamente vivo.

Outros mostraram sua relutância de várias maneiras.

Reluto muito... Não quero ficar assim tão limitado. Preferiria permanecer... no estado entre uma vida e outra... do que ficar confinado naquele pequeno corpo, mas isto é... algo que preciso fazer.

Chorei realmente quando você nos pediu para voltar ao momento em que decidimos nascer novamente. Não tanto por tristeza... Não me sinto triste. É apenas que... bem... a vida dentro de um corpo é muito difícil.

Era comum ouvir as pessoas dizerem, ao regressarem à experiência do nascimento, imediatamente após o parto:

"Quero voltar para casa!" E "voltar para casa" significava viver fora... de um corpo físico.

Outro indivíduo expressou os sentimentos de forma bem eloqüente:

Foi uma experiência... de profunda compaixão. Senti compaixão não apenas pela criança que eu era, mas por minha mãe e certamente por todas as pessoas presentes na sala de parto... Eu estava deixando um lugar maravilhoso... onde não existiam limites para mim, para descer até um ambiente... Muito fechado. Parecia que já sabiam todos os problemas que teria pela frente, e achei uma pena nós humanos não podermos compreender... Sei que parece estranho... Não... Entender o quê? Bem, sob hipnose me pareceu muito claro que viver dentro de um corpo é ficar isolado de nosso verdadeiro Eu e distante do... Conhecimento disponível a todos nós que não estamos num corpo humano. Sabia que precisava passar por esta experiência... Contudo, parecia uma tragédia o fato de minha mãe, o médico e os outros não compreenderem realmente o que é a vida.

No entanto, os 30 por cento que desejavam a incorporação física fizeram comentários bem mais otimistas, muitos deles considerando a vida que estava por vir como uma aventura. Um deles disse:

"É como embarcar numa expedição para um país desconhecido. É excitante.

Quando você se uniu a seu corpo?

Sempre que diante desta pergunta, os indivíduos ofereceram respostas bastante surpreendentes. Havia uma relutância geral em unir-se ao feto. Apenas um por cento respondeu que entrara no corpo antes do quarto mês da gestação, e somente 14 por cento disseram que isto ocorreu entre o quarto e o oitavo meses. Desta maneira, vemos que 85 por cento uniram-se aos novos corpos somente após o oitavo mês de gestação! Um número muito grande (33 por cento do total) afirmou que só o fizeram momentos antes do parto propriamente dito e 15 por cento - aqueles que particularmente não apreciavam a idéia de incorporar novamente - disseram que se uniram ao feto somente depois o nascimento ter ocorrido!

Por que você está nascendo?

As respostas a esta pergunta foram absolutamente fascinantes. Oitenta e cinco por cento afirmaram que já conheciam os pais e outras pessoas importantes em suas vidas atuais por causa dos relacionamentos que tiveram com essas mesmas pessoas em vidas passadas! Porém, ainda mais extraordinário é o fato de que, à medida que esses relacionamentos se transportam, de uma vida para outra, eles não permanecem os mesmos, porém passam por todas as alterações de ordem sexual e do tipo de relação imagináveis. Assim sendo, os pais do indivíduo ou seus Filhos na vida atual foram algo muito diferente para eles numa vida anterior, por exemplo: pais e mães atuais podem ter sido irmãs, irmãos, amigos, amantes ou filhos numa vida anterior; os filhos do indivíduo na vida presente geralmente foram os pais deles numa vida passada. A mudança na relação e de ordem sexual é regra. Por exemplo; um indivíduo declarou:

"Minha mãe foi minha irmã, e meu pai foi meu filho antes".

Outro disse:

"Minha mãe foi minha irmã numa vida passada e meu pai foi um amante. Meu primeiro filho foi meu avô numa de minhas vidas, meu segundo filho foi meu pai e minha primeira filha foi uma amiga. Minha segunda filha, conforme vi claramente; foi minha mãe numa de minhas vidas passadas".

As novas percepções a respeito desses relacionamentos complexos fizeram surgir sentimentos muito fortes. Muitos pais passaram a observar de forma totalmente nova seus relacionamentos com os próprios filhos, observando-os pela primeira vez como indivíduos independentes ligados a eles de maneiras complexas através de repetidas vidas, embora dependentes deles neste momento específico da vida atual:

"Minha filha é uma grande amiga minha de uma outra vida. Sinto que... o bebê que ela vai ter será outra grande amiga".

E que assombrosa perspectiva de aprendizado isto pode oferecer! Que maneira melhor de 'conhecer' alguém do que ter tido anteriormente dezenas de relacionamentos diferentes com esta pessoa - como um pai, uma mãe, um filho, um irmão, um amante! De fato, é exatamente este, em termos cármicos, o propósito desses 'transportes'. A maioria daqueles que estão conscientes deste propósito ao escolher seus pais atuais, e outras pessoas com as quais se envolveriam intimamente, afirmou que este objetivo era o de solucionar os problemas cármicos desenvolvidos nos relacionamentos das vidas passadas e, em especial, o de aprender a amar estas pessoas e poder expressar amor por elas.

"Vi o porquê de ter nascido, escolhido meus pais. Era para ajudá-nos em... seus carmas."

Outro paciente fez a seguinte observação:

"Esta vida parecia muito opressiva. Cheguei aqui com muitos fardos para serem resolvidos, especialmente... com minha mãe. Preciso aprender a amá-los, a me doar para eles, para toda minha família. Um de meus desafios era o de ter de ser dependente de minha mãe".

A decisão de reencarnar em determinados relacionamentos foi feita, conforme revelado, após consulta com 'conselheiros' espirituais e/ou com outras pessoas que estariam envolvidas no processo. Assim sendo, os laços cármicos com outras pessoas foram a única motivação importante na opinião de nascer em um determinado corpo. Porém, alguns indivíduos escolhem, em vez disso, um contexto adequado para o que desejam obter na vida atual:

Alguns poucos fizeram suas escolhas com base nas oportunidades que suas condições genéticas, ambientais e emocionais lhes proporcionariam durante a

infância. As pessoas que relataram este tipo de opção geralmente tinham uma noção mais clara do objetivo que desejavam, atingir nesta vida do que aqueles que escolheram suas famílias para resolver seus carmas.

Por exemplo, alguém disse:

"Esta vida é um teste, um desafio; estou deliberadamente estabelecendo um contexto para aprender aquilo que desejo saber".

Outro indivíduo relatou o seguinte:

"Relutei para nascer. Não queria descer e abandonar o estado entre uma vida e outra e me sentir menosprezado e com frio. Quando passei pelo canal vaginal na hora do parto... me senti vulnerável, sozinho e com medo. Várias pessoas desconhecidas e luzes fortes. Minha mãe estava desacordada e ninguém me segurou ou me deu as boas-vindas e eu senti aquela conhecida ânsia por amor. Mas quando você me perguntou o propósito... era o de descer e trazer um pouco daquela... paz e da luz do estado intermediário e espalhá-las por aqui. Vir para a confusão desta vida, mas num momento em que minha preocupação não fosse a sobrevivência. Meu propósito é o de oferecer amor da maneira mais completa e desprendida possível em qualquer situação em que me encontre".

Algumas pessoas, que escolheram suas vidas atuais basicamente por causa do 'contexto' e não por seus laços cármicos, afirmaram que tal período a segunda metade do século XX - fora escolhido porque oferecia possibilidades sem precedentes para o crescimento pessoal:

"Senti que precisava trabalhar o aspecto feminino de minha entidade. Escolhi este período porque as mulheres farão grandes avanços durante minha vida atual e poderei contribuir para isso".

Outro indivíduo colocou o seguinte:

"Esta será minha vida transcendente, na qual poderei conhecer tanto a realidade física como a não-física enquanto estiver neste corpo".

Sua vida é predeterminada?

A idéia de que uma pessoa 'escolhe' sua vida previamente para poder realizar certas coisas levanta uma questão profundamente perturbadora. Isto significa que sua vida está predestinada em todos os seus detalhes, é na verdade um roteiro que já foi escrito para um elenco de 'robôs'? Se você 'escolhe' tudo isso previamente, então existe um elemento de opção presente durante a vida, ou você simplesmente passa por ações predeterminadas? Felizmente, os dados coletados pela Dra. Wambach são tais que esta pergunta importante e perturbadora pode ser respondida. Fica claro, a partir dos comentários dos pacientes, que aquilo que 'escolheram' não é absolutamente predeterminado, mas apenas uma 'situação' com certas potencialidades, com certas possibilidades que o indivíduo poderá ou não perceber!

As pessoas expressaram com freqüência sérias dúvidas quanto à própria capacidade de realizar os objetivos que escolheram atingir na vida atual. Afirmaram terem planejado a vida atual, mas era comum perceberem, quando regressavam ao período imediatamente posterior ao nascimento, assombradas, que haviam subestimado as dificuldades que precisariam ultrapassar para poder atingir os objetivos que haviam definido para si próprias. Às vezes lhes faltava coragem, e desejavam ansiosamente voltar para o estado entre as vidas. Falavam diversas vezes a respeito das vidas atuais escolhidas como se fossem "desafios" ou "testes" aos quais deveriam submeter-se, *indicando claramente com isso que o fracasso era um resultado tão provável de seus esforços quanto o sucesso.*

"Tenho a energia para fazê-lo e... posso aceitar os desafios. Preciso desenvolver minhas forças estando vivo dentro de um corpo."

"Eles, os 'conselheiros' do estado intermediário, disseram... que eu deveria esperar para voltar em um momento melhor, numa família menor, com mais tempo para mim. Mas achei que deveria ser agora. Alguém precisa ir primeiro, mas eu disse a meus amigos: 'Não esperem demais.'"

É difícil encontrar palavras que façam justiça às revelações que surgiram a partir da pesquisa aqui relatadas. São assombrosas, significativas e excitantes. E para aqueles que estão abertos o suficiente para levá-las a sério, o mundo jamais será o mesmo.

Reencarnação No Processo Terapêutico

Vejam os a seguir um caso de regressão de memória em sessão de terapia relatado por PATRICK DROUOT, terapeuta transpessoal em Paris-França que tem uma larga experiência com a terapia de vidas passadas. Autor dos Livros *Nós Somos Todos Imortais e Reencarnação e Imortalidade - Das Vidas Passadas às Vidas Futuras*)

(...) Jean sai da floresta. O sol está se pondo no horizonte. Ele caçou o dia todo, como o faz habitualmente. É tempo de regressar à velha casa familiar, da qual percebe os contornos além das colinas. Ela foi construída no século XII pelos seus antepassados, meio barões e meio salteadores, que retornaram da Terra Santa. Seus descendentes, pouco a pouco, ampliaram o solar.

Jean esporeia seu cavalo. Ele tem pressa em chegar. A contornar uma colina tem a impressão de ouvir um rumor proveniente da casa. Ele se aproxima. Distingue, agora, uma multidão ao redor da morada. Uma multidão excitada. Camponeses armados de forcados, constata Jean, que galopa a rédea solta, com os olhos cravados no que ocorre. A metade do pátio está invadida. Há corpos caídos por terra. Arrasta-se uma mulher pelos cabelos... O coração de Jean bate mais forte: é sua mulher que os camponeses maltratam! Eles a estão matando! Que pode ele fazer? Ele está só. Os poucos homens armados, que lhe restavam ainda há pouco foram mortos e os servidores que permanecem na casa são todos velhos. Pelo menos tentará salvar a sua pequena filha. Ele contorna a casa e deixa seu cavalo no meio da mata onde, escondida na vegetação, se abre uma passagem subterrânea que conduz ao castelo pela galeria, depois pelos aposentos do castelo, se apossa da menina em lágrimas e retorna pelo mesmo caminho. Lá fora ouve os gritos de sua mulher e da multidão enraivecida. Quando alcançam o ar livre, na mata, lá no pátio o drama terminara. A mulher de Jean jaz sobre a relva, ensangüentada. Assassinada pelos camponeses em fúria, sem que ele nada tenha podido fazer. Dominado pelo ódio e pela tristeza, Jean vai a galope com sua filha até o refúgio num castelo vizinho e amigo. Organiza-se uma expedição, a fim de encontrar os culpados, que foram punidos. Jean, além de perder a esposa que amava, era criticado pela filha. Ao longo do caminho durante a fuga dos dois, a filha gritava ser preciso procurar a mãe que não deviam salvar-se sem ela. Instalada no castelo vizinho, continuava a nutrir rancor e ressentimento ao pai. Mais tarde, já crescida, acusava-o de ter sido covarde.

Jean sabia que não se acovardara. Entretanto, não encontrava mais prazer na vida. Partiu para combater. Havia muito que fazer no século XVI, agitado por guerras incessantes. Morreu como queria, alguns anos mais tarde, no campo de batalha, sempre guardando no coração a dor de ter perdido sua mulher.

No princípio dos anos setenta, ele a reencontrou assim com a filha. Perto de quatrocentos anos mais tarde. Jean e a mulher se reencontraram em Paris. Eram, então, Robert e Jeanne, se amaram e se casaram rapidamente. Ignoravam, é claro - em todo o caso conscientemente -, que já se haviam conhecido, até que Robert/Jeanne o descobre numa viagem nas vidas anteriores.

Isso é comum. As pessoas que se amaram no passado quase sempre se reencontram em outras vidas. Este é um dos aspectos emocionantes das pesquisas sobre as vidas passadas.

As pessoas com as quais você sente um elo poderoso em sua existência estiveram próximas numa (ou numas) outra vida. Podem ter sido parentes, amigos, amantes, mas se você sente uma ligação profunda com outro ser, se essa pessoa é como um prolongamento de você mesmo, há grandes possibilidades de que se tenham amado, vivido, caminhado, sofrido e rido juntos, em outro tempo, em outro lugar, sob outra forma física. O amor é uma vibração fundamental a mais poderosa do Universo. É ele que faz girar os astros, subir a seiva nas árvores e desenvolver as crianças. O amor é infinito e eterno. Da mesma forma é o amor que une dois seres humanos: assim foi e assim será. Nem o tempo, nem o espaço, nem a morte podem separar aqueles que se conheceram e continuam a se encontrar através dos séculos. Todos os que, em estado de expansão de consciência, revivem uma união antiga com o companheiro ou companheira na vida presente, sentem e exprimem, com vigor, o quanto este amor encarnado é pálida cópia da comunhão entre suas almas no mundo do além.

O contrário também ocorre. Lembro-me de um casal do leste da França. Estavam casados há dez anos. Tinham dois filhos e viviam, desde que se conheceram, uma curiosa relação de "ódio-amor". Eu os conduzi a uma regressão em comum nas vidas passadas, o que faço muito raramente, na qual reencontraram uma vida na Roma antiga, onde se amavam. Ele era nobre e ela sua escrava. Ele a seduzira e, dessa relação culposa, nasceu uma criança que acabou sendo jogada num poço, pela própria mãe. Ignoro quantas vidas comuns teriam vivido juntos desde Roma, mas é óbvio que restava, entre eles, seqüelas do primeiro encontro. Compreender o fato ajudou-os a superar os efeitos negativos dessa relação, aprofundando os laços que os uniam.

Alguns seres que se amaram e se magoaram no passado continuam a se magoar hoje em dia. É que ainda precisam aprender e compreender, a fim de evoluir. Outros atingiram juntos o ponto do não retorno. Estes aprenderão alhures, ao lado de outros seres, o que é a vibração essencial do Amor. Outros, ainda se procuram. Mas todos, seja qual for o caminho particular e o estágio de evolução, são chamados a superar seus medos para aprender a amar. É esse o objetivo da nossa existência, e é a procura do amor incondicional que nos induz a renascer continuamente, revestindo-nos, sem cessar, do corpo humano. A maior parte das pessoas não tem consciência disso. Entretanto, muitos procuram desesperadamente o sentido da sua existência.

A Reencarnação Como Instrumento De Evolução Do Ser

Estudaremos agora um texto do psicólogo THORWALD DETHLEFSEN que é diplomado pela Universidade de Munique. Terapeuta Transpessoal em Munique (Alemanha) tendo larga experiência com a terapia de vidas passadas. Autor dos Livros *A regressão a vidas passadas como método de cura*; *O desafio do Destino*; *A doença como caminho*; entre outros

...A ciência considera a consciência uma expressão do processo físico. Na minha opinião, a matéria, considerada pura e simplesmente, não encerra processos conscientes (como mostra nossa experiência). Deveria a "matéria humana" constituir uma exceção? Mesmo quando aceitamos tal exceção, o conceito da morte é ainda assustador. Qual seria a finalidade de um corpo desenvolver uma consciência durante 60 anos e, de repente, extingui-la?

Em contrapartida, parece que a morte ganha melhor interpretação a partir da nossa hipótese. Quando separamos a alma do corpo a que dá vida, rompemos um elo (a vida) e promovemos aquilo que chamamos morte, um processo que, no dizer

popular, corresponde ao "último sopro de vida": dizemos que "fulano nos deixou" ou, ainda, que "o espírito deixou aquele corpo", etc. Todas essas informações remetem a "alguma coisa" que abandona um corpo vivo, restando apenas um cadáver.

Esse corpo inerte jamais poderia ter sido a fonte do que chamamos de vida, consciência, personalidade e individualidade: era apenas um invólucro, um instrumento. Um computador precisa de um programa específico para que possamos utilizá-lo com a finalidade a que se destina. Sem o programa, temos apenas uma tela iluminada, nada mais. É fundamental que dissociemos a individualidade do homem do seu corpo físico. Quem estiver disposto a dar esse passo no sentido de modificar sua linha de raciocínio, pelo menos em parte, não terá, inicialmente, dificuldade em aceitar a hipótese da reencarnação.

Ao considerarmos possível a existência da alma desvinculada da matéria bruta, apresentamos, então, através da nossa experiência, os vários processos de união de uma determinada alma (individualidade) a um corpo. Em outras palavras, um "eu" individual percorre uma fase de existência corporal, liberta-se desse invólucro e, numa fase posterior, une-se novamente à matéria, numa nova existência. Esse "eu" seria sempre o mesmo, modificando-se apenas o corpo, de vida em vida.

...A reencarnação é a lei da periodicidade. Observando a natureza, vemos o seu ritmo de crescer e definhir, de florescer e murchar, dia e noite, verão e inverno, vida e morte. Não existe nenhum fenômeno na natureza com um princípio e um fim, sem que este fim signifique o começo de alguma outra coisa. É exatamente essa mudança, essa troca de polaridade que permite a existência de tudo o que é vivo. A ligação com o todo é estabelecida através do ciclo da evolução de cada parte; a partir da polaridade se estabelece a unidade, que, por sua vez, abrange os dois pólos.

É compreensível que muitos não gostem de ouvir falar em reencarnação, pois esta atribui ao indivíduo uma responsabilidade pelo antes e pelo depois, podendo mudar sensivelmente os matizes do seu agora. Isto representa um choque para os que pensam que o suicídio é a última e melhor solução para resolver seus problemas. Temos novamente a polaridade: ao eliminarmos a responsabilidade desaparece o significado da vida.

Difícilmente haverá outra questão que toque mais o homem do que a pergunta: "Qual é o sentido da vida?" Podemos falar sobre a importância de ser feliz, de ter uma família, filhos ou ainda do amor ao próximo. Se resolvermos aprofundar-nos nessa questão, chegaremos ao vazio, ao nada, é precisamente o fundamento de um viver que não está consciente da sua responsabilidade e da sua ligação com o cosmos.

Eu sei que falar de sentido nos tempos atuais soa um, pouco antiquado porque sugere "um mundo perfeito", trazendo àqueles que põem no mundo a culpa da própria infelicidade e incapacidade de resolver problemas. Para essas pessoas não existe nada perfeito. Só os mais simplórios e tolos conseguem enxergar essa perfeição e, se desejamos ser intelectuais, devemos conviver com a falta de sentido. Em vista dessa simplificação, parece-nos mais desejável ser um simplório do que aceitar o pessimismo profissional.

Quando nos questionamos sobre o porquê da existência de uma aversão tão grande a esse mundo perfeito, assim como aos que sustentam a existência de um sentido para a vida, parece-me que estamos apenas desejando desesperadamente ocultar nosso próprio vazio interior. Não devemos perturbar-nos com aqueles que nos olham com compaixão e que tentam convencer-nos de que "parece um mundo perfeito demais, totalmente livre de temores, para ser verdade".

Considerando a existência de um sentido e de uma responsabilidade a serem desenvolvidos nesta vida, entre o nascimento e a morte, devemos refletir sobre

a melhor forma de realizar essa tarefa. Surge então a pergunta: responsabilidade sobre quem ou sobre o quê? Vamos ter de recorrer a um sistema de valores com um número imenso de variáveis. Mais difícil ainda é a busca do sentido da vida. Qual é o sentido, por exemplo, de alguém morrer aos vinte anos? Qual o sentido de alguém nascer aleijado ou cego, rico ou pobre?

Voltemos ao modelo da reencarnação e vejamos como as perguntas em aberto encontram uma resposta, compondo um todo. Acho importante, esclarecer que, independentemente de qualquer demonstração, os fatos sempre apontam na direção da reencarnação. Seria assombroso se pudéssemos provar que não existe o renascimento. As pessoas costumam inverter os fatos à sua maneira e considerar a reencarnação como algo absolutamente irreal, motivo pelo qual sentem, eventualmente, a necessidade de se apegar a argumentos baseados em critérios extremamente rígidos. Essas pessoas confundem o extraordinário com o improvável. Durante muito tempo julgou-se que o átomo era indivisível; quando se provou o contrário, mostrou-se que aquilo era extraordinário, mas não improvável.

A experiência mostra que tudo o que observamos e que se desenvolve encontra-se em evolução. Não uso o termo "evolução" com a conotação que lhe é dada por Darwin, como um acaso onde o desenvolvimento está ligado à possibilidade de sobrevivência. Evolução, na minha teoria, é exatamente o contrário de acaso: é o desenvolvimento superior planejado, a normalidade. Não existe acaso. Vivemos num cosmos, termo que, traduzido literalmente, quer dizer "o que é organizado" e de cuja organização depende o fluxo normal das coisas. Cada desvio provoca um desequilíbrio no conjunto, o que representa um perigo para o todo. Um cosmos que dá margem ao acaso é, em si mesmo, uma contradição.

Segundo a nossa interpretação, a evolução tem por objetivo atingir um desenvolvimento mais grandioso, uma lei que valha para todo o Universo e capaz de abranger toda a Criação. O homem, enquanto parte desse todo, roca desse tear, deve obedecer às leis desse desenvolvimento, posto que o todo só pode evoluir quando cada uma de suas partes integrantes o fizer. A tarefa do homem, portanto, é evoluir, e nada mais. A evolução não acontece por si mesma, ela é o resultado de um conflito energético, é o resultado de um processo de aprendizado. Para aprender, precisamos de um problema que nos permita tentar e errar, a fim de podermos aproximar-nos de uma solução. Quando resolvemos a questão, aprendemos a lidar com ela, e é através desse aprendizado que evoluímos.

Destino é um termo genérico para designar toda a sorte de problemas que o homem tem de enfrentar ao longo de sua vida a fim de provê-lo de toda a matéria suficiente para promover o seu desenvolvimento. Os problemas são as tarefas a partir das quais ele deve aprender, e não, como consideram muitos, algo de negativo, mas o subsídio para o autodesenvolvimento, o aperfeiçoamento e a evolução.

O homem pode aprender a lei da polaridade de forma ativa ou passiva. De forma ativa, quando enfrentamos o problema com disposição e como um convite à compreensão, ao aprendizado, para atingirmos uma etapa seguinte de nossa própria evolução. Infelizmente, esse processo de aprendizado é aplicado por uma minoria. É mais comum acumular e reprimir problemas do que tentar solucioná-los. Em tais casos, a pessoa em questão irá desenvolver um desejo de realização inconsciente, sendo manipulada por este e aprendendo de forma passiva aquilo com que não soube lidar ativamente.

O aprendizado passivo está sempre ligado ao sofrimento, e a essa situação costumamos dar o nome de "infortúnio", "doença", "acidente", etc. Praguejamos e sentimo-nos injustiçados, pondo a culpa no acaso. Infelizmente, não encontramos a quem atribuir a culpa a não ser ao próprio homem, ao ambiente em que vive, ao destino ou a Deus. A responsabilidade sempre é daquele que sofre, pois ele teve a

chance de escolher, mas faltou-lhe a vontade, como acontece tão freqüentemente, ou seja, faltou-lhe escolher entre aprender ativamente ou passivamente. Essa postura não admite o "não-aprender", pois isso significaria estagnação e prejudicaria todo o processo de evolução. O conhecido "livre-arbítrio" restringe-se à "liberdade de escolha", que sempre conduz o processo de aprendizado a uma pequena porção de desenvolvimento. O livre-arbítrio proporcionaria ao indivíduo uma grande variedade de resultados, o que contraria a lei do cosmos. A "escolha", ao contrário, é produto da lei da polaridade e não coloca em perigo o desenvolvimento equilibrado.

O destino é muito mais do que um poder anônimo e imensurável que ameaça o homem com sua casualidade e capricho. Ele é altamente pessoal, é o resultado de uma elaboração própria, é, enfim, o instrumento adequado para alcançar a evolução. Essa é uma verdade incômoda para aqueles que costumam projetar a culpa no destino e declinar da própria responsabilidade. Essas pessoas, que reagem de uma forma tão veemente e emotiva ao esoterismo, porque o sentem como uma ameaça às suas mentiras, deveriam, ao contrário, considerar a verdade um fator, no mínimo, essencial, para poderem se libertar dos seus erros.

As diferenças que encontramos quando comparamos os destinos dos homens se explicam na medida em que cada um deles está, nesta sua vida, num estágio diferente de evolução e precisa enfrentar problemas e experiências específicos, para prosseguir em sua jornada. O destino da vida atual é o resultado de uma "cadeia de vidas", no decorrer das quais a tarefa foi bem assimilada ou não. Todos nós enfrentamos agora problemas que no passado não foram tratados com discernimento suficiente e com os quais nos confrontaremos no futuro, até que consigamos resolvê-los".

A PRECE À LUZ DA CIÊNCIA

Estaremos analisando agora uma outra área ligada a espiritualidade que tem sido amplamente estudada pela ciência que é a prece, respaldada mais uma vez pela física quântica. Os textos que estaremos estudando são do médico americano Larry Dossey, um dos maiores pesquisadores desse tema na atualidade, publicado em seu livro AS PALAVRAS CURAM.

Minha resistência contra o uso da prece na prática da medicina não era um sentimento isolado. Praticamente, todos os médicos de orientação científica sentem isso. Simplesmente, é difícil conservar um instinto espiritual se a pessoa percorre o caminho da ciência. A mensagem da educação médica moderna é clara: a pessoa tem de escolher entre abordagens lógicas, analíticas, racionais ou a irracional, religiosa, supersticiosa e "vinda do hemisfério direito", na qual cabe a prece. Mas a escolha entre ciência e espiritualidade parece cada vez mais artificial hoje em dia, mesmo de um ponto de vista científico. Hoje é possível contar uma nova história, em que ciência e espiritualidade podem situar-se lado a lado de maneira complementar, sem precisarem tentar uma usurpar ou eliminar a outra.

A razão essencial para se abordar o papel da prece na cura de doenças não é provar cientificamente a sua eficiência - embora isso possa ser feito, acredito eu, e seja essa uma das tarefas deste estudo. A melhor razão é ainda mais profunda: A prece diz algo incalculavelmente importante acerca de quem somos e de qual possa ser o nosso destino. Como veremos depois, a prece é um acontecimento genuinamente não-localizado, quer dizer, não está confinada a um local específico no espaço, nem a um momento específico no tempo. A prece atinge além do aqui e do agora; ela atua à distância e fora do momento presente. Quando a prece é iniciada por meio de uma ação mental, isso implica que existe algum aspecto da nossa psique que também é genuinamente não-local. Nesse caso, algo em nós é infinito no espaço e no tempo - e, nessa medida, onipresente, eterno, imortal. "Não-local", afinal de contas, não significa "realmente grande", nem "muito, muito tempo". Implica *infinitude* no espaço e no tempo, porque uma não-localização limitada é uma contradição em si. No Ocidente, esse aspecto infinito da psique tem sido chamado de alma. As evidências empíricas do poder da oração, portanto, são evidências indiretas para a existência da alma. E também são evidências para qualidades comuns que partilhamos com o Divino - "o Divino interior" - uma vez que *infinitude*, ou presença e eternidade são qualidades que temos atribuído também ao Absoluto.

O fato de sermos capazes de nos envolver numa atividade não-local como a prece tem implicações espirituais espantosas, que excedem as preocupações práticas e imediatas da prece, como, por exemplo, ela poder nos livrar ou não das dificuldades quando necessitamos disso.

O modo como a prece é concebida pela maioria das religiões ocidentais é muito diferente disso: Deus está instalado fora de nós, geralmente muito lá no alto, como se numa órbita estacionária, funcionando como uma espécie de satélite oficial de comunicações. Nós "enviamos" as nossas preces "para o alto", até Deus, que pode optar entre funcionar ou não como uma estação de retransmissão para o objeto de nossas preces. Esse cenário, em que Deus está lá em cima e nós cá embaixo, nos permite manter uma versão bastante local de quem somos - criaturas isoladas do momento, trancadas num tempo que flui linearmente, confinadas ao corpo e aguardando a morte, pecaminosa e indigna em última instância, e cuja única esperança está na redenção por meio de um ato misericordioso do Ser Supremo. Embora essa visão possa ser confortadora para milhões de pessoas - aquelas que estão convencidas de serem "salvas" ou "escolhidas" , ou que pertencem a algum grupo religioso fechado - ela causa uma imensa confusão e culpa para outras tantas, e tem sido a causa de uma indivisível maldade nas questões humanas, datando do

período em que a história começou a ser registrada. Quando a comparamos com outras visões religiosas existentes no mundo, essa exteriorização de Deus com a conseqüente desvalorização da natureza humana interior, segundo o falecido mitólogo Joseph Campbell, parece ser uma "mitologia patológica" singular.

Muitas pessoas acreditam que a natureza da prece já foi definida adequadamente pelas principais religiões ocidentais, e que discordar desses conceitos consagrados pelo tempo é algo que beira a heresia. Há, porém, razão para se defender a idéia de uma visão dinâmica e que fale de mudança. Como disse uma vez Joseph Campbell, se uma mitologia não continua evoluindo, ela morre. Os que acreditam que a nossa maneira de compreender a prece é essencialmente completa e não deveria passar por uma constante reavaliação podem, inadvertidamente, a estar condenando à morte.

As antigas visões da prece inspiradas na Bíblia, ainda muito em moda, foram desenvolvidas quando prevalecia uma visão de mundo que hoje se tornou obsoleta e incompleta. Neste século, mudaram as nossas concepções fundamentais a respeito de como o universo funciona. Redefinimos, graças à física quântica, as nossas idéias a respeito da natureza do espaço, do tempo, da energia e da causalidade, e hoje elas pouco lembram as noções que prevaleceram no pensamento humano ocidental durante milênios, e que moldaram a nossa concepção da prece. Além disso, nossas idéias básicas sobre a estrutura e o funcionamento da psique humana se transformaram radicalmente e continuam a evoluir. Se a nossa visão de mundo foi modificada, talvez nós devamos rever as nossas noções acerca da natureza da prece.

O toque terapêutico

Desde a Antigüidade, têm existido pessoas que declaram que conseguem realizar curas à distância, curadores para os quais o tamanho da separação espacial entre curador e paciente é tido como sem importância. Também é ancestral a prática da "imposição das mãos", na qual o contato físico real acontece entre o curador e o paciente. Uma proposta híbrida destas técnicas surgiu recentemente nos círculos profissionais das enfermeiras, através da pesquisa pioneira da professora de enfermagem Dolores Krieger, Ph.D., da Universidade de Nova York. Nesta técnica, denominada Toque Terapêutico, as mãos do curador não tocam efetivamente o paciente, mas são mantidas a uma curta distância do corpo deste.

Para avaliar esta técnica, o pesquisador Daniel P. Wirth realizou um estudo do tipo duplo-cego com 44 pacientes portadores de ferimentos cirúrgicos artificialmente induzidos, da espessura completa da pele. Os sujeitos inseriam o braço com o ferimento numa abertura circular, recortada na parede do aposento, sem conseguir ver além dela, e lá o mantinham durante cinco minutos. Era-lhes dito que o propósito deste procedimento era medir "biopotenciais" a partir de uma sala cirúrgica, com um dispositivo que não entra em contato com o sujeito. A enfermeira especialista em Toque sem Toque estava presente na sala adjacente só durante as sessões de exposição para membros do grupo de tratamento ativo (23 pacientes); para os demais 21 pacientes, a sala ficava vazia durante o procedimento de controle. Enquanto tentavam curar as feridas, as enfermeiras evitavam escrupulosamente todo contato físico com os pacientes. Em vários estágios, a área ferida foi desenhada em folhas de acetato transparentes, por um médico que ignorava a que grupo aquele paciente pertencia, se ao experimental, se ao de controle. Depois, um técnico independente, também ignorante quanto à composição dos dois grupos, digitava os traçados - uma medida altamente precisa no nível de cura. É importante ressaltar que, uma vez que os pacientes não acreditavam que estavam recebendo um tratamento de cura, e uma vez que não recebiam sugestões nem diretas nem indiretas de estarem participando de uma experiência de cura, o efeito placebo, a sugestão, a expectativa ou a crença não podem ser consideradas responsáveis pelas curas que ocorreram.

Os resultados foram altamente significativos do ponto de vista estatístico. Por volta do oitavo dia, as feridas dos pacientes tratados tinham um tamanho significativamente menor do que as dos pacientes não tratados, e apresentavam uma variação muito menor. No 16º dia, esse mesmo resultado foi novamente constatado. Treze dos vinte e três pacientes tratados foram completamente curados (tamanho do ferimento igual a zero), em comparação com nenhum do grupo não tratado. Essa pesquisa indicou que o Toque Terapêutico Sem Toque é uma modalidade eficaz de cura em feridas que atingem toda a extensão da derme, mesmo que os pacientes não estejam cientes de que este tratamento está sendo aplicado.

Eventos teleossomáticos

A força vital não está encerrada na pessoa, mas irradia à sua volta como uma esfera luminosa, e pode ser levada a agir à distância. Nesses raios semimateriais, a imaginação da pessoa pode produzir efeitos saudáveis ou mórbidos.

- *Paracelso (1493-1541)*

As pesquisas efetuadas no campo da medicina psicossomática têm demonstrado, além de qualquer dúvida razoável, que as perturbações mentais podem causar disfunções corporais e doenças dentro de uma determinada pessoa. Mas, se a mente é não-local e, por isso, compartilhada, surge a possibilidade de os acontecimentos mentais desencadearem acontecimentos também entre os indivíduos. Estes fenômenos têm sido apelidados de "teleossomáticos", do grego *tele*, que significa "distante", e *somatikos*, relativo ao "corpo". São incontáveis os exemplos:

- Arthur Severn, conhecido pintor inglês de paisagens, saiu para velejar um dia de manhã bem cedo, enquanto a sua esposa ainda dormia. Às 7 horas esta foi repentinamente acordada por um soco na boca, tão violento que ela imediatamente tentou perceber onde estaria sangrando. Para sua surpresa, não encontrou sangue. Mais tarde, naquela mesma manhã, quando o marido voltou para o desjejum, estava com um lenço nos lábios que sangravam - pois havia sido atingido na boca, por volta das 7 da manhã, quando a cana do leme fez um movimento rápido, impelida por um vento repentino.
- Uma mulher de repente "curvou o corpo, apertando o peito, como se uma dor muito forte a atingisse, e disse: Aconteceu alguma coisa com Nell; ela está machucada." Duas horas depois, o delegado chegou informando que Nell havia morrido a caminho do hospital. Tinha sofrido um acidente de carro no qual um pedaço da direção do automóvel tinha-lhe perfurado o peito.
- Uma mãe estava escrevendo uma carta para a filha, que estudava numa faculdade que ficava longe. De repente, sua mão direita começou a queimar com tanta intensidade que ela não conseguiu mais segurar a caneta. Menos de uma hora depois, recebeu um telefonema da faculdade, dizendo-lhe que a filha tinha sofrido uma grave queimadura com ácido, num trabalho de laboratório no mesmo instante em que ela (a mãe) sentira a mão queimar.
- Às vezes, mudanças físicas reais aparecem no "receptor". Em 1892, o general-de-divisão inglês T. Blaksley relatou um caso que ocorreu com um amigo íntimo, do mesmo 12º Regimento, que se havia sentido inexplicavelmente doente um dia de manhã. A caminho dos exercícios de tiro, o amigo lhe disse, com base em pura intuição: "Meu irmão gêmeo morreu hoje de manhã, no seu navio, na costa ocidental da África, às oito horas e eu sei que isso causará em mim uma doença séria." O general Blaksley tentou animá-lo com esperanças, persuadindo-o de que tinha sonhado, mas em vão. "Não", insistiu o amigo, "é certo; durante toda a nossa vida, sempre existiu uma empatia tão grande entre nós que nunca uma coisa aconteceu com um sem que o outro soubesse." Seus

pressentimentos se mostraram corretos. Acabou tendo um ataque de icterícia. A notícia chegou em tempo hábil, informando que o irmão tinha efetivamente morrido no momento que ele havia identificado.

Claro que os cétricos não encontrarão nada de significativo em acontecimentos desse tipo. Dirão que nada mais são que meras coincidências. É verdade que são incidentes isolados. Não se pode forçá-los a acontecer em laboratório para que se possa estudá-los detidamente. Diferem de outros acontecimentos não-locais que examinamos - a imagem transpessoal, o diagnóstico a distância e a captação sensorial remota - que podem ser estudados em condições controladas. Apesar destas limitações, no entanto, acredito que os fenômenos telessomáticos merecem a nossa atenção por dois motivos. Primeiro, são extraordinariamente freqüentes. Segundo, apresentam uma consistência interior, de caso para caso. Praticamente, todos eles acontecem entre pessoas que são **empáticas** - uma sensação que, como veremos, parece criar a pré-condição necessária para acontecimentos não-locais em laboratório. Os acontecimentos telessomáticos ocorrem comumente entre pessoas com fortes elos emocionais. O caso clássico envolve pais e filhos. Também são característicos entre casais, irmãos (em particular, gêmeos e namorados, mas também foram descritos entre amigos e conhecidos emocionalmente próximos).

Em sua análise de 169 casos telessomáticos, Louisa E. Rhine constatou que apenas dois receptores eram maridos, em contraste com 21 casos em que as esposas o foram. Além disso, do total de 169 episódios, só 13 receptores eram homens. Contudo, outras séries de dados não corroboram essas diferenças de gênero. Na amostra de Stevenson, por exemplo, 84 receptores eram mulheres; 76, homens. Por outro lado, 62 "emissores" eram mulheres e 98, homens.

As mulheres são mais sensíveis como receptores do que os homens? Ou simplesmente relatam suas vivências mais abertamente? Stevenson, cujos dados são relativamente neutros quanto ao sexo dos pacientes envolvidos, acredita efetivamente que as diferenças de gênero são reais, e que as mulheres poder ter uma maior tendência do que os homens para estar para normalmente em contato com o sexo oposto.

Embora o caminho telessomáticos pareça estar aberto geralmente entre duas pessoas, várias podem estar eventualmente participando, como num caso em que uma mulher teve a nítida impressão de que a sua mãe estava gravemente doente e precisava dela. Contra os protestos de seu marido, ela partiu para a casa da mãe, apenas para encontrar a sua irmã junto com ela. A irmã tivera a mesma impressão e aparentemente estava agindo movida pelo mesmo impulso. As duas mulheres encontraram a mãe moribunda, que pedia a presença das duas filhas.

Uma sensação de empatia ou de proximidade emocional parece estar na base de muitos acontecimentos não-locais. Essa "ligação pelo coração" entre as pessoas é o fundamento das imagens transpessoais, dos acontecimentos telessomáticos, das curas por meio das preces, e também parece ser um fator de importância nas ações recíprocas homem-máquina. Essa consistência interior é surpreendente, e ela é uma qualidade altamente prezada pela pesquisa científica. Se os cientistas conseguem identificar um "padrão condizente", um fio comum unindo acontecimentos que à primeira vista parecem não ter relação direta entre si, isso aumenta a respeitabilidade científica dos acontecimentos que estão sendo pesquisados e faz com que pareçam ser "mais reais".

PARA ONDE VÃO AS PRECES?

Se a oração não vai a parte alguma, então pode estar simultaneamente presente em todas as partes, envolvendo o emissor, o receptor e o Todo-Poderoso ao

mesmo tempo. Os físicos têm um termo para descrever o mundo em que as informações não são enviadas, mas em que existem por toda parte, ao mesmo tempo: mundo não-local. Embora esse tipo de mundo possa parecer mais com ficção científica, foi provado pela física moderna que essa realidade existe - e a física moderna é a nossa ciência mais exata. Tais desenvolvimentos sustentam-se principalmente com base numa idéia da física chamada o teorema de Bell, e que foi proposta em 1964 pelo físico irlandês John Stewart Bell, com base nas experiências geradas por essa concepção. Bell demonstrou que se objetos distantes estiveram um dia em contato, uma mudança em um, sucessivamente, faz com que se processe uma mudança imediata no outro - por mais distantes que possam estar um do outro, até mesmo se estiverem em pontos extremos do universo. É importante percebermos que a não-localidade não é só uma noção teórica da física - ela se baseia em experiências concretas.

Alguns físicos acreditam que a não-localidade se aplica tanto ao domínio dos elétrons e de outras partículas subatômicas, como ao "nosso mundo familiar de gatos e banheiras", para tomar de empréstimo a sentença do físico Nick Herbert. Um número cada vez mais numeroso de físicos pensa que a não-localidade pode até mesmo aplicar-se à mente. Mais uma vez, o físico Herbert, em seu *Quantum Reality*: "O teorema de Bell exige que nosso conhecimento sobre o quantum seja não-local, instantaneamente vinculado a tudo o que já tenha contatado antes."

No meu livro *Recovering the Soul*, analiso evidências fornecidas por uma ampla variedade de fontes, incluindo as experiências cotidianas, as quais sugerem que a consciência não é local. Essa concepção da mente é muito diferente da apresentada pela biologia e pela medicina contemporâneas, que dizem que a mente está limitada ao cérebro e ao presente e que perece quando o corpo morre. Isso, porém, não pode ser inteiramente verdade, pois existem coisas simples que "a mente" pode fazer, mas o "cérebro", não. A teoria não-local sugere que a mente não pode ser limitada a pontos específicos no espaço (cérebros e corpos), ou no tempo (o momento presente), mas é infinita no espaço e no tempo; nesse sentido, a mente é onipresente, eterna, imortal. Se as mentes são de fato não-locais, isso significa que, em princípio, elas não podem ser separadas e isoladas, distanciadas umas das outras: em algum nível, são uma unidade, são uma só.

Muitas pessoas ficam exultantes com essa imagem da consciência humana. Concluem que, se as mentes são não-locais e unificadas, então as pessoas podem se comunicar instantaneamente, à distância. Alguns autores passaram disso à conclusão de que a física então "prova" a existência da prece, da telepatia e de outras atividades que envolvem a comunicação à distância, e talvez permitam um trânsito de mão dupla entre as mentes humanas e Deus.

A oração, porém, não precisa ser "usada" de um modo específico para que surta efeitos, e as mensagens específicas não precisam ser sempre enviadas. Solicitações de conteúdo não fechado, que empregam invocações do tipo "Seja feita a Vossa vontade", "Assim seja", ou "Que ocorra o que for melhor nestas circunstâncias" - métodos que, aliás, estaremos examinando quando analisar os experimentos de Spindrift, não envolvem o "uso" da prece para a obtenção de desfechos específicos, assim como também não implicam a transmissão de mensagens complicadas. Parecem-se mais com um convite para que se manifestem ou se externem os efeitos da oração. Segundo essa perspectiva, talvez as estratégias da prece inespecífica não violem a interdição da física quanto a enviar não-localmente as mensagens.

As reações telessomáticas demonstram como podemos interagir em profundidade uns com os outros, sem enviar as mensagens. Essas manifestações são espantosamente análogas aos eventos não-locais, estudados pelos físicos, que envolvem as partículas subatômicas: assim que essas partículas houverem agido

mutuamente, uma mudança em uma delas daí em diante sempre envolverá uma imediata modificação na outra, independentemente da distância entre ambas. Os eventos telessomáticos também ocorrem entre "entidades" que "interagiram uma vez" no passado - pais e filhos, irmãos, gêmeos, cônjuges, namorados - entre pessoas vinculadas por um forte elo de empatia. As "correlações" que acontecem entre pessoas distantes incluem sensações corporais comuns, pensamentos equivalentes, ou até mesmo mudanças físicas parecidas. Em todos esses casos - a mãe que sente uma sensação de queimação quando a filha queima a sua mão na aula de química na faculdade, ou a mãe que sente um sufocamento muito forte quando a filha distante está na piscina - nenhum dos envolvidos está tentando "enviar" uma mensagem de qualquer tipo para alguém; não estão tentando "usar" sua relação pessoal. Tampouco sabem, na ocasião, que essas correlações estão acontecendo. É só depois, quando comparam suas vivências, que descobrem que elas ocorreram. Da mesma maneira que as experiências da física, as correlações são determinadas apenas em retrospecto; não podem ser engendradas de antemão. Os paralelos, então, entre o que os físicos observam nas experiências sobre a não-localidade e o que as pessoas vivenciam nos fenômenos telessomáticos, são extremamente próximos.

Em síntese, há analogias íntimas entre o domínio quântico não-local estudado pela física e o "Assim seja", o "Seja feita a Vossa vontade" como forma de abordagem que muitas tradições defendem. Entre outras, as seguintes analogias:

1. Embora as correlações ocorram entre partículas distantes como se estivessem em íntimo contato, os físicos não conseguem enviar deliberadamente as mensagens para manipular seu mundo invisível subatômico, não-local. De modo semelhante, embora a prece seja afetiva não-localmente, à distância, não podemos sempre "fazer com que aconteça" por meio de uma intenção deliberada, ou rezando para pedir coisas específicas.
2. O conhecimento de que as correlações não-locais ocorreram nas experiências da física só pode ser garantido em retrospecto. De maneira semelhante geralmente sabemos que ocorreram eventos não-locais entre pessoas só depois do fato, ao compararmos as vivências após terem sido percebidas.
3. Atividades agressivas não favorecem o surgimento de eventos não-locais, seja nas experiências de laboratório, na física, seja nos momentos espontâneos da experiência humana. Os físicos dispõem as experiências quase que como "convites" para que os eventos não-locais se exibam. Também podem considerar a prece como um convite, como uma respeitosa solicitação para que o mundo se manifeste com benevolência.

Meditação "pagã" e prece "aeróbica": lições que a pesquisa dá

Herbert Benson da Faculdade de Medicina da Universidade de Harvard foi um dos primeiros médicos a pesquisar os benefícios para a saúde decorrentes da prece e da meditação. Originalmente, ele estudou praticantes de meditação do tipo transcendental (MT), movimento que tinha sido fundado nos Estados Unidos por Maharishi Mahesh Yogi. Num trabalho realizado a quatro mãos com seu colega fisiologista Robert Keith Wallace, Benson demonstrou que, quando os pacientes meditavam sobre um mantra - palavra oriental desprovida de significado para o meditante, porém que, através do uso, torna-se carregada de valor ritual - ocorriam modificações corporais saneadoras, como diminuição na pressão sanguínea, menos batimentos cardíacos por minuto, taxas metabólicas mais baixas.

Benson acreditava que não havia mágica alguma no mantra. Para testar essa sua suspeita, ele ensinou pessoas a meditar usando a palavra one [um] ou qualquer

outra que elas achassem confortável. Depois ele estudou cristãos e judeus que rezavam regularmente. Pediu aos católicos que usassem como "mantra" frases tais como "Ave Maria, cheia de graça", ou "Senhor Jesus tenha piedade de nós". Os judeus usaram basicamente seu vocábulo de saudação "Shalom" [paz], ou "Echad!" [um]. Os protestantes escolheram freqüentemente a primeira sentença do Pai-Nosso: "Pai Nosso que estais no céu", ou "O Senhor é meu pastor", a linha de abertura do Salmo 23. Todos os mantras surtiram efeito e todos foram igualmente eficientes na indução de mudanças fisiológicas saudáveis que Benson denominou de "resposta de relaxamento". Mas Benson descobriu também que, os que usaram a palavra one [um] ou frases simples desse nível, não continuaram com a prática, ao passo que os que usaram orações, em lugar de palavras sem sentido, permaneceram.

Benson descobriu também que existe uma ligação entre exercícios físicos e prece. Ele ensinou corredores a meditar enquanto corriam e descobriu que seus corpos tornaram-se mais eficientes. Logo haviam se formado pequenos grupos de corredores e de adeptos da marcha que usavam a "prece aeróbica", orações curtas cadenciadas com os passos.

Ao longo de muitos anos, Benson continuou estudando esses dados junto a teólogos, sociólogos da religião, psicólogos vanguardistas, junto ao Dalai Lama, aos seguidores de Billy Graham, ecumênicos, e membros de diversas ordens monásticas. Junto com um parceiro de pesquisas, o psicólogo Jared Kass, experiente praticante da meditação segundo a tradição judaica conservadora, Benson convidou trinta sacerdotes, ministros e rabinos para vir ao Mind/Body Medical Institute no Hospital New England Deaconess, em Boston. Foi-lhes apresentado um conjunto de evidências científicas endossando o fato de que a prece e a meditação podiam modificar o corpo para um nível mais saudável, e foi-lhes esclarecido que formas de oração ensejavam essas respostas. Quando foram colocar em prática as instruções, para testá-las, a maioria dos profissionais da religião sentiu algo como uma "viagem de oração" e ficou muito entusiasmada. Um deles disse: "Foi para isso que entrei no serviço religioso, antes de mais nada. Eu tinha perdido essa sensação."

A pesquisa realizada por Benson mostrou que não só a prece é boa para o corpo, mas que as escolhas das pessoas quanto aos seus métodos de orar variam muito. Seu trabalho revela que a prescrição de "um único jeito certo" para rezar pode distanciar as pessoas do próprio processo da oração e redundar em evasões.

"Deixar acontecer" ou "Fazer acontecer" ? As pesquisas em Spindrift

A organização Spindrift, em Salem no Oregon, vem há mais de uma década realizando experiências de laboratório simples para demonstrar que a prece funciona. Depois de provar que a oração é eficaz, passaram a investigar que tipo de estratégia de orar dava mais certo. Uma de suas mais importantes contribuições é a distinção que fizeram entre a prece dirigida e a não-dirigida. Os adeptos da prece dirigida têm uma imagem, uma meta ou um resultado específico em mente. Estão "dirigindo" o sistema, tentando encaminhá-lo numa direção precisa. Podem estar rezando pela cura de um câncer, pela remissão espontânea de um ataque do coração, ou para que uma dor desapareça. A prece não-dirigida, por outro lado, é uma abordagem da estrutura aberta, na qual não se tem em mente nenhum resultado específico. Na prece não-dirigida, o adepto não tenta "dizer" ao universo o que fazer".

Qual das duas técnicas de prece - a dirigida e a não-dirigida - é mais eficaz? É sempre importante lembrar que a "mais importante descoberta dos testes da Spindrift foi a de que a prece funciona e que os dois métodos são eficazes". Mas, nesses testes, a técnica não-dirigida pareceu ser quantitativamente mais eficaz,

apresentando resultados que eram duas vezes maiores (ou mais) do que os obtidos pela abordagem direta.

Esse dado pode surpreender as pessoas que preferem técnicas como a da imaginação dirigida ou da visualização, muito populares hoje em dia. Várias autoridades no campo da imagética afirmam que para se obter a cura do câncer ou de um ataque do coração é forçoso empregar-se uma imagem específica de como o resultado final deverá manifestar-se. Essas pesquisas têm sugerido que quanto mais intensas e agressivas são as imagens, melhor o desfecho. Mas os testes da Spindrifft sugerem que a situação é mais complexa.

Spindrifft elaborou um experimento para submeter a teste a prece dirigida e a não-dirigida. A pesquisa envolveu o cultivo de lêvedo na superfície de uma espécie de placa de arroz e alga rotineiramente usada por bacteriologistas e micólogos. O lêvedo foi submetido a um certo estresse por ser lavado com uma solução de álcool com a intenção de danificá-lo e retardar o seu crescimento, mas não matá-lo. Foi então esticado um fio atravessando o lêvedo, delineando dois lados - A (o lado controle) e B (o lado tratado com orações). Quando foi usada a prece dirigida para incentivar o crescimento do lado B, não aconteceu nada; o crescimento permaneceu estático. Mas quando a prece dirigida foi substituída pela prece não-dirigida, na qual não havia nenhum resultado esperado na mente do curador, o lado B começou a multiplicar-se e criou novos anéis concêntricos de crescimento.

Como resultado de numerosos testes com uma variedade de sistemas biológicos, os pesquisadores de Spindrifft sugerem que os curadores serão mais eficazes se esforçarem completamente para ficar livres de visualizações, associações ou metas específicas. As características físicas, emocionais e de personalidade deverão ser excluídas do pensamento, segundo esses pesquisadores, e substituídas por uma "consciência pura e completamente qualitativa, a respeito de quem ou do que seja o paciente". É a esse método que se referem como a cura espiritual genuína. Os métodos que se fiam em prece dirigida, por sua vez, são citados como cura "psíquica", cura "pela fé", cura "mental", ou efeito placebo e, segundo os mesmos pesquisadores, todas estas dependem de sugestões dadas ao paciente de que ele irá melhorar.

Esboça-se então uma pergunta evidente a respeito da prece não-dirigida: se a pessoa não reza pedindo resultados específicos, como é que ela vai saber se a prece foi atendida? A equipe da Spindrifft acredita que, com base num grande número de testes, quando uma prece não-dirigida é atendida o resultado sempre se manifesta na direção "daquilo que é melhor para o organismo".

Isso foi demonstrado por uma série de experimentos de germinação nos quais o participante não sabia o que era melhor para as sementes em questão. Um lote foi encharcado e, por isso, ficou mais pesado do que deveria para que pudesse ocorrer uma germinação adequada; outro lote foi pouco molhado e ficou mais leve do que o ideal. As sementes estavam avaliadas logo no início do processo de germinação, segundo variações no peso (as sementes que germinam adequadamente ganham peso logo no começo do processo). De modo ideal, as sementes excessivamente molhadas deveriam ter eliminado o excesso de água logo no começo e com isso teriam ficado mais leves, e as sementes pouco molhadas deveriam ter absorvido água e se tornado mais pesadas. Sem saber qual lote era mais ou menos molhado, o participante não poderia "dizer às sementes o que fazer", de modo que usou a prece não-dirigida e confiou que as sementes simplesmente agiriam de acordo com a norma do que fosse melhor para elas. A abordagem não-dirigida funcionou. Os resultados provaram que os feijões com excesso de água eliminaram esse excesso e perderam peso, e que os com falta de água absorveram água e aumentaram o seu peso. Com base nesse tipo de experimento, a equipe da Spindrifft acredita que a prece

não-dirigida atendida é aquela em que o organismo se mobiliza para alcançar o estado funcional e da forma que lhe é mais saudável.

Não sei se posso generalizar esses resultados para os seres humanos. O que é "melhor para um indivíduo" pode, às vezes, implicar a sua morte, e não a vida, como é o caso de alguém com um problema terrivelmente doloroso, sem dúvida alguma incurável, e para o qual todos os medicamentos contra dor deixaram de funcionar. Numa situação como essa, acredito que a prece não-dirigida para essa pessoa seria atendida quando ela falecesse.

Não é fácil usar uma estratégia não-dirigida para rezar. Quando a nossa saúde é abalada, geralmente não perdemos tempo e logo começamos a dizer ao universo o que fazer. Queremos que o câncer desapareça, que a dor diminua, que a pressão alta se normalize. Mesmo que tentemos adotar uma abordagem não-dirigida, podemos estar com um lema guardado no nosso íntimo: "Vou rezar de maneira não-dirigida, mas uma cura não seria mal!"

É dessa forma que, como descrevem os estudiosos Ann e Barry Ulanov em seu livro sobre preces, *Primary Speech*, "Deus torna-se a grande roda giratória de preces do tipo da juke-box e nossas preces são as fichas que compramos para fazê-la funcionar". Mas a "roda giratória de preces do tipo da juke-box" nem sempre toca o que preferimos. "As orações às vezes são atendidas com mais experiências de luta e empenho, que nos mergulham em situações nas quais vemo-nos forçados a arriscar ainda mais do que já havíamos ousado em qualquer outro momento de nossa vida."

As experiências em Spindrift têm importantes implicações para as situações nas quais simplesmente não sabemos para o quê rezar. Vamos supor que queremos obter o controle de nossa fisiologia de uma tal maneira que cheguemos a curar um problema específico. Devíamos imaginar um aumento ou uma diminuição do fluxo do sangue até um órgão específico e rezar para isso? Deveríamos rezar por um aumento ou pela diminuição de um certo tipo de células do sangue? Por um aumento ou uma diminuição na concentração de um certo elemento químico presente no sangue? Essas questões podem ser desnorteantes para um especialista, quanto mais para os leigos. Nesse aspecto, as experiências em Spindrift são um consolo, pois sugerem que nem sempre é necessário saber como o corpo deveria se comportar para que ocorresse a cura. Basta que o interessado reze para que aconteça "o que for melhor" - a abordagem do tipo "Seja feita a Vossa vontade".

Quando debato esses dados em palestras e seminários, percebo que muitas pessoas que têm preferido a abordagem dirigida para a prece e a visualização geralmente se apressam em concluir coisas com base nas experiências da Spindrift, e dizem então para si mesmas: "Devo vir rezando da maneira errada. Preciso mudar para o modo não-dirigido." Não é assim. A mais importante contribuição da Spindrift foi ter comprovado que a prece funciona, não que todo mundo deve de repente começar a rezar, imaginar e fazer as suas visualizações de maneira idêntica.

Podem ter existido fatores sutis, nas experiências em Spindrift, como a personalidade dos participantes que rezaram e que não foram estudados. Depois de ter conhecido pessoalmente alguns dos pesquisadores dessa equipe, minha sensação é que, em grande medida, são pessoas maravilhosamente introvertidas. Sendo assim, parece-me muito razoável que o método não-dirigido de oração funcione melhor, porque para eles era o que lhes parecia mais natural e autêntico. Se essas experiências fossem repetidas, usando-se pessoas extrovertidas em lugar das introvertidas, talvez o modo dirigido de rezar pudesse mostrar-se superior. Portanto, o pior uso possível que se poderia fazer dessas pesquisas seria dizer "A ciência mostrou agora que existe um jeito melhor de se rezar". As lições mais importantes são que a prece funciona e que não existe uma fórmula, um "único melhor jeito" de rezar e que todos deveriam adotar.

Amor e Cura

A principal razão para a cura é o amor.
- Paracelso (1493-1541)

Se os cientistas, de repente, descobrissem uma droga que fosse tão poderosa quanto o amor para criar saúde, ela seria anunciada como a maior de todas as novidades no campo da medicina e da noite para o dia estaria sendo comercializada - principalmente se tivesse tão poucos efeitos colaterais quanto o amor e fosse tão barata quanto ele. O amor está intimamente relacionado com a saúde. Essa afirmação não é um exagero sentimental. Numa pesquisa envolvendo dez mil homens com doença do coração, constatou-se uma redução de 50% nos casos de dor no peito [angina] nos pacientes que receberam de suas esposas atenção e carinho.

O poder do amor para mudar o estado orgânico já é legendário, fazendo parte intrínseca do folclore, do senso comum e das experiências cotidianas. O amor mexe com a carne, desloca a matéria de lugar - como podem confirmá-lo os rubores e as palpitações que os enamorados sentem. Ao longo de toda a história do homem, o "cuidado afetuoso e terno" tem sido unanimemente reconhecido como um valioso elemento para a recuperação da saúde.

David McClelland, Ph.D., da Faculdade de Medicina de Harvard, demonstrou o poder do amor para tornar o corpo mais saudável, por intermédio do que ele denomina o "efeito Madre Teresa". Ele exibiu a um grupo de alunos dessa faculdade um documentário sobre Madre Teresa cuidando amorosamente de pessoas enfermas, e mediu os níveis da imunoglobulina A (IgA) na saliva dos alunos, antes e depois de verem o filme. A IgA é um anticorpo ativo contra infecções viróticas como gripes, por exemplo. Os níveis de IgA aumentaram significativamente nos alunos, mesmo naqueles que tinham considerado Madre Teresa "religiosa demais", ou uma farsante. Para atingir esse efeito de uma outra maneira, McClelland depois deixou de lado a exibição do filme e pediu aos seus alunos que simplesmente pensassem em duas coisas: nos momentos passados em que tinham se sentido profundamente amados e atendidos por alguém, e num momento em que tivessem amado alguém. Segundo a sua experiência pessoal, McClelland havia sido capaz de cortar gripes usando essa técnica. Como decorrência de suas vivências e pesquisas, tornou-se defensor do papel do amor nas modernas técnicas de cura. Certa vez, disse a um grupo de colegas médicos:

Posso sonhar um pouco em mudar o ambiente de um hospital, tornando-o um local que deixe vocês descontraídos, que lhes proporcione um atendimento afetuoso, que os alivie do incessante desejo de controlar e dirigir todas as coisas. Um ambiente saudável. Alguns médicos, enfermeiras e assistentes sociais - todos nós - podem aprender... que uma conduta afetuosa para com os outros realmente faz bem à saúde deles. E, provavelmente, à de vocês também.

Mas será que o amor e o cuidado podem fazer mais do que só agir dentro de uma pessoa? Será que tem poder suficiente para agir à distância entre as pessoas, superando a distância da separação espacial e, talvez até, temporal? Pode o amor unir as pessoas através das distâncias geográficas, mesmo quando o "receptor" não está ciente de que lhe está sendo oferecido amor? Essa é uma maneira de perguntar se a prece funciona, porque, quando uma pessoa reza pelo bem-estar de outra, aquela que reza está partilhando compaixão, empatia e amor. Podem essas qualidades efetivamente "chegar lá"?

Um dos maiores eruditos e pesquisadores na história da parapsicologia, F. W. H. Myers, ficou impressionado com o fato de as pessoas que eram "telepáticas" entre si - capazes de ter os mesmos pensamentos quando separadas pôr grandes distâncias - terem freqüentemente uma ligação emocional, profunda e afetuosa. Myers concluiu que o amor, a empatia e a compaixão tornavam de alguma maneira possível

que a mente transcendesse as limitações do corpo. O amor era tão importante nesse processo que Myers homenageou-o, dando-lhe um lugar na "lei" natural. Nas suas palavras, "O amor é uma espécie de telepatia exaltada mas não especializada; a expressão mais simples e universal daquela gravitação mútua ou afinidade de espíritos que é o fundamento da lei telepática".

Praticamente todos os curadores psíquicos que usam as orações concordam com a sua colocação. Eles afirmam, de maneira uniforme, que a distância não é um fator que interfira no poder de cura da oração; a maioria deles declara enfaticamente que o amor é o poder que lhes torna possível atingir longe, para curar à distância. Enquanto estão se empenhando para curar, os curadores em geral se sentem impregnados pelo amor, transformados pelo sentimento de cuidar do outro. Essa sensação é tão pronunciada que é típico descreverem um estado de "tornarem-se um só" com a pessoa por quem estão rezando. Em seu notável estudo sobre a cura psíquica, intitulado *The Medium, The Mystic and the Physicist*,* o psicólogo Lawrence LeShan - que talvez seja a maior autoridade viva sobre o assunto - relatou as observações de vários curadores famosos:

Nas palavras de Agnes Stanford, "Só o amor pode gerar o fogo de cura". Ambrose e Olga Worrall disseram: "Devemos nos importar. Devemos nos importar profunda e urgentemente pelos outros, de maneira completa e imediata; as nossas mentes, os nossos espíritos devem ir ao encontro do outro." Stewart Grayson, um curador consciencioso, membro da First Church of Religious Science, disse: "Se o entendimento é só mental, é vazio e estéril"; e também: "O sentimento é o combustível que move a cura." Sanford escreveu: "Quando rezamos de acordo com a lei do amor, rezamos de acordo com a vontade de Deus."

Além das crenças de curadores em geral de que o amor é vital para que a prece "chegue lá" e facilite a cura, um corpo considerável de evidências, tanto de laboratório como anedóticas, sugere que a empatia vincula, de alguma maneira, organismos distantes. Essas entidades são de variedades imensamente diferentes, indo desde microorganismos até seres humanos. Este é um fato importante. Se a empatia de fato vincula um vasto âmbito de criaturas vivas, pode ser um aspecto intrínseco ao mundo natural e não só um traço humano fugaz ou até mesmo uma observação errônea.

Preces na unidade de cardíacos

O cardiologista Randolph Byrd, cristão praticante, elaborou uma pesquisa para servir de avaliação científica do papel de Deus na cura. "Depois de rezar muito", ele declara, "a idéia do que fazer me ocorreu." Durante um período de dez meses, um computador distribuiu 393 pacientes internados na unidade de cardíacos do Hospital Geral de San Francisco a um de dois grupos; num (192 pacientes) rezava-se pelos internados em grupos de oração reunidos nas casas dos participantes e, para o outro, com 201 pacientes, não se faziam orações especiais. A pesquisa foi montada segundo critérios rígidos, conforme o tipo geralmente usado em estudos clínicos de medicina. Era um experimento randomizado, duplo-cego, em que nem pacientes, nem enfermeiras, nem médicos sabiam a que grupo pertenciam os pacientes. Byrd recrutou vários grupos religiosos para rezar pelos membros do grupo alvo das orações. Os que iriam rezar receberam o primeiro nome de seus pacientes e também uma descrição sucinta de seu diagnóstico e estado. Foi-lhes pedido que rezassem diariamente, mas não foram dadas instruções de como rezar. "Cada pessoa rezava para vários pacientes diferentes, mas cada paciente, no experimento, tinha entre cinco e sete pessoas rezando por ele," como explicou Byrd.

Os pacientes que receberam as orações diferiam em vários aspectos:

1. Foram cinco vezes menos propensos que o grupo não lembrado em preces a precisar de antibióticos (três para dezesseis pacientes);
2. Foram três vezes menos propensos que os outros a desenvolver edema pulmonar, problema no qual os pulmões se enchem de líquido em consequência de uma incapacidade do coração para bombear adequadamente (seis para dezoito pacientes);
3. Ninguém no grupo pelo qual se rezava precisou de uma entubação pela, traquéia, na qual uma via aérea artificial é inserida na garganta e conectada a um ventilador mecânico, ao passo que doze pacientes do grupo não lembrado pelos grupos de oração precisaram;
4. Menos pacientes do grupo que recebeu as preces morreram (embora essa diferença não tivesse sido estatisticamente significativa).

Se a técnica estudada tivesse sido um novo remédio ou um procedimento cirúrgico, em vez de orações, seria praticamente certo que o anunciariam como algum tipo de "grande inovação". Até mesmo os céticos contumazes concordaram com a significação dos resultados obtidos por Byrd. O Dr. William Nolan, que escreveu um livro escarnecendo da cura pela fé, reconheceu: "Parece que essa pesquisa se sustenta diante de averiguações metodológicas... talvez nós, médicos, devamos estar prescrevendo em nossos receituários 'Reze três vezes ao dia'. Se funcionar, funciona."

Efeitos sobre os seres humanos

Numa outra pesquisa, realizada na Mind Science Foundation em San Antonio no Texas, os pesquisadores William G. Braud e Marilyn Schlitz estudaram a capacidade de 62 pessoas quanto a influenciarem a fisiologia de 271 pacientes. Estes foram isolados das pessoas exercendo a sua influência, ficando em salas distantes do mesmo edifício. Os participantes tinham idades que variavam entre 16 e 65 anos e foram escolhidos dentre um conjunto de voluntários da própria comunidade de San Antonio. Eles tinham ficado sabendo das experiências pelos jornais locais e por meio de artigos, de notas e de palestras dadas pela equipe da Fundação, assim como por meio de comentários de outros participantes. O número de homens e de mulheres que participaram da experiência foi mais ou menos equivalente.

Foram feitas 13 experiências. Os sujeitos não foram escolhidos com base em quaisquer características físicas, fisiológicas ou psicológicas especiais, porém, a partir de seu interesse pela pesquisa. Só em uma das experiências foram recrutados sujeitos "especiais" ou que precisavam de um efeito "calmante" sobre sua fisiologia. Quer dizer, esses sujeitos tinham apresentado evidências de uma ativação do sistema simpático autônomo maior do que o usual, o que transparecia em queixas de estresse, emotividade excessiva, atividade excessiva, dores de cabeça em consequência da tensão, pressão alta, úlceras e hiperatividade mental ou física. Antes dessa experiência haviam sido avaliados por testes que confirmaram que, de fato, revelavam um nível de excitação mais alto do que o normal em termos do sistema nervoso simpático.

Os sujeitos cuja fisiologia os que exerciam influência estavam tentando modificar estavam ligados a instrumentos sensíveis que mediam sua atividade eletrodérmica - ou seja, a capacidade que a pele tem de conduzir uma corrente elétrica, que é um indicador da atividade da parte simpática do sistema nervoso autônomo. A um sinal convencional, a pessoa que exercia influência tentava gerar um efeito calmante, ou ativante no sujeito distante, que não sabia em que momento essa tentativa estava sendo realizada. A pessoa que exercia influência realizava vinte tentativas de 32 segundos de duração cada, por sessão. Durante os "períodos de influência", a pessoa que exercia influência usava imagens mentais e técnicas de

auto-regulação para induzir a condição desejada (relaxamento ou ativação, conforme o indicado no protocolo experimental), em si, e imaginava ou pretendia uma mudança correspondente no sujeito à distância. Então a pessoa que exercia a influência imaginava que os resultados apareciam no traçado do polígrafo - umas pequenas inflexões descendentes da agulha para os períodos de calma, e muitas curvas grandes para os períodos de ativação.

As intenções pareceram "chegar até" os sujeitos. Os efeitos mostraram-se consistentes, passíveis de replicação e vigorosos. "Em determinadas condições", notaram os pesquisadores, "o efeito das imagens transpessoais pode ser favoravelmente comparado ao efeito da imagem sobre a atividade fisiológica do próprio sujeito".

Em algumas das experiências, parecia que estavam sendo transmitidas imagens específicas da pessoa que exercia sua influência para o sujeito. Por exemplo, um sujeito relatou espontaneamente que durante a sessão tivera uma impressão muito vívida de que a pessoa que exercia influência entrava na sala, andava atrás de sua cadeira e depois a sacudia com força; a impressão foi tão forte que ele achou difícil acreditar que esse episódio não tinha acontecido na realidade. Nessa sessão a pessoa que exercia influência havia empregado exatamente essa imagem para ativar a distância o sujeito.

No início de uma sessão, o experimentador comentou com um influenciador que o traçado eletrodérmico do sujeito era muito preciso e organizado e que o lembrava do grupo alemão tecnopop de música instrumental chamado Kraftwerk. Quando o experimentador foi até a sala onde estava o sujeito, no final dessa sessão, o primeiro comentário dessa participante foi que no início da sessão, por algum motivo desconhecido, tinha pensado sobre o grupo Kraftwerk. Essa pessoa não poderia ter escutado o comentário feito pelo experimentador. "Essas correspondências não foram raras."

As 13 experiências, envolvendo um total de 333 pessoas exercendo influência e sujeitos, apresentou as seguintes conclusões:

- o efeito da imagem transpessoal corresponde favoravelmente à magnitude dos pensamentos, dos sentimentos e das emoções que a pessoa tem a respeito de sua própria fisiologia;
- essa capacidade é aparentemente difundida pela população ;- pode ocorrer a distâncias de até 20 metros (distâncias maiores não foram testadas);
- os sujeitos com maior necessidade de serem influenciados - aqueles para os quais a influência seria benéfica - parecem mais suscetíveis;
- esse efeito pode ocorrer sem que o sujeito tenha conhecimento dele;
- os que participaram desses estudos não pareceram preocupados com a possibilidade de o efeito ser usado para lesar, e não há evidências de que tenham havido danos;
- o efeito da imagem transpessoal não é invariável. Os sujeitos pareceram capazes de se proteger do efeito, ou de impedir sua ocorrência, caso fosse indesejado;
- os pesquisadores suspeitam que certas condições fisiológicas do sujeito, do influenciador, ou do experimentador podem desempenhar certo papel no sucesso da imagem. Fatores tais como confiança, crença, expectativas positivas, motivação, nível de espontaneidade, estado de ânimo e

qualidade do vínculo podem contar entre os fatores que afetam o êxito das tentativas de influir por meio de imagens.

Qual é a relação entre a imagem transpessoal e a prece? Tanto uma como a outra têm em comum a capacidade de provocar mudanças benéficas no corpo de outras pessoas que estão distantes, e sem que elas tenham consciência disso. Se Deus está incluído nesse "circuito" será que o efeito geral fica mais intenso e torna a prece mais eficaz do que imagens atéias? Ou será que Deus parece contente de trabalhar por meio de imagens e visualizações, sem ser explicitamente reconhecido como presença ativa no processo? Essas indagações não foram respondidas por nenhuma pesquisa que tenhamos considerado.

As pesquisas com criaturas não-humanas

Como exemplo da preocupação que existe nas instituições médicas a respeito das curas espirituais, consideremos uma história verídica que aconteceu num grande hospital. Várias enfermeiras tinham mostrado interesse em aprender o Toque Terapêutico, uma técnica desenvolvida pela enfermeira e professora Dolores Krieger, da Universidade de Nova York. Essa técnica, variação da prática milenar da imposição das mãos, tem sido objeto de estudo científico por vários experimentos cuidadosamente controlados. Num determinado fim de semana, as enfermeiras saíram para fazer o curso sobre essa técnica, o que aparentemente deixou furioso o chefe das enfermeiras. Quando elas voltaram ao trabalho na segunda-feira pela manhã, recém-vindas do curso, foram recepcionadas por um grande cartaz em seu quadro de avisos no departamento de enfermagem: NESTE HOSPITAL NÃO SE FARÃO CURAS!

Um dos mais bem guardados segredos da ciência médica é o conjunto de extensas evidências experimentais sobre "cura espiritual". Daniel J. Benor, M.D., um psiquiatra americano que trabalha na Inglaterra, fez um levantamento de todas as pesquisas a respeito dessa espécie de cura, publicadas em língua inglesa, até 1990. Ele definiu "cura espiritual" como "a influência intencional de uma ou mais pessoas sobre um outro sistema vivo sem o uso de meios físicos conhecidos de intervenção". Sua busca localizou 131 pesquisas, a maioria delas com sujeitos não-humanos. Em 56 delas, houve menos de 1 chance em 100 de que os resultados positivos tivessem sido determinados pelo acaso. Em mais 21 pesquisas, a possibilidade de uma explicação pelo acaso ficou entre 2 e 5 chances em 100.

Por que essa informação é tão relativamente desconhecida? Os periódicos médicos têm em geral se recusado, até há pouco tempo, a publicar pesquisas sobre cura. Um das razões de Benor para realizar essa exaustiva revisão foi reunir num único local esse conjunto de pesquisas para que a comunidade médica pudesse consultá-las facilmente. Não podemos examiná-los todos aqui e portanto só escolhemos alguns, dentre os 56 que mostraram resultados significativos. Espero que esses exemplos possam transmitir a natureza das pesquisas que se dedicam a esta área.

Efeitos em fungos, lêvedos e bactérias

Várias pesquisas têm investigado os efeitos da cura em fungos, lêvedos e bactérias? Eis alguns dos resultados:

- Dez sujeitos tentaram inibir o crescimento de culturas de fungos no laboratório por meio de uma intenção consciente, concentrando-se nas amostras durante 15 minutos a uma distância de aproximadamente 1,35 m. As culturas foram então incubadas por várias horas mais. De um total de 194 culturas, 151 manifestaram crescimento retardado.

- Numa replicação desta pesquisa, um grupo de sujeitos demonstrou o mesmo efeito (inibição do crescimento dos fungos) em todas as 16 tentativas feitas, enquanto os influenciadores estavam a distâncias que variavam de 1,6 a 24 quilômetros do local onde estavam as culturas de fungos.
- Dezesseis sujeitos que não se sabiam dotados de capacidade de cura foram capazes de impedir e de estimular significativamente o crescimento de culturas de bactérias.
- Num experimento semelhante, dois curadores seguraram uma garrafa de água nas mãos durante 30 minutos. Amostras dessa água foram então colocadas em solução com células de levedo, em tubos de ensaio. Depois de um período de incubação, a quantidade de dióxido de carbono emanado pelas culturas de levedo foi medida para indicar o nível da atividade metabólica. Foram constatados aumentos estatisticamente significativos na produção de dióxido de carbono nas culturas de levedo que receberam a água "tratada", em quatro dos cinco testes.
- Sessenta voluntários universitários sem capacidades de cura reconhecidas foram solicitados a alterar a capacidade genética de uma linhagem de bactérias *Escherichia coli*, que normalmente faz a mutação de sua incapacidade para metabolizar a lactose do açúcar ("lactose negativa") para a capacidade de usá-la ("lactose positiva"), numa velocidade conhecida. Os sujeitos tentaram influir em nove tubos de ensaio com culturas de bactérias - três para uma mutação maior da lactose negativa para a positiva, três para uma mutação menor de lactose negativa em positiva, e três tubos foram mantidos sem influência, para controle. Os resultados indicaram que as bactérias realmente sofreram mutações nas direções desejadas pelos sujeitos.

Essas experiências tem implicações para a saúde a doença, entre as quais:

1. Pode haver ocasiões em que seja benéfico inibir o crescimento de microorganismos patogênicos, como no caso de infecções. Por outro lado, nossos corpos contêm microorganismos simbióticos que nos servem e cujo crescimento precisaria ser aumentado em determinadas ocasiões, como após tratamentos com antibióticos que matam as bactérias "boas" junto com as patogênicas. A capacidade de inibir ou de aumentar o crescimento das populações de levedo ou bactéria poderia tornar-se um valioso recurso na recuperação da saúde.
2. Se as mutações genéticas podem sofrer influência do esforço consciente de outras pessoas, como o demonstram os estudos acima, então os genes não podem ser os controladores absolutos que parecem ser. Portanto, biologia não é destino.

Para a maioria das pessoas, "mutação" é uma palavra de conotações negativas, como quando um gen sofre uma mutação e se torna canceroso. Evidências recentes demonstram que pode acontecer o inverso: genes anormais podem sofrer mutação e se tornar normais. Esse fenômeno, denominado de "mutação inversa", foi constatado em casos de distrofia miotônica, uma doença que causa intensa fraqueza muscular e que incide na proporção de 1 para 80.000 casos. Os cientistas não sabem o que causa as mutações "boas". Estaria a mente envolvida? As evidências acima sugerem que não deveríamos eliminar de todo essa possibilidade.

3. Muitos dos que crêem no poder da cura espiritual alegam que, para que ocorra uma cura, os sujeitos devem desejá-la ativamente. Essas pesquisas sugerem outra coisa. Podemos presumir que os microorganismos não sabiam que eram sujeitos de um experimento. Os efeitos observados não dependem do que o sujeito pensa.
4. Essas experiências endossam a alegação universal dos curadores de que a cura espiritual opera tão poderosamente perto quanto à distância.
5. Com base nesses estudos, parece que as pessoas comuns têm a capacidade de provocar mudanças biológicas em outros organismos vivos. Isso sugere que qualquer um pode ter uma capacidade inata de curar, pelo menos em certo grau.
6. Os efeitos negativos (inibição do crescimento) assim como os positivos (promoção do crescimento) foram observados nos experimentos acima.
7. Embora os céticos geralmente critiquem a cura espiritual, taxando-a de simples resultado da sugestão, ou seja, uma resposta placebo, os experimentos acima mostram que isso não pode ser verdade, a menos que os céticos desejem atribuir um alto nível de consciência a bactérias e lêvedos. Os resultados lá obtidos sugerem que os efeitos da cura espiritual podem ser completamente independentes da "psicologia" do sujeito.

Efeitos em células

Células cancerígenas aderem à superfície do recipiente em que estão sendo mantidas em cultura. Mudanças no seu metabolismo, lesões ou morte fazem com que se despreguem e dissolvam no meio circundante. Os pesquisadores podem contar o número de células no meio líquido e, dessa maneira, avaliar o estado geral de saúde da cultura celular.

O paranormal inglês Matthew Manning estendeu suas mãos perto de frascos contendo células de câncer e tentou inibir seu crescimento. Foi capaz de produzir mudanças de 200% a 1.200% em suas características de crescimento, quando foram avaliadas do modo acima descrito. Ele as influenciou até mesmo quando foi levado a uma sala distante, à prova de influências elétricas.

Efeitos sobre o movimento de organismos simples

Várias experiências têm examinado a capacidade de certas pessoas para afetar, não o crescimento, mas a movimentação de organismos simples. A motilidade e a velocidade de movimentação de algas unicelulares e de paramécios, e as características de movimentação das larvas de traça, foram significativamente afetadas de maneira intencional, numa variedade de pesquisas.

Efeitos sobre plantas

Numa bastante conhecida série de experimentos, o dr. Bernard Grad, da Universidade McGill, estudou o agente de cura Oskar Estebany, que alegava conseguir transmitir sua cura através de papel, água e outros materiais. Grad danificou sementes de cevada ao aguçá-las com uma solução salina a 1%, o que retarda seu ritmo normal de crescimento. Descobriu que o efeito lesivo da solução salina poderia ser inibido se Estebany segurasse o recipiente com a solução durante 15 minutos.

Como Benor comenta: "A administração de cura através de materiais secundários [no caso, a solução salina] que parece transmitir o efeito de cura tem sido relatada desde os tempos bíblicos. A impressão... é que essas alegações podem ser

consistentes." Mas, se as curas espirituais são possíveis, como sugerem muitos desses experimentos, por que o curador não lidaria diretamente com o sujeito? Por que usar materiais secundários, como um "intermediário"? A razão pode ter alguma ligação com a personalidade do curador. O psicólogo LeShan propôs que alguns curadores não se sentem confortáveis "tornando-se unos" com o sujeito. O uso de um material secundário como a água pode permitir-lhes uma distância pessoal em relação ao processo da cura.

Efeitos de cura em animais

Muitas pesquisas têm sido realizadas com a intenção de determinar os efeitos dos métodos de cura em animais. Alguns dos resultados são detalhados a seguir:

- Numa pesquisa clássica, freqüentemente citada, Grad estudou a capacidade de Estebany de curar feridas cirúrgicas artificialmente induzidas em 48 camundongos, comparados a um grupo de controle que sofreu as mesmas incisões (essas feridas consistiam na remoção de um pedaço de pele com 1,25 cm x 2,5 cm das costas do animal depois de ele estar anestesiado). Estebany segurava as gaiolas do grupo experimental durante quinze minutos, duas vezes por dia, e isso por um período de catorze dias. Esse grupo curou-se significativamente mais depressa do que os camundongos feridos, cujas gaiolas ele não segurou. Essa cuidadosa pesquisa mostra novamente que a cura funciona e que não é simplesmente devida à sugestão.
- Numa outra experiência, Grad produziu bócio em camundongos alimentando-os com uma ração desprovida de iodo, além de conter thiouracil, uma droga que produz o bócio. Estebany segurou as gaiolas com um grupo de animais duas vezes ao dia, por quinze minutos. Isso pareceu proteger suas glândulas tireóides, que não cresceram. Em comparação com o grupo de controle, as glândulas dos animais do grupo de tratamento cresceram significativamente mais devagar. Numa experiência subsequente, Grad testou a alegação de Estebany de que os efeitos da cura poderiam ser transmitidos por meio de materiais secundários. Numa experiência semelhante à acima descrita, Estebany segurou um pouco de lã ou de algodão nas mãos, e depois colocou esse material nas gaiolas dos ratos, durante uma hora, pela manhã e à noite, durante seis dias da semana. As glândulas tireóides dos animais que receberam esse tratamento cresceram significativamente mais devagar do que as dos animais no grupo de controle; e quando os ratos foram novamente alimentados com ração contendo iodo, recuperaram seu tamanho normal mais depressa do que os animais de controle.
- Em 21 experiências realizadas ao longo de vários anos, os curadores tentaram despertar camundongos, com mais velocidade, depois de terem recebido uma anestesia geral. Essas experiências foram sendo cada vez mais aperfeiçoadas. Numa variação, só uma imagem do camundongo experimental era projetada num monitor de televisão, para o curador que estava numa sala distante, e que tentava interferir através da imagem. Dezenove das 21 pesquisas demonstraram resultados altamente significativos: recuperação mais precoce da anestesia nos camundongos "tratados". Os experimentadores puderam identificar um "feito residual" peculiar nesta série de experiências. Descobriram que se um lado de uma mesa fosse usado pelos curadores para recuperar os camundongos, e que, se depois de os curadores saírem, mais ratos anestesiados fossem colocados imediatamente naquele lado da mesa, eles também se

recuperavam mais depressa do que os animais de controle, colocados no outro lado da mesa.

- Numa outra experiência, um grupo de camundongos recebeu injeções com uma linhagem de organismos transmissores da malária ou com uma solução salina estéril. Os manipuladores dos animais eram informados de que a injeção continha uma "dose alta" ou uma "dose baixa" de microorganismos. Também foram informados de que um curador tentaria curar alguns ratos mas não outros. Na realidade, os manipuladores tinham sido enganados: não havia dose alta ou baixa (as injeções de malária eram idênticas); e nenhum agente de cura foi usado. Numa fase da experiência, os resultados se inclinaram na direção das expectativas dos manipuladores: os ratos que eles acreditavam que tinham recebido injeções com dose alta pioraram e os que eles acreditavam que tinham recebido doses baixas melhoraram. Além disso, os ratos escolhidos para receber cura saíram-se melhor do que os não destinados à cura, mesmo quando as informações designando quais grupos deveriam ser curados eram desconhecidas dos manipuladores dos animais. Não deveria ter havido qualquer diferença entre os grupos de dose alta e baixa, porque não havia diferença na força das injeções; e também não deveria ter havido diferença entre os grupos curado e não-curado, pois não havia curador trabalhando.

Essa experiência traz à luz questões profundas a respeito de se o método do duplo-cego nas experiências, usado nas pesquisas em medicina, é realmente à prova de erro, do modo como se pensa. Nas situações do tipo duplo-cego, nem os experimentadores nem os sujeitos conhecem quem é quem, ou está recebendo o tratamento em estudo, como uma nova droga por exemplo. Uma vez que os sujeitos não sabem se estão recebendo droga ou placebo não serão tão suscetíveis aos efeitos da sugestão; e, uma vez que os experimentadores desconhecem quais foram os sujeitos que receberam a droga e quais não, serão menos propensos a vieses quando avaliarem os efeitos observados em seus sujeitos. Presumimos com isso que tais precauções eliminam os efeitos da expectativa e da sugestão tanto nos pesquisadores como nos sujeitos. No estudo acima, com os camundongos expostos à malária, porém, as precauções duplo-cego não foram suficientes: os resultados da experiência espelharam as crenças e expectativas dos manipuladores no laboratório.

Dados semelhantes foram observados em estudos do tipo duplo-cego envolvendo seres humanos. Parece que as pesquisas duplo-cego podem ser às vezes conduzidas na direção que melhor corresponde aos pensamentos e atitudes dos experimentadores. E isso pode esclarecer por que os experimentadores céticos parecem incapazes de replicar os dados dos que acreditam, e por que "crentes verdadeiros" parecem mais capazes de produzir resultados positivos. A validade de décadas de dados experimentais de pesquisas médica estaria então necessitada de uma reavaliação para que se possa provar que a mente consegue "espalhar convenientemente os dados".

Por que os cientistas rejeitam a cura baseada nas preces ?

As evidências científicas em favor da cura espiritual são consideráveis. Além dos 131 experimentos controlados sobre cura baseada em preces, "espiritual", "paranormal", ou "psi", revistos por Benor, mais da metade dos quais exibiu resultados estatisticamente significativos, o psicólogo William G. Braud fez a revisão de 149 experiências com alvos vivos - humanos, mamíferos, ou peixes, por exemplo - nos quais influências telepáticas aparentes afetaram de várias maneiras suas condutas. Como Benor, Braud descobriu que aproximadamente metade dessas pesquisas eram estatisticamente significativas. Embora as experiências que Braud examinou não

tivessem lidado com a cura em si, contribuíram significativamente para a premissa de que esforços mentais podem afetar organismos vivos à distância, como na cura. Por que esses dados - praticamente 300 estudos, cujas datas remontam ao início dos anos 70 - são ignorados ou rejeitados pela maioria dos cientistas?

Acredito que a resposta tem mais que ver com a psicologia dos próprios cientistas do que com a qualidade dos dados. Concordo com a hipótese de Benor de que "muitos críticos obscureceriam as evidências com toda sorte de desculpa, na intenção de sustentar sua descrença, em lugar de examinar fossem os próprios fenômenos, fosse seu incômodo diante deles". Benor provavelmente está qualificado para fazer essa afirmativa; além de ser pesquisador no campo da cura espiritual também é um experiente psiquiatra.

Benor sugere várias razões pelas quais os cientistas e os céticos rejeitam as evidências científicas para a cura a distância. Entre elas:

1. **As crenças materialistas ocidentais excluem a possibilidade da cura baseada em preces.** Tendo em vista que o nosso paradigma científico moderno, ou a nossa visão de mundo, não oferece lugar para a cura à distância, pode ser mais conveniente ignorá-la do que abranger as evidências em favor da cura espiritual - quer dizer, aquela postura do tipo "se não pode acontecer, então não acontece". A moderna ciência da medicina tem se tornado sinônima de material, evidenciado pela nossa quase total dependência de drogas, cirurgias, radiação, etc. A possibilidade da existência de formas não-materiais de cura é virtualmente impensável.
2. **É da natureza humana resistir à mudança.** É emocionalmente confortador acreditar que nossas opiniões a respeito de como o mundo funciona estão corretas. Quando evidências em contrário nos desafiam, é natural resistirmos.
3. **A dissonância cognitiva** é um termo da psicologia para descrever o desconforto que as pessoas sentem quando existe conflito entre suas percepções e seus sistemas de crenças. Observar a existência de evidências que atestam a cura à distância é algo que estimula essa tensão interna em certos cientistas. Uma maneira de resolver esse desconforto é desmerecer e rejeitar a cura sem dar a devida atenção às evidências.
4. **A cura espiritual muitas vezes é igualada a "misticismo".** Segundo a teoria psicanalítica, quando somos crianças lutamos para diferenciar entre o mundo interno, da mente, e o mundo "físico" de fora, para depois tentar integrar os dois. Na nossa cultura, isso praticamente sempre quer dizer atribuir maior status ao mundo exterior do que ao interior. Muitas pessoas de orientação intelectual, incluindo os cientistas, parecem sentir medo de se perder no vazio interior do místico, que inconscientemente igualam a vazio, a nada, a aniquilação e morte. O místico, por outro lado; sente o vazio como a Fonte ou o *plenum*. Como se diz: "O místico nada no mar em que o não-místico se afoga."
5. **A cura baseada na prece pode ocorrer fora do controle consciente.** Isto pode ser inquietante ou assustador para alguém que precise estar no controle consciente a maior parte do tempo, e que pode ter um temor inerente da atuação do inconsciente.
6. **O "poder dos outros" pode ser temido.** Se alguém pode usar de modo benéfico seu "poder mental" à distância, é possível também que consiga

usá-lo com intenção negativa. Isso poderia expor pessoas a influências invisíveis e essa perspectiva é algo assustador de se contemplar.

7. **O próprio poder de cura da pessoa pode causar-lhe medo.** Se influências à distância podem agir em nível inconsciente, de que maldades poderia eu ser capaz sem saber? Pode ser mais fácil negar que há capacidades de cura do que assumir a responsabilidade de usá-las.
8. **O poder de cura supostamente só existe em pessoas estranhas ou diferentes.** As pessoas incomodadas com o poder de cura podem atribuir esse poder a médiuns, guias, canalizadores, bruxos, malucos de vários tipos, devotos religiosos fanáticos. Podem negar que as pessoas comuns, inclusive elas mesmas, possuem esse dom. Isso faz com que elas deixem de lado aquelas pesquisas científicas que mostram que as pessoas normais, sem habilidades específicas, têm capacidade natural para curar.

Numa variação desta defesa, quando confrontam as evidências científicas em favor de a cura poder ser realizada por pessoas comuns, elas podem estipular critérios absurdamente estritos para provar para si mesmas que, afinal de contas, a cura é impossível aos mortais comuns. Por exemplo, podem insistir em que os curadores façam demonstrações públicas instantâneas, ou quando estão sendo submetidos a estímulos para distrair sua atenção, e em ambientes hostis. Com táticas desse naipe, afirma Benor, "elas asseguram para si mesmas que pouco possível será que deparem com alguma coisa que os tranqüilize".

1. A ausência de replicabilidade dos fenômenos de cura e a sua ocorrência irregular na clínica muitas vezes é citada como justificativa para rejeitarem-se pesquisas científicas, por questão de princípio. É verdade que os curadores não têm sido capazes de produzir resultados com confiabilidade e consistência. O mesmo curador poderia ter êxito em várias tentativas e fracassar fragorosamente nas tentativas seguintes. Os pesquisadores não isolaram as variáveis críticas que possam explicar, quanto mais prever, quando a cura vai ocorrer e quando não vai. "Por isso", observa Benor, "os cientistas alegam que os fenômenos de cura são provavelmente devidos a variações aleatórias da doença, a 'remissões espontâneas' ou a outros fatores ainda sem definição, em vez de serem produto da intervenção de curadores."

Esse argumento negligencia o óbvio: os quase 300 estudos acima analisados, mais da metade dos quais mostrando que as pessoas podem exercer influência de cura em organismos distantes, em níveis estatisticamente significantes. Algumas dessas pesquisas foram replicadas.

Devemos considerar o critério de "imprevisibilidade" dentro de um contexto. A ciência aceita muitos fenômenos inerentemente imprevisíveis, de elétrons a terremotos. O fato de agora estar nevando do lado de fora da minha janela e de o serviço de meteorologia não ter previsto que nevaria, não quer dizer que a neve não esteja caindo. Assim como o fato de os curadores não conseguirem curar de modo previsível, ou a pedidos, não significa que não consigam curar.

O que explica essa imprevisibilidade? "Minha suspeita", propõe Benor, "é que fatores variáveis de tédio, crenças e necessidades dos participantes moldam os resultados em padrões que são observados, junto com numerosos fatores externos."

1. **A cura tem leis que parecem ser diferentes das leis das outras ciências.** Os cientistas insistem em que todos os fenômenos obedecem às mesmas leis e que, por isso, dever-se-ia esperar que saltassem todos por dentro dos mesmos aros, experimentalmente falando. Mas isso seria fazer "exigências procustianas aos pesquisadores da cura", diz Benor. "E

risível que os cientistas de outros campos do saber sugeriram que suas regras para obtenção de evidências devam ser adotadas na pesquisa da cura... Seria sem dúvida mais fácil, elegante e menos complicado se isso desse certo. O fato de que não dá não significa que a cura não existe."

Alguns pesquisadores da cura têm tentado, apesar de reveses, corresponder a essas expectativas. Por exemplo, alguns tentaram identificar e estipular uma "dose padrão" de cura que poderia ser emitida por um curador ao longo de uma extensão uniforme no tempo. O pressuposto é que a cura deveria funcionar como as drogas ou a irradiação, que são aplicadas em doses padrão. Embora algumas dessas tentativas tenham dado resultados positivos, os próprios curadores rejeitaram tal abordagem. Eles reconhecem que o período de tempo necessário para curar varia drasticamente de paciente para paciente, mas não sabem dizer por quê. Concordo com Benor, que acredita que devemos reconhecer essas limitações como fatos. "Chegou o momento de aceitar que a cura é como é", diz ele.

A cura parece ser influenciada por múltiplos fatores - tantos, na realidade, que é virtualmente impossível estabelecer um experimento passível de repetição em que tudo pudesse ocorrer na mesma combinação, mais de uma vez. Como é difícil controlar qualquer um destes fatores, muito menos todos eles em conjunto, pouco espanta que resultados só aproximadamente equivalentes tenham sido obtidos nos experimentos, com sucessivas tentativas. Teremos de nos contentar com nossas limitações humanas e nos satisfazer com resultados aproximados, medidos em termos de probabilidades dentro de um grande número de tentativas. Não são necessárias quaisquer desculpas. Essas são as limitações da cura.

1. ***A cura muitas vezes está ligada a religiões que enfatizam a fé e as crenças.*** C. S. Lewis disse certa vez que: "As grandes religiões foram divulgadas pelos pregadores e por muito tempo praticadas, num mundo que ainda não usava o clorofórmio." Isso implica que a dor, o sofrimento e o fervor religioso andam juntos. Mas agora que a ciência chegou e transformou a medicina, não há motivo real para que medicina e religião se mesquem. Para a maioria dos cientistas, enfatizar o papel da fé e da crença na cura parece ser um passo para trás na história, e uma justificativa para se rejeitar a cura baseada em preces.
2. ***Carreiras e investimentos profissionais estão em jogo.*** Praticamente, todas as dotações financeiras, postos de professor e produtos de saúde estão coligados a uma visão da realidade baseada no plano físico. Não é de espantar, portanto, que os cientistas envolvidos com essas atividades não entrem automaticamente nas experiências que desafiam esses pressupostos.

A seguinte história exemplifica a futilidade de mais debates a respeito de muitas dessas questões. Um psiquiatra está tratando uma pessoa paranóica que insiste que está morta. Depois de ter esgotado todos os argumentos de praxe, o psiquiatra pergunta se o paciente sabe que os homens mortos não sangram. Ele prontamente concorda com isso e permite que o psiquiatra faça um furinho na ponta do seu dedo, usando uma agulha, e assim o sangue brota. "Veja", diz o psiquiatra, "você está vivo!" "Errado!", grita o paciente, "os homens mortos sangram!"

Benor, que conta este episódio, sugere que "aqueles que percebem como a cura é um fato não desperdiçam muito tempo argumentando com os que não aceitam a sua verdade, mas preferem continuar dando, recebendo e/ou estudando a cura".

Em geral, sou menos pessimista. Os céticos mudam de opinião de vez em quando, quando as evidências os confrontam. E, em especial, mudam de postura quando passam pessoalmente por situações paranormais, o que não é incomum.

E, afinal de contas, é um fato histórico que a ciência caminha para frente, muitas vezes apesar do que a maioria dos cientistas pensa. Como o físico Max Planck - cujas descobertas puseram em andamento a transição da física clássica para a moderna - disse: **"A ciência muda, funeral após funeral."**

Prece e cura: o que vem por aí ?

Com base nas nossas observações, eu gostaria de fazer certas previsões para o futuro:

- Continuarão se acumulando as evidências experimentais de que os eventos não-locais permeiam a vivência humana. Isso irá incluir os vários modos como a consciência age à distância, inclusive por meio de preces.
- Quanto mais os médicos forem se sentindo à vontade com a não-localidade como um conceito legítimo na ciência, mais passarão a usar as intervenções não-locais de modo deliberado, tanto para efeitos de diagnóstico como de terapia. Isso irá escancarar a porta para uma "medicina não-local", e irá mudar a fisionomia dessa profissão. A medicina não-local não irá rejeitar nem as abordagens tecnológicas e mecânicas, nem as terapias psicossomáticas, mas as incorporará. O resultado será uma medicina igualmente mais eficaz e humanitária, que funcionará melhor e dará uma sensação melhor.
- Quando os conceitos não-locais encontrarem seu posto na ciência médica, a prece irá ser reconhecida como uma força potente na medicina e passará a fazer parte do corpo oficial da mesma.
- O uso da prece tornar-se-á padrão de prática médica científica em quase todas as comunidades profissionais.
- Seu uso irá se tornar tão difundido que não recomendar orações como parte integrante dos cuidados médicos virá um dia a ser considerado negligência profissional por parte do médico.
- A natureza não-local da consciência deverá ser reconhecida pela corrente oficial da ciência porque haverá evidências conclusivas atestando-o. Tornar-se-á cada vez mais consensual que a consciência pode fazer coisas que o cérebro não pode.
- Depois que tiverem legitimado cientificamente a existência da natureza não-local da consciência, os cientistas e os médicos passarão a ter uma atitude mais aberta, que permita que a não-localidade se manifeste em suas vidas pessoais. Essas "provas subjetivas" irão afirmar os estudos científicos objetivos, correlacionando-se com eles, para comprovar que a consciência é não-local.
- Uma nova imagem da consciência humana virá à luz. Não será mais considerada uma decorrência exclusiva do funcionamento do cérebro, destinada a perecer com o corpo.
- O reconhecimento de que existe algum aspecto da psique humana genuinamente não-local irá provocar uma transformação em nossas idéias do que somos. **Veremos que esse aspecto não-local de nossas pessoas não pode morrer - pois, se é não-local, é infinito no espaço e no tempo e, nessa medida, é onipresente e imortal por implicação.**
- **Esse aspecto anímico do ser humano não será mais, a partir de então, uma afirmação apenas de religiosos, a ser aceita por uma fé**

cega. Será considerada uma legítima implicação da ciência racional e empírica.

- O reconhecimento de uma qualidade anímica na consciência pela ciência, por um lado, e pela religião, por outro - formará a ponte entre os dois campos. Esse ponto de contato ajudará a sanar as amargas dissensões entre os dois domínios do saber. Não mais as pessoas precisarão se sentir forçadas a escolher entre ambos para se orientar na vida. Finalmente, ciência e religião colocar-se-ão lado a lado de modo complementar, livres da tentativa de usurparem uma o território da outra.
- Com o reconhecimento de que existe em nós uma parte inata não-local que não pode morrer, os objetivos da medicina serão mudados. Chegaremos a nos dar conta de que nossa não-localidade intrínseca constitui uma Cura Radical sempre presente - a imortalidade - para a Grande Doença - a morte no plano físico.
- Esse reconhecimento não nos proibirá de tentar erradicar a doença, de aumentar a longevidade e de prolongar a vida; podemos continuar a fazê-lo se assim o quisermos. Mas, nesse caso, não nos estará movendo mais o desespero e o medo da destruição final, no momento da morte. Em vez disso, agiremos movidos pela sabedoria, lembrando sempre que a parte mais essencial de nós não pode morrer, mesmo em princípio. Esse conhecimento pode nos levar a mudar o modo como rezamos. Não iremos mais rezar incessantemente para **obter certas coisas**, como saúde, mas nossas orações serão predominantemente de **gratidão e de agradecimento** - nossa melhor resposta quando nos dermos conta de que o mundo, no fundo, é mais glorioso, benevolente e amistoso do que até bem pouco tempo supúnhamos.

BIBLIOGRAFIA

- BANERJEE, H. N. – **Vida pretérita e futura – um impressionante estudo sobre reencarnação.** Ed. Nórdica – 1ª. Ed. – Rio de Janeiro –1979
- BLACKMORE, S. – **Experiências fora do corpo** – Ed. Pensamento – 1ª. ed. São Paulo – 1995
- CURRIE, I. – **A morte não existe** – Ed. Mandarin – 1ª. ed – São Paulo - 1996
- DETHELEFSEN, T. – **A regressão a vidas passadas como método de cura – a comprovação experimental da teoria da reencarnação** - Ed. Pensamento – 1ª. ed. São Paulo – 1993
- DOSSEY, L – **As palavras curam** - Ed. Cultrix – 1ª. ed. - São Paulo –1996
- DRUOT, P. - **Nós Somos Todos Imortais** - Editora Nova Era. Rio de Janeiro, 1995
- DRUOT, P. – **Reencarnação e Imortalidade – das vidas passadas às vidas futuras** - Editora Nova Era. Rio de Janeiro, 1994
- GUITTON, J. – **Deus e a Ciência** – Editora Nova Fronteira – 1ª. ed - Rio de Janeiro – 1991
- GOSWAMI, A – **O Universo autoconsciente** – Editora Rosa dos Tempos - 1ª. ed. – São Paulo – 1998.
- MOODY, R. A. - **A luz do além** - Ed. Nórdica – 1ª. Ed. – Rio de Janeiro - 1989
- MOODY, R. A. – **Vida depois da vida** - Ed. Nórdica – 6ª. Ed. – Rio de Janeiro –1979

- SOUZA, W. – **O novo paradigma – a ciência à procura da verdadeira luz** – Ed. Cultrix – 1^a. ed. - São Paulo –1993
- STEVENSON, I – **Twenty Cases Suggestive of Reincarnation** – University Press of Virginia - 2^a. ed – Chalottesville – 1974
- WAMBACH, H. – **Recordando vidas passadas** - Ed.Pensamento – 1^a. ed. São Paulo - 1978
- WALSH, Roger & Vaughan, Frances – **Além do Ego – Dimensões Transpessoais em Psicologia** – 1^a Ed. Ed. Cultrix – São Paulo – 1997
- Caminhos Além do Ego – Uma Visão Transpessoal** – 1^a. ed. – Ed. Cultrix – São Paulo 1997